

Volume 1
Coleção O que é e o que se faz?

Coordenação geral
Ana Lúcia Tinoco Cabral
Rivaldo Capistrano Júnior
Maria das Graças Soares Rodrigues



O que é e o que faz a
Linguística Textual

Organizadores
Rivaldo Capistrano Júnior
Vanda Maria Elias


edufnr

**O que é e o que faz a
Linguística Textual**
Coleção O que é e o que se faz?

volume 1

Reitor

José Daniel Diniz Melo

Vice-Reitor

Henio Ferreira de Miranda

Diretoria Administrativa da EDUFERN

Maria das Graças Soares Rodrigues (Diretora)

Helton Rubiano de Macedo (Diretor Adjunto)

Bruno Francisco Xavier (Secretário)

Conselho Editorial

Maria das Graças Soares Rodrigues (Presidente)

Judithe da Costa Leite Albuquerque (Secretária)

Adriana Rosa Carvalho

Alexandro Teixeira Gomes

Elaine Cristina Gavioli

Euzébia Maria de Pontes Targino Muniz

Evertton Rodrigues Barbosa

Fabrcio Germano Alves

Francisco Wildson Confessor

Gleydson Pinheiro Albano

Gustavo Zampier dos Santos Lima

John Fontenele Araújo

Josenildo Soares Bezerra

Ligia Rejane Siqueira Garcia

Lucélio Dantas de Aquino

Marcelo de Sousa da Silva

Márcia Maria de Cruz Castro

Márcio Dias Pereira

Martin Pablo Cammarota

Nereida Soares Martins

Roberval Edson Pinheiro de Lima

Samuel Anderson de Oliveira Lima

Tatyana Mabel Nobre Barbosa

Secretária de Educação a Distância

Maria Carmem Freire Diógenes Rêgo

Secretária Adjunta de Educação a Distância

Ione Rodrigues Diniz Morais

Coordenadora de Produção de Materiais Didáticos

Maria Carmem Freire Diógenes Rêgo

Coordenação Editorial

Mauricio Oliveira Jr.

Gestão do Fluxo de Revisão

Edineide Marques

Gestão do Fluxo de Editoração

Mauricio Oliveira Jr.

Conselho Técnico-Científico – SEDIS

Maria Carmem Freire Diógenes Rêgo – SEDIS (Presidente)

Aline de Pinho Dias – SEDIS

André Morais Gurgel – CCSA

Antônio de Pádua dos Santos – CS

Célia Maria de Araújo – SEDIS

Eugênia Maria Dantas – CCHLA

Ione Rodrigues Diniz Morais – SEDIS

Isabel Dillmann Nunes – IMD

Ivan Max Freire de Lacerda – EAJ

Jefferson Fernandes Alves – SEDIS

José Querginaldo Bezerra – CCET

Lilian Giotto Zaros – CB

Marcos Aurélio Felipe – SEDIS

Maria Cristina Leandro de Paiva – CE

Maria da Penha Casado Alves – SEDIS

Nedja Suely Fernandes – CCET

Ricardo Alessandro de Medeiros Valentim – SEDIS

Sulemi Fabiano Campos – CCHLA

Wicliffe de Andrade Costa – CCHLA

Revisão Linguístico-textual

Fabiola Gonçalves

Revisão de ABNT

Edineide Marques

Revisão Tipográfica

Maria das Graças Soares Rodrigues

Diagramação

Marina Santos

Diagramação

Victor Hugo Rocha Silva

Rivaldo Capistrano Júnior
Vanda Maria Elias
Organizadores

**O que é e o que faz a
Linguística Textual**
Coleção O que é e o que se faz?
volume 1

Prefácio
Ana Lúcia Tinoco Cabral
Rivaldo Capistrano Júnior
Maria das Graças Soares Rodrigues


edufnr
Natal, 2023



Fundada em 1962, a Editora da UFRN continua até hoje dedicada à sua principal missão: produzir impacto social, cultural e científico por meio de livros. Assim, busca contribuir, permanentemente, para uma sociedade mais digna, igualitária e inclusiva.

Publicação digital financiada com recursos do Fundo de Pós-graduação (PPg-UFRN). A seleção da obra foi realizada pela Comissão de Pós-graduação, com decisão homologada pelo Conselho Editorial da EDUFRRN, conforme Edital nº 01/2023-PPG/EDUFRRN/SEDIS, para a linha editorial Técnico-científica.

Catálogo da publicação na fonte
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Secretaria de Educação a Distância

Capistrano Júnior, Rivaldo.

O que é e o que faz a Linguística Textual [recurso eletrônico] / organizado por Rivaldo Capistrano Júnior e Vanda Maria Elias. – 1. ed. – Natal: EDUFRRN, 2023.

(O que é e o que faz..., v. 1).

2600 KB; 1 PDF.

ISBN 978-65-5569-373-7

1. Linguística Textual. 2. Discurso. 3. Sujeito. 4. Cognição. 5. Interação. I. Elias, Vanda Maria. II. Título.

CDU 81

C243q

Elaborada por Edineide da Silva Marques CRB-15/488.

Todos os direitos desta edição reservados à EDUFRRN – Editora da UFRN
Av. Senador Salgado Filho, 3000 | Campus Universitário
Lagoa Nova | 59.078-970 | Natal/RN | Brasil
e-mail: contato@editora.ufrn.br | www.editora.ufrn.br
Telefone: 84 3342 2221

Prefácio

O Grupo de Trabalho Linguística de Texto e Análise da Conversação (GT LTAC), da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (Anpoll), foi criado em 1985 e conta com um grande número de pesquisadores, pertencente aos mais diversos Programas de Pós-Graduação e atuantes em grupos de pesquisa consolidados, que, sob perspectivas teórico-metodológicas variadas, elege como objeto empírico o texto, em diferentes modalidades e em diferentes contextos de interação. O grupo, marcado pela pelo caráter interdisciplinar desde a sua criação, tem como grandes temas *i*) processos discursivo-interacionais de negociação de sentido(s); e *ii*) estratégias de textualização em contextos de interação diversos.

Em 2021, por iniciativa dos coordenadores Ana Lúcia Tinoco Cabral e Rivaldo Capistrano Júnior, procedeu-se

ao mapeamento dos temas, das interfaces e das áreas de pesquisa de interesse dos membros do GT. O resultado, além de reiterar o interesse pelos grandes temas, apontou cinco áreas de atuação, a saber: Linguística Textual, Análise Textual dos Discursos, Análise da Conversação, Semiologia e Pragmática.

Com base nesse mapeamento e com o apoio dos membros do GT LTAC, da Pró-Reitoria de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPG/UFRN) e da Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (EDUFRN), deu-se o início do projeto de publicação eletrônica da coleção **O que é e o que faz...**, uma coletânea de entrevistas, coordenada pelos professores Ana Lúcia Tinoco Cabral, Rivaldo Capistrano Júnior e Maria das Graças Soares Rodrigues e organizada em cinco volumes, a saber:

Volume 1: O que é e o que faz a Linguística Textual, organizado por Rivaldo Capistrano Júnior (UFES) e Vanda Maria da Silva Elias (UNIFESP).

Volume 2: O que é e o que faz a Análise Textual dos Discursos, organizado por Maria das Graças Soares Rodrigues (UFRN) e Sueli Cristina Marquesi (PUC-SP).

Volume 3: O que é e o que faz a Pragmática, organizado por Rodrigo Albuquerque (UnB), Ana Lúcia Tinoco Cabral (PUC-SP) e Maria da Penha Pereira Lins (UFES).

Volume 4: O que é e o que faz a Análise da Conversação, organizado por Gil Roberto Costa Negreiros (UFSM) e Ana Rosa Ferreira Dias (PUC-SP; USP).

Volume 5: O que é e o que faz a Semiologia, organizado por Aparecida Lino Pauliukonis (UFRJ), Lúcia Helena Martins Gouvêa (UFRJ) e Rosane Santos Monnerat (UFF).

Os diferentes volumes têm, além de perguntas específicas, perguntas em comum que objetivam manter o fio condutor da proposta da coleção. Em resposta às perguntas de entrevista, cada entrevistado tem a oportunidade de discorrer sobre o quadro e os avanços teórico-metodológicos de sua área, de apontar (novas) questões de investigação e de indicar aplicações de suas pesquisas para o ensino, em seus diferentes níveis e em diversas modalidades.

Desse modo, a coletânea tem como objetivos: *i*) fomentar atividades vinculadas à implementação, à divulgação da produção científica e à formação e/ou consolidação de redes de pesquisa de membros do GT LTAC e de outros GTs da ANPOLL; *ii*) apresentar e promover temas fundamentais dos estudos sobre o texto; aumentar a visibilidade da produção do

GT LTAC junto à comunidade científica nacional e internacional; *iii*) fomentar a discussão sobre diferentes perspectivas de análise e de investigação do texto; *iv*) promover a interface entre essas diferentes perspectivas; *v*) contribuir para a formação inicial e continuada de professores e de pesquisadores.

Desejamos aos leitores que a pluralidade de perspectivas teórico-metodológicas, presente nos cinco volumes, da coleção promova o intercâmbio entre pesquisadores e fomente novas pesquisas em Linguística de Texto e Análise da Conversação.

Ana Lúcia Tinoco Cabral
Rivaldo Capistrano Júnior
Maria das Graças Soares Rodrigues
Coordenadores da coleção **O que é e o que faz...**

Apresentação

O que é e o que faz a Linguística Textual é o primeiro e-book da coleção *O que é e o que faz...*, formada por cinco volumes e organizada por membros do Grupo de Trabalho de Linguística de Texto e Análise da Conversação (GT LTAC), da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (Anpoll). Esta coletânea de entrevistas conta com a participação de quinze renomados especialistas em Linguística Textual (LT), vinculados(as) ao GT LTAC e a diversas instituições brasileiras e estrangeira: Alena Ciulla, da UFRGS; Ana Cristina Carmelino e Paulo Ramos, da Unifesp; Alessandra Castilho Ferreira da Costa e Clemilton Lopes Pinheiro, da UFRN; Fabio André Cardoso Coelho, da UFF; Leonor Werneck dos Santos, da UFRJ; Maria da Graça dos Santos Faria, da Ufma; Mariza Angélica Paiva Brito, da Unilab; Mônica Magalhães Cavalcante, da UFC; Renata Palumbo, da Fasesp; Rosalice B. Wakim Souza Pinto, da U. Nova de

Lisboa; Silvia Augusta de Barros Albert, da Unicsul; Suzana Leite Cortez, da UFPE; Valdinar Custódio Filho, da Uece.

Os pesquisadores e as pesquisadoras participantes desta entrevista responderam a oito questões comuns aos cinco volumes da coleção, com o intuito de apresentar e discutir bases teórico-metodológicas e contribuições da LT. Neste primeiro volume, particularmente, foram acrescentadas as seguintes questões: i) considerando o texto em toda a complexidade que lhe é constitutiva e em sua multiplicidade de formas e de linguagens, como você o define?; ii) o que é o hipertexto? Como você o define? Quais desafios teórico-metodológicos você indicaria para a análise de textos em contexto digital? – destacando-se que as perguntas deste bloco têm caráter opcional em razão do interesse (ou não) dos entrevistados e das entrevistadas na análise de textos em rede; iii) quais são as preocupações específicas da LT que a diferenciam de outras teorias do texto? A título de contextualização, explicitamos que a elaboração das perguntas deste volume teve como inspiração as entrevistas às Professoras Doutoras Leonor Lopes Fávero <https://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/37214> e Vanda Maria Elias <https://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/37213>, publicadas na Revista *PERcursos Linguísticos* (PPGEL-Ufes) em 2021.

Com base nas questões, cada entrevistado e entrevistada discorre sobre a sua entrada nos estudos em LT; o quadro teórico que lhe serviu de apoio para descrever, analisar e interpretar o seu objeto de análise; a identidade (inter)disciplinar da LT, apresentando conceitos e indicando procedimentos metodológicos e analíticos; e as contribuições possíveis de suas pesquisas para o ensino, para os avanços da LT e para a sociedade contemporânea.

No quadro geral das entrevistas, não há consenso sobre conceitos, métodos e categorias analíticas. Como era de se esperar, a pluralidade de perspectivas encontra justificativa no objeto texto, quando considerada a complexidade de fatores que entram na sua constituição, e nos objetivos que orientam a investigação. No entanto, nessa diversidade, ganha saliência um traço em comum, a interdisciplinaridade, marcante na constituição da LT como originada na Europa Central e como se fez/faz repercutir no contexto brasileiro, observando, nesse último caso, publicações como as de Capistrano Júnior, Lins e Elias (2017); de Souza, Penhavel e Cintra (2017); de Marquesi, Pauliukonis e Elias (2017); de Cavalcante *et al.* (2020, 2022).

Ao oferecerem um panorama de leitura que expõe a multiplicidade de abordagens em LT, esperamos que as entrevistas do volume *O que é e o que faz a Linguística Textual* fomentem

a realização de novos e apaixonados percursos investigativos sobre o texto, no âmbito da graduação e da pós-graduação.

Aos pesquisadores e às pesquisadoras que contribuíram para a elaboração deste volume, à Secretária-Titular e às revisoras da Secretaria de Educação a Distância (Sedis) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), à Direção da Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (EDUFRN), expressamos os nossos melhores agradecimentos.

Este volume é dedicado à memória do nosso grande mestre Luiz Antônio Marcuschi e das nossas grandes mestras Ingedore G. Villaça Koch e Leonor Lopes Fávero, fontes inesgotáveis de saber e inspiração.

Rivaldo Capistrano Júnior (UFES)

Vanda Maria Elias (UNIFESP)

Sumário

Alena Ciulla	15
Alessandra Castilho Ferreira da Costa	31
Ana Cristina Carmelino.....	52
Clemilton Lopes Pinheiro	78
Fabio André Cardoso Coelho.....	93
Leonor Werneck dos Santos	117
Maria da Graça dos Santos Faria	135
Mariza Angélica Paiva Brito.....	151
Mônica Magalhães Cavalcante.....	168
Paulo Ramos	193
Renata Palumbo	220
Rosalice B. Wakim Souza Pinto.....	238
Silvia Augusta de Barros Albert.....	259

Suzana Leite Cortez	284
Valdinar Custódio Filho.....	313
Referências	344

ALENA CIULLA

Universidade Federal do Rio
Grande do Sul (UFRGS)

1) Como você chegou à Linguística Textual (LT)? Quais autores lhe serviram de inspiração?

No meu primeiro semestre do mestrado na UFC, ainda sem um projeto bem definido, tive aula com a professora Mônica Magalhães Cavalcante, que, numa disciplina chamada de Seminários Temáticos, apresentava e discutia a sua recém-publicada tese sobre os dêiticos discursivos, a partir de uma perspectiva bastante influenciada por Marcuschi e Koch. Foram esses três linguistas brasileiros, então, Cavalcante, Marcuschi e Koch, minha primeira inspiração, nesta ordem. E foi aí que meu projeto se definiu, pela dêixis, e foi ganhando força conforme eu lia mais e me aprofundava também em outros autores. O destaque dessa segunda fase foi Denis

Apothéloz, um professor suíço, que vive na França, e explorou questões referenciais, como a anáfora, os demonstrativos dêiticos e a opacidade, sob uma perspectiva do texto e da análise da conversação. É um autor que sabe explorar exemplos e apresenta um raciocínio rigoroso e coerente. Mais adiante, foi meu professor no doutorado sanduíche, na Université Nancy 2.

2) Quais de suas produções em revistas e/ou em livros impressos ou eletrônicos você destacaria?

O primeiro de todos é a organização do livro *Referenciação*, pela Contexto, com Mônica Cavalcante e Bernardete Biasi-Rodrigues. Além do aspecto afetivo envolvido, esse livro é uma coletânea de traduções – que eu adoro, tanto pela tradução em si (minha primeira formação) quanto por se tratarem de textos fundamentais no meu percurso e no estudo das questões sobre dêixis, anáfora, sobre os processos de referência. Outro trabalho que destaco é um artigo intitulado *Um lugar para a referência sob um ponto de vista da enunciação*, no Cadernos Linguísticos da Unicamp, porque foi minha primeira publicação em direção ao esboço de uma fundamentação linguística para o fenômeno que vimos chamando de *referenciação*. Destaco também a tradução da excelente obra de Adam, *Textos: tipos e protótipos*, publicada também pela Contexto, que foi mais um dos trabalhos coletivos que fizemos no Protexto.

Além do aprendizado que sempre é trabalhar em conjunto, eu me sinto muito realizada traduzindo. Um capítulo de livro importante foi o que escrevi para o *e-book* organizado por Álisson Hudson Veras Lima, Maria Elias Soares e Sávio André de Souza Cavalcante, chamado *Linguística Geral – conceitos que todos precisam conhecer*. O capítulo é sobre a distinção de pessoa de Benveniste e alguns aspectos da contribuição desse autor para os estudos da enunciação. Benveniste foi um autor lido de maneira muito superficial no Brasil, no entanto, tem uma contribuição imensa para a linguística, incluindo a Linguística Textual. Meu trabalho nos últimos 2 anos tem sido, em parte, desbravar e fazer conhecer melhor esse autor. Por fim, destaco um capítulo sobre a dêixis, ainda a ser publicado em um livro de conceitos fundamentais em linguística, pela editora Vozes, organizado por Valdir do Nascimento Flores. Neste último, foi um verdadeiro exercício de me colocar no lugar do leitor, pois a proposta do livro é a de divulgar a linguística para um público leigo – uma iniciativa muito importante, principalmente quando a gente se dá conta, em plena pandemia, de que nem todo mundo sabe o que é ciência, muito menos o que fazem os linguistas.

3) Considerando a LT como Ciência, quais são seus procedimentos metodológicos e suas principais categorias analíticas?

Essa é uma questão muito importante. O texto é, com certeza, um objeto da linguística. Ou, ainda, a questão do texto é um problema de linguagem. Isso porque envolve conhecer o funcionamento das línguas em geral e em específico. Quanto mais analiso o desenvolvimento dos estudos do texto, mais fica evidente para mim o quanto o próprio desenvolvimento da linguística se relaciona com a investigação dos fenômenos textuais. Por ter me interessado, desde o início de meus estudos na pós-graduação, pelos dêiticos e pelo que havia de ambíguo na classificação entre dêiticos e anafóricos, fui pelo caminho de tentar encontrar uma explicação para o funcionamento distinto desses elementos nos textos. Minha reflexão se voltou, então, não para a interpretação do sentido dos enunciados que contêm este ou aquele elemento dêitico ou anafórico, mas para o papel daquele elemento em interpretações possíveis naquele texto. Isso sempre leva a uma busca por entender como esses elementos significam na língua, sobre o que torna possível, enfim, “fabricar” os sentidos pela língua com o auxílio desses elementos. Metodologicamente, nos meus trabalhos, gosto muito de associar exemplos à reflexão teórica, pois eles permitem passar do intuitivo do falante à

observação científica do linguista. Porém, meu interesse é explicar como é possível uma interpretação do sentido que o exemplo ilustra, e não o sentido em si. Dessa maneira, posso dizer que tenho me aproximado mais de uma linguística geral para chegar no texto.

Contudo, o texto não se limita à manifestação verbal, como sabemos. O verbal, em toda a sua complexidade, é acrescentado de uma nova “camada” de complexidade no momento da interação. Se definirmos o texto como unidade linguística de comunicação, há toda uma série de aspectos, como os que se relacionam ao comportamento do homem em sociedade, à cultura, à própria percepção dos sentidos (visão, audição etc.) e a outros sistemas semióticos que entram em jogo para que possamos compreender as referências e os sentidos. No nosso grupo de pesquisa em Linguística Textual, o Prottexto, do qual faço parte desde a fundação, temos nos ocupado dos vários aspectos contextuais que envolvem a comunicação pelos textos, incluindo modalidades escritas e orais, além da própria questão formal e das ampliações que requerem a consideração da multimodalidade textual e, em especial, do texto digital e do ambiente virtual proporcionado pela internet. E aí são convocadas outras disciplinas que podem fornecer respaldo às análises. Neste ponto, então, parece-me que as escolhas metodológicas estão sendo formuladas à

medida que os temas que demandam o deslocamento vão sendo aprofundados. A minha escolha tem sido explicar os aspectos verbais do texto, sempre levando em conta o “ninho” discursivo em que o texto se abriga, ou seja, sem desconsiderar todos esses outros aspectos que escapam ao verbal e que são fundamentais, muitas vezes, para que possamos compreender o ato comunicativo como um todo. Contudo, para as análises, atendo-me ao que posso observar como linguista, que é o meu chão. Além disso, interesse-me por uma perspectiva de análise explicativa do funcionamento dos textos para produzir sentidos e não do sentido em si, como já disse antes. Isso justifica, em parte, uma escolha teórico-metodológica, que é seguir a linha geral proposta por Jean-Michel Adam. Partindo de um estado da arte dos estudos do texto, Adam propõe uma excelente explicação para a questão da frase, que é o “pulo do gato” para distinguir os níveis de análise do texto dos de análise gramatical: a grande questão que se impõe a qualquer um que pretenda fazer uma LT. Também me inspiro em Adam, pela sua proposta de observar o modo como se organizam os recursos que os falantes mobilizam para produzir os textos. Contudo, diferentemente do autor, que tem o seu foco na composição dos textos em sequências, meu interesse é aprofundar também (e mais) as questões de construção da referência e significação nos textos.

4) Considerando o texto em toda a complexidade que lhe é constitutiva e em sua multiplicidade de formas e de linguagens, como você o define?

O texto somente pode ser visto, como fica claro na pergunta que formularam, na sua complexidade e multimodalidade. Isso fica evidente, hoje mais do que nunca, já que se produz texto em tantas mídias e situações diferentes. Isso faz com que tenhamos que ampliar aquilo que pensávamos apenas no âmbito do oral e do escrito pré-digital. Este assunto tem sido bastante discutido por nós no Prottexto e foi ventilado por mim no IV *Workshop* de Linguística Textual (que foi *on-line*, durante o isolamento da pandemia). Inspirada em Adam, propus uma reflexão, ainda bastante inicial, sobre “os limites do texto”. Para mim, a delimitação do texto é feita pelos interlocutores, que exploram os diferentes suportes, mídias, recursos diversos e, claro, também são limitados por esses recursos e suportes. Sei que a questão que surge aqui é “mas isso não é muito vago, não é querer escapar de uma definição?”. A minha resposta é que não, isso é aceitar às últimas consequências a indeterminação do discurso, que somente pode ser instituído pela (inter)ação dos falantes em dado momento. O texto é possibilitado pela enunciação e é uma ação comunicativa dos falantes, além disso, é renovado a cada situação de interação. Assim, todos os aspectos

linguísticos (o que envolve formas, sem apartá-las de suas funções textual-discursivas - que fique aqui bem entendido) e tudo o mais que contribuir na construção do sentido são o que constitui o texto. Mas não basta listar todos esses elementos, pois são os interlocutores que, de modo singular, a cada interação, conjugam e criam os sentidos a partir desses elementos. Por ser tão multifacetado e complexo, acredito que, para entender esse fenômeno, precisamos “fatiá-lo” e olhar parte por parte, sem, no entanto, esquecer do todo. Além disso, é preciso entender o homem em sociedade, pois o texto emerge aí.

5) O que é o hipertexto? Como você o define? Quais desafios teórico-metodológicos você indicaria para a análise de textos em contexto digital?

Não tenho muito estudo sobre o assunto. Mas arrisco dizer que eu não sei se existe algo que se possa chamar de *hipertexto*. Acho que podemos falar de *hipertextualidade*, que é um fenômeno que se dá nos meios digitais e que coloca os textos numa relação de multidirecionamento. Então, pode ser visto como uma possibilidade, como um recurso digital de relacionar textos e encaminhar leituras, endereços e informações. Acho que pode ser pensado como um fenômeno intertextual, típico do ambiente digital. Quanto à análise de textos em contexto

digital, isso é um grande desafio, pois estamos diante de mudanças no modo de nos comunicarmos, dia após dia. Isso afeta a linguagem, afeta a língua, afeta o próprio homem, o modo como nos comportamos e nos relacionamos. A escrita trouxe uma grande revolução também para a linguagem e para a interação. Nós “chegamos” quando ela já estava estabelecida e mesmo assim ainda estamos decifrando suas peculiaridades. Acredito que o ambiente digital – que surgiu e se desenvolve diante dos nossos olhos – é um excelente campo de observação para reunir elementos que possam descrever os fenômenos que caracterizam os limites e o funcionamento dos textos.

6) Quais são as preocupações específicas da LT que a diferenciam de outras teorias do texto?

Acredito que a LT engloba diferentes metodologias linguísticas de abordar o texto. Mesmo a LT que fazemos no Brasil, fundada principalmente em Koch e Marcuschi, acredito que não seja homogênea. Observo também que há uma tendência de a LT fundir-se, de certa maneira, às teorias do discurso e, por vezes, até de se aproximar das Análises do Discurso. Já na consideração de vários fenômenos textuais que ficam (mais) evidentes na modalidade oral, aparece a Análise da Conversação, dialogando de perto com a LT. Outro aspecto, de origem prática, é a tendência de a LT se voltar para o ensino do

texto na escola. Nesse estudo mais aplicado, a LT tende a privilegiar aspectos mais gramaticais e de padrões genéricos e se reveste de uma abordagem até normativa, muitas vezes, talvez por certa tradição dos parâmetros curriculares que se impõem nas escolas. É nossa missão, como professores formadores de outros professores, inclusive, apontar e orientar para uma reflexão mais descritiva que deve ser feita, sem deixar de levar em conta as exigências dos currículos. Pensando em outras teorias que abordam o texto, como as que se ocupam das relações entre enunciação e texto, contexto e texto, cognição e texto, pragmática e texto, semântica e texto, argumentação e texto, por exemplo, acho que a diferença entre essas e a LT é o fato de que a LT tenta dar conta de todas essas relações, não abrindo mão dessa confluência de fatores e disciplinas que o estudo do texto exige.

7) Pesquisar implica não só ter o conhecimento de conceitos e de procedimentos analíticos mas também saber as possibilidades de seu campo de investigação. Poderia ressaltar delimitações, bem como interfaces da LT?

O texto implica, além da sua “ativação” enunciativa, uma relação com o contexto imediato e sócio-histórico, uma ativação da memória e de conhecimentos, a pressuposição do outro e toda uma série de procedimentos cognitivos e sociais,

por assim dizer. Entender o texto é entender a língua em uso pelos falantes, daí a grande complexidade. Se, de um lado, temos elementos finitos, mais sistemáticos e recorrentes, a partir dos quais organizamos e produzimos os textos; de outro, temos a infinitude de textos e sentidos que são produzidos. A partir disso, algumas áreas da ciência são imediatamente convocadas, fazendo-lhe interface: a sociologia, a filosofia, a psicologia e as ciências cognitivas em geral, a antropologia, a história, as semióticas etc. Do ponto de vista de uma análise, é preciso delimitar categorias que tenham suporte na teoria que escolhemos. Em uma LT, é preciso se valer de categorias que possamos explicar, fundamentados em uma noção de linguagem e língua (que devemos ter sempre muito presente e em relação).

8) Frutíferos diálogos interdisciplinares têm possibilitado aos estudiosos do texto uma ampliação do quadro conceitual-analítico da LT. No estabelecimento dessas interfaces, conceitos podem ser reinterpretados. Nesse sentido, qual a concepção de interação, sujeito, discurso e cognição na LT?

Como não parto da ideia de que existe uma LT única, mas várias vertentes, não falo em nome da LT, mas como pesquisadora em LT, a partir de meus estudos individuais e principalmente a partir da minha interlocução com o Prottexto,

com o GT da Anpoll de Linguística de Texto e Análise da Conversação e com meus colegas de linha de pesquisa em análises enunciativas, textuais e discursivas, na UFRGS.

Interação: os sentidos dos textos emergem na interação. Qualquer texto falado ou escrito (por um locutor) sempre pressupõe um interlocutor (de acordo com a reflexão de Benveniste sobre a linguagem) e são esses participantes que negociam os sentidos possíveis. Na interação, estão implicados não apenas os aspectos verbais mas também a relação em contexto dos participantes da situação comunicativa.

Sujeito: é o que, apropriando-se da língua (incluindo-se aqui todos os recursos linguageiros envolvidos na produção dos textos), a seu modo, se manifesta e se posiciona diante do outro (e, conseqüentemente diante de todos os outros discursos já produzidos) através de textos. Assim, o sujeito é social e ao mesmo tempo individual: se insere na sociedade, por compartilhar a língua, a cultura e os conhecimentos, ao menos em parte, com seus parceiros de comunicação e, a cada interação, mobiliza a língua por sua conta e expressa o seu posicionamento particular. É também social, pelo fato de que é na interação que os sentidos são atribuídos.

Discurso: na relação entre texto e discurso, parto da ideia de Benveniste, de que, na enunciação, o locutor passa a ser sujeito, porque transforma a língua em discurso. *Discurso*

é, então, da ordem da língua em uso, mas não se confunde com o texto, ainda que se relacione de maneira indissociável com o texto. O discurso é certo posicionamento (em relação a outros discursos) do sujeito que todo texto pressupõe e manifesta. Assim, o discurso é sempre atravessado pelos outros discursos, com os quais está em relação de concordar, discordar, comentar etc., conforme o princípio do dialogismo de Bakhtin.

Cognição: é um dos aspectos que, com certeza, é um pressuposto para o texto e é não só importante para a comunicação e interação pela linguagem, mas inseparável dela. É a essa dimensão que pertencem a memória, as inferências e os conhecimentos de língua e de mundo que são ativados. A questão da prototipia, os padrões recorrentes de composição textual em sequências narrativas, descritivas, argumentativas etc., além dos *frames* que construímos e associações semânticas que subjazem às (re)categorizações referenciais, são todos aspectos pautados pela dimensão cognitiva. Contudo, em uma LT, não nos valem de categorias cognitivas, propriamente, mas de manifestações textuais que podem se explicar ou têm relação com a cognição.

9) Dos resultados de seus trabalhos, seria possível indicar contribuições para o ensino?

Tenho colocado em prática, em sala de aula, os resultados dos meus trabalhos. Na verdade, é uma via de mão dupla: tanto aprendo e tenho *insights* teóricos ao ensinar como desenvolvo reflexões que são úteis para as explicações que preciso dar aos alunos. Tenho vários *handouts* que, com sorte, pretendo transformar em livros e manuais. Já publicados, não são muitos, todos obras coletivas:

CIULLA, Alena; FINATTO, M. J. B. ; EVERS, A. ; PASQUALINI, B. ; SORTICA, M. ; STEFANI, M. **Leitura:** um guia sobre teorias e práticas. 1. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2015. v. 1. 66p.

Neste livro, algumas abordagens sobre a leitura são exploradas, incluindo um capítulo sobre a relação entre gêneros discursivos e leitura, com vista não só aos alunos de graduação de letras mas também de outros cursos.

CIULLA, Alena. A distinção de pessoa e alguns aspectos da contribuição de Benveniste para o estudo da enunciação. In: LIMA, Álisson Hudson Veras; SOARES, Maria Elias; CAVALCANTE, Sávio André de Souza (org.). **Linguística Geral:** os conceitos que todos precisam conhecer. 1. ed. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020. v. 2. p. 152-173.

Neste capítulo, voltado aos alunos da graduação e da pós-graduação, em letras e linguística, exploro alguns conceitos fundamentais que dizem respeito à enunciação.

CIULLA, Alena; LOPES, Madelaine. A textualidade da argumentação: movimentos, encadeamentos e estratégias. *In: SILVA, Peterson Luiz Oliveira; COSTA, Alan Ricardo. (org.). **Produção textual na teoria e na prática**. 1. ed. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022. v. 1. p. 218-235.*

Neste capítulo, partindo de Adam, fazemos uma reflexão importante que pode ser útil para professores e alunos interessados na leitura e produção de textos de visada argumentativa.

10) A quais avanços da LT na contemporaneidade daria destaque e como vê os desafios de seu futuro?

Um grande avanço, que tenho visto ao menos no Prottexto, nosso grupo de pesquisa, é o reconhecimento de que todos os fatores que contribuem para o texto devem estar alinhados com uma teoria robusta sobre o que é língua e linguagem, por exemplo, para começar. Também é um avanço, ainda que para alguns possa ter aparência de retrocesso, o reconhecimento da necessidade de voltar aos princípios e autores fundamentais, para cada conceito, para cada termo. Reconhecer que em ciência não é produtivo reinventar a roda e muito menos

partir de premissas mal fundamentadas e mal costuradas é, em minha opinião, fundamental.

Os desafios já apareceram em quase todas as minhas respostas nesta entrevista, pois como disse uma vez Mônica Cavalcante em uma reunião do Protexito, “o texto é um adolescente”. Adorei essa constatação, porque o vejo assim mesmo, tanto imprevisível quanto em transformação, pois suas categorias de unidade e de abertura (conforme Montaigne antecipava) comportam tudo aquilo que a criatividade humana vai aumentando, modificando e inovando, agora cada vez mais rápido, em simbiose com a tecnologia digital. Imprevisível também em seu conteúdo, pois as relações que são feitas podem ser as mais variadas, mesmo que com recursos finitos e momentaneamente estáveis. A transformação é o inevitável de tudo isso: do homem e do modo como ele se comunica com os outros homens.

11) Que leituras você indicaria para quem está iniciando seus estudos na LT?

Eu indicaria os capítulos iniciais, 1, 2 e 3, de Adam (2008) e o livro *Linguística Textual: conceitos e aplicações* (2022), de autoria de Cavalcante *et al.*, que trata de princípios e categorias fundamentais para o texto.

ALESSANDRA CASTILHO FERREIRA DA COSTA

Universidade Federal do Rio
Grande do Norte (UFRN)

1) Como você chegou à Linguística Textual (LT) e ao Modelo de Tradições Discursivas (TD)? Quais autores lhe serviram de inspiração?

Cheguei à Linguística Textual pela necessidade de considerar a variação dos textos tanto na construção de *corpora* quanto na análise de fenômenos linguísticos. Pesquisando o uso de dêiticos espaciais em produções de alunos brasileiros e alemães da Educação Básica, encontrei no gênero textual um critério influenciador do tipo de dêixis e de sua frequência. Nessa época, a obra *Deixis und Textsorten*, de Gabriele Maria Diewald (1991), trouxe importantes subsídios para minha pesquisa: a autora entende os gêneros textuais como unidades

determinadas pela situação de comunicação, funcionando como modelos textuais, por sua vez, atrelados a modelos situacionais.

A partir daí, aprofundei-me na questão da classificação de textos, encontrando na Linguística Textual alemã uma rica bibliografia sobre tipologia. Aqui realço *Textlinguistik: Eine Einführung* (1991), de Wolfgang Heinemann e Dieter Viehweger, *Linguistische Textanalyse: Eine Einführung in Grundbegriffe und Methoden* (1985), de Klaus Brinker, e *Texte als Konstitutionsformen von Wissen. Thesen zu einer evolutionstheoretischen Begründung der Textlinguistik* (1997), de Gerd Antos (trabalho traduzido em português por Hans Peter Wieser, sob o título *Os textos como formas constitutivas do saber*, sobre algumas hipóteses para uma fundamentação da linguística de texto à base de uma teoria evolucionária).

Durante meu doutoramento na Universidade de Halle (Alemanha), tive a oportunidade de participar de um espaço de debate de pesquisas da área de Romanística diretamente relacionadas à linguística coseriana e ao estudo das tradições discursivas – entendidas como quaisquer padrões de conteúdo, forma linguística ou organização do texto que se convencionalizam no discurso e funcionam como signos. A questão da tradicionalidade discursiva ampliou meu olhar para as

inúmeras evocações presentes no texto e para sua riqueza semiótica. A partir desse momento, a Linguística de Texto tornou-se, para mim, também uma Linguística das Tradições Discursivas. Sublinho o papel dos seguintes autores como referências para a investigação da tradicionalidade discursiva: Eugenio Coseriu (*Textlinguistik. Eine Einführung*, 1980); Peter Koch (*Diskurstraditionen: zu ihrem sprachtheoretischen Status und ihrer Dynamik*, 1997; estudo traduzido por mim em português, sob o título *Tradições discursivas: de seu status linguístico-teórico e sua dinâmica*); Wulf Oesterreicher (*Zur Fundierung von Diskurstraditionen*, 1997); Peter Koch/Wulf Oesterreicher (*Gesprochene Sprache in der Romania: Französisch, Italienisch, Spanisch*, 1990, traduzido em espanhol por Araceli López Serena, sob o título *Lengua Hablada en Romania: español, francés, italiano*) e Johannes Kabatek (*Tradições discursivas e mudança linguística*, 2006).

2) Quais de suas produções em revistas e/ou em livros impressos ou eletrônicos você destacaria?

Um primeiro destaque é o capítulo *Por quanto esta he minha ultima vontade do modo como tenho dito: tradições discursivas, textuais e linguísticas em testamentos norte-rio-grandenses dos séculos XVIII a XX* do livro *Diskurstraditionelles und Einzelsprachliches im Sprachwandel/Tradicionalidad*

discursiva e idiomática em los procesos de cambio lingüístico, organizado por Esme Winter-Froemel, Araceli López Serena, Álvaro Octavio de Toledo y Huerta e Barbara Frank-Job, publicado em 2015 na série *ScriptOralia* da editora Narr (Alemanha). Nessa contribuição, analisei macro e microestruturalmente a transformação do gênero *testamento*, a partir de um conjunto de 16 testamentos norte-rio-grandenses dos séculos XVIII a XX. Um resultado relevante dessa análise para a pesquisa em tradições discursivas é a identificação das relações interdiscursivas entre os exemplares de testamento do *corpus* e determinados modelos de testamento advindos, de um lado, da literatura espiritual da *ars moriendi* católica (a exemplo do *Breve Aparelho e modo fácil para ajudar a bem morrer um cristão*, do jesuíta Estevam Castro, publicado em 1621); e, de outro, do discurso jurídico iluminista (a exemplo do *Tratado regular, e prático de testamentos, e sucessões*, de Antonio Joaquim de Gouveia Pinto, publicado em 1844). Tradicionalidades discursivas das duas filiações históricas exercem pressão sobre as unidades retóricas internas aos exemplares de testamentos norte-rio-grandenses, de sorte que, ao longo dos séculos XVIII a XX, os elementos de cunho religioso e soteriológico (tais como invocações, confissões e pedidos pios) deixam paulatinamente de ocorrer e o testamento estabiliza-se como documento jurídico de fixação de legados materiais, sob a influência do discurso iluminista.

Quer dizer, no interior do gênero *testamento*, encontramos nesses dados dois agrupamentos textuais localizados no espaço ideológico não apenas por meio da expressão de conteúdos mas também de formulações linguísticas tradicionais.

Também gostaria de destacar o capítulo *Spoken vs. Written Texts*, do *Manual of Brazilian Portuguese Linguistics*, volume organizado por Johannes Kabatek e Albert Wall com o objetivo de oferecer um panorama da linguística sobre o Português Brasileiro (PB), a ser publicado ainda em 2022 pela editora De Gruyter (Alemanha). No capítulo referido, apresento algumas das principais tradições discursivas pertencentes à economia comunicativa da sociedade brasileira em diferentes sincronias. Do ponto de vista do contínuo de oralidade e escrituralidade, a história da comunicação na sociedade brasileira aponta para a expansão do PB, motivada por rupturas culturais (políticas, econômicas, religiosas, filosóficas, entre outras) e tradições discursivas da escrituralidade. Por exemplo, no início do período colonial, observa-se a introdução, no Brasil, sobretudo, de tradições discursivas do universo da religião, em particular, do catolicismo romano, entre as quais se distingue o papel do catecismo e das peças teatrais jesuíticas. Do período colonial até o início do século XIX, a comunicação na sociedade brasileira baseava-se, predominantemente, em tradições discursivas da oralidade, o que começa a se

modificar com a introdução da tipografia no Brasil e, por conseguinte, com a maior veiculação de livros e jornais. Já no século XIX, os “gêneros públicos”, como menciona Antonio Candido (2000), tais como discursos parlamentares, ensaios, artigos, panfletos, entre outros, proliferam-se em virtude da atividade jornalística, da influência das ideias iluministas e do crescente processo de urbanização, acelerando o avanço do PB ao âmbito da escrituralidade. A partir do século XX, com a universalização do ensino básico e a comunicação de massa (rádio, cinema, televisão e internet), os processos comunicacionais no Brasil transformam-se, de tal modo que se pode observar uma mudança para cima, com a difusão de tradições discursivas e das normas empregadas pela mídia, e para baixo, com a expansão da linguagem popular a tradições discursivas antes restritas às variedades cultas. Em suma, esse trabalho busca mostrar que a história do Português Brasileiro está conectada à História dos Gêneros Textuais e das Tradições Discursivas na sociedade brasileira, uma vez que é por meio dessas tradicionalidades que determinadas variedades linguísticas são disseminadas ou apagadas.

Por fim, menciono brevemente uma terceira produção, mais técnica: a tradução do estudo de Peter Koch, originalmente intitulado *Diskurstraditionen: zu ihrem sprachtheoretischen Status und ihrer Dynamik*, publicado

em 1997. Trata-se de uma obra de referência, um trabalho programático em que o autor lança o conceito de tradição discursiva. A tradução em português, *Tradições discursivas: de seu status linguístico-teórico e sua dinâmica*, publicada na revista *Pandaemonium Germanicum*, em 2021, torna acessível ao público brasileiro esse estudo de decisiva influência na Linguística Românica alemã e em recentes pesquisas históricas do Português Brasileiro.

3) Considerando a LT como Ciência, quais são seus procedimentos metodológicos e suas principais categorias analíticas?

Para responder à pergunta, preciso fazer duas considerações. A primeira é que o objeto de estudo da LT – o texto – não é um objeto do mundo natural, mas cultural. Convém retomar aqui algumas ideias do linguista romeno Eugenio Coseriu: em *O homem e a sua linguagem*. Ele defende que a linguagem verbal separa o ser humano de todos os demais seres do reino animal, pois só seres humanos falam. A capacidade de utilizar signos no lugar das coisas permite que o ser humano possa se referir também ao que está ausente ou só existe na imaginação. Por meio de signos verbais, fixamos nossa interpretação de mundo e, com isso, estamos criando e fixando conhecimento; em consequência, a linguagem verbal

liberta o homem do mundo das leis naturais para o mundo da cultura: os seres humanos podem criar literatura, cultura, arte, ciência etc. Como não há limites para a criação cultural, concordo com Coseriu quando afirma que a linguagem é o âmbito da liberdade e criatividade humana – daquilo que não tem um limite definido, porque o ser humano cria novos objetos culturais. Tal fato distingue a Linguística e suas subdisciplinas das ciências naturais e demanda que seus procedimentos metodológicos e categorias de análise sejam adequados ao caráter cultural de seu objeto. Agora, disso resulta uma segunda consideração: não é possível construir uma metodologia de validade universal para a produção, análise e interpretação dos textos, já que novas possibilidades de criação do sentido podem ser encontradas em novos textos. A esse respeito, Coseriu observa em sua *Textlinguistik* (1994) que, embora possamos desenvolver um inventário de procedimentos e recursos de criação do sentido, tal inventário deve ser aberto.

Dito isso, entendo como uma categoria analítica central do Modelo de Tradições Discursivas o contínuo de oralidade e escrituralidade, postulado por Koch/Oesterreicher em *Gesprochene Sprache in der Romania* (1990). Esses autores defendem que o falante produz enunciados segundo parâmetros de comunicação, que, em suas combinações, ocasionam

a variação textual (por exemplo, os gêneros textuais) e linguística (estratégias de verbalização). São eles: 1) o grau de publicidade da comunicação; 2) o grau de intimidade entre os interlocutores; 3) o grau de emocionalidade; 4) o grau de dependência do texto em relação ao contexto situacional imediato; 5) o grau de referenciação dêitica; 6) a proximidade física entre os interlocutores; 7) o grau de cooperação dos receptores na produção do discurso (isto é, as possibilidades de intervenção do interlocutor na produção do texto pelo enunciador); 8) o grau de dialogicidade (possibilidade de que os interlocutores assumam alternadamente os papéis de emissor e receptor); 9) o grau de espontaneidade da comunicação; 10) o grau de fixação temática do texto. Essa proposta tem a vantagem de relacionar a variação textual e linguística aos entornos do texto.

4) Considerando o texto em toda a complexidade que lhe é constitutiva e em sua multiplicidade de formas e de linguagens, como você o define?

Defino o texto como unidade de sentido: ele expressa um tipo de conteúdo superior, não idêntico ao mero significado dos signos verbais e/ou não verbais nele presentes. Coseriu (1994) fala de uma dupla relação semiótica: no primeiro nível semiótico, temos a relação entre o significante e o significado

formando o signo linguístico (ou não linguístico); no segundo, tais signos funcionam no texto como significantes para outro significado, que é o sentido. Portanto, é possível entender o primeiro nível sem entender o segundo. Esse autor ilustra tal fato afirmando que alguém pode até memorizar *A Metamorfose* de Kafka com exatidão, sem conseguir dizer uma só palavra sobre o sentido dessa obra. Por isso, vejo a essência do texto, aquilo que o distingue de outras grandezas, como o sentido.

5) Quais são as preocupações específicas da Linguística Textual que a diferenciam de outras teorias do texto?

A Linguística de Texto (LT) toma como objeto de estudo o texto como unidade básica da comunicação humana e se preocupa com questões relativas aos recursos e operações de criação de sentido, aos processos de textualização, interação e ativação de conhecimentos, à estabilização de textos em gêneros e à aplicação desses subsídios em outras áreas, tais como didática das línguas e tradução, entre outras. Tendo em vista que o contexto participa da construção do sentido, isso significa que o imbricamento do texto e de fenômenos sociais e sua inscrição em determinados domínios discursivos (por exemplo, familiar, jornalístico, religioso etc.) também constituem preocupações da LT. Já o foco da Análise do Discurso, por exemplo, não recai sobre o texto em si, mas

sobre o discurso como prática linguística vinculada a uma prática histórico-institucional e submetida a coerções do interdiscurso, quer dizer, a AD investiga a relação do texto com formações discursivas e ideológicas. É interessante notar que Sírio Possenti discute a incompatibilidade de certos pressupostos filosóficos das duas teorias, ao passo que Jean Michel Adam entende a LT como subdomínio da AD, o que enfatiza as sobreposições.

POSSENTI, S. Teorias de texto e de discurso: inconciliáveis? **Gragoatá**, [S. l.], v. 15, n. 29, p. 23-34, 2010.

6) Pesquisar implica não só ter o conhecimento de conceitos e de procedimentos analíticos mas também saber as possibilidades de seu campo de investigação. Poderia ressaltar delimitações bem como interfaces da LT?

A questão da delimitação da Linguística de Texto pode ser respondida do ponto de vista dos três níveis do linguístico – universal, histórico e individual –, como propostos por Coseriu. O nível universal diz respeito ao falar em geral, como atividade humana; o nível histórico, às línguas particulares, com suas estruturas diversas; por fim, o nível individual, ao discurso ou texto, produzido numa determinada circunstância. A cada um desses níveis corresponde, na visão coseriana, uma disciplina da linguística: ao nível universal, a Linguística

do Falar; ao histórico, a Linguística das Línguas; por fim, ao individual, a Linguística de Texto, isto é, a linguística que busca compreender de que maneira e em que níveis se articula o sentido.

Dado que todo texto é construído numa circunstância, o contexto participa da construção do sentido. Por isso, em *Determinación y entorno*, Coseriu (1955) propõe considerar uma série de entornos do texto, entre os quais, o contexto histórico, o cultural e os universos de discurso. Pois bem, considerar tais entornos demanda um trabalho interdisciplinar da Linguística de Texto com quaisquer disciplinas a eles relacionadas, tais como Literatura, História, Economia, Sociologia, Filosofia, Antropologia, Teologia, e assim por diante. As interfaces são inúmeras como inúmeros os contextos históricos e culturais.

7) Frutíferos diálogos interdisciplinares têm possibilitado aos estudiosos do texto uma ampliação do quadro conceitual-analítico da LT. No estabelecimento dessas interfaces, conceitos podem ser reinterpretados. Nesse sentido, qual a concepção de interação, sujeito, discurso e cognição na LT coseriana e no Modelo de TD?

Na proposta coseriana, as concepções de interação, sujeito, discurso e cognição estão diretamente relacionadas aos universais da linguagem: criatividade, semanticidade, alteridade, historicidade e materialidade. Para Coseriu, o ser humano é um ser falante, o que significa que, por meio da linguagem, o sujeito relaciona-se, de um lado, com o mundo (dimensão objetiva, a relação sujeito-mundo) e, de outro, com outros sujeitos (dimensão intersubjetiva, a relação sujeito-sujeito). Com relação à dimensão objetiva, o sujeito é um sujeito criador, pois o falante cria conteúdos e expressão a partir de sua experiência com esse mundo. Por exemplo, num conto que li há pouco tempo, o narrador dizia que “a noite estava iluminada”. O autor teve a intuição de que a iluminação da lua é diferente da iluminação do sol e criou uma palavra adequada à sua interpretação do mundo. Assim, a linguagem verbal estrutura o mundo internamente, na consciência do sujeito, em sua experiência subjetiva do mundo. Temos aqui os dois princípios de criatividade e semanticidade. Com relação à

dimensão intersubjetiva, esse sujeito é uma consciência aberta a outras consciências: ele se entende como sujeito entre outros sujeitos; um ente social, histórico. Assim, a linguagem como *energeia* é atividade de criação sempre dirigida ao outro. Com o princípio de alteridade, Coseriu defende, em *O homem e a sua linguagem*, que a essência da linguagem é justamente na interação, no *falar-um-com-o outro*. Por isso, ao criar o novo, este sujeito cria não somente a partir de uma história dentro dele (da língua compartilhada com outros sujeitos), mas para outros sujeitos. A alteridade não é uma dimensão externa ao sujeito, mas interna: para Coseriu, o indivíduo e a comunidade não são duas entidades distintas e nem a língua seria algo externo. Nessa direção, afirma que “a linguagem é fundamental para a definição do homem. Por um lado, é *logos*, apreensão do ser; por outro, é *logos intersubjetivo*, forma e expressão da historicidade do homem. O homem vive num mundo linguístico que ele mesmo cria como ser histórico” (COSERIU, 1987, p. 30).

Cabe salientar que Coseriu não entende a atividade interacional de criação como mera criação de rótulos a conteúdos dados pela realidade, mas como criação de conteúdos e expressão – criação de conhecimento. Por isso, ele afirma que a linguagem como *energeia* é uma atividade cognoscitiva, é forma de conhecimento: “Com efeito, como atividade cognoscitiva,

a linguagem não se enquadra no receptivo ou contemplativo, não é mera tomada de contato passiva ou aceitação inerte da realidade, mas criação contínua de si mesma, das formas de conhecimento (símbolos) nas quais se manifesta” (COSERIU 1987, p. 59). Do ponto de vista da cognição, cada um dos três níveis do linguístico está relacionado a determinados tipos de conhecimento (*dynamis*): o conhecimento elocucional, no nível universal, corresponde ao saber falar de modo geral; o conhecimento idiomático, no nível histórico, é o saber falar uma língua; o conhecimento expressivo, no nível individual, é o saber criar discursos em determinadas circunstâncias.

Com isso, chegamos à concepção de discurso na teoria coseriana: o discurso é a atividade de criação de sentido, um tipo de conteúdo que não coincide com as palavras, mas vai além delas. Quando falei das delimitações da Linguística de Texto acima, mencionei o sentido como o conteúdo caracterizado por Coseriu numa dupla relação semiótica: no primeiro nível semiótico, as palavras relacionam o significante e o significado; no segundo, elas funcionam, no discurso, como significantes para outro significado, que é o sentido. Agora, o produto (*ergon*) do discurso como criação de sentido é o texto, em sua materialidade.

Portanto, a atividade de criação (*energeia*), o conhecimento subjacente a tal atividade (*dynamis*) e o produto dessa

atividade (*ergon*) são relacionados por Coseriu aos três níveis do linguístico (universal, histórico e individual), como está disposto no Quadro 1, a seguir.

Níveis	Pontos de vista		
	Atividade Ενεργεια	Conhecimento Δύναμις	Produto ἔργον
Universal	falar no geral	conhecimento elocucional	soma do falado
Histórico	língua particular	conhecimento idiomático	língua particular abstraída
Individual	Discurso	conhecimento expressivo	texto

Quadro 1: três níveis e três pontos de vista do linguístico propostos por Coseriu em Competencia Lingüística (1988, p. 92)

8) Dos resultados de seus trabalhos, seria possível indicar contribuições para o ensino?

O contínuo de oralidade e escrituralidade, proposto por Koch/Oesterreicher (1990), oferece não apenas uma perspectiva sistemática e global de variações linguísticas e textuais, mas é também o ponto de partida para o ensino de textos orais e escritos na escola. Nessa perspectiva, entendo que as aulas de Língua Portuguesa na escola devem possibilitar

ao aluno a apropriação de diferentes tradições discursivas e variedades linguísticas entre oralidade e escrituralidade. Para a apropriação de variados estilos, registros e gêneros que podem ser veiculados gráfica ou fonicamente e das estratégias de verbalização que lhe são características, Marcuschi (2000) propõe atividades de retextualização, isto é, atividades de transposição de uma concepção discursiva a outra, com alteração das estratégias de verbalização, de acordo com a adequação do texto ao contexto. No âmbito do Programa Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), essas orientações teórico-metodológicas têm guiado o desenvolvimento de projetos de intervenção por meus orientandos. Para conhecer mais a respeito dessas contribuições ao ensino, indico o capítulo *Do ensino da escrita à aquisição da escrituralidade na escola* (CASTILHO DA COSTA *et al.*, 2020).

9) A quais avanços da LT na contemporaneidade daria destaque e como vê os desafios de seu futuro?

Em seu surgimento, a Linguística de Texto ocupou-se principalmente de fenômenos transfrásticos, que se mostraram insuficientes para a investigação do texto em sua complexidade; afinal, não se pode defini-lo simplesmente como combinação de orações. Assim, em seus desenvolvimentos posteriores, a LT ampliou seu instrumental teórico-metodológico a partir

do diálogo com áreas linguísticas (tais como Pragmática, Linguística Cognitiva, Sociolinguística, Psicolinguística, Análise do Discurso, Análise da Conversação) e não linguísticas (Literatura, Psicologia, Sociologia, Antropologia, entre outras). Como resultado, nas últimas décadas, aprofundou-se a pesquisa de aspectos enunciativo-discursivos do texto e de sua multimodalidade em diferentes abordagens.

Veja-se, por exemplo, a Análise Textual dos Discursos (ATD), proposta por Jean-Michel Adam (2008), que distingue, entre suas categorias de análise, a formação discursiva, o interdiscurso e a responsabilidade enunciativa. Por sua vez, o Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), de Jean-Paul Bronckart (1999), inclui categorias como as formações sociodiscursivas, o intertexto e as vozes sociais. Já no âmbito do Modelo de Tradições Discursivas (TD), paradigma mais recente, Johannes Kabatek (2015) propõe considerar universos de discurso, formas discursivas, zonas discursivas, domínios discursivos, entre outras categorias da tradicionalidade discursiva.

Como mencionei antes, Coseriu diz que o inventário de procedimentos e recursos da LT deve ser aberto, porque novas possibilidades de criação do sentido podem ser encontradas em novos textos. Um exemplo disso é o hipertexto. Com a virada digital, acentua-se a necessidade de levar em conta não apenas fenômenos paralinguísticos (entonação,

rapidez, intensidade do som) mas também não linguísticos (gestos, mímica, imagem, música). A Linguística de Texto passa a conceber o texto numa perspectiva multissemiótica e multimodal.

Para mim, os principais desafios para o futuro da LT são não somente aprofundar tais aspectos teórica e empiricamente, mas sobretudo integrá-los numa teoria geral sobre o texto, bem como relacioná-los, de forma socialmente responsável, às necessidades dos falantes no trato com textos. Nessa direção, Adam (2022, p. 152) aponta que “a descrição linguística fina e sistemática dos diferentes níveis de estruturação e de todas as formas textuais, tanto do regime oral quanto do regime escritural, do regime digital e dos regimes mistos, só terá a contribuir com os diferentes domínios das ciências e das disciplinas do texto e do discurso [...] e, mais amplamente, das ciências da informação e da comunicação, assim como da didática”.

10) Que leituras você indicaria para quem está iniciando seus estudos na LT?

Duas obras fundamentais da LT são *Cohesion in English*, de Michael Alexander Kirkwood Halliday e Ruqaiya Hasan (1976), e *Introduction to Text Linguistics*, de Robert-Alain De

Beaugrande e Wolfgang Ulrich Dressler (1981). Enquanto Halliday e Hasan apresentam um estudo aprofundado da coesão do ponto de vista da linguística sistêmico-funcional, trazendo capítulos dedicados à referência, substituição, elipse, conjunção e coesão lexical, Beaugrande e Dressler, influenciados pela linguística cognitiva, tratam da coesão do ponto de vista dos processos de produção e interpretação do texto, dedicando capítulos não apenas a noções básicas da LT e sua história de desenvolvimento mas também aos princípios de textualidade (coesão, coerência, intencionalidade, aceitabilidade, informatividade, situacionalidade e intertextualidade).

Também recomendo, claro, a *Linguística del Texto*, de Eugenio Coseriu (1994 [1980]), traduzida por Óscar Loureda Lamas ao espanhol, que traz distinções fundamentais a partir da tripartição do linguístico, bem como antecipa desenvolvimentos contemporâneos dos estudos do texto e do discurso.

Além disso, no Brasil, autores como Ingedore Grunfeld Villaça Koch, Luiz Antonio Marcuschi, Leonor Lopes Fávero e Luiz Carlos Travaglia introduziram ao leitor os pressupostos teórico-metodológicos da LT. Obras como *Linguística Textual: Introdução*, de Fávero e Koch (1988); ou *Linguística de Texto: o que é e como se faz*, de Marcuschi (1983), permitem ao iniciante conhecer esse momento da disciplina no país. Obras posteriores tanto de Koch quanto de Marcuschi que

recomendo especialmente são *Desvendando os Segredos do Texto*, de Koch (2002); *Ler e compreender os sentidos do texto*, de Koch e Elias (2006); *Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão*, de Marcuschi (2008). Certamente o leitor se sentirá muito enriquecido!

ANA CRISTINA CARMELINO

Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)

1) Como você chegou à Linguística Textual (LT)? Quais autores lhe serviram de inspiração?

O meu primeiro contato com os pressupostos da Linguística Textual, tratada como Linguística de Texto, foi em 1993. À época, fazia graduação em Letras na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Trabalhando na disciplina Linguística II, o conteúdo visto – especialmente as noções de coesão e coerência – era dividido com os de outras áreas da Linguística. Abordados pela professora doutora Maria do Rosário de Fátima Valencise Gregolin (que depois passou a atuar na linha de pesquisa em Análise do Discurso), os conceitos apresentados foram cunhados do escopo teórico pensado por Robert-Alain de Beaugrand e Wolfgang Ulrich Dressler, na obra *Introduction to Text Linguistics* (1981), e de

trabalhos de linguistas brasileiros que buscaram não apenas importar tais noções mas também difundi-las na comunidade acadêmica.

Lembro-me de que os primeiros livros lidos sobre o assunto, muitos deles xerocopiados, foram: *Linguística Textual: introdução* (1983), de Leonor Lopes Fávero e Ingedore Grunfeld Villaça Koch; *Linguística de Texto: o que é, como se faz* (1983), de Luiz Antônio Marcuschi; *Texto e coerência* (1990), de Koch e Luiz Carlos Travaglia; e *Redação e textualidade* (1991), de Maria da Graça Costa Val. Posteriormente, ao longo do curso de mestrado (1997-1999) e doutorado (2000-2004) em Linguística e Língua Portuguesa, realizados também na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, as leituras nessa área foram retomadas e ampliadas.

No entanto, o meu aprofundamento nesse campo do conhecimento ocorreu dois anos depois, por uma oportunidade de trabalho. Em 2006, fui convidada a participar da implementação do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística da Universidade de Franca (UNIFRAN, SP), bem como a compor o quadro de docentes permanentes do programa, atuando na linha de pesquisa “Processos e práticas textuais: caracterizações e abordagens teóricas”. Foi a partir daí que a Linguística Textual (doravante LT) passou a fazer parte da minha trajetória acadêmica.

Entre os autores brasileiros que inspiraram e inspiram a minha atuação nessa área, estão tanto os precursores dos estudos no país – a saber, Ingedore Grunfeld Villaça Koch, Luiz Antônio Marcuschi, Leonor Lopes Fávero, Luiz Carlos Travaglia, Paulo de Tarso Galembeck – quanto os trabalhos de estudiosos que têm paulatinamente refletido sobre o arcabouço teórico da LT, seja para alargar seus conceitos a fim de que possam ser aplicados a diversos objetos e contextos (verbal, oral, multimodal, digital), seja para estabelecer diálogos interdisciplinares com outras áreas. Dentre esses estudiosos, destaco Anna Christina Bentes, Mônica Magalhães Cavalcante e Vanda Maria Elias.

2) Quais de suas produções em revistas e/ou em livros impressos ou eletrônicos você destacaria?

As produções científicas que, no meu entender, poderiam ser destacadas são as que, em grande parte, referem-se a certas categorias do escopo teórico-metodológico da LT que explicam (contribuem para) o processo de construção de sentido de textos ou gêneros humorísticos, foco de interesse de nossas pesquisas e de orientandos, quer em nível de Iniciação Científica, quer em nível de Mestrado. Por serem várias as produções, achamos por bem destacar aqui apenas cinco delas, uma forma de ilustrar certas categorias da LT que

temos priorizado em nossos trabalhos, a saber: referenciação, gênero, multimodalidade, intencionalidade, intertextualidade e argumentação.

A primeira produção que gostaríamos de assinalar é o capítulo intitulado “Expressões nominais referenciais e construção do humor”, que consta da obra *Humor: eis a questão* (CARMELINO, 2015, p. 91-116). Nele, buscamos refletir sobre a relação entre referenciação e humor. À luz dos pressupostos teóricos da LT de base sociocognitiva e interacional, evidenciamos, a partir da análise de diferentes produções textuais (como esquete, dica-piada, crônica), que as expressões nominais referenciais, especialmente as que são atributivas e consistem em sequências textuais descritivas, criam uma situação humorística, constituindo, portanto, um mecanismo provocador da comicidade. A observação do fenômeno acabou inspirando a pesquisa de mestrado em Estudos Linguísticos de Karine Silveira, *Desnotícias sobre o Acre: a construção do humor e de identidades sociais por meio de expressões nominais referenciais*, defendida em 2013 na Universidade Federal do Espírito Santo.

Outra produção que podemos salientar é “Linguística textual e estudos do humor”, um dos capítulos que compõe a obra *Linguística Textual: diálogos interdisciplinares*, organizada por Rivaldo Capistrano Júnior, Maria da Penha Pereira

Lins e Vanda Maria Elias em 2017. Escrito em coautoria com Paulo Ramos, o texto procura mostrar um caminho possível de análise de produções cômicas com base no diálogo estabelecido entre as noções da LT – como referência, intertextualidade, intencionalidade, multimodalidade, balanceamento de informações implícitas e explícitas – com os estudos do humor (a teoria semântica do humor baseada nos *scripts*, de Raskin, e a teoria geral do humor verbal, de Raskin e Attardo).

O capítulo “Humor em cenas de curta duração: o esquete em sala de aula” (2018), que faz parte da obra *Gêneros humorísticos em análise*, da qual participamos da organização, consiste em caracterizar o gênero, pouco explorado pelos estudos linguísticos, bem como mostrar de que maneira, do ponto de vista textual e discursivo, o esquete é um material riquíssimo para se trabalhar diferentes conteúdos no processo de ensino-aprendizagem. Além das várias estratégias vinculadas à linguagem para se produzir o sentido humorístico, o gênero pode levar à reflexão sobre modos de se comportar, ser, pensar, ou seja, sobre práticas socialmente enraizadas na cultura.

Ainda que não esteja relacionado com o humor, “Revisitando o conceito de intencionalidade” (CARVALCANTE, 2019, p. 60) é outra referência a ser ressaltada. Produzido em parceria com Paulo Ramos, o texto não apenas expõe a trajetória

histórica da *intencionalidade* – desde quando o conceito foi inaugurado na área textual por Beaugrande e Dressler (1981) e, poucos anos depois, apropriado por pesquisadores brasileiros – como também verifica se o conceito ainda é válido dentro do escopo teórico de estudos contemporâneos da LT brasileira, tendo em vista que o termo foi desfocalizado em parte de obras referenciais da área ou questionado por alguns de seus pesquisadores. A percepção é a de que o conceito de intencionalidade passa contemporaneamente, na literatura da LT brasileira, tanto por retomadas quanto por reavaliações.

A última produção a ser destacada é “A intertextualidade como marca dos *stickers* do WhatsApp” (2020, p. 156-176). Escrito em coautoria com Lídia Kogawa (uma orientanda), o texto trata de uma prática bastante frequente nas trocas de mensagens via WhatsApp: a postagem de *stickers*. Conhecidos como “figurinhas” divertidas criadas por usuários anônimos por meio de aplicativo específico, os *stickers* ganharam projeção e relevância na comunicação *on-line*. Na caracterização do fenômeno, tendencialmente de cunho humorístico, evidenciou-se que uma das principais marcas dessa forma de interação é a intertextualidade, tendo em vista que é preciso flagrar o diálogo entre diferentes textos (de ordem temática e estilística) que os *stickers* mobilizam para se estabelecer sua produção do sentido.

3) Considerando a LT como Ciência, quais são seus procedimentos metodológicos e suas principais categorias analíticas?

Os procedimentos metodológicos da LT partem da perspectiva sociocognitiva e interacional, a qual, por si só, mobiliza certos elementos na abordagem da análise de dados. No que diz respeito ao viés sociocognitivo, entende-se que o texto resulta de diversas operações cognitivas interligadas, logo, para processar a produção de seu(s) sentido(s), é preciso levar em conta um conjunto de suposições baseadas nos saberes e nas experiências dos interlocutores, entre os quais estão o conhecimento linguístico (gramatical, lexical), enciclopédico (de mundo), interacional (formas de interação social por meio da linguagem), de gêneros, do contexto.

Nesses moldes, defende-se que o processamento cognitivo de um texto consiste em diferentes estratégias processuais: as cognitivas (ligadas a certo cálculo mental, como a inferência), as sociointeracionais (determinadas socioculturalmente, visam ao bom estabelecimento da interação, caso da negociação, do uso da polidez) e as textualizadoras (referentes às escolhas textuais que os interlocutores realizam). Conforme esclarece Koch (2005, p. 50):

[...] processamento estratégico significa dizer que os usuários da língua realizam simultaneamente em vários níveis passos interpretativos finalisticamente orientados, efetivos, eficientes, flexíveis, tentativos e extremamente rápidos, fazem pequenos cortes no material “entrante” (*incoming*), podendo utilizar somente informação ainda incompleta para chegar a uma (hipótese de) interpretação.

Em se tratando do viés interacional, considera-se o texto como o próprio lugar da interação; e os interlocutores, sujeitos ativos que nele se constroem e por ele são construídos. Desse modo, o(s) sentido(s) do texto, tido(s) como evento interativo, é (são) processado(s) mediante um trabalho de coprodução (coautorias em vários níveis), nunca de forma monológica e solitária.

Ainda quanto aos procedimentos de pesquisa voltados aos estudos no âmbito da LT, entendemos – tal qual mencionado por Marcuschi (2002) e defendido por Bentes, Palumbo e Aquino (2021) – que podem ser utilizadas tanto a abordagem qualitativa quanto a quantitativa no tratamento dos dados linguísticos, estabelecendo, desse modo, um procedimento misto, de “caráter integrativo”, uma espécie de *continuum* quali-quantitativo. Levando-se em conta a trajetória da LT, várias categorias analíticas podem ser destacadas como de interesse dessa ciência, categorias essas ligadas ao conhecimento linguístico (contextual) ou ao conhecimento de mundo

(contexto), tais como: coesão, coerência, situacionalidade, informatividade, intertextualidade, intencionalidade, aceitabilidade, focalização, consistência e relevância (fatores de contextualização).

O caráter interdisciplinar e os desafios postos diante de novas formas de produção de texto (o texto oral, a noção de gênero, a tecnologia) levaram a LT não apenas a refletir sobre as suas categorias analíticas mas também a propor outras, relevantes para os problemas que se apresentaram no processamento textual. Dessa evolução, podemos considerar que, entre as principais categorias analíticas, estão: referência, sequenciação, coerência, topicalização, intertextualidade, gênero, contexto, multimodalidade, hipertextualidade (hipertextualização, a depender do autor) e argumentação.

4) Considerando o texto em toda a complexidade que lhe é constitutiva e em sua multiplicidade de formas e de linguagens, como você o define?

Sabemos que o modo como se conceitua está diretamente ligado aos pressupostos de uma perspectiva teórica. A definição de texto não foge à regra. Difícil é – considerando a trajetória da LT e, conseqüentemente, seu objeto de investigação, o qual foi revisto e ampliado ao longo do tempo para

dar conta da multiplicidade de formas e de linguagens que o constituem – estabelecer uma única definição de texto que seja suficientemente completa.

Com base nessas ponderações, temos assumido em nossos trabalhos (levando-se em conta o diálogo estabelecido com os pressupostos da Retórica e Nova Retórica) que o texto é uma unidade coerente, complexa e multifacetada, que resulta de qualquer uso da(s) linguagem(ns) (ou seja, não limita a materialidade textual exclusivamente ao verbal; ao contrário, busca integrar as estratégias textual-discursivas a constituintes de outras modalidades, como a visual, a sonora), cuja produção de sentido é negociada na interação (real ou virtual) entre sujeitos situados sócio-histórica e culturalmente, a partir do acionamento de uma série de conhecimentos (de língua, de textos, de gêneros, do mundo, do contexto, da própria interação, do intertexto). Além disso, todo texto apresenta uma dimensão retórico-argumentativa, o que faz com que, por meio dele, se busque estabelecer acordos, orientar o pensamento, provocar ou acalmar as emoções, guiar ações, ou seja, influenciar no que diz respeito ao modo de ver, pensar, agir, sentir.

Nesse sentido, a noção de texto com a qual trabalhamos se fundamenta tanto numa abordagem interacional de base sociocognitiva, que privilegia os participantes da interação e

seus conhecimentos em processos de interação, quanto numa abordagem retórico-argumentativa, a partir da qual o sujeito influencia e demonstra a realidade sob certos ângulos. Ainda que não haja novidade nessa definição de texto que temos adotado, ela reitera e solidifica os avanços conquistados pela LT, uma vez que aponta para consensos importantes a respeito do panorama atual dos estudos do texto.

5) O que é o hipertexto? Como você o define? Quais desafios teórico-metodológicos você indicaria para a análise de textos em contexto digital?

A noção de hipertexto, embora delineada há algum tempo nas ciências da informação, é algo mais recente nas ciências da linguagem, incluindo a LT (desde os anos 1990), pelo menos é o que registram os estudos que tratam do fenômeno (ELIAS; CAVALCANTE, 2017; PAVEAU, 2017) nos quais tenho me apoiado para trabalhar textos em contexto digital. Ignorar o que vem a ser hipertexto atualmente não é uma opção, tendo em vista o fato de que a leitura e a escrita têm centrado cada vez mais em produções hipertextuais. Desse modo, de uma forma ou de outra, qualquer pessoa que trabalhe com texto esbarra nessa questão e precisa entender minimamente os usos (processos tecnológicos e linguísticos) envolvidos na produção e na recepção de textos digitais.

Segundo entendemos, a compreensão (definição e descrição) do que vem a ser hipertexto está ligada à compreensão de alguns traços caracterizadores desse tipo de produção exclusivamente digital, tais como: link/hiperlink (elementos de conexão múltipla entre textos – como palavras, imagens, ícones etc. – responsáveis pela organização estrutural e retórica do hipertexto); não linearidade ou descontinuidade (mutabilidade dos arranjos textuais); escriteira (coconstrução do sentido pelo usuário em um gesto duplo de leitura e escrita); multiplicidade de textos, gêneros, linguagens e autores (ELIAS; CAVALCANTE, 2017; PAVEAU, 2017).

Sobre os elementos caracterizadores do hipertexto, é preciso salientar que o hiperlink é uma dimensão fundamental da escrita hipertextual, visto que contribui para a forma dos enunciados, para a elaboração de seu sentido e de seu modo de circulação – elementos-chave no processo de contextualização de qualquer enunciado digital. No que diz respeito à não linearidade e/ou descontinuidade, o leitor escolhe o movimento de leitura que deseja seguir (ao clicar em um texto, ele decide se o lê linearmente, se o deixa, dirigindo a outro). No que se refere ao processo de escriteira, o leitor pode submeter o texto a múltiplas operações (indexá-lo, anotá-lo, copiá-lo, desmembrá-lo, recompô-lo, deslocá-lo), tornando-se, desse modo, coautor.

Embora saibamos que o hipertexto amplia consideravelmente as possibilidades de construção de sentido devido à quantidade e à variedade (i) de textos e linguagens, (ii) de tipos e gêneros textuais e (iii) de formas pelas quais as ligações estabelecidas tornam-se necessárias ou são apenas sugestões do autor, há desafios teórico-metodológicos que se vinculam a questões diversas, como bem pontua Paveau (2017): como se dá a produção de sentido (uma das principais preocupações da LT), levando-se em conta a leitura e a escrita em um dispositivo no qual tanto a produção e a recepção são móveis? Como proceder ao cálculo interpretativo a partir da descontinuidade característica do processo de leitura? Como entender a noção de autoria/coautoria, se autor/enunciador e leitor/destinatário se confundem? Como delimitar da melhor forma os objetos de análise Linguística Textual: apenas os textos-fonte ou integrar os textos-alvo? Como proceder ao fato de que o hiperlink pode fazer o escritor sair definitivamente do texto-fonte? Quais estratégias textual-discursivas devem ser acionadas na produção do(s) sentido(s)?

6) Quais são as preocupações específicas da LT que a diferenciam de outras teorias do texto?

Ao tomar o texto como unidade de análise no campo dos estudos da linguagem, a LT preocupa-se especificamente com

a natureza de seu objeto (em toda a sua complexidade) e com os diferentes fatores que atuam no processo de construção textual de sentido(s). Se o olhar cria o objeto, na busca por esclarecer, num percurso de idas e vindas, “o que é e como se produz um texto”, a LT finca seus pressupostos distanciando-se de outras teorias de texto – qual seja, a sociocognitiva e interacional – ao delinear a abordagem a partir da qual olha seu objeto de análise. Desse modo, interessa-se por operações linguísticas, cognitivas, socioculturais e interacionais que gerenciam a produção, o funcionamento e a recepção de textos.

A definição de texto, conforme registra Koch (2003, p. 30), mostra em que medida a LT entende seu objeto de análise e os pressupostos a ele integrados:

Um texto se constitui enquanto tal no momento em que os parceiros de uma atividade comunicativa global, diante de uma manifestação linguística, pela atuação conjunta de uma complexa rede de fatores de ordem situacional, cognitiva, sociocultural e interacional, são capazes de construir, para ela, determinado sentido.

Com base no exposto, pode-se considerar que a LT distancia-se das teorias que compreendem o texto como uma unidade formal, definida e determinada por um conjunto de propriedades puramente componenciais e intrínsecas, ou ainda, como um produto acabado, visto fora de suas condições

de produção; que buscam descrever a competência textual de falantes/ouvintes idealizados, sem investigar a constituição, o funcionamento, a produção e a compreensão dos textos em uso; que se detêm apenas nas abordagens sintática, semântica e pragmática para processar o sentido produzido.

7) Pesquisar implica não só ter o conhecimento de conceitos e de procedimentos analíticos mas também saber as possibilidades de seu campo de investigação. Poderia ressaltar delimitações bem como interfaces da LT?

As delimitações da LT estão diretamente ligadas ao modo de compreender o processamento e o uso dos textos e aos pressupostos teórico-metodológicos adotados, cuja tendência sociocognitiva e interacional vigora atualmente. Com base nisso, a LT fundamenta-se empiricamente numa concepção de língua que recai nos processos sociocognitivos e interacionais. Isso significa que ela não se dedica às propriedades gerais da língua (fonologia, morfologia, sintaxe etc.), mas aos processos de compreensão, às operações cognitivas, à inserção da linguagem em contextos histórico-culturais, ao aspecto social e ao funcionamento discursivo da língua.

Sabendo-se, porém, que tanto na produção quanto no processamento e no uso textual estão envolvidos fenômenos

diversos, os quais são objetos de investigação de diferentes áreas da Linguística, bem como de outros campos do saber – casos dos fenômenos de natureza fonológica, morfológica, sintática, semântica, pragmática, social, discursiva, enunciativa, cognitiva, semiótica, conversacional, argumentativa, hipertextual, humorística –, a LT tem procurado estabelecer diálogos, em termos teóricos e/ou metodológicos, com outras áreas de conhecimento, seja para ampliar seu escopo teórico, seja para dar conta de explicar e compreender o texto em sua complexidade.

A exemplo (e comprovação) dos constantes e variados diálogos interdisciplinares que a LT tem estabelecido com diferentes campos teóricos, destaca-se a organização de duas obras, ambas lançadas em 2017, que registram muito bem o fato. A primeira delas é *Linguística textual: interfaces e delimitações - homenagem a Ingedore Grunfeld Villaça Koch*, organizada por Edson Rosa Francisco de Souza, Eduardo Penhavel e Marcos Rogério Cintra. Nessa obra, os autores convidados, em geral especialistas em outras áreas, colocam em evidência a relação “inevitável e altamente produtiva” da LT com os seguintes campos: Fonologia, Morfologia, Sintaxe, Semântica, Pragmática, Sociolinguística, Análise da Conversação, Análise do Discurso, Teoria da Enunciação, Cognição, Semiótica, Ensino e Novas Tecnologias.

A segunda obra que também põe em evidência a interdisciplinaridade da LT é *Linguística textual: diálogos interdisciplinares*, organizada por Rivaldo Capistrano Júnior, Maria da Penha Pereira Lins e Vanda Maria Elias. Nesse caso, as interfaces estabelecidas são entre LT e Pragmática, Funcionalismo, Sociolinguística, História das Ideias Linguísticas, Tradições Discursivas, Retórica, Modelo de Análise Modular do Discurso, Análise Crítica do Discursiva, Análise da Conversação, Teoria enunciativa, Argumentação na Língua, Argumentação, Hipertexto, Estudos do Humor, Gênero, Sociossemiótica, Cognição, Ensino.

No que tange às nossas pesquisas, convém registrar que temos procurado trabalhar, muitas vezes, a interação da LT com as Teorias do Humor e a Retórica aristotélica e Nova Retórica. Entendemos, a título de ilustração, que o processo de referenciação, especificamente por expressões nominais referenciais atributivas (tal como tratado na LT de base sociocognitiva e interacional), pode tanto funcionar como um recurso de produção do humor de certos enunciados (CARMELINO, 2015) quanto ajudar a caracterizar o *ethos* (imagem) que o orador constrói de si ou do outro no discurso (CARMELINO, 2012).

Ainda sobre as delimitações da LT e os diálogos constantes que ela tem estabelecido com outros campos, no meu

entender, é preciso fazer duas ponderações. A primeira delas é saber até que ponto (ou em que medida) conceitos/fenômenos de outra natureza e áreas devem ser incorporados aos pressupostos para explicar questões textuais e ampliar o quadro conceitual-analítico da LT, sem que se perca a sua essência. A segunda ponderação vai na direção contrária, é preciso entender quando outro domínio de análise (linguística ou não) permite maior adequação explicativa ao se considerar pressupostos de ordem textual, colocando em evidência o caráter complementar da LT a outras áreas.

8) Frutíferos diálogos interdisciplinares têm possibilitado aos estudiosos do texto uma ampliação do quadro conceitual-analítico da LT. No estabelecimento dessas interfaces, conceitos podem ser reinterpretados. Nesse sentido, qual a concepção de interação, sujeito, discurso e cognição na LT?

- **Interação** - consiste no lugar em que os sujeitos, vistos como agente sociais, não apenas se constroem por meio da linguagem mas também constroem sentidos para suas produções textual-discursivas escritas ou orais. Para a LT, interação, na verdade, é o que baliza a definição de texto, um evento comunicativo que se realiza partir operações linguísticas, discursivas e cognitivas. Nesse sentido, a atividade interativa textual

não se realiza exclusivamente por meio de elementos linguísticos presentes na superfície do texto, nem só por seu modo de organização, mas também leva em conta o conhecimento de mundo do sujeito, suas práticas comunicativas, sua cultura, sua história, para construir os prováveis sentidos no evento comunicativo.

- **Sujeito** - pode ser visto como uma entidade social, histórica e ideologicamente situada, que se constitui (e se revela) na interação com outros sujeitos. Sendo ativos, construtores sociais, os sujeitos na LT não apenas trazem para a situação comunicativa certas expectativas e ativam dados conhecimentos e experiências na produção do sentido como também buscam influenciar (atuar sobre) o outro no que diz respeito a modos de ver, pensar, agir e sentir (valem-se da linguagem com fins a ser atingidos: estabelecer acordos, demonstrar uma realidade, causar efeitos, desencadear comportamentos, obter certas reações).
- **Discurso** – constituído de processos socioculturais e vinculado as suas condições de produção (as quais incluem as circunstâncias da comunicação imediata e as do contexto sócio-histórico), o discurso pode ser compreendido como um modo de posicionamento sustentado por determinado grupo social.

- **Cognição** – é uma abordagem teórica que se preocupa em entender e explicar como os conhecimentos são armazenados na memória e mobilizados por ocasião do intercâmbio verbal, tendo em vista que a mente é um processador de informação, que recebe, armazena, recupera, transforma e transmite dados. Considerando-se que a produção e o processamento de textos são indissociáveis das operações cognitivas, das relações culturais, sócio-históricas e linguísticas, a LT tem adotado uma perspectiva de sociocognição, na qual a produção, o armazenamento e a utilização do conhecimento investem na inter-relação constitutiva dos processos mentais com os aspectos socioculturais.

9) Dos resultados de seus trabalhos, seria possível indicar contribuições para o ensino?

Com base nos trabalhos que temos desenvolvido voltados especificamente ao ensino, podemos considerar que as contribuições se referem à leitura e à produção tanto de textos/gêneros de humor quanto multimodais (aqueles que agregam diferentes modalidades de linguagem em sua constituição). Na verdade, temos buscado mostrar como o aparato teórico-metodológico da LT possibilita a construção de sentido dessas produções, o que facilita sua compreensão e aprendizagem.

Em se tratando das produções humorísticas, observamos que o humor faz parte do nosso cotidiano e predomina nos ambientes digitais cada vez mais utilizados por todos (estudantes, inclusive). No entanto, o tema não é comumente abordado no âmbito educacional e, quando o é, a abordagem dos conteúdos inerentes aos textos é feita de forma tangencial, ou seja, como porta de entrada para introduzir determinados assuntos, associados a mero entretenimento, não acompanhados do necessário aprofundamento de questões ali postas e das estratégias utilizadas para a produção do(s) sentido(s) cômico(s).

Ainda que a presença de criações humorísticas tenha se ampliado no meio educacional a partir da virada do século, muito por conta da formalização de gêneros relacionados ao tema nos documentos oficiais de ensino (as Orientações Curriculares para o Ensino Médio, para ficarmos em apenas um exemplo, explicitam o uso de piadas como uma das formas de o sentido ser trabalhado junto aos alunos), notamos que a abordagem é tímida.

Desse modo, algumas das questões que norteiam nossos estudos são quais gêneros essencial ou eventualmente humorísticos abordar no ensino e como trabalhar linguisticamente tais produções. A obra *Gêneros humorísticos em análise* (CARMELINO; RAMOS, 2018), da qual participamos

da organização, evidencia a preocupação na busca de contribuir com o tema. Além do capítulo “Humor em cenas de curta duração: o esquete em sala de aula” (2018), de minha autoria, como mencionado, no qual buscamos caracterizar o gênero esquete e mostrar que se trata de material rico para se trabalharem diferentes conteúdos no processo de ensino-aprendizagem, a obra apresenta o estudo de mais onze gêneros (piada, tira cômica, charge, meme, notícia, publicidade, filme, desenho animado, perfil fake, canção e poema), nos quais tanto a questão do humor quanto a aplicação daquela forma de produção no ensino são trabalhadas pelos autores.

No que diz respeito às produções multimodais, embora seja consenso que professores e alunos têm contato com textos não apenas verbais escritos mas também compostos por elementos de ordem visual, é preciso assinalar que esse aspecto demorou a ser incluído entre os interesses de estudo da LT, fato que data deste século, graças não apenas à presença maciça da imagem (figuras) nas variadas formas da comunicação mas também à de aspectos plásticos ligados a ela, caso da cor e da textura. Com base nessas ponderações, uma das preocupações (e contribuições) de nossos estudos tem sido refletir sobre caminhos de como ler produções multimodais a partir pelos pressupostos teórico-metodológicos da LT.

Dois trabalhos dedicados a esse fim ilustram tais preocupações. Um deles é o artigo “Contribuições para leitura de gêneros multimodais no ensino” (2014), escrito em parceria com Paulo Ramos, que foca nas estratégias sociocognitivas e textuais que possibilitam a leitura e o trabalho de três produções multimodais em sala de aula, caso da charge, da tira e do anúncio. Outro é o capítulo “Texto multimodal em práticas de ensino” (2017), escrito em coautoria com Maria Cristina Taffarello, Geralda Oliveira Lima e Paulo Ramos, que consta da obra *Linguística textual e ensino* (a qual se volta especificamente às contribuições da LT ao ensino), que trata da leitura e da análise dos gêneros multimodais como fotografia, tira cômica, charge, anúncio publicitário e cordel.

10) A quais avanços da LT na contemporaneidade daria destaque e como vê os desafios de seu futuro?

Os avanços devem-se ao constante processo de revisão do escopo teórico-metodológico da LT. A coesão, não negada, centrou o foco nos mecanismos de referenciação. O texto em si passou a ser visto não apenas por meio de sua materialidade verbal (indícios contextuais) mas também integrado ao contexto sociocultural e a constituintes de outras modalidades (como a visual, a sonora), compondo uma produção multimodal. O próprio conceito de texto foi revisto e ampliado para

abarcam esses aspectos, incluindo produções das interações digitais. Os processos de inferenciação e de acionamento de informações de ordem cognitiva ganharam maior destaque.

As ideias do Círculo de Bakhtin também impactaram as abordagens da LT feitas no Brasil. Entendeu-se que o texto é o próprio local da interação entre os sujeitos. A concepção de gênero, compreendido como mecanismos comunicativos de estabilidade relativa construídos no processo sociocomunicativo, entrou com força nas discussões textuais e na forma como os enunciados multimodais passaram a ser trabalhados.

Influenciados pelas estratégias de persuasão discutidas por Chaïm Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca (1996), bem como pela teoria da argumentação no discurso, de Ruth Amossy (2018), os estudos da LT também têm posto em evidência atualmente as estratégias argumentativas no processamento do texto, caso das escolhas textuais a partir das quais o sujeito age sobre o seu dizer, tentando produzir impacto sobre seu interlocutor a fim de influenciar seu modo de ver e de pensar.

Entre os desafios do futuro da LT, continuam os estudos de textos multimodais em movimento e do hipertexto. Nesse caso específico, ainda que delineado constantemente, é um processo complexo que exige dos analistas o desenvolvimento de modelos teórico-analíticos para o tratamento de fenômenos linguísticos e textuais que, constituídos no contexto da

cultura digital (como mencionado na questão 5), requerem a reelaboração de conceitos e a descoberta de procedimentos capazes de dar conta dos muitos aspectos envolvidos nos processos de produção e compreensão de textos.

É preciso pontuar também que o caráter interdisciplinar dos estudos textual-discursivos conduz a desafios no que diz respeito às seleções teóricas, epistemológicas e metodológicas, principalmente quando se consideram a cognição social e a interação como indissociáveis da produção, da construção e do processamento textual-discursivo.

11) Que leituras você indicaria para quem está iniciando seus estudos na LT?

Segundo entendemos, as leituras a ser indicadas aos iniciantes aos estudos na LT são as que trazem a trajetória da constituição do campo e as que abordam os pressupostos teórico-metodológicos, buscando mostrar como eles funcionam na prática. Para isso, destacam-se:

- *Introdução à Linguística Textual*, de Ingedore Grunfeld Villaça Koch
- *Desvendando os segredos do texto*, de Ingedore Grunfeld Villaça Koch

- “O texto e suas propriedades: definindo perspectivas para a análise”, artigo publicado na revista *Contextos Linguísticos*, escrito por Mônica Magalhães Cavalcante, Mariza Angélica Paiva Brito, Valdinar Custódio Filho, Suzana Leite Cortez, Rosalice Botelho Wakim Sousa Pinto e Clemilton Lopes Pinheiro
- *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*, de Luiz Antônio Marcuschi
- *Os sentidos do texto*, de Mônica Magalhães Cavalcante
- *Ler e compreender: os sentidos do texto*, de Ingedore Villaça Koch e Vanda Maria Elias
- *Ler e escrever: estratégias de produção textual*, de Ingedore Villaça Koch e Vanda Maria Elias
- *Escrever e argumentar*, de Ingedore Villaça Koch e Vanda Maria Elias

CLEMILTON LOPES PINHEIRO

Universidade Federal do Rio
Grande do Norte (UFRN)

1) Como você chegou à Linguística Textual (LT)? Quais autores lhe serviram de inspiração?

Na minha dissertação de mestrado, defendida em 1998, eu estudei a variação das orações relativas na fala culta de Fortaleza, com base no Porcufort, *corpus* de língua falada organizado pelo professor José Lemos Monteiro (Universidade Federal do Ceará e Universidade Estadual do Ceará), nos moldes do projeto NURC. O contato com esse *corpus* me chamou a atenção para uma série de fenômenos linguísticos (turnos conversacionais, perguntas e respostas, hesitações, marcadores conversacionais, por exemplo), que à época eram bastante focalizados pelos estudos da Análise da Conversação. Isso me levou aos trabalhos do *Grupo do Texto do Projeto*

de Gramática do Português Culto Falado. Nesse contexto, eu me preparava para o doutorado e pensei na possibilidade de ampliar o estudo da variação linguística para fenômenos do texto falado como proposta de projeto de tese. Comecei, portanto, a ler sobre texto, e de forma mais pontual sobre texto falado, para poder recortar um fenômeno de natureza textual/conversacional que pudesse ser tratado sob a perspectiva da variação linguística. Nas primeiras discussões com Clélia Jubran, que foi minha orientadora de doutorado, percebi que esse projeto não era factível, pelo menos nos termos que imaginava. De fato, não consegui recortar esse fenômeno, mas já estava inserido na LT. Defendi, em 2003, tese de doutorado sobre articulação tópica.

O volume III da Gramática do Português Falado (CASTILHO, 1993) foi a principal leitura que me inspirou no campo, porque traz uma série de trabalhos sobre a natureza e a especificidade do texto falado. Foi também esse livro que me apresentou à *Perspectiva Textual-Interativa* (PTI), abordagem teórica que, hoje, fundamenta boa parte do que tento dizer sobre texto. Um autor que também me inspirou fortemente e me apresentou algumas das principais bases da LT foi Enrique Bernádez, com o livro *Introducción a la Lingüística del Texto* (BERNÁDEZ, 1982).

2) Quais de suas produções em revistas e/ou em livros impressos ou eletrônicos você destacaria?

Entre os trabalhos que tenho publicado, eu destaco um mais antigo e outro mais recente. O mais antigo é o livro *Estratégias textuais-interativas: a articulação tópica* (PINHEIRO, 2005), que é, na verdade, uma versão da minha tese de doutorado. O mais recente é o artigo *Surrounding field (los entornos), meaning, and multimodality: possibilities of Eugenio Coseriu's text linguistics*, publicado em coautoria com uma ex-orientanda de doutorado (PINHEIRO; MOREIRA, 2021). Considero que esses dois trabalhos, de alguma forma, se prestam a trazer/retomar temas fundadores para a discussão sobre texto.

3) Considerando a LT como Ciência, quais são seus procedimentos metodológicos e suas principais categorias analíticas?

Eu gostaria de não partir da consideração de que a LT é uma ciência, porque teria primeiro que definir ciência, depois ciência linguística, e situar a LT nesse contexto. É uma discussão bastante complexa que entra no campo da Filosofia da Ciência. Então, prefiro não entrar nesse mérito e tratar a LT como um ramo da Linguística (um tema fundamental da

Linguística assim como a Fonologia, a Sintaxe ou a Semântica) que recorta um dado observável da linguagem. Esse dado observável chamamos genericamente de texto (um dado observável não contemplado pelas categorias de outros ramos da Linguística: palavra e frase, por exemplo). Logo, não acho que se pode falar de procedimentos e categorias analíticas da LT, de forma generalizada, sem a delimitação da extensão do dado observável e do devido estabelecimento do objeto teórico. Aqui recorro à reflexão de Borges Neto (2004). Seguindo essa reflexão, vejo que procedimentos metodológicos e categorias de análise só podem ser estabelecidos com a delimitação de um objeto teórico. Quero dizer que nem todos os estudos de LT, porque elegem o texto, genericamente falando, como dado de pesquisa, estão tratando da mesma coisa, de um mesmo objeto teórico. Digamos que a extensão do dado observável são as construções de uma língua que ultrapassam os limites do que se estabeleceu teoricamente como frase, vistas como uma unidade significativa global fundada numa ordem própria de relações constitutivas. O objeto teórico, nesse caso, é essa unidade significativa global (que pode ser chamada de texto). Logo, as categorias de análise serão as relações constitutivas dessa unidade, que exigirão os devidos procedimentos metodológicos para identificação e análise. Se a extensão do dado observável for outra (o evento comunicacional, por exemplo), outras relações serão estabelecidas

e se configura outro objeto teórico (mesmo que ainda seja chamado de texto), e, conseqüentemente, outras categorias e outros procedimentos.

4) Considerando o texto em toda a complexidade que lhe é constitutiva e em sua multiplicidade de formas e de linguagens, como você o define?

O raciocínio que usei na resposta da questão anterior aplico aqui também. Quando se usa a construção “considerando o texto em toda sua complexidade”, pode-se sugerir que existe um fenômeno, um dado natural da linguagem, que se chama texto, identificável, pronto para ser pesquisado. Não penso que seja assim e não acho que seja possível definir texto nos termos da pergunta, porque não vejo que texto é um objeto dado *a priori*, como não é nenhum outro fato de linguagem. Penso que é preciso, primeiro, estabelecer o objeto (com base no recorte observacional e teórico) para depois identificar os traços constitutivos dessa entidade, sejam formais ou de outra natureza.

Trago, aqui, para ilustrar, a distinção que faz Eugenio Coseriu (COSERIU, 2007) entre texto-unidade e texto-nível. Se o dado observável são as estruturas de um nível das camadas de estruturação de uma língua, se configura aí um objeto

teórico, que pode ser chamado de texto: um fenômeno que pertence à estrutura de uma língua, mas que ultrapassa ou está fora dos limites da frase (é o texto-unidade). Se o dado observável é o uso individual da linguagem, independentemente de uma língua, se configura outro objeto teórico, também chamado texto (texto-nível). É possível ainda ir além dessa distinção e pensar que o dado observável é o uso individual da linguagem verbal e não verbal, e aí se configura outro objeto teórico (também chamado texto, texto multimodal, por exemplo). Em resumo, são três recortes de aspectos observáveis da linguagem (que, em alguns casos são os mesmos) com base nos quais são reconhecidos predicados e relações, que, por sua vez, configuraram objetos diferentes (designados com o mesmo termo: texto). Como são objetos diferentes, embora construídos com base em dados observacionais semelhantes, haverá também definições diferentes. Todos esses aspectos não dizem respeito à complexidade do texto (que é, antes de tudo, uma entidade teórica), mas à complexidade da linguagem.

Faço questão de destacar que cada um desses objetos (texto-unidade, texto-nível, texto multimodal) tem seu próprio nível de complexidade, e um não exclui o outro, um não é mais completo ou menos completo, mais amplo ou menos amplo. Cada um constitui um recorte de um mesmo dado

observável: uma porção da realidade da linguagem que se apresenta aos olhos do pesquisador.

5) O que é o hipertexto? Como você o define? Quais desafios teórico-metodológicos você indicaria para a análise de textos em contexto digital?

Embora a noção de hipertexto tenha sido proposta no contexto da informática para se referir à forma não linear de ler/escrever, sou adepto da ideia de que a leitura não linear e multilinear não é um traço específico da linguagem usada nos suportes digitais. Então, para mim, hipertexto é um fenômeno relativo sobretudo à ordem variável ou à opção de leitura de textos (se pensarmos apenas no texto escrito), e de relação entre textos. No ambiente digital, esse fenômeno é muito mais latente e mobiliza diferentes recursos e maiores possibilidades de escolhas de percursos de leitura/escrita, e de organização de redes de textos. Penso que um desafio teórico-metodológico nesse campo seja o estabelecimento do que há de geral (não linearidade/multilinearidade) em todos os textos e o que há de específico no tecnotexto (texto nativo do ambiente digital) no que diz respeito à hipertextualidade. Há ainda que considerar os textos não impressos que têm o ambiente digital apenas como suporte. São contextos diferentes (texto impresso, texto no ambiente digital como suporte, texto digital nativo) em

que o hipertexto aparece, com características comuns, mas também diferentes.

6) Quais são as preocupações específicas da LT que a diferenciam de outras teorias do texto?

Como disse na resposta à pergunta de número 3, eu vejo a LT como um ramo da Linguística. Se eu entendo, mesmo de forma muito geral, teoria como um conjunto organizado de princípios, regras e leis científicas que objetivam a compreensão de um fenômeno, não acho apropriado chamar a LT de teoria. Teríamos que entrar em uma discussão mais ampla sobre a noção de teoria, mas, como já disse, não penso que haja um fenômeno dado *a priori* a que se pode chamar de texto e que constitui o objeto de uma teoria. O termo texto é usado para designar diferentes entidades teóricas em torno das quais se formam diferentes teorias (conjunto de princípios, regras e leis científicas). Assim, como são diferentes entidades teóricas, eu diria que a LT abriga diferentes teorias.

A PTI (JUBRAN, 2006), para mim, é uma dessas teorias, para dar apenas um exemplo. Essa teoria recorta a interação verbal como dado observável da linguagem, identifica aí um sistema de desempenho linguístico (constituído de subsistemas: o fonológico, o morfossintático e o textual), reconhece

relações e predicados e concebe uma entidade teórica: o texto (um subsistema do desempenho linguístico). Para estudar esse objeto (esse subsistema), são propostos procedimentos e categorias.

Outros ramos da Linguística, assim como outras disciplinas de outros campos do conhecimento, recorrem à noção de texto (como entidade teórica ou não), mas nem todos propõem teorias do texto. Penso, por exemplo, na chamada Análise do Discurso Francesa (AD), basicamente a dos anos 1970. É uma teoria que recorre à noção de texto, mas não se pode dizer, penso eu, que se trata de uma teoria do texto.

7) Pesquisar implica não só ter o conhecimento de conceitos e de procedimentos analíticos mas também saber as possibilidades de seu campo de investigação. Poderia ressaltar delimitações bem como interfaces da LT?

Quando considero alguns dos principais textos fundadores da LT, Coseriu (1969), Hallyday e Hasan (1976), Beaugrande e Dressler (1981), por exemplo, percebo que eles chamam a atenção para um aspecto da linguagem de natureza diferente de outros aspectos que configuraram temas fundamentais de ramos da Linguística bastante explorados e desenvolvidos: fonética, morfologia, sintaxe, semântica. Esse aspecto da

linguagem (que, de maneira geral, eu definiria pela negação: não é som, morfema, palavra, nem construção sintática, em seus aspectos formais ou funcionais), para mim, delimita o foco de interesse da LT. Com base nesses textos fundadores, posso ver que alguns linguistas observaram a linguagem e perceberam um aspecto do seu funcionamento enquanto outros até então haviam observado e concebido como estruturas e camadas idiomáticas. Esse aspecto observável é um todo, também estruturado, mas de outra forma, e ligado ao ambiente no qual se encontra: é o objeto observacional comum à LT, que pode ser chamado de texto mas também de discurso. Com o tempo, as diferentes facetas desse objeto foram sendo consideradas mais de perto e de forma mais pontual e foram se configurando diversas entidades teóricas: coerência, referenciação, intertextualidade, por exemplo.

Interface, para mim, é a tentativa de estabelecer uma conexão entre coisas distintas. Trata-se, a meu ver, de uma tarefa bastante difícil de executar na pesquisa científica (e de forma particular na pesquisa de fatos de linguagem), porque se corre o risco de se tentar conectar categorias e objetos sem o devido cuidado de saber se são, de fato, teoricamente relacionáveis. Interface, para mim, não é justapor categorias e procedimentos analíticos de campos distintos. Se esse cuidado é tomado, penso que a LT apresenta grande potencial

de interfaces sobretudo com outros campos das ciências humanas. Os diferentes esquemas teóricos desenvolvidos pela LT podem ser aplicados à clarificação de muitas questões da experiência humana. Apenas para dar um exemplo, usando um tema do meu interesse, penso na interface entre o esquema teórico que considera a topicalidade como princípio de organização do texto e a Psicologia, para a discussão sobre uma base psicológica significativa da complexidade do texto.

8) Frutíferos diálogos interdisciplinares têm possibilitado aos estudiosos do texto uma ampliação do quadro conceitual-analítico da LT. No estabelecimento dessas interfaces, conceitos podem ser reinterpretados. Nesse sentido, qual a concepção de interação, sujeito, discurso e cognição na LT?

Recorro ao mesmo raciocínio empregado nas respostas anteriores para dizer que não concordo com a ideia de “interpretação de conceitos”. Conceito, para mim, tem a ver com uma entidade teórica, uma construção que toma como base relações/predicações de um dado observável. Isso não é, na minha visão, interpretação, mas estabelecimento de objeto teórico. Os objetos teóricos são nomeados para ser manipulados pelo analista, e alguns objetos, em alguns casos, podem ser nomeados com o mesmo termo (texto, discurso, sujeito, interação e muitos outros). Não acho que

isso seja interpretação. Sujeito, por exemplo, é um termo que designa diferentes objetos teóricos, seja na Linguística, seja em outras ciências. Como já disse, eu não penso que a LT envolve um único objeto teórico, logo, antes de tentar estabelecer alguma concepção, de interação, de sujeito, de discurso ou de cognição, penso que é preciso, antes de tudo, marcar o recorte. Se o objeto que um trabalho recorta é, por um lado, o texto-unidade, como citei na resposta 04, ou seja, um fenômeno gramatical, não é pertinente conceito algum que se aproxime de “sujeito”, “interação” ou “cognição”. Por outro lado, se o objeto é o texto-nível, “sujeito”, “interação” e “cognição” se configuram como tipos de entornos, condições de realização do texto, que também pode ser entendido como discurso, ou seja, uso individual da linguagem.

9) Dos resultados de seus trabalhos, seria possível indicar contribuições para o ensino?

Em alguns dos meus trabalhos, realizo estudos sobre a topicalidade, um princípio de organização textual com base no qual falo sobre gestão do tópico discursivo e estratégias de articulação tópica, por exemplo. Como exploram a organização textual, esses estudos podem ser úteis para fundamentar atividades de leitura e escrita, seja no ensino básico seja no

ensino superior. Eu mesmo já publiquei alguns artigos nesse sentido.

Tenho trabalhado também com o quadro teórico proposto por Eugenio Coseriu, com base no qual se pode operar empiricamente com a interpretação do sentido do texto. O próprio Coseriu vê como possibilidade de desenvolvimento desse quadro “uma educação para a compreensão”. Acho que temos, também nesse caso, uma rica contribuição para o ensino: tomar a ideia de “educação para a compreensão” e com base nela desenhar um dispositivo de ensino de leitura/escrita.

10) A quais avanços da LT na contemporaneidade daria destaque e como vê os desafios de seu futuro?

Tomando como base o que fazemos, atualmente, no Brasil, no que diz respeito aos estudos do texto, vejo que temos mobilizado diferentes noções de texto e olhado para diferentes parâmetros textual-discursivos com diferentes objetivos. Desse movimento, tem resultado um número grande de trabalhos descritivos/analíticos que conduzem à compreensão de muita coisa da complexidade desse aspecto da linguagem. Para mim, esse é um dos grandes avanços da LT. Parece, no entanto, que chegamos a ponto inflacionário de reprodução

de estudos descritivo-analíticos e experimentos para corroborar ou provar consequências observacionais de propostas teóricas. Não quero dizer que isso é uma coisa negativa, mas acho que chegou um momento em que é preciso organizar esse conhecimento já produzido e promover, criticamente, avanços, conhecimento novo. Há, hoje, um conjunto grande de conhecimentos agrupados sob o rótulo de LT, que reúne pontos de vista teórico muito diversos, e que precisa ser organizado. Vejo, portanto, como um dos desafios da LT o avanço nas suas proposições teóricas.

11) Que leituras você indicaria para quem está iniciando seus estudos na LT?

Acho que, para se iniciar em um campo de estudo, o ideal é começar pela leitura dos textos fundadores. No entanto, no que diz respeito aos estudos de LT, reconheço que essa situação ideal não é a mais fácil, primeiro, pela dificuldade de se estabelecer quais são os textos fundadores (o surgimento do ramo não é linear nem no tempo nem no espaço); segundo, porque boa parte desses textos está em língua estrangeira ou não é facilmente acessada nas livrarias ou bibliotecas. Penso, por exemplo, em *Cohesion in English* (HALLIDAY; HASAN, 1976): obra fundadora essencial para a LT, mas nunca traduzida para o português. Penso igualmente em *Introduction*

to Text Linguistics (BEAUGRANDE; DRESSER, 1981), *La ciencia del texto* (VAN DIJK, 1976) e *Lingüística del texto: introducción a la hermenêutica del sentido* (COSERIU, 2007). Não sendo possível acessar ou ler essas obras, eu começaria por *Linguística de Texto: o que é e como se faz* (MARCUSHI, 2012), um manual introdutório; e *Introdução aos problemas da coerência dos textos* (CHARROLES, 1997), tradução de artigo publicado, em francês, em 1978, na revista *Langue Française*.

FABIO ANDRÉ CARDOSO COELHO

Universidade Federal Fluminense (UFF)

1) Como você chegou à Linguística Textual (LT)? Quais autores lhe serviram de inspiração?

Antes de falar mais especificamente sobre a Linguística Textual e os autores mais marcantes na minha trajetória acadêmica, é válido pontuar como meu percurso profissional foi sendo traçado na perspectiva do ensino de Língua Portuguesa e das questões textuais. O ingresso na primeira universidade pública, em 2011 (UFRRJ - meu primeiro concurso), se deu na área de Ensino de Língua Materna e tive a oportunidade de elaborar ementas que contemplavam o desejo de promover reflexões e análises sobre a sala de aula, o papel do professor de Língua Portuguesa, a responsabilidade nas escolhas dos textos, nas propostas metodológicas e as questões relacionadas à leitura e à escrita. Para isso, a seleção dos referenciais teóricos

marcou decisivamente os encontros com os alunos, futuros professores. Irandé Antunes, Ingedore Koch, Vanda Elias, Luiz Antônio Marcuschi, João Wanderley Geraldi foram os primeiros que ocuparam um espaço de destaque em minhas leituras e aulas.

De 2015 a 2018, minhas atividades profissionais e acadêmicas se deram na UERJ, na área de Língua Portuguesa, e aquilo que havia sido iniciado na UFRRJ pôde ter a sua continuidade na nova universidade, por meio das disciplinas lecionadas, objetivando sempre as questões do ensino de Língua Portuguesa com ênfase nos aspectos relacionados ao Texto. Foram experiências marcantes envolvendo, além das disciplinas de Teorias do Texto, Oficinas e Eventos que puderam promover discussões sobre Leitura, Escrita e Ensino.

Desde 2018, estou na UFF, na área de Língua Portuguesa, e permaneço com minhas pesquisas e estudos voltados para as relações entre a Linguística Textual e o Ensino, na graduação e pós-graduação. Em 2019, surgiu a oportunidade de criar o Grupo de Estudos e Pesquisas em Linguística Textual (GEPELT-UFF), cadastrá-lo no CNPq e, a partir dessa iniciativa, alguns alunos e egressos da Pós-Graduação em Estudos de Linguagem (*Stricto Sensu*) têm participado efetivamente das atividades do grupo. Algumas pesquisas (mestrado e doutorado) já foram orientadas, exclusivamente, no campo

da Linguística Textual, e temos outras em andamento, no intuito de fortalecermos, cada vez mais, os laços da nossa área, na Universidade Federal Fluminense (UFF).

Nessa trajetória linguística, devo destacar o início de tudo: minhas pesquisas se voltaram para os estudos do texto, de fato, a partir do contato com as publicações de Irandé Antunes. Esse foi o início de tudo. As leituras de seus livros ampliaram meus horizontes acerca das possibilidades de análises textuais. A partir dela, outras bibliografias se descortinaram para que minhas pesquisas se direcionassem com um olhar mais atento, crítico e analítico para os textos em geral. A preocupação da autora com o ensino de Língua Portuguesa foi um dos grandes motivos para aumentar minha sede de leituras acerca do tema. Seus livros trazem uma linguagem que aproxima o leitor dos assuntos abordados e percebo que isso viabiliza uma leitura mais prazerosa e ao mesmo tempo instigante e questionadora por parte do professor. Falar dessa professora e pesquisadora em relação à minha vida acadêmica é apontá-la como um marco e uma espécie de farol que me direciona e me ilumina a cada dia nas tarefas que exerço em sala de aula e nos espaços universitários. Em 2016, tive a honra e o prazer de conhecer essa que sempre foi a minha primeira referência na Linguística Textual, no ensino de Língua Portuguesa: a Profa. Irandé Antunes. A meu convite, ela participou do I

Congresso Internacional de Ensino de Língua Portuguesa (CONELP), na UERJ, organizado por mim e pelo colega Jefferson Evaristo do Nascimento Silva (UERJ) e a amizade com essa magnífica professora perdura até os dias atuais. Ela, os demais já citados e outros nomes (Mônica Cavalcante, Sueli Marquesi, Leonor Werneck, Ana Lúcia Tinoco Cabral e outros) formam uma espécie de “rosário linguístico” a quem recorro sempre, na busca pelo amparo a minhas indagações e reflexões sobre a nossa língua.

Dentre todos os nomes já citados, tenho a honra de destacar o da Profa. Vanda Elias, minha Supervisora de Pós-Doutorado, a quem serei grato pelas muitas interlocuções e oportunidades de aprendizado, nos dois últimos anos. A pandemia do Coronavírus nos trouxe muitos percalços, tive de repensar todo o planejamento de pesquisa, mas tive sempre o apoio de que necessitava para não esmorecer e seguir em frente. Irandé Antunes e Vanda Elias são nomes para serem guardados “debaixo de sete chaves, dentro do coração”. Registro aqui minha imensa satisfação em trilhar minha trajetória acadêmica nos caminhos da Linguística Textual.

2) Quais são suas produções em revistas e/ou em livros impressos ou eletrônicos mais relevantes na LT?

Para uma apresentação mais clara e sistemática, tratarei de apresentar as produções por categorias e serão apontadas as mais relevantes dos últimos seis anos. Iniciarei elencando os livros impressos. Em 2016, publiquei o livro *Ensino de Produção Textual* (organizado com Roza Palomanes), pela Editora Contexto. Nessa obra, tivemos a oportunidade de contar com textos de Luiz Carlos Travaglia, Leonor Werneck, Irandé Antunes e outros. Em 2018, organizei o *Ensino de Língua Portuguesa – Teorias e Práticas, Volumes I e II* (em parceria com Jefferson Evaristo do Nascimento Silva), pela Editora Telha. Em 2022, a coleção se expande e publico *Ensino de Língua Portuguesa – Fundamentos e Aplicações, Volume III* (organizado com Jefferson Evaristo do Nascimento Silva), também pela Editora Telha. Essa coleção é fruto do I e II Congresso Internacional de Ensino de Língua Portuguesa (CONELP), na UERJ, organizados por mim e pelo colega que assina os três volumes comigo.

Com relação aos artigos publicados, destaco, em 2020, *Ingedore e Marcuschi na 'virada textual' das aulas de Língua Portuguesa*, escrito em parceria com Beatriz Feres, pela Revista Seda/UFRRJ, volume 5, uma homenagem aos grandes pesquisadores, Ingedore Koch e Luiz Antônio Marcuschi. No ano de

2022, apresento *Intertextualidade e Argumentação em textos de mídia digital*, escrito em parceria com Evandro Catelão e Herbertt Neves, para a Revista *Investigações* (UFPE), num volume dedicado aos estudos em Linguística Textual com as participações dos integrantes do GT Linguística de Texto e Análise da Conversação (Anpoll).

Quanto aos *e-books*, em 2017 e 2018, participei da organização de seis volumes da Coleção Língua Portuguesa e Ensino, frutos do I Congresso Internacional de Ensino de Língua Portuguesa (Conelp), na UERJ, todos publicados pela Dialogarts UERJ. Além de Jefferson Evaristo do Nascimento Silva, tive a parceria de outras colegas nas organizações de cada *e-book* a seguir: *PIBID, Políticas Públicas e Ensino de Língua Portuguesa – Volume 1* (Fabio André Coelho e Jefferson Evaristo do Nascimento Silva), *Formação de Professores: da teoria à prática – Volume 2* (Fabio André Coelho, Jefferson Evaristo do Nascimento Silva e Magda Bahia Schlee Fernandes), *Literatura, Leitura e Gêneros Textuais - Contribuições do/ao ensino de língua portuguesa – Volume 3* (Fabio André Coelho, Jefferson Evaristo do Nascimento Silva e Lúcia Deborah Araújo), *Ensino de Língua Portuguesa em Diferentes Contextos: discussões e práticas – Volume 4* (Fabio André Coelho, Jefferson Evaristo do Nascimento Silva e Michele Alonso), *Materiais Didáticos, Gêneros Textuais*

e Experiências Didáticas no Ensino de Língua Portuguesa - Volume 5 (Fabio André Coelho, Jefferson Evaristo do Nascimento Silva e Denise Salim Santos) e *Descrição e Ensino de Língua Portuguesa: temas contemporâneos* – Volume 6 (Fabio André Coelho, Jefferson Evaristo do Nascimento Silva e André Nemi Conforte).

No tocante a capítulos de livros e de *e-books*, em 2016, escrevi “As Perspectivas dos PCN para o Ensino Reflexivo da Língua e da Produção de Textos”, no livro *Ensino de Produção Textual*, organizado por mim e Roza Palomanes, pela Editora Contexto. Em 2017, participei do livro *Caminhos para Educação Linguística*, organizado por Eleone Ferraz de Assis, pela Pontes Editores, com o capítulo “As Orientações Curriculares do Ensino Médio, As Práticas de Linguagem e a Formação do Professor” e do livro *Língua Portuguesa – Teorias linguísticas e Práticas Discursivas*, organizado por Alexandre Batista Silva, Ana Cristina dos Santos Malfacini e Mayara Nicolau Paula, pela Brasil Multicultural, com o capítulo “Ensino produtivo da língua portuguesa - reflexões e práticas”. No ano de 2018, em homenagem à Professora Irlandé Antunes, escrevi “Um recado à moda Irlandé sobre o ensino da língua e da produção textual”, no livro *Ensino de Língua Portuguesa - Teorias e Práticas Vol. I*, organizado por mim e Jefferson Evaristo do Nascimento Silva, pela Telha Editora.

O ano de 2020 foi bastante produtivo e várias foram as possibilidades de parcerias e publicações com temáticas ligadas à Linguística Textual e Ensino. Dentre elas, destaco, em parceria com Janine Rocha e Ivana Andrade, “A multimodalidade na leitura dos gêneros digitais: o infográfico digital como estratégia pedagógica”, no *e-book Pesquisas em Análise do Discurso, Multimodalidade & Ensino: debates teóricos e metodológicos*, organizado por Francisco Jeimes de Oliveira Paiva e Ana Maria Pereira Lima, pela Pedro & João Editores; “Práticas de Leitura nas aulas de Língua Portuguesa: um processo dinâmico de construção de sentidos à luz da Linguística Textual”, no *e-book Língua Portuguesa e Ensino: múltiplos olhares na (e para além da) sala de aula*, organizado por Wallace Dantas, pela Editora Bordô-Grená. Nesse mesmo livro, em parceria com o organizador Wallace Dantas, temos o capítulo “Língua Portuguesa e Ensino”.

Há três publicações em coautoria com Janine Rocha, “Um passeio pelo percurso do ensino da escrita”, no *e-book Linguagem em diálogo com a sociedade: Teorias do texto, do discurso e da tradução*, organizado por Ivo da Costa Rosário e Ilana da Silva Rebello, pela Pedro & João Editores e “Do plano de voo à atividade textual: as etapas do processo da escrita” (versão digital e impressa), no livro e no *e-book Escrita criativa e ensino II: diferentes perspectivas teórico-metodológicas e*

seus impactos na educação literária, organizado por Aduino Locatelli Taufer, Diógenes Buenos Aires de Carvalho, Luiz Antônio de Assis Brasil e Paulo Ricardo Kralik Angelini, pela Paco Editorial.

No livro *Discurso e Argumentação: tecendo os efeitos de sentido*, organizado por Esther Gomes de Oliveira, Isabel Cristina Cordeiro, Rosemeri Passos Baltazar Machado e Suzete Silva, tive a honra de dividir o capítulo “Argumentação em produções hipertextuais: conexões e sentidos” com Vanda Elias e Rivaldo Capistrano Júnior, pela Pontes Editores. Como produção de autoria única, publiquei “Processos de construção de textos na escola: afinal de contas, quem sabe escrever?” (versão digital e impressa), no livro e no *e-book Fundamentos e Métodos para o ensino de Língua Portuguesa*, organizado por Ivo da Costa Rosário e Monclar Guimarães Lopes, pela EDUFRO. Em 2022, temos “O ensino da escrita e o percurso do processo textual-argumentativo”, em parceria com Janine Rocha (no prelo), no livro *Escrever para (con)vencer: teorias e práticas sobre Argumentação*, organizado por Margareth Andrade Moraes e Rafael Guimarães Nogueira, publicado pela Editora do IFRJ.

3) Considerando a LT como Ciência, quais são seus procedimentos metodológicos e suas principais categorias analíticas?

Penso que uma das grandes contribuições do professor de Língua Portuguesa é propiciar ao aluno uma maior compreensão das propriedades textual-discursivas para a visibilidade de toda a complexidade existente entre o linguístico, o cognitivo, o contextual e o textual, para a construção de uma leitura e de uma escrita mais conscientes dos mecanismos linguísticos, visando ao entendimento e ao uso dos fenômenos linguístico-textuais. A partir dessa reflexão, tenho me debruçado, principalmente, nos estudos sobre os fatores de textualidade, a argumentação, a multimodalidade e os elementos norteadores das práticas de leitura e de escrita, todos eles relacionados ao ensino. É possível analisar esses tópicos textuais a partir das ligações entre as partes e os elementos que constroem o todo textual. Por meio das análises, podemos realizar críticas construtivas acerca da manipulação desses temas, na tentativa de demonstrar a estruturação organizada dos elementos textuais que possibilita a visão de uma unidade de sentido e não um emaranhado de frases e palavras soltas. Além disso, percebemos a potencialidade expressiva de cada categoria analítica e a adoção de procedimentos que tendem a viabilizar

cada estudo e pesquisa num domínio baseado na experiência e observação dos fenômenos linguístico-textuais.

Do ponto de vista do método, a abordagem qualitativa tem sido a nossa principal orientação metodológica objetivando repensar a funcionalidade dos modelos, dos padrões e o caráter epistêmico, observando as relações entre o sujeito e o objeto de análise. No campo textual-discursivo, essa abordagem tem sido amplamente utilizada por pesquisadores, mas há de se destacar a importância do método quantitativo, no tocante à caracterização das ocorrências linguísticas não apenas para uma mera contagem mas também para uma observação da expressividade de usos. Dessa forma, reiteramos as possibilidades de utilização de ambos os métodos, a depender dos objetivos de cada pesquisa. Chamamos a atenção do que Marcuschi (2001) nomeia como *continuum* entre as abordagens ao se perceber que determinada investigação seguiu uma análise qualitativa, mas também recorreu à enumeração, ao cômputo de ocorrências linguísticas com certa finalidade. Nesses casos, entendemos que um método se associa a outro para conjuntamente reiterar as impressões e os registros das pesquisas.

4) Considerando o texto em toda a complexidade que lhe é constitutiva e em sua multiplicidade de formas e de linguagens, como você o define?

Parto da premissa de Koch ao tratar os textos como formas de cognição social. Nessa esteira de pensamento, consagramos os textos como instrumentos utilizados para o homem organizar cognitivamente o mundo e as coisas que nele estão presentes. Por meio deles, o homem se revela e se posiciona nas relações sociais, delimita suas interações, apresenta os conhecimentos adquiridos ao longo de sua existência. É Beaugrande e Dressler (1981) quem nos inspira a considerar o texto como um constructo associado às operações que o associam às unidades morfológicas, às sentenças e aos sentidos de uma dada situação comunicativa. Marcuschi (2012) afirma que o texto está submetido a controles e estabilizadores externos e internos e reitera que a LT não deve considerar apenas uma visão estrutural da língua para afirmar a produção, a estabilidade e o funcionamento do texto. Com base nessas reflexões, chegamos à visão de texto como um artefato que se interliga em vários espaços e sentidos configurado num hermético processo de mapeamento cognitivo de elementos presentes no ato comunicativo.

5) Quais são as preocupações específicas da LT que a diferenciam de outras teorias do texto?

Muitos pesquisadores da Linguística Textual, ao longo das últimas décadas, vêm se debruçando em questões associadas às investigações na área da cognição, da sociocognição e interação, dos estudos sobre os processamentos do texto e a produção do conhecimento, entre outras. Isso tem demonstrado a tentativa da construção de uma concepção de texto renovada, atualizada e preocupada com relação aos meios de representação do conhecimento que se apresentam nos últimos tempos.

Nesse sentido, ancoramos nosso pensamento nas discussões propostas por Koch, em vários de seus textos, trazendo a ideia de uma ciência transdisciplinar do texto e do discurso. Pensar assim é entendê-la não como um somatório, uma simples junção de disciplinas, de conceitos, mas é ter a preocupação de refletir como os conhecimentos são organizados e contextualizados. Além disso, analisar em que medida os limites entre os objetos de estudos são estabelecidos e compreendidos em suas pormenoridades e totalidades. Ao apontarmos que o texto é um evento comunicativo em que convergem ações linguísticas, cognitivas e sociais (e isso tem sido reiterado por inúmeros pesquisadores e autores), determinamos essa premissa para a LT na atualidade, configurando,

assim, a importância do acionamento dos sujeitos e de seus conhecimentos no plano das interações. É tratar de pensar, assim como Koch, que um texto só existe se alguém o processá-lo como tal. É também perceber, como Marcuschi, que a LT tem como centro de suas atenções as relações dinâmicas entre a teoria e a prática, entre o processamento cognitivo e o uso do texto.

6) Pesquisar implica não só ter o conhecimento de conceitos e de procedimentos analíticos mas também saber as possibilidades de seu campo de investigação. Poderia ressaltar delimitações bem como interfaces da LT?

Assim como alguns autores, em especial Koch, percebo a Linguística Textual como uma espécie de ponto de passagem e, ao mesmo tempo, ponto de partida para variadas direções. Esse pensamento aponta a LT para um universo muito amplo e profícuo de discussões teóricas colocando-a para além de ser parte integrante da Ciência da Linguagem. É tratar de considerar a Ciência ou Linguística de Texto como uma “ciência integrativa” (ANTOS; TIETZ, 1997). Isso, ao longo das últimas décadas, se confirma pela quantidade de pesquisas com propostas de diálogos entre a Linguística Textual e outras áreas de conhecimento: Comunicação, Educação,

Tecnologias Digitais, Antropologia, Filosofia, Cognição, Cultura e tantas outras.

A Linguística Textual, por trabalhar com e sobre a linguagem, disponibiliza os instrumentos necessários e cabíveis para estudarmos os fenômenos da textualidade, nos seus mais variados acontecimentos. Por meio dos elementos de análise textual circunscritos em sua essência e em seu desenvolvimento, podemos realizar uma exposição detalhada do funcionamento dos textos e assim compreender que ele apresenta novos significados às palavras e ao universo dos sujeitos. Acredito que essa orientação permeará as delimitações e as interfaces de outros campos do saber com a LT, promovendo o surgimento de novos estudos, novas percepções textuais e uma possível revisitação conceitual, no sentido de sua renovação e ampliação.

7) Frutíferos diálogos interdisciplinares têm possibilitado aos estudiosos do texto uma ampliação do quadro conceitual-analítico da LT. No estabelecimento dessas interfaces, conceitos podem ser reinterpretados. Nesse sentido, qual a concepção de interação, sujeito, discurso e cognição na LT?

Primeiramente, acredito que tais conceitos estejam intrinsecamente relacionados no tocante à Linguística Textual. As relações textual-discursivas são realizadas com base no

estabelecimento das concepções interpretadas de cada um desses conceitos (interação, sujeito, discurso e cognição). É Bakhtin (1979) quem nos aponta a noção de um sujeito social histórica e ideologicamente situado, constituído nas interações com outros sujeitos. Entendemos que a realização deles se concretiza à medida que a interação acontece, construindo, dinamicamente com a alteridade, uma identidade/subjetividade. Importante é frisar a visão de sujeito histórico-social que interage com outros discursos, de que toma para si ou se coloca (ou é colocado) para construir sua fala. Acredito, assim como Koch (2006), que a concepção de sujeito na linguagem terá sua variação de acordo com a concepção de língua adotada. Não discorreremos aqui sobre tais concepções de língua, mas apenas ressaltamos a devida relevância para considerações sobre o tema.

No que se refere à interação, é também Bakhtin quem nos esclarece que ela constitui a realidade fundamental da linguagem. Temos, assim, o diálogo, numa perspectiva mais ampla, como instrumento marcante e caracterizador da linguagem, à medida que se apresenta como um fenômeno social revelado nas enunciações.

Quanto ao discurso, há que se registrar a pertinência de inúmeras considerações conceituais, mas destaco uma delas advinda de Marcuschi (2008), quando ressalta que não é

interessante distinguirmos rigidamente texto e discurso por perceber um *continuum* entre esses dois conceitos numa espécie de condicionamento mútuo. Percebo uma complementaridade da atividade enunciativa considerando o discurso como “objeto de dizer” (a enunciação) e o texto como “objeto de figura” (no plano da esquematização/a configuração). A partir dessa perspectiva *lato sensu*, abre-se um vasto campo de análises à escolha de qualquer pesquisador da área.

No campo da cognição, entendemos a importância das questões que tratam do processamento do texto, da sua produção e compreensão, da representatividade dos saberes, da memória, dos sistemas de conhecimento, das estratégias sociocognitivas e interacionais na constituição dos estudos na área. No campo dos teóricos, destaco van Dijk trazendo, no início dos anos 1980, contribuições para uma abordagem cognitiva do texto operando na interface da relação entre discurso e sociedade. Segundo o autor, e assim também acredito, não há como imaginar uma proposta teórica social sem os aspectos cognitivos, bem como uma conceituação cognitiva isenta de uma correlação social.

8) Dos resultados de seus trabalhos, seria possível indicar contribuições para o ensino?

Como dito logo no início da entrevista, meu percurso acadêmico-profissional sempre manteve relações e preocupações com o ensino. Por todo o tempo que tenho de magistério superior (23 anos) e educação básica (11 anos), minhas atenções estiveram voltadas, de alguma forma, para as questões das práticas de Língua Portuguesa. Sempre afirmei que precisamos das teorias, mas que elas, por si só, não sobrevivem, quando tratamos do ato de professorar. Entendo que mais do que saber algum conceito é saber dizê-lo com o cuidado para que o outro aprenda de forma clara e aprenda para a vida. Acredito que todas as obras mencionadas na questão 2 apresentam contribuições encaminhando o leitor para reflexões sobre as possibilidades de abordagens e de aplicação dos temas tratados. Em cada texto, alguns em coautoria e outros individualmente, intentou-se analisar algum ponto teórico e, minimamente, provocar algum pensamento sobre sua realização em sala de aula firmando, assim, uma “ponte” com o ensino.

9) A quais avanços da LT na contemporaneidade daria destaque e como vê os desafios de seu futuro?

Tomo aqui como base, para essa reflexão, as palavras de Koch (2006), no sentido mais amplo, ao nos fazer pensar na capacidade de o homem poder organizar cognitivamente o mundo. É por meio dos textos que os sujeitos objetivam e subjetivam as representações, produzem, preservam e transmitem seus conhecimentos, conseguem perceber o real e o implícito e nos provam que sociocognitivamente existem. “O mundo não para”. Talvez possamos associar essa frase ao fato de precisarmos, a todo instante, de novas e variadas denominações para as representações do conhecimento, seja ele qual for. É a prova de que, no mundo, os textos, assim como os sujeitos, estão em permanente evolução.

Num sentido mais estrito, há de se destacar ainda o olhar para o texto como objeto central do ensino de Língua Portuguesa, por meio das variadas formas de leitura e de produção de textos. É pensar que a sala de aula é o lugar de reflexão sobre o uso e o funcionamento dos mecanismos linguísticos próprios das interações sociais, os quais se apresentam como instrumentos para as construções dos sentidos.

Nesse direcionamento, destaco, sob a perspectiva socio-cognitiva, os trabalhos com a multimodalidade, a coerência, o hipertexto, a referência, o contexto e tantos outros temas tão desafiadores no sentido da pesquisa e do olhar investigativo. Há de se ressaltar as contribuições de muitos estudiosos e

pesquisadores de vários temas associados à Linguística textual no sentido da elaboração/criação de novos modelos teórico-analíticos para a observação dos fenômenos linguísticos que se apresentam a cada dia, em cada nova pesquisa sobre texto.

Na agenda atual de estudos da Linguística Textual e numa perspectiva futura, compreendo que um dos grandes desafios se concentra no repensar dos conceitos e na organização das técnicas, dos métodos, dos processos que norteiam e envolvem nossa conduta diante das análises textuais. Além disso, há de se ter especial atenção no envolvimento dos variados parâmetros, das propriedades e das singularidades presentes nos processos de compreensão e de produção dos textos.

10) Que leituras você indicaria para quem está iniciando seus estudos na LT?

Desde o seu surgimento, a Linguística Textual tem adquirido obras de grande importância para a consolidação dos seus estudos e de suas pesquisas. Tratarei de apontar algumas, agrupando-as por autor. Essas, a meu ver, merecem destaque para os estudos iniciais da nossa área:

Ana Lúcia Tinoco Cabral

- A força das palavras: dizer e argumentar. São Paulo: Contexto, 2010.

Anna Christina Bentes.

- A Linguística Textual. *In*: Mussalin e Bentes (org.). Introdução à Linguística, vol. I, São Paulo: Cortez, 2000.

Fabio André Cardoso Coelho e Roza Palomanes

- Ensino de produção textual. São Paulo: Contexto, 2016.

Ingedore G. Villaça Koch

- A Coesão Textual. São Paulo: Contexto, 1989.
- A Inter-ação pela Linguagem. São Paulo: Contexto, 1992.
- O Texto e a Construção dos Sentidos. São Paulo: Contexto, 1997.
- Desvendando os Segredos do Texto. São Paulo: Cortez, 2002.
- Introdução à Linguística Textual. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- Koch e Fávero. Linguística Textual: Introdução. São Paulo: Cortez, 1983.

- Koch e Travaglia. Texto e Coerência. São Paulo: Cortez, 1989.
- Koch e Travaglia. A Coerência Textual. São Paulo: Contexto, 1990.
- Vilela e Koch. Gramática da Língua Portuguesa. Coimbra: Almedina, 2001.
- Koch e Elias. Ler e compreender: os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2006.
- Koch e Elias. Ler e escrever: estratégias de produção textual. São Paulo: Contexto, 2011.
- Koch e Elias. Escrever e argumentar. São Paulo: Contexto, 2018.

Irané Antunes

- Aula de português: encontro & interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- Lutar com Palavras. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- Língua, texto e ensino: outra escola possível. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- Textualidade: noções básicas e implicações pedagógicas. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

Leonor Lopes Fávero

- Coesão e coerência textuais. São Paulo: Ática, 1991.

Leonor Werneck Santos, Rosa Cuba Riche e Cláudia Souza Teixeira

- Análise e produção de textos. São Paulo: Contexto, 2012.

Luiz Antônio Marcuschi.

- Produção textual, análise de gêneros e compreensão. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- Linguística de Texto: o que é e como se faz. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

Maria da Graça Costa Val.

- Redação e textualidade. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

Mônica Magalhães Cavalcante

- Os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2012.

Robert-Alain de Beaugrande.

- New foundations for a science of text and discourse: cognition, communication, and the freedom of access do knowledge and society. Norwood: Ablex publishing corporation, 1997.

Robert-Alain de Beaugrande e Wolfgang Dressler

- Introduction to text linguistics. Londres: Longman, 1981.

LEONOR WERNECK DOS SANTOS

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

1) Como você chegou à Linguística Textual (LT)? Quais autores lhe serviram de inspiração?

Tive sorte, muita sorte mesmo, de ter sido aluna de Linguística do saudoso Prof. Dr. Luiz Marques de Souza – de quem sempre me recordo e a quem sempre agradeço, em lembrança –, ainda na década de 1980, na graduação. Na UFRJ, naquela época (entre 1987 e 1992), Luiz Marques já falava de coesão e coerência, citando Ingedore Koch, Leonor Lopes Fávero, Luiz Antonio Marcuschi, Luiz Carlos Travaglia, Madre Olívia, Maria da Graça da Costa Val. Essa abordagem textual, que nos era apresentada, nas aulas, como Linguística Aplicada, era instigante, nos provocava e nos fazia pensar em como levar os conceitos abordados para a sala de aula – o

que, para nós, formandos e, posteriormente, mestrandos, era sedutor.

Mudei completamente minha ideia de pesquisa no Mestrado por causa desses livros que li, sem nem perceber o quanto eles estavam atualizados e o quanto éramos privilegiados de ter em mãos obras recém-lançadas. Também me lembro que Luiz Marques analisou conosco o livro *O texto na sala de aula*, de João Wanderley Geraldi, em edição fotocopiada, quase como se fosse um material subversivo: a edição da Assoeste, de 1984, sugeria uma abordagem textual na escola que não era comum à época.

Daí em diante, mesclando LT com outras teorias, conforme aprendi com Luiz Marques e outros professores – como José Carlos Santos de Azeredo e Maria Aparecida Lino Pauliukonis, dois professores inesquecíveis –, o caminho a seguir passou a ser os estudos textuais e discursivos. Posteriormente, no Doutorado, tive a oportunidade de fazer cursos no Instituto de Verão da Abralín, em 1997, com José Luiz Fiorin, Diana Luz Pessoa de Barros e Ingedore Koch – que, posteriormente, foi coorientadora da minha tese.

Esse pequeno histórico da minha vida acadêmica ilustra como recebi influências de diversos professores, com os quais tive a honra de aprender a analisar textos variados em uma perspectiva que, ainda hoje, é novidade para muitos colegas e

a pensar o ensino de Língua Portuguesa de maneira diferente. Assim, há mais de 35 anos, venho estudando LT, enfatizando, na maioria das vezes, reflexões sobre o ensino de Língua Portuguesa.

2) Quais de suas produções em revistas e/ou em livros impressos ou eletrônicos você destacaria?

Divulgo gratuitamente todos os textos que produzo (exceto as obras com direitos autorais) e as pesquisas que oriento, no meu site <https://leonorwerneck.wixsite.com/leonor> – que convido o leitor a visitar. Tenho dezenas de artigos, livros e *e-books* publicados, muitos em coautoria com colegas de diversas instituições, nacionais e estrangeiras, e com orientandos. Destaco algumas dessas obras, abaixo:

ALBUQUERQUE, R.; SEARA, I.; SANTOS, L.W. dos; TOMAZI, M. Argumentação e impolidez: o *post* nas instâncias da interação. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, Vitória, v. 15, n. 31, p. 66-84, 2021.

CABRAL, A. L. T.; SANTOS, L. W. dos. Dêixis pessoal e verbos na construção de um objeto de discurso argumentativamente orientado. **Conexões Letras**, n. 15, p. 25-40, 2016.

CAVALCANTE, M.; SANTOS, L. W. dos. Referenciação e conhecimento partilhado. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 12, p. 657-681, 2012.

GOMES-SANTOS, S.; SANTOS, L. W. dos; TRAVAGLIA, L. C.; TAFFARELLO, M. C.; SANTOS, M. F. A contribuição da(s) teoria(s) do texto para o ensino. *In*: BENTES, A. L.; LEITE, M. (org.). **Linguística de texto e análise da conversação: panorama das pesquisas no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2010. p. 315-353.

SANTOS, L.W. dos. **Articulação textual na literatura infantil e juvenil: e, mas, aí, então**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

SANTOS, L.W. dos. Abordagem textual no contexto da BNCC: panorama teórico e propostas de atividades. **Diálogo das Letras**, v. 10, p. 1-20, 2021.

SANTOS, L. W. dos; CAVALCANTE, M. Referenciação: *continuum* anáfora-dêixis. **Revista Intersecções**, ano 7, n. 1, p. 224-246, 2014.

SANTOS, L.W. dos; CUBA RICHE, R.; TEIXEIRA, C. de S. **Análise e produção de textos**. São Paulo: Contexto, 2012.

SANTOS, L. W. dos; LEBLER, C. D. Texto, gramática e ensino: o conceito de análise linguística/semiótica. *In*: OLIVEIRA, M. R.; WIEDERMER, M. L. (org.). **Texto e gramática na**

Educação Básica: novos contextos, novas práticas. São Paulo: Pontes, 2021. P. 45-76. [e-book]

SANTOS, Leonor W. dos; TEIXEIRA, C. de S. Correção e avaliação de textos. *In:* COELHO, Fábio A.; PALOMANES, Rosa (org.). **Ensino de produção textual**. São Paulo: Contexto, 2016. p. 23-42.

SANTOS, L. W. dos; TEIXEIRA, C. de S. Linguística Textual e ensino: panoramas e perspectivas. *In:* CAPISTRANO Jr., R.; LINS, M. P.; ELIAS, V. (org.). **Linguística textual: diálogos interdisciplinares**. São Paulo: Labrador, 2017. p. 425-446.

TEIXEIRA, C. de S.; SANTOS, L. W. Ensino de gramática nas escolas brasileiras: abordagens, equívocos e perspectivas *In:* OSÓRIO, P.; LEURQUIN, E.; COELHO, M. C. (org.). **Lugar da gramática na aula de português**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2018. p. 148-178. [e-book]

3) Considerando a LT como Ciência, quais são seus procedimentos metodológicos e suas principais categorias analíticas?

As pesquisas que faço e oriento podem ser qualitativas e quantitativas, e essas escolhas não são aleatórias, mas motivadas pelo objetivo de cada investigação. No Grupo de Pesquisa em Linguística de Texto (GPLINT), temos analisado

gêneros variados, como crônicas, contos, artigos de opinião, transcrições de textos orais (pregação, depoimentos) e textos que circulam na internet, mas não necessariamente são classificados como gêneros digitais – é o caso de notícias, resenhas, entrevistas, vídeos (resenhas, entrevistas etc.). Como exemplo, posso citar as pesquisas de Moraes (2017), Dias (2019), Andrade (2019) e Barbalho (2022), mais qualitativas, e outras em que também houve a abordagem quantitativa, como Nascimento Fabiani (2013), Colamarco (2014) e Castanheira (2020) – todos disponíveis no meu site (<https://leonorwerneck.wixsite.com/leonor/teses>).

A temática das pesquisas geralmente gira em torno da referência e dos gêneros textuais. Porém, as pesquisas mais recentes dos meus orientandos do GPLINT vêm discutindo os procedimentos de análise geralmente utilizados quando se pesquisa referência. Afinal, como se trata de um processo bastante complexo, apenas identificar e interpretar anáforas, por exemplo, não nos parece mais relevante, neste momento em que o estudo da referência se encontra no Brasil. Nosso objetivo principal tem sido estabelecer uma análise que mescle as estratégias referenciais, retomando a discussão em torno das cadeias referenciais – debatidas por Koch em vários textos basilares, publicados entre 1997 e 2006, mas nem sempre considerados em pesquisas futuras de LT – visando a mostrar

como os processos se combinam na construção dessas cadeias. Cito, como exemplo, a tese de Barbalho (2022), disponível no meu site (<https://leonorwerneck.wixsite.com/leonor/teses>), em que a autora apresenta diversos esquemas mostrando como a sobreposição de processos referenciais colabora na construção das cadeias referenciais dos objetos de discurso.

4) Considerando o texto em toda a complexidade que lhe é constitutiva e em sua multiplicidade de formas e de linguagens, como você o define?

As definições de texto têm mudado conforme os estudos em LT avançam e a perspectiva teórica da área se amplia. Porém, acredito que a oscilação de nomenclatura e de definições é um problema que nós, pesquisadores do Grupo de Trabalho em Linguística de Texto e Análise da Conversação (GT LTLAC), da Anpoll, precisamos enfrentar. Gosto muito da concepção de texto presente em Koch e Elias (2006, p. 7):

[...] texto é o lugar de interação de sujeitos sociais, os quais, dialogicamente, nele se constituem e são constituídos; e que, por meio de ações linguísticas e sociocognitivas, constroem objetos de discurso e propostas de sentido, ao operarem escolhas significativas entre as múltiplas formas de organização textual e as diversas possibilidades de seleção lexical que a língua lhes põe à disposição.

Essa definição implica a percepção de aspectos discursivos, na mesma linha defendida por Marcuschi (2002, 2008), e pressupõe o aspecto multissemiótico, inerente aos textos, que muitas vezes é deixado de lado em algumas análises. Porém, ainda há debates acerca dessa definição que se refletem em outros conceitos debatidos na LT, como gêneros textuais/discursivos/do discurso e tipologias textuais/sequências textuais. Assim, além de analisar texto em uma perspectiva mais ampla, considerando que não há somente texto escrito, por exemplo, há de se discutir o texto como representativo de um gênero, constituído por características variadas, como a tipologia/sequência predominante. Embora muitas dessas questões que aponto aqui configurem um lugar-comum em diversas pesquisas em LT, é surpreendente como ainda há concepções ultrapassadas, em materiais didáticos e até em artigos acadêmicos que se utilizam de teorias ultrapassadas, datadas das décadas de 1970 e 1980, quando a LT estava ainda em uma fase inicial de reflexão teórica.

5) O que é o hipertexto? Como você o define? Quais desafios teórico-metodológicos você indicaria para a análise de textos em contexto digital?

Embora eu tenha um artigo publicado em coautoria com colegas do GT LTAC a respeito de hipertexto, não me considero

especialista em hipertexto e gêneros digitais para responder a esta pergunta. Entretanto, para colaborar com o debate sobre o tema, acho que é importante identificar alguns pontos que precisam ser considerados na análise de gêneros digitais:

1. Em que medida textos que circulam na internet são, de fato, textos digitais, com configuração específica, ou são textos digitalizados, ou seja, apenas disponibilizados *on-line*? Embora às vezes alguns textos recebam um tratamento digital, em muitos casos, trata-se apenas de outra mídia, outro suporte, não de um gênero à parte.
2. Independentemente da maneira como pensemos o item 1, a questão do suporte precisa ser mais definida na LT. Há pesquisas que confundem ou misturam os conceitos de gênero, sub/supergênero, suporte, situação interacional, apenas para citar alguns. Essa oscilação de nomenclatura é um problema.
3. Além de definir o que é gênero digital de fato e o que constitui um suporte, os aspectos multissemióticos a considerar também são relevantes e nem sempre aparecem nas pesquisas. Os motivos são variados, mas, certamente, um deles, é a dificuldade de gerenciar uma pesquisa com gêneros pouco conhecidos, cujos nomes nem sabemos bem quais são e que circulam

em contextos muito específicos. Além disso, as dificuldades de estabelecer uma estratégia para transcrição ou disponibilização do *corpus* (uma vez que as dissertações e teses são analógicas, não digitais) também causam problemas no decorrer das pesquisas. Se pensarmos que um mestrando tem apenas dois anos para concluir sua pesquisa, já constatamos o quanto é complexo exigir dele que encare esse desafio.

4. Finalmente, os textos que circulam *on-line* nem sempre são perenes, pois plataformas e sites podem “cair” ou costumam apagar alguns deles. Esse problema dificulta a recuperação de alguns desses textos no suporte original, o que pode causar transtornos ao pesquisador.
5. Além disso, a internet é tão rápida que gêneros surgem e somem sem que consigamos dar conta de analisá-los. Essa agilidade típica da *web*, somada ao fator geracional que independe de nossas pesquisas acadêmicas, faz com que um pesquisador com apenas 30 anos de idade possa estar desatualizado em relação às “novidades” da rede.

Destaco que nenhum desses itens citados impede a pesquisa com gêneros digitais e essa listagem não esgota as especificidades desse *corpus* (se é que podemos usar o

singular nesse caso...). Porém, certamente são aspectos que me preocupam na hora de definir a temática da pesquisa dos meus orientandos.

6) Quais são as preocupações específicas da LT que a diferenciam de outras teorias do texto?

Acredito que atualmente, no Brasil, o que mais caracteriza a LT é a interface com outras teorias, algo que nem sempre é percebido nas demais correntes linguísticas. O texto clássico de Marcuschi (2002), no qual nosso saudoso colega discute se há ou não limites entre texto e discurso, demonstra que, já naquela época, a preocupação com uma perspectiva mais ampla do conceito de texto acenava para uma visão bastante abrangente dos estudos em LT – que pesquisadores de outras linhas teóricas nem sempre acompanharam, por conceberem o texto de maneira mais limitada. É relativamente comum ouvirmos e lermos colegas dizendo que a LT se preocupa com o texto como produto, sem considerar aspectos discursivos, o que não é verdade – essa perspectiva estagnada de texto ficou restrita às pesquisas das décadas de 1970 e 1980.

Nessa perspectiva mais contemporânea da LT, que privilegia a interface com outras teorias, chegamos a reflexões bastante complexas, que acenam para uma visão textual-discursiva que

abre caminho para a análise de textos jurídicos, midiáticos, literários, ampliando cada vez mais o que tem sido feito em matéria de pesquisa linguística. Além disso, a LT parece ter uma vocação natural para pensar aspectos relacionados ao ensino, tanto no nível básico (fundamental e médio) quanto no nível superior. Por isso, não é de estranhar o fato de haver tantas pesquisas em LT que propõem atividades didáticas, analisam materiais didáticos, ou ainda sugerem aplicações de temas teóricos.

7) Pesquisar implica não só ter o conhecimento de conceitos e de procedimentos analíticos mas também saber as possibilidades de seu campo de investigação. Poderia ressaltar delimitações bem como interfaces da LT?

As principais delimitações da LT decorrem do que já apontei em respostas anteriores, em relação a conceitos nem sempre consensuais e a dificuldades de definir metodologia de análise de gêneros ainda pouco estudados. Aliás, a metodologia das pesquisas em LT também costuma ser flexível demais. Isso, por um lado, é ótimo, por proporcionar interpretações mais adaptadas ao *corpus* em análise; por outro lado, torna às vezes a pesquisa subjetiva demais e, em alguns casos, até impressionista. O ideal seria que houvesse algum

parâmetro metodológico que fosse replicado – mesmo que com adaptações – em outras pesquisas.

Costumo comentar, em aulas e palestras, que “interfaces” é o sobrenome da LT atualmente no Brasil. Digo no Brasil, porque parece haver um hiato entre as pesquisas desenvolvidas em outros países e as que fazemos aqui. Pela própria fase atual da LT, pautada na percepção de aspectos sociocognitivos e interacionais, e pelo momento sócio-histórico e cultural por que estamos passando – com a emergência de novos gêneros diariamente e grande polarização político-ideológica –, parece natural que estudos textual-discursivos mesquem teorias. No caso da LT, tem sido recorrente a interface com a Semiótica Greimasiana, o Funcionalismo, a Análise Crítica do Discurso e a Semiologia, por exemplo, além das diversas possibilidades demonstradas em obras como Souza, Penhavel e Cintra (2017). Porém, é importante que o pesquisador, ao traçar uma interface, fique atento à atualização das referências teóricas e às adequações metodológicas de que precisará, citando autores brasileiros e estrangeiros, mesmo que essas obras não abordem exatamente o que se pretende pesquisar. Especialmente em dissertações e teses, é crucial que a referência bibliográfica seja ampla, com obras estrangeiras, mesclando clássicos e autores mais recentes, tanto da LT quanto de outras perspectivas teóricas.

8) Frutíferos diálogos interdisciplinares têm possibilitado aos estudiosos do texto uma ampliação do quadro conceitual-analítico da LT. No estabelecimento dessas interfaces, conceitos podem ser reinterpretados. Nesse sentido, qual a concepção de interação, sujeito, discurso e cognição na LT?

Os conceitos de interação, sujeito, discurso e cognição estão intrinsecamente ligados, nas pesquisas contemporâneas em LT do Brasil, não apenas devido ao quadro conceitual-analítico da LT articulado aos diálogos interdisciplinares mas também devido à concepção mais ampla de texto, de que falei anteriormente. Uma vez que a abordagem sociocognitiva e interacional prevalece na LT atualmente, todos os elementos associados às situações em que os textos são produzidos colaboram para a arquitetura textual (KOCH, 2003).

9) Dos resultados de seus trabalhos, seria possível indicar contribuições para o ensino?

A maioria dos meus trabalhos pretende contribuir para o ensino, especialmente da educação básica, conforme se pode constatar nas publicações citadas no Lattes, muitas das quais divulgadas no meu site <https://leonorwerneck.wixsite.com/leonor>. Nesses artigos e livros, analiso textos variados em relação a estratégias coesivas e a estruturas textuais, principalmente

articulando às propostas presentes nos documentos oficiais – Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e Base Nacional Comum Curricular (BNCC) – e às práticas de linguagem (ou eixos, conforme a BNCC) de análise linguístico-semiótica, visando à leitura e à produção de textos multissemióticos na escola.

Além disso, vários trabalhos que orientei abordam questões aplicadas ao ensino, como Nascimento Fabiani (2013), Barbalho (2016) e Miranda (2016), ou contêm reflexões didático-pedagógicas, como Colamarco (2014) e Castanheira (2020), apenas para citar alguns. Já publiquei alguns *e-books* também, com artigos de alunos de pós-graduação, que analisam materiais didáticos ou que propõem atividades voltadas para turmas de ensino fundamental e médio.

10) A quais avanços da LT na contemporaneidade daria destaque e como vê os desafios de seu futuro?

Sem dúvida, os avanços da LT na contemporaneidade decorrem da ampla interface com outras áreas do conhecimento e correntes linguísticas, principalmente no Brasil. Essa interface abriu caminho para pesquisas originais com temáticas atuais e relevantes para refletir sobre as escolhas linguísticas e o “projeto de dizer” (KOCH, 2003), marcando

ideologias, preconceitos, colaborando para o ensino – entre outros impactos sociais dos estudos que desenvolvemos.

Os desafios são muitos, mas destacaria três: um bem amplo, devido ao caráter político, implica chamar a atenção internamente, no Brasil, para os resultados das pesquisas que desenvolvemos, em busca de mais bolsas e reconhecimento por parte do governo e, por que não dizer, dos próprios pares (uma vez que parece haver certo preconceito em relação aos estudos em LT); outro, ainda bem amplo, é internacionalizar nossas pesquisas, publicando mais em línguas estrangeiras, principalmente inglês, para que em outros países os colegas saibam o que acontece no Brasil em matéria de LT – talvez essa internacionalização ajudasse a “furar a bolha” que constatamos ao ler (e citar) textos de pesquisadores internacionais que parecem desconhecer totalmente o quanto pesquisamos em LT no Brasil; por fim, a meu ver, o terceiro desafio, mais específico e interno, que pode ser estimulado no GT, refere-se à sistematização da teoria, em um esforço coletivo para tentar homogeneizar, ao menos um pouco, a nomenclatura utilizada. Talvez assim, pudéssemos ver, também nas pesquisas brasileiras, obras de colegas de outras regiões sendo citadas, e não apenas publicações de colegas mais próximos, às vezes sempre os mesmos, como costuma acontecer tanto aqui quanto

em outros países. Afinal, ciência se faz com pluralidade, que precisa ser estimulada pelos pesquisadores mais experientes.

11) Que leituras você indicaria para quem está iniciando seus estudos na LT?

Sempre sugiro aos meus orientandos que mesquem a leitura de clássicos da área, nacionais ou não, com a leitura de pesquisas recentes e obras publicadas também no exterior, mesmo que não tratem exatamente dos temas que abordamos no Brasil ou mesmo que as perspectivas teórico-metodológicas sejam diferentes. Afinal, pesquisar é ampliar conhecimento, não repetir os mesmos autores já conhecidos. Também sempre aconselho que não restrinjam suas leituras a artigos de periódicos disponíveis na internet, pois a leitura de livros inteiros é essencial.

Assim, algumas obras que sugiro a seguir também foram citadas ao longo desta entrevista. Para quem está iniciando os estudos em LT, sugiro sempre que comecem por Travaglia (1995), Koch e Elias (2006, 2009, 2014) e Marcuschi (2008), obras que apresentam diversos pontos teóricos relevantes, com uma linguagem didática, pensada mesmo para iniciantes. Em seguida, sempre aconselho a leitura de Bentes e Leite (2010) – obra que, inclusive, figura na bibliografia básica do mestrado

em Língua Portuguesa da UFRJ –, por mostrar reflexões contemporâneas desenvolvidas por colegas do GTLTAC da Anpoll. Também costumo indicar a leitura de Fávero e Koch (1983), Marcuschi (1983) e Koch (2004), que traçam um panorama histórico da LT, além dos clássicos estrangeiros, como Benveniste (1976), Beaugrande e Dressler (1981) e artigos de Conte, Francis e Mondada e Dubois traduzidos e publicados no Brasil em Cavalcante (2003). Finalmente, dependendo do tema da pesquisa, seleciono autores contemporâneos brasileiros e estrangeiros.

Já em relação à interface da LT com o ensino, além dos livros já citados de Koch e Elias e de Marcuschi, sempre indico obras como Travaglia (2003), Karwoski (2011), Santos, Cuba Riche e Teixeira (2012), Marquesi, Pauliukonis e Elias (2016), Santos e Lebler (2021) e Santos e Castanheira (2022).

MARIA DA GRAÇA DOS SANTOS FARIA

Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

1) Como você chegou à Linguística Textual (LT)? Quais autores lhe serviram de inspiração?

No fim da década de 1970, aluna do Curso de Letras da Universidade Federal do Maranhão, tive alguns professores que, nas disciplinas de Língua Portuguesa, abordavam conceitos relacionados ao estudo de Linguística: a noção saussureana de língua e fala e de signo linguístico, as noções de fonética e de fonologia, a análise gerativa de Chomsky, as funções da linguagem de Roman Jakobson. Ainda que o ensino de língua portuguesa fosse mais voltado para a gramática, tive professores que se dedicavam ao ensino de leitura e da produção de textos.

Na década de 1980, já professora do Departamento de Letras, tive então contato com a obra *Linguística Textual: Introdução*, de Ingedore Koch e Leonor Fávero. Dei continuidade aos estudos em obras dessas autoras, em conjunto ou separadamente, por exemplo, com a análise dos livros sobre coesão e coerência. Mas também tinha interesse em outros autores, como Othon Garcia, Maria da Graça da Costa Val, Magda Becker Soares, Irlandé Antunes, entre outros. Buscava, assim, preparar aula que juntasse teoria à prática, e foi também nessa década que entrei para a equipe de correção das redações de vestibular, na qual permaneci até 2007. Essa experiência contribuiu fortemente para aprofundar meus estudos relativos ao texto. Na década de 1990, dei aulas de literatura, reforçando mais pesquisas sobre os conceitos de intertextualidade, de gêneros literários e de construção argumentativa.

Em 2007, fui aprovada para o Minter, uma parceria entre a Universidade Federal do Maranhão e a Universidade Federal do Ceará, na linha de práticas discursivas e estratégias de textualização. Foi nessa ocasião que conheci a Professora Doutora Mônica Magalhães Cavalcante, que veio a ser minha orientadora, e, por meio dela, passei a ter contato com vários integrantes do grupo Prottexto, do qual faço parte desde então. Assim vieram o doutorado e o pós-doutorado, e, até hoje, meu trabalho como docente, como orientadora de pesquisa da

graduação e da pós-graduação encontra aporte na Linguística Textual.

2) Quais de suas produções em revistas e/ou em livros impressos ou eletrônicos você destacaria?

A Linguística Textual é disciplina aberta ao diálogo e, em razão disso, há espaço para investigar as variadas categorias de análise em torno do texto e, conseqüentemente, para divulgar esses trabalhos. Além disso, por ser membro do GT de LTAC e do grupo Prottexto, liderado pelas professoras Mônica Magalhães Cavalcante e Mariza Angélica Paiva Brito, encontrei inúmeras oportunidades para apresentar trabalhos em *workshops*, seminários, palestras etc. Ademais, os encontros virtuais tornaram as trocas de experiências ainda maiores, pois a participação remota reúne facilmente os membros dos grupos provenientes de diversos Estados do Brasil.

Dentre as minhas produções mais recentes, compartilhadas com colegas do grupo Prottexto, destacaria três capítulos de livros:

1. No livro *Linguística textual e argumentação* (CAVALCANTE *et al.*, 2020), o capítulo 5 “As intertextualidades como estratégia argumentativa”;

2. No livro *Discurso e argumentação: tecendo os efeitos de sentido* (PONTES, 2020), o capítulo “Metadiscursividade e argumentação na construção de textos jornalísticos”.
3. No livro *Texto, discurso e argumentação*. Traduções (CAVALCANTE *et al.*, 2020) o capítulo “Linguística, retórica e análise do discurso”.

Além desses capítulos, destaco dois artigos, um deles publicado na (Con)textos linguísticos (v.15, p. 45-65, 2021), sob o título “Caráter interacional e intertextualidade da argumentação polêmica”. O segundo artigo é resultante do III Workshop em Linguística Textual, publicado na Revista *Investigações*, Recife, v. 33, edição especial, com o título “A complexidade textual na dinâmica argumentativa”.

Particpei também, junto a outros membros do Prottexto, da tradução da obra *Estereótipos e clichês*, de Ruth Amossy, publicada neste ano de 2022, pela editora Contexto. Aproveito para destacar que também integro a equipe do Prottexto que concluiu a elaboração de um livro sobre conceitos-chave da Linguística Textual, como: enunciação e interação, organização tópica, referenciação, intertextualidade, sequências textuais, argumentação, ponto de vista, gêneros, e textos de incitação à ação. O título é “*Linguística textual: conceitos e*

aplicações” (2022), e as contribuições dessa obra para a área serão extremamente relevantes.

3) Considerando a LT como Ciência, quais são seus procedimentos metodológicos e suas principais categorias analíticas?

O campo teórico da Linguística Textual tem no texto o seu objeto, e, conforme Cavalcante (2016), o texto é uma entidade multifacetada, resultante de um processo extremamente complexo de interação social e de construção de sentidos, unidade negociada e contextualizada de coerência. O texto, nessa concepção, é um objeto sobre o qual se podem investigar diferentes fatores que atuam para a construção de sentidos, fatores de natureza diversa (linguística, semântica, discursiva, enunciativa e argumentativa). Assim, tenho trabalhado com as noções de intertextualidade, processos de referenciação, metadiscursividade, sequências textuais, gêneros, além de construir pontes com outras ciências, por exemplo, as ciências sociais, com as noções de identidade cultural e estereótipos.

Como buscamos explicar e descrever fenômenos linguageiros, optamos por uma investigação qualitativa por ser uma análise de dados mais orientada para discussão e explicação de questões já previamente estabelecidas, não se restringindo

a quantificar número de ocorrências de casos, mas a explicar e descrever como esses fenômenos são importantes para a construção de sentidos. Cada um dos conceitos da Linguística Textual acima citados tem suas subclassificações, que determinam os critérios de análise com que trabalhamos.

4) Considerando o texto em toda a complexidade que lhe é constitutiva e em sua multiplicidade de formas e de linguagens, como você o define?

No meu entendimento, para apreender mais a complexidade textual, é preciso também compreender a condição argumentativa do texto, visto que todos os textos são argumentativos em diferentes graus, o que já supõe o dialogismo bakhtiniano, com sua concepção de que o próprio signo é ideológico e de que não há enunciado neutro. Essa noção também é reafirmada por Adam, mas a proposição de que todo discurso tem dimensão argumentativa vem de Ruth Amossy; e a de que todo texto, portanto, é argumentativo vem de Mônica Cavalcante e de trabalhos por ela orientados, como a tese de Patrícia Macedo, que aplicou aos textos os pressupostos da teoria da argumentação no discurso.

Isso nos leva, portanto, a considerar a argumentação como constitutiva do texto, ainda que expressa em formas

distintas que dependem de fatores como: gênero, modalidade argumentativa, estratégias de textualização, intencionalidade etc. Compartilhamos da definição de texto defendida por Cavalcante *et al.* (2019), que parte da compreensão de texto em contexto como evento singular, como unidade de sentido multifacetada, expressa por uma combinação de sistemas semióticos, situado, concreto, único, sempre em relação com outros textos.

5) O que é o hipertexto? Como você o define? Quais desafios teórico-metodológicos você indicaria para a análise de textos em contexto digital?

Segundo Vanda Elias, para a interpretação de um texto, concorrem não apenas os conhecimentos compartilhados mas também as diferentes formas de linguagem e de mídias. O caráter hipertextual de alguns textos às vezes está mais presente do que em outros. Segundo a autora, em apresentação de um trabalho em seu pós-doutorado na UFC, os links são os grandes responsáveis pelo hipertexto: “O texto passou a exibir em sua constituição um tipo de link mais sofisticado, não apenas porque a configuração dos links é típica do ambiente da rede, mas também, e principalmente, porque esses links pressupõem a conectividade entre um texto no papel e outro no universo da rede, ou entre uma

mídia e outra”. Concordamos com o pensamento da autora, embora, no Prottexto, estejamos empregando o termo “hipertextualidade” para ressaltar o processo de funcionamento hipertextual, não uma unidade “hipertexto”.

6) Quais são as preocupações específicas da LT que a diferenciam de outras teorias do texto?

A Linguística Textual tem como objeto de investigação o texto, isto é, como o texto se organiza, e é exatamente essa dimensão que amplia as categorias analíticas dessa ciência da linguagem. Especificamente, falo das pesquisas do grupo Prottexto, que trabalham com diferentes perspectivas teóricas sem adotá-las integralmente, mas adaptando-as às finalidades na construção do texto.

Isso porque nos interessa a convergência de noções como os pressupostos da enunciação, da interação e do discurso. Isso reforça o princípio de que o texto é um evento, pois, como tal, acontece cada vez que se enuncia, por ser único, singular e sempre em um contexto sócio-histórico. Essa condição pressupõe a importância de outras instâncias além da materialidade (linguística, sonora, visual), sem perder de vista os conceitos que lhe são próprios.

As pesquisas que vêm sendo realizadas no grupo Protexto avançam na abordagem da Linguística Textual não apenas sociointeracionista e cognitiva mas também discursiva. No artigo “O texto e suas propriedades: definindo perspectivas para análise”, Cavalcante *et al.* (2019, p. 38) afirmam: “a Linguística Textual se dispõe a descrever e explicar as estratégias de colocar em texto (isto é, de textualizar) as tentativas de influência dos interlocutores que agem em práticas discursivas convencionadas como gêneros do discurso”.

7) Pesquisar implica não só ter o conhecimento de conceitos e de procedimentos analíticos mas também saber as possibilidades de seu campo de investigação. Poderia ressaltar delimitações bem como interfaces da LT?

A Linguística Textual se dispõe a explicar e a descrever estratégias que sustentam a construção textual, isto é, que dão sentido ao texto. Conseqüentemente, tem muito a dizer sobre categorias analíticas que não se limitam apenas à interpretação de textos por marcas lexicais, morfossemânticas e sintáticas, proporcionando, dessa maneira, um largo campo de investigação. Mas isso não significa que não há delimitações.

Não investigamos, por exemplo, a formação discursiva, suas regularidades, pois cabe essa noção à Análise do Discurso;

tratamos de cognição, mas não dos esquemas cognitivos. Compartilhamos da noção de argumentação como constitutiva da linguagem na concepção argumentativa no discurso, de Amossy, que diferencia textos de visada argumentativa e textos de dimensão argumentativa, além das modalidades argumentativas. Mas não somos analistas do discurso. Isso comprova que fazemos interfaces, mas temos critérios analíticos próprios e tomamos o texto como objeto de investigação.

A noção de sujeito investigada pela Linguística Textual aproxima-se da abordagem do sujeito clivado, de Authier-Revuz, mas também se inspira na noção de sujeito estrategista postulada por Charaudeau, e adotada por Amossy. O sujeito não é soberano no seu dizer, como também não é totalmente submetido às restrições das formações discursivas.

As pesquisas do grupo Protexito voltam-se, assim, para a explicitação do texto como evento, para o sujeito clivado pelas vozes que o atravessam, pela natureza interacional, argumentativa e discursiva, e pela configuração multissemiótica da materialidade do texto. Tudo isso proporciona investigações produtivas em torno das interfaces da Linguística Textual não só com a linguística como também com diversas áreas do conhecimento humano.

8) Frutíferos diálogos interdisciplinares têm possibilitado aos estudiosos do texto uma ampliação do quadro conceitual-analítico da LT. No estabelecimento dessas interfaces, conceitos podem ser reinterpretados. Nesse sentido, qual a concepção de interação, sujeito, discurso e cognição na LT?

As interfaces da Linguística Textual com outras teorias têm trazido ampliação no quadro conceitual e analítico em que noções são adaptadas e se tornam estratégias na condução não só argumentativa mas também discursiva. A noção de discurso, na perspectiva de Maingueneau (2010), interessa à Linguística Textual no que se refere à concepção de que discursos são atravessados por outros discursos e se atualizam nas interações, no dizer dos locutores.

Essa concepção de interdiscurso é sustentada também por Charaudeau, que defende a noção de que não há discurso novo, o que é, por sua vez, ancorado no postulado do dialogismo bakhtiniano. A Linguística Textual adota, ainda, a noção de circuito comunicativo de Charaudeau, a partir de um contrato social realizado por sujeitos em um contexto específico resultante das práticas sociais.

Embora não teorize sobre argumentação, a Linguística Textual a inclui como um pressuposto e como motivação para a análise de diversas estratégias de organização textual (CAVALCANTE *et al.*, 2020). Atualmente, a Linguística

Textual estabelece relação próxima com a análise da argumentação no discurso (AMOSSY, 2018) ao compartilhar o papel do sujeito e os modos de organização argumentativa dos discursos (a noção de visada argumentativa e de dimensão argumentativa). A visada argumentativa refere-se à defesa de uma tese, isto é o que ocorre em gêneros prototipicamente argumentativos, os quais se diferem dos gêneros de dimensão argumentativa, que apenas apontam um modo de pensar, de ver ou de sentir.

A noção de sujeito adotada pela Linguística Textual é também ancorada pelas concepções discursivas de Maingueneau, de Charaudeau e de Amossy, que concebem um sujeito estrategista e admitem que, embora não escape do inconsciente, tem uma intencionalidade que o conduz a influenciar o interlocutor. Entende-se, assim, que os sujeitos ao mobilizarem os seus conhecimentos o fazem por meio da cognição e, assim, constroem a referência e suas interpretações. Essa noção é fundamental para entendermos o porquê de o referente ou o objeto de discurso ser uma construção mental.

9) Dos resultados de seus trabalhos, seria possível indicar contribuições para o ensino?

Penso que a grande contribuição da Linguística Textual está voltada para o ensino. Todas as categorias de análise com as quais trabalho têm sua aplicabilidade no campo da leitura e da produção de textos. As noções de texto, contexto, interação, gêneros textuais, processos referenciais, intertextualidade, sequências textuais fornecem aos professores um conjunto de noções que possibilitará aos alunos produzir sentidos.

É fato que há muito a fazer em benefício do ensino da leitura e da escrita, contudo, constatam-se importantes contribuições teórico-práticas que auxiliam na construção de textos. As atividades desenvolvidas pelo grupo Prottexto, constituído de pesquisadores incansáveis nos trabalhos de investigação, permitem elaborar conceitos e aplicações que não ficam reservadas à compreensão das teorias, mas à aplicabilidade efetiva dos conceitos em suas práticas educativas.

Vale destacar e considerar as pesquisas realizadas em torno de textos que são produzidos e que circulam no ambiente digital. Segundo Marie-Anne Paveau, o tecnodiscurso é uma perspectiva integrada que contempla aspectos linguageiros e tecnológicos em seus textos/discursos. Nessa perspectiva, entende-se que alunos e professores precisam desenvolver competência para lidar com novas habilidades de comunicação.

10) A quais avanços da LT na contemporaneidade daria destaque e como vê os desafios de seu futuro?

Não há como desconhecer a importância da tecnologia e principalmente a rápida mudança que ela traz em todas as áreas do conhecimento humano. A tecnologia faz parte da vida de todos de forma inexorável, ou as pessoas se adaptam, ou elas perdem o trem. O uso de computadores, tablets, celulares etc. está presente em todas as atividades humanas, não é, portanto, uma moda, mas é a realidade. Obviamente, o texto também cede a essa mudança. Não há, no ambiente digital, uma leitura linear, tal como nos meios tradicionais de comunicação. No espaço digital, há *links*, *hyperlinks*, compartilhamentos, *likes* e embates nas postagens das redes sociais, sem esquecer o lado tóxico das *fake news*.

Nesse contexto digital, Paveau (2021) propõe uma perspectiva teórica que investigue os textos/discursos nativos digitais (ou tecnodiscursos) produzidos e disseminados nas redes sociais. Essa perspectiva teórica de textos digitais está presente nas orientações estabelecidas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para que o ensino utilize esses textos que fazem parte do dia a dia dos alunos. A pandemia trouxe distanciamento social, mas o mundo não parou, os trabalhos remotos foram a solução. Esses desafios já estão no presente de uma geração, como a minha, que teve que aprender

outro jeito de se comunicar. Ainda continuo perdendo para a tecnologia, pois, ao digitar estas considerações, o computador se vinga sempre que teclo com força o teclado, e faz, impiedosamente, desaparecer o texto, quando não o deleta...

11) Que leituras você indicaria para quem está iniciando seus estudos na LT?

Sem vacilar, indico o livro *Os sentidos do texto*, de Mônica Magalhães Cavalcante, que não só traz noções básicas e necessárias sobre conceitos importantes para a leitura e produção de textos como também contém atividades que explicam e ilustram esses conceitos. Indico também os livros: *Ler e Escrever: estratégias de produção textual*; *Ler e Compreender: os sentidos do texto* e *Escrever e Argumentar*, obras de Ingedore Koch e Vanda Maria Elias. Sugiro buscar, na internet, trabalhos de pesquisa na área de Linguística Textual nos quais encontrarão excelentes trabalhos como artigos, dissertações e teses nas plataformas das universidades, além de ofertas de cursos, seminários e similares com autores nacionais e internacionais, sem falar no mercado editorial e suas produções. O ambiente digital tem muitas informações, e cabe ao usuário descobrir quais são as fontes confiáveis.

Para os que já apreenderam essas noções, recomendo o aprofundamento e a aplicação ao ensino da obra intitulada *Linguística textual: conceitos e aplicações*. Essa obra, produzida por pesquisadores do Protexto e voltada para alunos e estudantes, contém um conjunto robusto de pesquisas recentes em torno do texto e de suas categorias de análise com atividades práticas relativas a cada categoria. Acredito que seja uma valiosa ferramenta para a compreensão e produção de textos.

MARIZA ANGÉLICA PAIVA BRITO

Universidade da Integração Internacional
da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

1) Como você chegou à Linguística Textual (LT)? Quais autores lhe serviram de inspiração?

O primeiro contato que tive com os conceitos de LT foi através da seleção de mestrado do Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, em 2002. Na indicação de leitura, estava o livro *Desvendando os segredos do texto*, de Ingedore Koch, de 2002. Foi neste momento que me apaixonei completamente pela LT. Como vinha de uma graduação em Psicologia e de uma formação em Psicanálise, meu olhar estava focado na relação que poderia estabelecer entre conceitos psicanalíticos e a LT, por isso li *Desvendando os segredos do texto*, com muita sede de aprender. O livro está recheado de anotações do tipo: “realidade psíquica, referente e

mundo psicótico”; “referente # referenciação; referir # retomar e remeter”; “a leitura transforma-se em autoria”; “todo texto é um hipertexto?”; “o homem é insaciável na busca do sentido”; “o sentido do texto é construído na interação texto-sujeito”; “sujeito psicótico?”, “toda fala tem coerência?”, entre outras anotações que já revelavam as articulações possíveis que eu já entrevia.

No mestrado, tive a sorte de ser orientada pela professora Mônica Magalhães Cavalcante, que havia recentemente fundando o Grupo de Pesquisa Prottexto da UFC, em 2002. Assim, quando entrei no mestrado, em 2003, ingressei logo no grupo, do qual me tornaria vice-líder alguns anos depois. A professora Mônica aceitou e incentivou que eu trabalhasse na minha área de origem, e foi assim que nasceu minha dissertação sobre a coerência/incoerência da fala do esquizofrênico. Fiz uma revisão crítica das características de linguagem apontadas nas áreas de Linguística de Texto e da Psicanálise para conceituar a fala do esquizofrênico. Nessa época, ainda era psicanalista e trabalhava atendendo em consultório clínico e em hospital psiquiátrico. Por isso, a dissertação apresentava uma confirmação empírica pautada pelo acompanhamento que fiz a pacientes diagnosticados como psicóticos. Mas apresentava também, ou principalmente, uma contribuição teórica para

a abordagem dos processos referenciais construídos na fala do esquizofrênico.

A partir desse mergulho na linguística, tive a oportunidade de conhecer de perto os meus principais referenciais teóricos em LT, como o Marcuschi, um professor magnífico e competentíssimo. Ele e a professora Ingedore Koch, igualmente brilhante, formavam o casal 20 da LT. Os dois sempre me encantavam pela simplicidade e pelo acolhimento a todas e todos os alunos que orbitavam ao redor deles, transmitindo o conteúdo de maneira despreziosa e com grande rigor teórico. Mas a minha maior inspiração foi a professora Mônica Cavalcante que, sempre reflexiva e atenta às demandas de seu grupo, conseguia tirar o melhor de cada um através de seu toque de midas. A professora sempre aceitou os desafios da vida acadêmica, e um deles foi orientar meu trabalho de dissertação estabelecendo uma relação entre a Linguística Textual e a Psicanálise freudo-lacanianana. Essa abertura à interdisciplinaridade e sua dedicação ao ensino me inspiram até hoje.

2) Quais de suas produções em revistas e/ou em livros impressos ou eletrônicos você destacaria?

Recentemente, em 2022, publiquei, em coautoria com Mônica Cavalcante e o grupo Prottexto, o livro *Linguística Textual – conceitos e aplicações*, que sintetiza as reflexões dos vinte anos do Prottexto. No livro, definimos conceitos-chave da Linguística Textual no Brasil, segundo o Prottexto, com o respaldo dos teóricos que alicerçam essas descrições e justificam as decisões que tomamos. Discutimos as noções de texto, contexto, discurso, contrato de comunicação, enunciação e enunciado, tecnodiscursividade, interação e interatividade, argumentatividade, heterogeneidades enunciativas e gerenciamento de pontos de vista, modalidades argumentativas, marcas de impolidez e desqualificação do outro. Além de inserirmos, em cada capítulo, atividades e aplicações para o ensino.

Em 2020, publiquei também, em coautoria com Mônica Cavalcante e membros do Prottexto, o livro *Linguística Textual e Argumentação*. Nessa obra, incluímos a argumentação como um pressuposto inegável e como uma motivação para a análise de diversas estratégias de organização textual. Mostramos como os processos referenciais, os processos intertextuais, as marcas de metadiscursividade, entre outros, podem operar estrategicamente, em gêneros, para atender às negociações

textuais do *logos*, do *ethos* e do *pathos*. Concluimos que os critérios analíticos da LT permitem uma satisfatória explicação para as escolhas textuais de que pode se valer o locutor para tentar persuadir a quem ele projeta como interlocutor e, muitas vezes, como terceiro.

Nesse mesmo ano, organizei com Mônica Cavalcante, a obra *Texto, discurso e argumentação* – traduções. No livro, reunimos seis artigos em periódicos e cinco capítulos de livros de diferentes autores que se curvaram sobre alguma ou alguma(s) dessas temáticas que ainda não tinham sido traduzidos para o português, como Catherine Kerbrat-Orecchioni, Friedrich Ungerer, Jacqueline Authier-Revuz, Lorenza Mondada, Marie-Anne Paveau, Oswald Ducrot, Patrick Charaudeau e Ruth Amossy.

Destaco ainda que essas obras foram financiadas pela Fundação de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP/CE), e que foram um resultado dos meus projetos de pesquisa do Programa de Bolsa de Produtividade em Pesquisa, Estímulo à Interiorização e Inovação Tecnológica/BPI. Participei como tradutora dos seguintes livros: *Apologia da polêmica*, de Ruth Amossy (2017); *Textos – tipos e protótipos*, de Jean-Michel Adam (2019); e *Estereótipos e clichês*, de Amossy e Pierrot (2022) – as três editadas pela Editora Contexto. Tem também o livro

Coerência, referência e ensino, de 2014, que publiquei, em coautoria com Mônica Cavalcante e Valdinar Custódio Filho.

3) Considerando a LT como Ciência, quais são seus procedimentos metodológicos e suas principais categorias analíticas?

A pesquisa que estou desenvolvendo atualmente tem por objetivo investigar as estratégias argumentativas usadas em textos irônicos tendo a finalidade de influenciar o terceiro em seu projeto de dizer através das heterogeneidades enunciativas. O texto, em qualquer modelo de gênero, é elaborado por locutores com recursos tecnológicos em algum momento envolvidos nas ações humanas (PAVEAU, 2021), com o propósito de provocar uma interatividade (MUNIZ-LIMA, 2022) e de projetar algum tipo de reação, ou seja, uma atitude responsiva ativa (BAKHTIN, 1992) dos interlocutores. Em pesquisas anteriores, trabalhamos com as marcas textuais da ciberviolência (BRITO; CABRAL; DA SILVA, 2022); a complexidade do conceito de texto e contexto (CAVALCANTE; BRITO *et al.*, 2022) e a imbricação da tecnodiscursividade nas incursões metodológicas (CAVALCANTE; BRITO; OLIVEIRA, 2021).

No projeto atual, que pretendo investigar, com orientandos, tomarei as heterogeneidades enunciativas (AUTHIER-REVUZ, 2010) como marcas do jogo de vozes na produção

do texto irônico. Refletirei sobre o papel do terceiro no circuito comunicativo (CHARAUDEAU, 2013) em que encontramos locutor e interlocutor. O terceiro não fala, mas, quando aparece na comunicação, ele acompanha a interação, e os participantes diretos têm tanta ciência de sua presença que elaboram seu dizer para também os atingir (CAVALCANTE *et al.*, 2022; AMOSSY, 2018). Assim, tento analisar as marcas de heterogeneidade enunciativa a partir dos recursos textuais como intertextualidade e referenciação, para mostrar as estratégias que são utilizadas para agir sobre o terceiro na interação em postagens que se valem da ironia.

4) Considerando o texto em toda a complexidade que lhe é constitutiva e em sua multiplicidade de formas e de linguagens, como você o define?

Defendo, com o Prottexto, que o acontecimento do texto comporta todo o contexto social e histórico necessário para que os participantes envolvidos na interação recortem o que lhes parece relevante para negociar sentidos entre eles e se comunicar, até darem por encerrada aquela unidade de sentido em contexto (KOCH, 2005, p. 6). Na Linguística Textual, conceber o texto como um acontecimento na interação, delimitado como unidade comunicativa de coerência em contexto é assumir todos os aspectos sócio-históricos que são

convocados no momento em que os participantes negociam a construção dos sentidos do texto. É necessário observar como a emergência e a incorporação se tornam relevantes para a negociação de sentidos na tecnodiscursividade. O texto, em qualquer modelo de gênero, é elaborado nas ações humanas e tecnológicas, com o propósito de provocar uma interatividade e de projetar algum tipo de reação, ou seja, uma atitude responsiva ativa dos interlocutores (CAVALCANTE *et al.*, 2022).

5) O que é o hipertexto? Como você o define? Quais desafios teórico-metodológicos você indicaria para a análise de textos em contexto digital?

Investigar os usuários da língua em sua própria ecologia nativa de produção discursiva, de forma a abordar o fenômeno digital em sua efetivação da linguagem e conseqüentemente nas interações sociais, é estudar o ser humano em toda a sua dimensão social e nas relações que aí se estabelecem – entre essas relações estão a alteridade e o uso da linguagem para influenciar o outro. Compartilhamos com Cavalcante *et al.* (2022) a ideia de hipertextual ou hipertextualidade no caráter clicável dos textos digitais para englobar as outras propriedades da tecnodiscursividade como uma comunhão

homem-máquina, a partir de uma concepção pós-dualista da linguagem.

A Linguística Textual (CAVALCANTE *et al.*, 2022) hoje assume, com Paveau (2021), que uma investigação no ambiente do contexto digital precisa levar em consideração também em suas análises tanto os aspectos linguísticos quanto os aspectos tecnológicos. Acreditamos que os textos devem ser considerados em todo o ambiente digital em que são produzidos, recebidos e reproduzidos em circulação por vezes massiva. Para Paveau (2021), o tecnodiscurso se refere às produções textuais realizadas na internet, com as ferramentas disponíveis nessa mídia, ou seja, são textos projetados, produzidos e propagados no contexto digital *on-line* e têm um conjunto de características particulares. A autora propõe que se considerem seis fatores fundamentais para caracterizar essas produções textuais, que dependem do caráter hipertextual: a composição, a deslinearização, o aumento, a relacionalidade, a investigabilidade e a imprevisibilidade. Essas características não podem mais ser negligenciadas pelo analista do texto, uma vez que esses fatores tecnodiscursivos do ambiente digital são relevantes para as análises.

6) Quais são as preocupações específicas da LT que a diferenciam de outras teorias do texto?

Entendo que a preocupação maior da LT é na definição do próprio conceito de texto, porque, a partir dela, haverá todo um encadeamento teórico-metodológico que será absorvido pela análise interpretativa do linguista. Por exemplo, mostrar que todo texto é argumentativo porque em todo enunciado há pontos de vista relacionáveis a diferentes enunciadores é supor um sujeito intencional, que escolhe e que supõe ter controle sobre suas escolhas. Há sempre tentativas de influência sobre o interlocutor e, às vezes, sobre o terceiro.

Todos os critérios analíticos da Linguística Textual que praticamos atualmente no Prottexto já marcam um lugar de fala bem específico. Investigamos as tentativas do locutor/enunciador principal de agir sobre o seu dizer, negociando-o com os prováveis interlocutores (em seus papéis sociais), e/ou com o terceiro, para atender a seus propósitos. Nessa troca, embora ajam estrategicamente, os participantes também sofrem as coerções sociais dos contratos comunicativos que se estabelecem a cada interação, em virtude de cada gênero e da contextualização do cenário em que se situam. Esse posicionamento que assumimos na LT traz como consequência que as escolhas textuais são negociadas nessa contextualização.

7) Pesquisar implica não só ter o conhecimento de conceitos e de procedimentos analíticos mas também saber as possibilidades de seu campo de investigação. Poderia ressaltar delimitações bem como interfaces da LT?

Desde o início de minha entrada na academia, todos os meus trabalhos se deram a partir da interação entre teorias linguística, psicológicas, sociais etc. Meu trabalho atual, intitulado *Estratégias argumentativas e a influência sobre o terceiro em textos irônicos*, se dá na interface entre os estudos mais atuais da Linguística Textual, do tecnodiscurso, das heterogeneidades enunciativas e da argumentação, os quais dedicam espaço à dimensão discursiva da linguagem em suas análises. Buscamos mostrar de que maneira essas relações teóricas se fazem coerentes de acordo com a ideia que se tem acerca da abrangência do fenômeno lingüístico na atualidade, especificamente nos variados usos tecnolinguísticos.

Tomamos as noções de *texto* e *contexto* como um lugar em que infinitas significações se constroem e se reconstróem mutuamente (CAVALCANTE; BRITO; OLIVEIRA, 2021), porque, sob o ponto de vista da Linguística Textual, não há texto sem contexto. Para Cavalcante, Brito e Oliveira, essa noção de contexto em grande medida é devedora das reflexões de Hanks (2008), mas também da visão de ambiente ecológico, adaptada para o que Paveau (2017) intitula de Análise do

Discurso Digital, e ainda da perspectiva de Émérit (2017) sobre o uso do termo “contexto”, para abarcar as idiosincrasias do ambiente tecnológico e as imbricações do social com as particularidades de uso de cada texto no ecossistema Twitter.

Esse trabalho interdisciplinar que desenvolvemos em nossas pesquisas supõe que a materialização dos eventos de linguagem em entidades textuais é heterogênea em sua própria natureza. A interface entre a LT, as heterogeneidades enunciativas e a construção da argumentação em textos irônicos requer certos posicionamentos. Especificamente, analisar as marcas textuais de heterogeneidades enunciativas, conforme Authier-Revuz (2002, 2010) e Cavalcante *et al.* (2020), para observar as formas de não coincidências do dizer no jogo de vozes que supomos existir em todo texto, pode apontar para diferentes pontos de vista (PINHEIRO; BRITO, 2021; PINHEIRO, 2022). Authier-Revuz (1990) chama a atenção para a heterogeneidade de vozes, que é condição necessária da linguagem, e que pode ser compreendida de duas formas: a primeira, heterogeneidade constitutiva, o caráter já-dito de todo ato do dizer; e a segunda, a heterogeneidade mostrada, subdividida em heterogeneidade mostrada marcada e heterogeneidade mostrada não marcada. Acrescentamos a essas diferentes vozes a função argumentativa que influencia nessas escolhas.

8) Frutíferos diálogos interdisciplinares têm possibilitado aos estudiosos do texto uma ampliação do quadro conceitual-analítico da LT. No estabelecimento dessas interfaces, conceitos podem ser reinterpretados. Nesse sentido, qual a concepção de interação, sujeito, discurso e cognição na LT?

Em Cavalcante (2016), encontramos uma articulação entre a LT e a Teoria da Argumentação no Discurso (TAD), de Amossy, principalmente numa aproximação em relação à noção de sujeito, que é, ao mesmo tempo, estratégico, na tentativa de influência do outro, mas atravessado por posicionamentos discursivos que o constroem, mesmo que de forma inconsciente, a falar o que fala. O sujeito está implicado em uma negociação entre os participantes da interação sobre como decidem construir sentidos e expressá-los por diferentes sistemas semióticos, de acordo com as condições com que se deparam em cada interação.

A interface da Linguística Textual com a TAD de Amossy consiste na observação geral da atividade argumentativa levando em conta os elementos contextuais e discursivos que perpassam os textos, de forma que uma gama muito ampla de situações pode ser analisada segundo elementos bastante distintos. Lidar com a interação em que o texto se realiza é tratar de um contrato de comunicação que se desenvolve em um circuito comunicativo em que os participantes agem

como falantes e destinatários, mas que também se posicionam socialmente. A interação se dá sempre num simulacro, ou seja, numa “teatralização” (como propunha Goffman (2013), pois os interlocutores, ao tomarem posse de suas identidades e papéis linguageiros como sujeitos, encenam a situação e podem (ou não) legitimar e reconhecer certas identidades sociais de seus parceiros. A noção de simulacro é cara aos nossos estudos do texto em razão do pressuposto de que estamos sempre diante de encenações do real e de efeitos de sentidos possíveis. Os papéis linguageiros dos sujeitos estão ligados ao esquema do circuito comunicativo.

9) Dos resultados de seus trabalhos, seria possível indicar contribuições para o ensino?

Todos os nossos trabalhos, de certa forma, envolvem uma preocupação com o ensino. Por exemplo, esta pesquisa que estamos desenvolvendo sobre as marcas textuais da ironia a partir das heterogeneidades enunciativas vem contribuir tanto para as pesquisas da graduação quanto para as da pós-graduação, uma vez que envolverá os alunos de iniciação científica e os alunos do mestrado acadêmico da Unilab, ao tratar de fenômenos muito presentes nas interações cotidianas. Nosso projeto fará parte de uma rede de estudos que versa sobre a temática em questão para apresentar e publicar

os resultados parciais da pesquisa em eventos nacionais e internacionais – uma das formas mais efetivas de intervir socialmente. Compreender as estratégias argumentativas que se desenvolvem no ambiente virtual, especificamente no *Twitter*, integrando as suas características, seus mecanismos estruturais e sua aplicação nos textos, torna-se uma necessidade prática, já que estudamos as teorias da linguagem em integração com seu ambiente tecnolinguageiro, oferecemos subsídios para melhorar a qualidade de vida das pessoas, uma vez que as investigações científicas, inclusive as realizadas nas humanidades, têm como finalidade última aplicar as descobertas realizadas, aprofundando seus usos, de modo a beneficiar os usuários da língua em suas atividades diárias.

10) A quais avanços da LT na contemporaneidade daria destaque e como vê os desafios de seu futuro?

Ressalto principalmente o alicerce teórico que vimos construindo com a liderança da professora Mônica no Protexto. No livro *Linguística Textual* – conceitos e aplicações, assentamos as noções de texto, contexto, discurso e outras importantes noções com que trabalhamos em LT.

Ressalto ainda o novo tratamento metodológico para os critérios de análise da Linguística Textual. Cito algumas

reflexões: as estratégias argumentativas decorrem do projeto de influência do locutor/enunciador principal para colocá-las em negociação com os participantes do circuito comunicativo na interação; o texto na interação é o objeto de análise da Linguística Textual; uma unidade de comunicação e de coerência em contexto cerca os limites do texto, ajudando a fixar suas categorias analíticas, mas, ao mesmo tempo, coloca-o em inapelável inter-relação com outros textos na tecnodiscursividade. Temos investido em diversas categorias, como os gêneros e as relações entre eles, as sequências textuais, os tópicos e sua organização no texto, as funções referenciais de apresentação dos objetos de discurso no texto, de retomada anafórica num plano de recategorização dos referentes ligados em rede, e a marcação dêitica do ponto de origem enunciativo, orientando procedimentos de intersubjetividade e de ostensão. Espero cada vez mais trabalhar em prol do fortalecimento da Linguística Textual no Brasil através de projetos de pesquisa em rede, bem como da organização de eventos que possam conectar e agregar alunos da graduação e da pós-graduação e pesquisadores para uma discussão sempre mais aprofundada e rigorosa.

11) Que leituras você indicaria para quem está iniciando seus estudos na LT?

Indico principalmente o novo livro em comemoração aos 20 anos do Protexto, já citado por mim nesta entrevista, *Linguística Textual: conceitos e aplicações*, Editora Pontes, 2022. Com ele, o iniciante vai poder vislumbrar o lugar de fala da LT e os avanços e reformulações desde a LT da década de 1980. Além disso, poderá ter contato com uma gama de outros pesquisadores clássicos e contemporâneos que compõem nossa área, como Marcuschi; Koch e Elias; Capistrano Júnior; Marquesi, Travaglia; Cabral e Da Silva; Faria e Dionísio; Adam; Amossy; Mondada, e outros mais.

MÔNICA MAGALHÃES CAVALCANTE

Universidade Federal do Ceará (UFC)

1) Como você chegou à Linguística Textual (LT)? Quais autores lhe serviram de inspiração?

Não poderia ter chegado à Linguística Textual por melhores mãos do que pelas de Luiz Antônio Marcuschi. Quando as respostas para algumas inquietações já não podiam mais ser dadas pelos estudos em sintaxe em meu doutorado, submeti-me à nova seleção, agora para o Doutorado em Linguística da Universidade Federal de Pernambuco, em fins de 1996. Ninguém do colegiado da UFPE da época desenvolvia pesquisas sobre sintaxe, e eu corria o risco de não ser do interesse da pós-graduação... Foi então que, durante a entrevista do processo seletivo, Marcuschi se ofereceu para orientar meu projeto. Como o curso obrigava o aluno a cumprir disciplinas de áreas afins, fiz duas de literatura e, por recomendação

de meu orientador, conduzi o trabalho da disciplina para uma discussão sobre como a referência funciona no discurso literário em oposição ao discurso comum.

Marcuschi queria que eu refletisse, a partir de uma obra de Anna Whiteside, sobre as ambiguidades contextuais do texto poético, para testar a hipótese de que a referência no texto literário exigia do leitor maior elasticidade nas expectativas que criava do que nos textos não literários. As leituras foram indicadas pelo próprio Marcuschi, que solicitou ao professor de literatura que me desse liberdade para tecer essas reflexões. E ele aceitou (pasmem!) – se o pedido vinha de uma autoridade como Marcuschi, não se tratava de uma solicitação antiética, mas de um convite à reflexão, uma oportunidade.

A hipótese não se confirmou porque, evidentemente, a literatura construía, sim, um cenário diferente, num mundo discursivo próprio, mas, na verdade, sendo literário ou não, um texto é sempre um acontecimento encenado, e a *referenciação*, à qual Marcuschi estava me apresentando sutil e sabiamente, operava uma dinâmica única a cada vez, em qualquer texto.

Para ir em defesa desse ponto de vista, Marcuschi foi me indicando as bases teóricas que mudariam radicalmente meus interesses de pesquisa. Fui orientada a ler sobre a referência sob a perspectiva vericondicional dos filósofos da linguagem desde Frege, Russell, Donnellan, entre outros, e

a compará-la com o ponto de vista, muito recente, de dois autores que haviam defendido suas teses em 1994 e 1995: Lorenza Mondada e Denis Apothéloz. Quando, em 1997, defini o objeto de investigação do doutorado: a dêixis, eu já estava tendo acesso a trabalhos de Apothéloz e Reichler-Béguelin, que falavam em “estratégias de recategorização”, pelas quais o leitor reconstruía a imagem do referente, durante a interpretação do texto, e essa imagem ia evoluindo em sua memória conforme o desenrolar do texto.

Mas foram os trabalhos de Marcuschi e de Ingedore Koch, e a boa vontade de ambos, que me favoreceram o acesso às ideias de Berrendonner, Charolles, Beaugrande e também de Kleiber, com sua descrição das anáforas associativas e das estratégias de designação de referentes. Para a pesquisa da dêixis, eu precisava, no entanto, mergulhar na complexa definição de enunciação presente em Benveniste e em Fiorin; e nas descrições de expressões dêíticas dadas por Bühler, Lyons, Levinson, Fillmore (e tantos outros que Marcuschi encontrasse e me entregasse em xérox a cada orientação mensal...).

2) Quais de suas produções em revistas e/ou em livros impressos ou eletrônicos você destacaria?

Considero minha primeira contribuição autoral nos estudos linguístico-textuais o livro *Referenciação – sobre coisas ditas e não ditas*, gestado desde 2008, mas só publicado em 2011, pelas Edições UFC. O marco dessa obra autoral sobre referenciação vem da originalidade de realmente tratar os referentes como efetivos objetos de discurso, inapreensíveis apenas por expressões referenciais. Os referentes precisavam ser tratados como entidades sempre inferíveis por trilhas multissemióticas variadas. Além disso, essa obra estabeleceu distinções relevantes entre processos de introdução referencial (quase sempre negligenciados nos trabalhos sobre coesão referencial) e anáforas. Reafirmei também a separação entre introduções/anáforas, de um lado, e fenômenos dêiticos, de outro – uma discussão já bem estabelecida em minha tese e, mais ainda, na dissertação de Alena Ciulla, em 2003.

Com a publicação da obra *Os sentidos do texto*, em 2012, fiz minha primeira tentativa de reunir os critérios que me pareciam dar o perfil programático da Linguística Textual. Mas o propósito do livro, que contou com a ajuda excepcional de meus orientandos à época, não era teorizar sobre as noções, mas, principalmente, apresentar, de maneira bastante didática

e com uma riqueza de ilustrações, aos professores do ensino básico, os conceitos-chave de nossa área.

Em 2014, publiquei, em coautoria com Valdinar Custódio Filho e Mariza Brito, a obra *Coerência, referenciação e ensino*, que, demonstrando a dinamicidade da coconstrução de objetos de discurso, ressaltou ainda mais a importância crucial das relações referenciais para a concepção de coerência contextual. O livro trazia algumas atividades comentadas para auxiliar o professor em sua lida com o ensino de interpretação e produção de textos.

As traduções que coordenei, sobre temáticas que interessariam à Linguística Textual, também têm dado considerável apoio ao aprofundamento das leituras para os linguistas do texto. Destaco três delas, que intervieram diretamente na redefinição de nossos termos técnicos: *Apologia da polêmica*, de Ruth Amossy (2017); *Textos – tipos e protótipos*, de Jean-Michel Adam (2019); e *Estereótipos e clichês*, de Amossy e Pierrot (2022) – as três editadas pela Contexto.

Prefaciando (e ajudando a revisar) o *Dicionário de análise de discurso digital*, de Marie-Anne Paveau (2021), exerceu profunda influência sobre as últimas produções minhas e de outros membros do Protexto, pela mudança de paradigma que essa obra nos desafia a realizar. Temos repensado a proposta analítica da Linguística Textual, tendo em vista o contexto

digital das ocorrências por aspectos de sua produção, projeção de reconstrução e circulação/disseminação de textos.

3) Considerando a LT como Ciência, quais são seus procedimentos metodológicos e suas principais categorias analíticas?

Vou responder a essa pergunta limitando-me ao que temos defendido nos estudos do Prottexto, porque as pesquisas desenvolvidas no âmbito do texto, em seus modos de enunciar, por escrituralidade, por oralidade e por “digitabilidade”, gozam de variada descrição metodológica, dependendo da influência teórica que os dominou. Hoje, no Prottexto, temos partido do pressuposto de que as relações de sentido que conferem ao texto unidade de coerência são construídas numa interação comunicativa, encenada por locutores e interlocutores que desempenham papéis sociais em dado contexto sócio-histórico, que se hibridiza com o ambiente digital.

A análise do texto, como objeto de investigação, com suas trilhas de sentido, permite que se percebam relações de integração entre linguagem, conhecimento e cultura, num paradigma necessariamente interdisciplinar. O trabalho interpretativo não se reduz a um processo de reconstrução,

mas faz revelar atividades de coconstrução entre os sujeitos envolvidos.

Nessa interdisciplinaridade focalizada que empreendemos, creio que uma análise do texto deve começar pela consideração do contrato estabelecido entre os participantes da interação no circuito comunicativo. Além disso, deve supor a visão ecológica dos gestos linguageiros e a ideia de que tais gestos implicam a relação direta ou indireta com recursos tecnológicos. Essa decisão é subjacente aos procedimentos metodológicos e aos critérios de análise que a Linguística Textual privilegia ao tentar investigar:

- A acomodação do dizer, nas **modalidades argumentativas**, a um **gênero** e a um plano composicional (**plano de texto, seqüência**);
- A indicação do **campo dêitico** que se estabelece na comunicação, considerando o hibridismo homem-tecnologia;
- Os indicadores do **ethos discursivo** dos participantes e do **pathos**, dentro das construções de razoabilidade (**logos**);
- A tematização e perspectivização da coerência por meio de **redes referenciais** e da **organização tópica**;
- A marcação dos **processos intertextuais estritos e amplos**;

- A marcação de **heterogeneidades enunciativas**;
- A consideração dos gestos languageiros tomados como **impolidos**, não polidos, ou violentos.

4) Considerando o texto em toda a complexidade que lhe é constitutiva e em sua multiplicidade de formas e de linguagens, como você o define?

No âmbito do dialogismo, um texto só se manifesta singularmente de maneira situada, dentro de uma dada esfera de atividade humana, e em relações constitutivamente intertextuais. Cada texto é irreproduzível e representa um elo com outros textos no contexto sócio-histórico. É por isso que dizemos que a interpretação de um texto nunca está encerrada e concluída, porque não existe texto considerado apenas como potencial, já que ele acontece como evento e, por isso, terá sempre singularidade.

Ao assumirmos a relação dialógica entre textos, também nos interessa, de perto, discriminar categorias de análise que marquem essa dialogia no texto (no enunciado). Para evidenciar a relação entre textos, é necessário impor limites entre eles. Aquilo que não se delimita com começo, meio e fim é um *continuum*, um texto sem fim, não um diálogo entre

textos. Portanto, se fosse um *continuum*, não haveria razão para conceber processos “inter”textuais.

As relações de sentido que instituem o texto como unidade de coerência são construídas num cenário dêitico imediato, encenado, porque não se trata de sujeitos empíricos, num tempo e espaço físico real, mas de uma encenação criada pelo universo textual a cada vez. Esse cenário, como afirma Hanks (2008), fundamentando-se em Bourdieu, requer duas condições fundamentais: a emergência e a incorporação. A emergência diz respeito ao próprio acontecimento do texto na interação, é quando o texto é enunciado; a incorporação concerne à imbricação dos aspectos organizacionais e situacionais com enquadres culturais e com uma espécie de causalidade sócio-histórica. A noção de texto com a qual operamos contempla os mais variados artefatos sociossemi-óticos, comunicativos e interativos, desde que se apresentem como unidade conclusa de comunicação e de coerência em contexto (CAVALCANTE *et al.*, 2019). Texto não se contrapõe a discurso, assumido aqui como as evidências semântico-pragmáticas dos posicionamentos sustentados institucionalmente em determinados campos sociais. O discurso é uma dispersão e só pode ser cercado na interdiscursividade. O texto é um nível de análise, de composição sequencial, genérica e tópica,

entre outros aspectos que lhe dão unidade de sentido em contexto, em meio às relações intertextuais que se estabelecem.

5) O que é o hipertexto? Como você o define? Quais desafios teórico-metodológicos você indicaria para a análise de textos em contexto digital?

A ideia de “hipertexto”, desde os trabalhos seminais de Marcuschi, Antônio Carlos Xavier, Ingedore Koch e, mais recentemente, aprofundados por Vanda Elias, vem sendo desafiada na mesma velocidade galopante com que mudam as práticas discursivas digitais. Penso que não seja mais apropriado falar de “hipertexto” nem como um grande enunciado, que comporta *links*, permitindo a ubiquidade em sua condição *on-line*, nem apenas como uma propriedade de certos textos multimodais linkados, que dão acesso a outros textos. Nada disso está incorreto, mas a questão é que o caráter hipertextual – que optamos por chamar de *hipertextualidade* - não deveria ser examinado sem contemplar outras propriedades da tecnodiscursividade como um pressuposto pós-dualista da simetria dos gestos humano-tecnológicos.

Assim, convém integrar ao traço de hipertextualidade a concepção não dualista da linguagem e o entender junto a outras características dessa visão filosófica. Marie-Anne

Paveau reconhece que a hipertextualidade é uma característica estrutural dos “discursos” digitais, pois essa condição modifica a suposta linearidade da organização de um texto, além de favorecer a conexão entre textos e tornar o texto aberto a potencialidades imprevisíveis. Porque a hipertextualidade *on-line* condiciona o caráter híbrido dos signos em ambiente digital.

6) Quais são as preocupações específicas da LT que a diferenciam de outras teorias do texto?

Depende do que se está considerando como uma teoria do texto, pois muitas abordagens usam o termo *discurso* como equivalente ao termo *texto*. Quando os dois são equiparados, os limites entre Linguística Textual e análise do discurso podem se liquefazer. É o que me parece acontecer com a semiolinguística charaudiana e com a argumentação no discurso, de Amossy, que têm em comum com a Linguística Textual diversos pressupostos, sobretudo o do dialogismo e o da interação, além da admissão de um sujeito intencional e estratégico.

A interação, a intencionalidade, o interesse na persuasão são alguns dos aspectos que diferenciam essas propostas das análises do discurso, como a de Maingueneau, de Possenti, e

a de Orlandi, por exemplo. A Linguística Textual prima pela unidade comunicativa da coerência em contexto amplamente situado. Para mim, negligenciar esse nível de análise é desviar-se para outras vertentes teóricas.

7) Pesquisar implica não só ter o conhecimento de conceitos e de procedimentos analíticos mas também saber as possibilidades de seu campo de investigação. Poderia ressaltar delimitações bem como interfaces da LT?

O que delimita a Linguística Textual é, acima de tudo, a consideração do texto como objeto de análise – é o que dá o perfil dessa abordagem como ciência, além, é claro, de uma metodologia própria que não abra mão do nível de análise do texto. Já reivindiquei, em algumas palestras, que não é suficiente, para a Linguística Textual, desenvolver uma análise do texto atentando apenas para traços léxico-gramaticais, associando-os, por exemplo, a características dos gêneros e dos discursos, ou mesmo da argumentação persuasiva. Por isso Coseriu e Adam insistiram tanto na proposta de categorias do texto como nível de análise. Adam é talvez o teórico do texto que mais investe em um modelo metodológico, a que chamou de Linguística Textual dos discursos. Alguns estudos linguístico-textuais seguem a Linguística Textual

dos discursos, de Adam, em grande medida, ainda que em diálogo com outras teorias.

De minha parte e da maioria do Prottexto, apesar de utilizar inúmeros conceitos e descrições de Adam, não adoto o modelo analítico em sua integridade, por causa de outras respostas discursivas, argumentativas e sociorretóricas que esse pensador magnífico não se propõe a dar, por recorte de interesses apenas. Sou muito aberta a interfaces teóricas, desde que elas se acomodem aos critérios de análise que tomamos por relevantes: circuito comunicativo, modos de interação, modalidades argumentativas, tipologia sequencial, tipos de práticas de gêneros, atravessamentos interdiscursivos, referência, organização tópica, intertextualidade, e outros recursos de expressão de pontos de vista, de marcação da impolidez e dos jogos polifônicos. Qualquer que seja a interface que tangencie nossos interesses precisa, creio, correlacionar-se a esses parâmetros de análise para configurar um estudo linguístico-textual nos moldes do Prottexto.

8) Frutíferos diálogos interdisciplinares têm possibilitado aos estudiosos do texto uma ampliação do quadro conceitual-analítico da LT. No estabelecimento dessas interfaces, conceitos podem ser reinterpretados. Nesse sentido, qual a concepção de interação, sujeito, discurso e cognição na LT?

A concepção de sujeito respeitada pela Linguística Textual apela para pressupostos teóricos de Charaudeau, de Amossy, mas também de Authier-Revuz. Para Charaudeau, o ato de linguagem “é realizado por um sujeito responsável por seu ato de comunicação, desenvolve estratégias discursivas (mesmo que não seja totalmente consciente delas) para chegar a dados fins (CHARAUDEAU, 2015, p. 128). Esse ato de linguagem, que só analisamos quando ele se delimita no texto, integra diversos modos de expressão: verbais, gestuais, imagéticos, sonoros, táteis. Amossy (2017) propõe uma noção de sujeito muito próxima da de Charaudeau: é um sujeito retórico redimensionado, porque, mesmo sendo constrangido por valores ideológicos e crenças, numa inconsciência que lhe é constitutiva, ele é também livre para utilizar intencionalmente recursos languageiros para tentar persuadir outros sujeitos.

Reconhecer o sujeito como estratégico é, portanto, fundamental para a teoria da argumentação no discurso de Amossy, que adotamos no Prottexto. É essa perspectiva que justifica a orientação argumentativa que condiciona as escolhas dos

parâmetros de textualização a serem organizados no evento do texto.

Fundada na noção benvenistiana de enunciação, Authier-Revuz (2004) postula que, quando um locutor se institui como sujeito e instaura um tu, ele precisa da ilusão de ter domínio e controle do seu dizer, embora nunca o tenha. Para a autora, que se pauta pelo dialogismo bakhtiniano e pela visão freudo-lacaniana de inconsciente, o sujeito é sempre cindido; e a linguagem, pela qual ele se constitui, é sempre falha, por isso nunca diz completamente. Acreditamos que esse descentramento do sujeito não nos impede de olhar para o sujeito em seu ato de linguagem, em que o locutor/enunciador, supondo-se dono de seu dizer, intencionalmente planeja seu texto, arranjando-o conforme seu projeto argumentativo de influência sobre o outro.

Advém daí nossa suposição de sujeito: dentro de um circuito comunicativo em que uma instância de locutor, que sustenta pontos de vista e, por isso, é também um enunciador primeiro, dirige-se intencionalmente a uma instância de interlocutor em relação à qual ele projeta pontos de vista. Essas duas instâncias, ao mesmo tempo, associam-se, cada uma, a determinadas identidades sociais no texto, das quais se esperam certos papéis socialmente convencionados. Eis por que o sujeito, para a Linguística Textual, é considerado

em suas tentativas de influência sobre o outro e, dessa forma, age estrategicamente para mobilizar recursos diferentes de textualização.

Se o termo *interação* nunca deixou de denotar uma troca comunicativa, uma “inter-ação” entre sujeitos que tentam exercer influências recíprocas uns sobre os outros, há de se admitir que, nesse jogo interacional, os participantes assumem identidades e papéis sociais e, em vista disso, elegem certos modos de olhar para os referentes, posicionando-se.

A interação se torna uma condição para o acontecimento do texto como unidade de sentido em contexto. E, se, como defende Muniz-Lima (2022), diversos aspectos interferem nos modos de interação, como o grau de formalidade, a gestão monogerida ou poligerida das vozes, a presença ou a ausência de sincronicidade, o caráter hipertextual, a conectividade ou não à internet, há de se admitir ainda que todos eles intervêm também na organização do texto.

Quanto à perspectiva de cognição subjacente aos estudos linguístico-textuais, diria que ela sempre foi abordada como uma sociocognição, mas a noção de cognição social nem sempre atende pelos mesmos referenciais teóricos. Em Marcuschi e Koch, a sociocognição provavelmente se aproximava de Beaugrande (1997), mas também de van Dijk,

em sua ponderação discursiva das estruturas mentais, e de pressupostos defendidos por Margarida Salomão.

Hoje, dado o pouco investimento do Prottexto em aspectos relativos ao processamento mental dos significados, basta-nos a visão de cognição distribuída, que aparece em Paveau (2021), mas que é redimensionada com a ideia de competência discursiva sustentada por Mussalim e Paveau. A cognição não pode ser vista como concentrada na mente individual, mas, sim, deve ser pensada como distribuída entre os membros de uma coletividade, numa memória pré-discursiva, como diz Paveau, desde 2006. Essa visão é importante para a Linguística Textual porque admite que esses saberes e valores distribuídos são reatualizados a cada texto. Por isso, para Mussalim, a *competência discursiva* deveria ser reformulada e ampliada, de modo a incorporar não apenas uma capacidade cognitiva mas também uma capacidade de saber operar a partir de quadros pré-discursivos coletivos, que instruem sobre a produção e interpretação dos usos languageiros, como já mostrava Koch, aliás. Mussalim pleiteia, então, que a competência discursiva passaria a contemplar aspectos de natureza ideológica e cognitiva.

Sobre discurso, antecipo aqui um trecho do novo livro do Prottexto, em que afirmamos: “o discurso é assumido em textos no âmbito de toda uma interdiscursividade – uma

ampla relação entre vários discursos, que se comentam, que se parafraseiam, que se citam, convergindo ou divergindo. Entram nessa relação interdiscursiva, por exemplo, discursos religiosos evangélicos ou católicos, acadêmicos de corrente formalista ou de corrente funcionalista, discursos políticos neoliberais ou discursos que defendem a intervenção do estado na economia, discursos sobre preconceito racista estrutural e discursos antirracistas, entre muitos outros que se entrecruzam em cada texto. Os discursos, e seus cruzamentos, só se atualizam quando os textos se constroem nas interações e são assumidos no dizer de locutores. É dentro desses campos discursivos, como afirma Maingueneau, que o analista do discurso elege os espaços discursivos que ele opta por analisar, porque os discursos não existem de maneira fechada em si mesmos – estão sempre em dispersão”.

9) Dos resultados de seus trabalhos, seria possível indicar contribuições para o ensino?

A resposta a essa questão é um tanto complexa, porque depende de como se encara a expressão “contribuição para o ensino”. Todo o programa analítico da Linguística Textual tem como finalidade última afetar o professor que, na ponta final, lidará com o ensino de interpretação e produção textual. Mas essa preparação do professor não deve se restringir, a meu

ver, à elaboração de propostas pedagógicas, o mais didáticas possível, de forma a triturar conteúdos certamente indigestos. Com esse posicionamento, não quero dizer que ações como essa sejam inócuas; quero apenas mostrar que a didatização sozinha é como uma roupa criativa num manequim oco de vitrine. O professor eficaz, a meu ver, tem de, antes de tudo, estar cômico dos saberes teóricos das definições e descrições que lhe serão dadas a ensinar. Para isso, os cursos de especialização, de mestrado e de doutorado cumprem seu papel a contento. O que é perverso é o governo dar a muito poucos o direito de se pós-graduar, sem que, para isso, o professor precise escolher entre a sobrevivência e o saber – que decisão cruel! De posse desse saber que lhe dará forramento, o professor pode dar ajustar os conteúdos a seu estilo próprio de transmitir e de coconstruir saberes. Um investimento em cursos de formação de professores pode ser uma ponte mais firme para os que enxergam uma distância abismal entre pesquisa em Linguística Textual e ensino.

Por esse prisma, eu diria que as pesquisas do Protexito, e as minhas, particularmente, sentiram necessidade primeiro de buscar algumas certezas teóricas, de questionar a coerência dos conceitos de outras perspectivas afins com os nossos próprios princípios. Essa reflexão tem sido muito difícil, mas vem chegando a resultados plenamente satisfatórios, porque

tem nos permitido reunir, num programa metodológico só, os critérios de análise que os linguistas do texto costumam adotar. Proceder dessa maneira foi como tentar acomodar as noções em caixetas, de modo que elas servissem à explicação de nossos fundamentos para a unidade irrepetível de sentido em contexto, que acontece na interação concreta, dentro de um circuito comunicativo, sempre motivada por projetos argumentativos de influência, com base nos quais um sujeito estrategista e meio confrangido socialmente negocia com o outro suas ações tecnolinguageiras. Como ensinar texto sem ter a devida segurança sobre os pressupostos que embasam sua própria definição?

Produzimos algumas obras completamente voltadas para a didática de conceitos fundamentais da Linguística Textual. Mencionaria, entre elas, o livro *Intertextualidades: diálogos possíveis; Os sentidos do texto, o Coerência, referênciação e ensino*, e o e-book para o ProfLetras: *Texto e ensino*.

Mas a contribuição mais completa do Prottexto para a preparação do professor é a obra *Linguística textual: conceitos e aplicações*, que saiu pela editora Pontes, em 2022. Como o próprio título o insinua, o livro tem o cuidado de discutir as concepções, mesmo as advindas de outras perspectivas teóricas, segundo o olhar da Linguística Textual que o grupo defende. As reflexões buscam definições mais consistentes

desses conceitos, contestam o que não nos cabe investigar e citam os parâmetros metodológicos pelos quais eles podem ser abordados em Linguística Textual.

Uma segunda seção de cada capítulo sugere como as unidades teóricas poderiam ser aplicadas em sala de aula e ainda demonstra, ao final, algumas atividades comentadas. A obra nasce, portanto, de um grupo que vem maturando os questionamentos e as críticas que nos vêm sendo endereçados desde vinte anos atrás e apresenta respostas bastante plausíveis.

10) A quais avanços da LT na contemporaneidade daria destaque e como vê os desafios de seu futuro?

Eu ressaltaria, em primeiro lugar, três avanços teóricos:

- a. O primeiro deles foi termos creditado a Jean-Michel Adam, a Coseriu e a Bakhtin a visão de texto como unidade de comunicação e de sentido em contexto, a fim de respeitar o texto como um nível de análise, acima da frase, mas com suas macrounidades relativas ao plano composicional das sequências, às práticas discursivas dos gêneros como tipos relativamente estáveis de texto, e à congregação dos tópicos e subtópicos.
- b. O segundo foi termos reconhecido a imbricação inevitável entre os parâmetros de textualização, sobretudo

a construção da referência em rede, os processos de intertextualidade, as marcas de heterogeneidade e as marcas de impolidez, e os aspectos genuinamente discursivos. Para isso, a noção de interdiscursividade, de formações discursivas e de cena enunciativa, de Maingueneau, foram muito importantes. Porém, mais condizentes com nossos pressupostos interacionais e com nossa visão de intencionalidade e de sujeito estratégico, ainda que clivado, foram as ideias de Charaudeau, sobre contrato e circuito comunicativo, com os sujeitos repartidos entre atores e actantes, sobre o princípio de influência e sobre o dispositivo comunicativo, que mais nos favoreceram a construção de um modelo analítico dos sentidos do texto.

- c. O terceiro foi termos valorizado a tese de Rosalice Pinto quanto à influência dos gêneros sobre o fazer argumentativo e, em consequência, termos encontrado a teoria da argumentação no discurso de Ruth Amossy. Creio que foi a proposta de consideração da dimensão argumentativa do discurso que nos fez confirmar o princípio de que todo texto tem argumentatividade. Essa perspectiva fez convergirem todas as nossas justificativas para os longos anos de estudos da Linguística

Textual sobre como evidenciar e explicar os sentidos do texto.

Uma pesquisa é tanto mais instigante quantas forem as indagações que ela faz suscitar. Algumas delas alimentarão nossos próximos passos:

- Como precisam ser considerados os tecnogêneros e seus agrupamentos?
- Qual a interferência das mídias digitais nas diferentes interações?
- Como precisam ser abordados os processos referenciais nas relações entre textos que dividem o mesmo ambiente digital?
- Como tratar as peculiaridades dos processos intertextuais efetivados nos ecossistemas?
- Como demonstrar, nas atividades de ensino, que há pontos de vista em jogo em todo texto, que eles podem ser marcados e que conduzem a orientação argumentativa?

11) Que leituras você indicaria para quem está iniciando seus estudos na LT?

O mérito de alguns autores para o encantamento com a Linguística Textual nunca poderá ser negado:

- Marcuschi, com os estudos dos gêneros, do contínuo fala-escrita, e das concepções de coerência e referenciação;
- Koch e Elias, com as ricas sugestões de aplicação dos conceitos linguístico-textuais à prática de sala de aula;
- Irandé Antunes, com as obras e palestras sobre os princípios de textualização;
- Luiz Carlos Travaglia, com suas reflexões instigantes que chegam facilmente ao ensino;
- Angela Dionísio, com a ampla divulgação dos trabalhos de Marcuschi e com os estudos que orientou sobre o traço indiscutivelmente multimodal dos textos;

A isso, acrescento as minhas obras mais voltadas para o ensino, que mencionei já anteriormente.

Espero que a nova geração de linguistas do texto desfaçam as fronteiras entre estudos da oralidade, estudos da escrita e estudos das interações digitais. Em todas essas abordagens, se for o texto o nível de análise comum a todas elas, então,

elas poderiam ser reunidas em uma só Linguística Textual, respeitando as especificidades de cada uma.

PAULO RAMOS

Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)

1) Como você chegou à Linguística Textual (LT)? Quais autores lhe serviram de inspiração?

A chegada à Linguística Textual (doravante LT) se deu pela busca por uma teoria que ajudasse a explicar processos de produção de sentido em histórias em quadrinhos. Histórias em quadrinhos eram o objeto de pesquisa do doutorado em Filologia e Língua Portuguesa que desenvolvíamos, na época, na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

O estudo procurou fazer uma analogia entre piadas e tiras cômicas. A hipótese, que pôde ser confirmada, era que ambos os gêneros apresentavam semelhanças no modo de construção do sentido humorístico. O doutorado foi produzido

na primeira década deste século sob orientação do doutor Hudinilson Urbano. A banca de defesa ocorreu em 2007.

Datar esse período é relevante por ser um momento em que a LT já havia incorporado muito do pensamento do Círculo de Bakhtin. Uma das influências foi a inclusão do conceito de gênero no escopo teórico dos estudos do texto. Via-se isso nos escritos mais recentes de Ingedore Grunfeld Villaça Koch e de Luiz Antônio Marcuschi, dois dos pilares desse campo de estudos no país e de enorme importância até os dias atuais.

Em contrapartida, era uma época em que a percepção de que o texto era composto por elementos de diferentes modalidades ainda não era consensual. Nesse sentido, nosso doutorado, que abordava especificamente produções verbo-visuais, tinha um nó teórico-metodológico a ser desfeito: o objeto de análise eram tiras cômicas, produções compostas justamente por elementos verbais e visuais.

Havia dois caminhos para enfrentar o problema. O primeiro seria trazer outras perspectivas teóricas para apoiar a análise, como as feitas pelo Grupo μ e por Kress e Van Leeuwen. Como consequência, indicaria que o texto, no modo como era trabalhado até então pela LT, não teria respostas teóricas próprias para incluir o elemento visual entre seus possíveis objetos de estudo.

O segundo caminho seria trazer tais perspectivas externas, dialogar com elas e cruzá-las com o arcabouço teórico do texto. Caminho mais difícil foi o adotado na pesquisa. Um dos resultados práticos foi a constatação de que os conceitos da LT poderiam ser espelhados também para produções visuais e verbo-visuais. Elas, portanto, poderiam ser incluídas como objetos de estudo, algo que, até o momento, não ocorria.

Seguir esse caminho levou a algumas consequências teóricas. A primeira delas foi que o conceito de texto precisou ser alargado para incorporar elementos sógnicos de outras modalidades. A segunda consequência foi o desafio de pensar os conceitos da LT em produções multimodais, palavra que ainda era uma novidade entre os pesquisadores da área aqui no Brasil. Foram os passos dados. Aparentemente, no caminho certo. Soubemos, anos depois, lendo artigo de Silvana Maria Calixto de Lima, que seria o primeiro estudo da LT a dizer isso no país.

2) Quais de suas produções em revistas e/ou em livros impressos ou eletrônicos você destacaria?

O ideal seria sempre outro pesquisador indicar quais de nossos estudos seriam os mais relevantes a serem citados. O olhar externo tende a trazer uma visão menos pessoal e

mais crítica sobre o conteúdo que foi escrito. Talvez o que nós eventualmente julgamos relevante possa não ser sob o crivo crítico de quem nos lê. Cabe essa ressalva antes de responder à questão, que põe os trabalhos elencados a seguir em uma necessária condição *sub judice*.

Tentando fazer uma avaliação crítica de nossa produção, ainda que nublada pela incontornável ausência de distanciamento do que fora escrito, tenderia a destacar os trabalhos derivados do doutorado defendido na Universidade de São Paulo. A pesquisa gerou dois livros.

O primeiro surgiu a convite da doutora Vanda Maria Elias, que coordenou a coleção “Linguagem & Ensino” para a editora Contexto. Trata-se de *A Leitura dos Quadrinhos*, publicado em 2009. A obra revisou e ampliou os capítulos da tese que discutiam a linguagem específica utilizada nas histórias em quadrinhos. O diferencial é que o tema foi analisado e pensado sob o ponto de vista linguístico, em particular, sob o viés teórico da LT e da Análise da Conversação. A discussão sobre gêneros dos quadrinhos, também abordada na tese, foi sintetizada no capítulo de abertura.

O segundo livro derivado da tese foi *Faces do Humor: uma Aproximação entre Piadas e Tiras*, publicado dois anos depois, em 2011. A obra foi bastante fiel ao que havia sido apresentado no doutorado. Aprofunda a discussão sobre

gêneros e como o conceito pode ser aplicado aos quadrinhos e às piadas; detalha perspectivas teóricas do humor e das tiras cômicas; propõe um método de leitura de histórias em quadrinhos sob o prisma da LT; e, por fim, analisa o conjunto de tiras que compôs o corpus.

Seis anos depois, em 2017, revisamos e atualizamos algumas das características do objeto estudado no doutorado em *Tiras no Ensino*, obra que também destacaríamos. Revisitar as tiras se tornou necessário pelo fato de elas terem aspectos de sua produção e circulação alterados por conta da presença em ambientes digitais. A própria definição delas precisou ser revista e ampliada.

Para ficarmos em uma característica: o tamanho das tiras deixou de fixo, retangular, e passou a ser moldado conforme o interesse do autor da história. Tornou-se algo possível justamente pela presença delas em sites, blogs e redes sociais. Uma vez mais, a LT foi um dos prismas teóricos utilizados para pensar o tema.

3) Considerando a LT como Ciência, quais são seus procedimentos metodológicos e suas principais categorias analíticas?

Não é. Mas, se fosse uma fórmula química, a LT seria o resultado de uma mistura de componentes internos e externos ao texto. Qual a quantidade que deveria ser dada a cada um dos componentes iria depender do interesse de quem ficou a cargo da operação, a saber, o próprio pesquisador. A este caberia também dosar o quanto elementos de outros setores seriam relevantes para tornar a fórmula mais completa e proveitosa.

Se a proposta da LT é ter a percepção aberta para estabelecer diálogo com outras frentes, esse pode configurar, logo de início, um procedimento metodológico a ser pontuado. Destacaríamos apenas um cuidado, que será detalhado em outra resposta: sem, com isso, perder o pé na LT. Do contrário, pode-se produzir um estudo sobre outro campo teórico, e não o textual propriamente dito. A articulação teórica que advém desses contatos é um desafio em si ao pesquisador.

Olhar o texto – e os textos, aspecto para o qual a hipertextualidade tem sinalizado – parece-nos o procedimento nuclear a ser trabalhado por essa perspectiva teórica. A preocupação com processos formadores de sentidos, sejam eles pontuais e internos ao texto, sejam eles mais amplos e inerentes ao cenário sócio-histórico, é o caminho metodológico natural para quem tem essa preocupação como norte.

As categorias de análise dependeriam muito dos objetivos que se pretenda alcançar. Há, por um lado, uma gama de conceitos que pode ser mais recorrente, mas menos relevante a determinados estudos. Por outro lado, pode haver elementos teóricos menos comuns, porém, mais importantes para se chegar a determinadas respostas. É algo que, de fato, irá depender do que se queira fazer, do que se pretenda pesquisar.

O escopo de categorias analíticas é bem alargado. Referenciação, cadeia referencial, coesão, intencionalidade, aceitabilidade, intertextualidade, informatividade, situacionalidade, focalização, aspectos cognitivos, inferenciação, condições sócio-históricas, gêneros, sequências textuais, orientação argumentativa e, agora, por conta da hipertextualidade, as consequências da politextualidade e da poligenericidade. Tudo com vista à produção da coerência e aplicado tanto a produções impressas quanto a digitais, sejam multimodais, sejam hipertextuais. Todos serão relevantes a seu modo, dependendo do que se queira estudar; e, registre-se uma vez mais, com abertura a diálogos com conceitos de outros campos, pautados pela natureza e pela singularidade do objeto a ser analisado. Para ficarmos em um exemplo espelhado em nossa trajetória, tivemos de incorporar teorias relacionadas às histórias em quadrinhos e ao humor para compreender

os processos de produção de sentido humorístico de tiras cômicas e piadas. Mas sem tirarmos o pé da LT.

4) Considerando o texto em toda a complexidade que lhe é constitutiva e em sua multiplicidade de formas e de linguagens, como você o define?

Ronaldo Lemos, advogado especialista em questões de tecnologia e colunista da *Folha de S. Paulo*, costuma encerrar os escritos que publica no jornal com um bordão: “já era”; “já é”; “já vem”. A cada coluna, ele inclui um aspecto tecnológico que pode ser considerado ultrapassado (“já era”), que está em pauta (“já é”) e quais devem ser os próximos passos com relação a ele (“já vem”).

Isso não tem nada de acadêmico. Mas foi o que veio à mente para sintetizar a pergunta sobre qual seria a definição de texto. Tomando emprestado o bordão de Lemos, um possível começo de resposta seria:

- Já era – definir texto observando apenas o verbal
- Já é – definir texto incluindo diferentes modalidades
- Já vem – fundir aspectos de texto e hipertexto

Qualquer definição de texto que vier a ser proposta contemporaneamente terá de incorporar a presença de elementos

de diferentes modalidades. Apropriando-nos de outro empréstimo, agora de Koch, poderia ser dito que a incorporação da imagem teve força suficiente para representar outra virada na LT.

Apenas para explicar melhor a referência: Koch mostrou, em *Introdução à Linguística Textual: Trajetória e Grandes Temas*, que o percurso da LT se pautou por sucessivas viradas teóricas. Novos elementos eram incorporados ao já existentes e estes passavam a ser vistos de outro modo.

Segundo a linguista, as viradas foram pragmática e cognitiva. Esta última levou ao que ela nomeou de “perspectiva” sociocognitiva-interacional, que pode ser lida também, no nosso entender, como uma forma de virada, dado o impacto que estabeleceu nos alicerces teóricos desse campo de estudos. Somos defensores da ideia de que a multimodalidade representou outra dessas viradas.

Nesse sentido, e sem perder o foco de que se trata de uma resposta sobre qual seria a definição de texto a ser proposta, ela deveria ser o resultado das viradas e do novo prisma por elas estabelecido. Tal qual uma receita, deveria incluir entre seus ingredientes os aspectos cognitivos dos sujeitos e os contextos trazidos por eles, a situação concreta de ocorrência do texto e os aspectos externos relacionados a ele, a interação construída entre os seres, tendo o próprio texto como esse

lugar privilegiado de contato, sem deixar de lado as diferentes materialidades que compõem a produção.

O prato que surge dessa receita hipotética terá o sabor de como o texto tem sido consumido teoricamente no país pelos pesquisadores da LT. A resposta poderia encerrar aqui, estabelecendo apenas os ingredientes a serem incluídos e deixando o modo de preparo de lado. Mas seria uma resposta incompleta. Haveria a necessidade de, ao menos, sugerir uma definição, mesmo que para ser posteriormente revista.

Mônica Magalhães Cavalcante e Valdinar Custódio Filho propuseram uma boa ponte entre a definição de texto proposta por Koch e a inclusão de outras modalidades. O resultado foi apresentado no artigo “Revisitando o Estatuto do Texto”, publicado em 2010 na *Revista do GELNE*. Os dois pesquisadores tomaram como base a definição anterior e indicaram alguns ajustes terminológicos. O resultado chegou a esta redação:

A produção de linguagem [verbal e não verbal] constitui atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos que se realiza, evidentemente, com base nos elementos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas que requer não apenas a mobilização de um vasto conjunto de saberes (enciclopédia), mas a sua reconstrução e a dos próprios sujeitos – no momento da

interação verbal (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO, 2010, p. 64).

Pode-se propor uma nova redação ou algum ajuste aqui e ali? Talvez. Mas os ajustes sugeridos por ambos captam os resultados gerados pelas sucessivas viradas pensadas por Koch. Sem se esquecer da multimodal, a ser incluída entre elas, ainda que a expressão não tenha sido explicitada na proposta de definição de texto.

Faltou apenas detalhar o “já vem” mencionado anteriormente, o de uma eventual fusão aspectos de texto e hipertexto. Isso fica mais apropriado de ser discutido na próxima resposta.

5) O que é o hipertexto? Como você o define? Quais desafios teórico-metodológicos você indicaria para a análise de textos em contexto digital?

Pode-se estabelecer uma relação entre multimodalidade e hipertexto dentro do escopo teórico da LT. A presença de imagens já existia quando se observavam apenas os elementos verbais dos textos. O que mudou de lá pra cá? A maneira de se olhar para eles. Do mesmo modo, o hipertexto também já estava presente anteriormente em produções impressas. Passou-se a enxergar para esse aspecto somente depois.

O impulso para isso, seria até desnecessário dizer, foi a ampliação contundente das formas de produção textual presentes nos ambientes digitais. Reflexo do momento contemporâneo, passou a ser um natural – e relevante – objeto de estudos. De conexões lentas para bandas bem mais velozes, da imagem parada à feita em movimento por meio dos vídeos, dos *chats* de bate-papo às interações nas redes sociais, mudou o que a internet impôs à vida de todos. O conceito de hipertexto foi acompanhando essas mudanças.

Uma premissa a ser adotada antes de enveredar para uma definição de hipertexto é reprisar o dado de que ele já existia antes da internet. Uma nota de rodapé de um livro pode funcionar como hipertexto. Mas é evidente que o interesse no uso do termo, a ponto de propor uma definição para ele, está nas novas formas de interação textual mediadas por suportes que permitam acesso a ambientes digitais *on-line*.

Advogamos que Koch e Marcuschi exerceram um papel de bússolas teóricas da Linguística Textual brasileira. A saída de cena de ambos, fruto do pesaroso falecimento dos dois pesquisadores, criou um vácuo no mapa da LT contemporânea. Entendemos que Mônica Magalhães Cavalcante e Vanda Maria Elias, cada uma a seu modo, e sem reivindicarem tal papel, acabaram por assumir contemporaneamente a bússola deixada pelos antecessores.

Elas se debruçaram sobre a questão em capítulo de *Linguística Textual: Diálogos Interdisciplinares*, livro publicado em 2017 e organizado por Rivaldo Capistrano Júnior, Maria da Penha Lins, além da própria Vanda Maria Elias. As duas pesquisadoras do texto propuseram que o hipertexto deveria ser tratado como:

[...] um construto caracterizado pelos traços da conexão múltipla entre textos; não linearidade; não delimitação; fluidez; variedade de temas, de gêneros textuais e de linguagens, resultante da participação e do trabalho realizado colaborativamente por usuários em interação *on-line* (CAVALCANTE; ELIAS, 2017, p. 320).

É uma definição bastante completa, pensada por duas estudiosas atentas à articulação entre a tradição trazida pela LT e a necessidade de criação de caminhos para responder às novas formas de interação textual. É também uma definição que traz algumas consequências teórico-metodológicas. A mais evidente é que o foco não está mais apenas em um texto, mas na conexão dele com outros. Tornam-se relevantes, nesse novo cenário, dois outros conceitos, o de politextualidade e de poligenericidade.

Outra consequência é trazida pela admissão da não delimitação. Seria por meio da articulação entre textos que muitos dos sentidos seriam construídos. Isso fica bastante evidente

no caso de análises sobre os comentários feitos pelos usuários de redes sociais. É um conteúdo com informações relevantes para se pensar essa questão.

Mais: a participação ativa dos sujeitos nas redes sociais nubla os papéis até então mais evidentes de autor e leitor. Surgiria, aí, um “lautor”, um “escreleitor”, a depender de quem seja acionado para auxiliar na discussão. De todo modo, é um elemento inerente a produções feitas em ambientes digitais e que não pode ser ignorado.

Para além dos desafios do presente, que mudam na mesma velocidade acelerada das alterações testemunhadas nos ambientes digitais, parece haver uma tendência de protagonismo do texto digital nos desafios teóricos da LT. Uma prova disso é a simples presença da pergunta, replicada a outros colegas da área e que levou a esta longa e desafiadora explicação.

Independentemente das respostas dadas, todas igualmente válidas, podem-se pensar em novas questões: não estaria o hipertexto levando a se repensar o texto?; não existiriam poligenericidade e politextualidade também nos suportes impressos? A resposta é sim. Por que esses aspectos não foram trabalhados antes? Porque, a exemplo do próprio hipertexto, passaram a ser observados a partir das respostas encontradas para o texto veiculado em ambientes digitais.

Um outro e necessário questionamento, a ser feito em algum momento, é se não caberia articular, e não distinguir, o modo como se observam as produções impressas e digitais. Há particularidades evidentes, que não podem nem devem ser ignoradas. Mas não é esse o ponto. O arcabouço teórico da LT já está sendo utilizado para análises dos textos digitais. Não seria, então, o caso de buscar convergências teórico-metodológicas?

6) Quais são as preocupações específicas da LT que a diferenciam de outras teorias do texto?

Aqui poderia ser redigida uma resposta longa e outra curta. A longa detalharia cada um dos aspectos da LT e justificaria o que singulariza cada um deles. A curta, em contrapartida, pontuaria alguns nortes mais gerais que, por si sós, explicariam o diferencial desse campo teórico. Entendo que esse caminho sintético possa ser mais produtivo para expor as especificidades da LT.

Nesse sentido, destacaríamos duas especificidades. A primeira, mais evidente, é a preocupação com o texto. Tanto o texto em sua composição interna quanto como local privilegiado de interação. Muito do que essa corrente linguística

estuda poderia ser pautado nesses aspectos, tendo como busca a explanação dos processos de construção de sentidos.

A segunda especificidade estaria nos participantes da interação. Trata-se de uma perspectiva teórica que incorpora os saberes dos sujeitos, explicitando possíveis dados ou informações que são inerentemente trazidos como bagagem sociocognitiva, os contextos de cada um. Estaria no gerenciamento entre os sujeitos e o texto, visto como o próprio lócus de interação, o que entendemos ser a essência da especificidade da LT no modo como foi construída no Brasil.

7) Pesquisar implica não só ter o conhecimento de conceitos e de procedimentos analíticos mas também saber as possibilidades de seu campo de investigação. Poderia ressaltar delimitações bem como interfaces da LT?

Duas décadas atrás, talvez a resposta para essa questão fosse que uma delimitação da atuação da LT seria indicada pelo próprio texto. A preocupação estaria em dar respostas analíticas e teóricas para os variados aspectos internos e externos relacionados a ele. Uma das barreiras seria a presença de elementos visuais. O foco, na época, estava no verbal.

Uma década atrás, talvez a resposta para essa questão continuasse na premissa de que uma delimitação da atuação

da LT seria indicada pelo próprio texto. A preocupação, uma vez mais, estaria em dar respostas analíticas e teóricas para os variados aspectos internos e externos relacionados a ele. O não verbal, no entanto, não configurava mais uma barreira. O foco das análises já admitia incorporar o multimodal.

No momento em que estas linhas são escritas, talvez a resposta para a delimitação da atuação da LT não seja mais indicada pelo próprio texto. Ainda há a preocupação em dar respostas analíticas e teóricas para os variados aspectos internos e externos relacionados a ele. Mas o texto já passa a ser visto no plural. A politextualidade, a poligenericidade e a hipertextualidade lançam novos desafios para se enxergar os mesmos temas, porém, de outro modo; e com novas questões teórico-metodológicas a serem respondidas.

Trata-se de delimitações internas à área, por assim dizer. As externas continuam sendo, ou deveriam continuar sendo, as mesmas de antes. Parafraseando um raciocínio já exposto em resposta anterior: o desafio é dialogar com outros campos do conhecimento sem, com isso, perder o norte de que se esteja realizando um estudo dentro do escopo da LT. Se esse diálogo não for bem delineado, pode-se produzir uma pesquisa de outro campo teórico nomeando o resultado como sendo da LT. E não seria.

8) Frutíferos diálogos interdisciplinares têm possibilitado aos estudiosos do texto uma ampliação do quadro conceitual-analítico da LT. No estabelecimento dessas interfaces, conceitos podem ser reinterpretados. Nesse sentido, qual a concepção de interação, sujeito, discurso e cognição na LT?

Há uma gíria que tem se popularizado no Brasil: raiz. Ela é usada, em geral, para dar destaque a tudo aquilo que mantenha aspectos originais de seja lá o que for. Um caso bastante utilizado é o do sertanejo raiz. Seriam os músicos que cantavam apenas acompanhados de viola, com composições que versavam sobre a vida no campo. Seriam bem diferentes dos sertanejos contemporâneos, mais urbanos e tecnológicos no uso dos instrumentos, com outras temáticas nas letras das canções.

A lembrança dessa gíria é porque poderia ser aplicada ao estado da arte contemporâneo da LT. Haveria duas tendências. Uma delas seria uma LT mais raiz, no mesmo sentido dado pela gíria. Entrariam nesse rol todos os estudos que se herdaram as bases estabelecidas pelos pioneiros desse campo científico, dentre os quais merecem destaque os nomes de Ingedore Grunfeld Villaça Koch, Leonor Lopes Fávero, Luiz Antônio Marcuschi e Luiz Carlos Travaglia.

Não se trata de abordagens paradas no tempo. Ao contrário, são todos os trabalhos que acompanharam a evolução da

LT no país e que souberam revisitar e atualizar os conceitos nucleares dessa corrente linguística. A começar pela própria definição de texto, que foi devidamente repensada e alargada, de modo a abrigar produções de outras modalidades além da verbal.

A outra tendência é a de um afastamento dessas bases, com vista a trazer outros autores e perspectivas teóricas para dar respostas a práticas textuais. Nesse sentido, levariam a um afastamento das bases de como o pensamento foi cunhado no Brasil, pondo, no lugar, outro arcabouço teórico-metodológico. O ponto em comum seria a preocupação com o texto.

Não se trata de dizer que esta ou aquela perspectiva é melhor que a outra, ou mesmo que as novas abordagens ignoraram a tradição da LT raiz, se formos continuar com a analogia trazida pela gíria. Longe disso. São perspectivas igualmente válidas, com bons e profícuos trabalhos desenvolvidos. Porém, são diferentes em termos metodológicos. E estão abrigadas por um mesmo guarda-chuva, chamado de Linguística Textual ou Linguística de Texto.

Os fatores que levam um pesquisador a seguir esta ou aquela corrente de pensamento não são de ordem estritamente acadêmica, mas pessoal. Os vínculos muitas vezes são estabelecidos e estreitados por afinidades. Tem-se preferência pela perspectiva x, e não pela y. E tudo bem. O ponto é que isso

não esconde o fato de que se trata de arcabouços próprios, com nuances particulares e diferenciadas umas das outras.

Esse longo preâmbulo se tornou necessário porque não é tão simples a resposta sobre as concepções de interação, sujeito, discurso e cognição. Cabe uma pergunta prévia: de qual corrente de pensamento da LT o pesquisador se aproxima mais? De uma LT mais raiz ou de outras perspectivas, amparadas por métodos estabelecidos por outros autores? A depender do posicionamento, tem-se uma resposta, que pode diferir da outra, por partir de bases distintas.

O diálogo com outras correntes teóricas do escopo pragmático, cognitivo e discursivo esteve na essência da trajetória de como a LT se construiu no Brasil. Muito do que se passou a incorporar como interesse teórico-metodológico foram apropriações de outras frentes, ainda que ajustadas às bases iniciais. Refletindo sobre isso, defendemos que haja, ou que deva haver, um limite. A barreira seria não rotular como sendo um estudo textual algo que talvez não seja.

Se a preocupação, por exemplo, for trabalhar com aspectos ideológicos, as correntes da Análise do Discurso talvez possam ajudar bem mais do que a LT. Podem ser estabelecidas interfaces? Sem dúvida, mas com a percepção de que se esteja fazendo um estudo textual, e não discursivo. Argumentação tem sido um tema que entrou no interesse da LT brasileira.

Mas como interface. Se for uma pesquisa estritamente sobre argumentação e estratégias de persuasão, o campo da Nova Retórica levaria a resultados melhores.

Expor o que se entende hoje por interação, sujeito, discurso e cognição, qualquer que seja a resposta, é algo que precisa ter esses nortes bem claros em mente. Do contrário, corre-se o risco de se definir algo com olhar de outro arcabouço teórico. Posto isso, tenderíamos ainda a enxergar o quarteto de conceitos sob os mesmos olhares sugeridos por Koch e Marcuschi.

Os últimos escritos de ambos, em particular os de Marcuschi, sugerem uma forte aproximação com as premissas defendidas pelo Círculo de Bakhtin. No aspecto textual, há, de fato, pontos bastante convergentes. Interação seria o contato comunicacional entre os sujeitos, tendo o texto como o próprio local dessa interação. Os sujeitos seriam seres com contextos sociocognitivos próprios, bagagem essa trazida e acionada durante o processamento textual. Por essa acepção, o aspecto cognitivo fica respondido também.

Restaria a questão do discurso. Por muito tempo, houve uma tendência de olhar o texto como o produto e o discurso como o processo onde ele se deu de forma efetiva. Mas o texto mudou e o olhar dado sobre ele incorporou os elementos situacionais e históricos. Isso aproximou naturalmente o

conceito de texto ao de discurso, exceção feita aos conceitos de ideologia e de sujeito assujeitado.

A pergunta sobre a diferença entre texto e discurso foi feita a Ingedore Koch em um curso da Linguística Textual ministrado por ela e por Anna Christina Bentes na Universidade Estadual de Campinas (Bentes, cabe registro, exerceu um papel de liderança nos rumos conceituais da LT durante muitos anos). Koch comentou na ocasião que, do modo como o texto passava a ser visto, já não fazia mais diferença entre texto e discurso. Ambos convergiam. Trazemos de memória a resposta dela. Éramos um dos alunos daquela disciplina. Ainda temos a mesma leitura feita por ela sobre o tema.

Ainda sobre discurso, cabe um rápido registro final. Marcuschi havia ensaiado uma aproximação com esse campo de pensamento em seus últimos escritos. Um dos conceitos que ele havia proposto era o de domínio discursivo. Tratava-se de algo bastante próximo ao que Dominique Maingueneau, via Análise do Discurso, nomeava como tipo de discurso. Essa concepção ficou no ar e, volta e meia, é mencionada em algum trabalho da LT. Caberia ser revisitada.

9) Dos resultados de seus trabalhos, seria possível indicar contribuições para o ensino?

Indicaria duas possíveis contribuições, com a mesma ressalva feita na resposta à pergunta 2. O mais indicado seria que o outro sinalizasse as eventuais contribuições dos estudos por nós realizados para o campo do ensino. O incontornável envolvimento com tais produções impede o necessário distanciamento crítico delas e pode turvar as eventuais indicações. É com esse risco, com ares de alerta, que pensamos sobre a questão.

Indicariamos três possíveis contribuições para o ensino. Primeira: a necessidade de olhar o texto como uma produção multimodal, composta por diferentes códigos. Segunda: o arcabouço teórico da LT pode ser replicado em textos multimodais para expor os processos de produção de sentido. Terceira: quadrinhos não são compostos por um gênero, mas por vários, cada um com suas singularidades. Quadrinhos, em particular as tiras, estão entre os textos mais presentes nos materiais didáticos brasileiros.

10) A quais avanços da LT na contemporaneidade daria destaque e como vê os desafios de seu futuro?

Ingedore Grunfeld Villaça Koch terminou o livro *Desvendando os Segredos do Texto* com um epílogo, nomeado de “Linguística Textual: Quo Vadis?”. Era um título providencial para esta discussão. A primeira edição da obra é de 2002. Naquele momento, a linguista havia sinalizado um desafio e uma proposta. O desafio era pensar o impacto do hipertexto na LT. A proposta era que a LT exercesse um papel de ciência multi e transdisciplinar, estabelecendo diálogo com outros campos do conhecimento, e não somente o de humanas.

Essa leitura se concretizou nos 20 anos seguintes e entrou na agenda de preocupações contemporâneas da LT, como o teor das perguntas feitas para serem aqui respondidas ajuda a comprovar. Outro desafio, se fosse possível de ser incluído *a posteriori* no epílogo redigido por Koch, seria o de dar respostas à questão da multimodalidade. Embora ausente, o tema também foi incorporado.

Refazer a mesma pergunta formulada por Koch é algo bastante oportuno, mas, ao mesmo tempo, imprevisível. O que se disser agora poderá ser ou não confirmado nas próximas décadas. O máximo que se pode fazer é tentar ler o presente para tentar identificar possíveis aspectos que demandarão

posicionamentos teóricos dentro da LT a serem respondidos. Nesse sentido, arriscaríamos três desafios:

1. as consequências epistemológicas trazidas pelo olhar hipertextual;
2. a aproximação entre métodos e conceitos dos meios impressos e digitais;
3. o estabelecimento de diálogo com outros campos teóricos sem que, com isso, a LT perca a essência do que se tornou.

11) Que leituras você indicaria para quem está iniciando seus estudos na LT?

A quem está iniciando os estudos, sugeriria percorrer duas trilhas. Uma permite que se conheçam dois dos autores fundadores desse campo teórico no país: Ingedore Grunfeld Villaça Koch e Luiz Antônio Marcuschi. São linguistas cuja relevância não pode ser ignorada. A produção de ambos foi extensa e, ao mesmo tempo, relevante.

A leitura de tudo só se justificaria se o objetivo fosse o de reconstruir o percurso histórico desse campo do conhecimento no país. Por isso, talvez um caminho seja dar foco aos últimos escritos deles: *Desvendando os Segredos do Textos*, *Introdução à Linguística Textual: Trajetória e Grandes Temas*,

ambos de Koch, e *Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão*, de Marcuschi.

As parcerias de Koch com Luiz Carlos Travaglia e Vanda Maria Elias configuram também boas portas de entrada para entender melhor as bases da LT. São obras que mesclam a teoria com exemplos, produzindo um resultado bastante didático para quem lê. Podem ser lidos *Ler e Compreender: Os Sentidos do Texto*, *Ler e Escrever: Estratégias de Produção Textual*, *Texto e Coerência* e *A Coerência Textual*. As duas últimas são bastante próximas no conteúdo. Pode-se optar por uma ou outra.

Vale um olhar também para as produções de Mônica Magalhães Cavalcante. Duas poderiam ser indicadas, tendo em mente um leitor a ser iniciado na LT: *Os Sentidos do Texto* e a parceria dela com Valdinar Custódio Filho e Mariza Angélica Paiva Brito em *Coerência, Referenciação e Ensino*.

Sobre multimodalidade, tema de bastante interesse contemporâneo, o assunto ainda está um tanto diluído em poucas pesquisas que abordaram o assunto. Do ponto de vista de quem pretenda se iniciar no assunto sob os olhos da LT, talvez ainda falte uma obra que exponha, de forma didática e objetiva, como isso pode ser trabalhado textualmente. É possível que as mais acessíveis sejam os capítulos finais do livro *Faces do humor: uma aproximação entre piadas e tiras*,

de nossa autoria; a obra *Referenciação, multimodalidade e humor em tiras cômicas do Gatão de Meia-Idade*, de Miguel Paiva, de Rivaldo Capistrano Júnior; e dois artigos de Silvana Maria Calixto de Lima, outra luz da área que, com enorme pesar, apagou-se muito antes do tempo. Os quatro trabalhos aplicam o arcabouço teórico da LT em textos compostos por elementos verbais e visuais.

Com relação a hipertexto, sugere-se acompanhar os artigos e os capítulos escritos por Antônio Carlos Xavier e Vanda Maria Elias. Os pesquisadores têm se debruçado sobre o tema desde o doutorado. Muito do que se passou a entender sobre o assunto dentro da LT veio dos estudos deles.

RENATA PALUMBO

Faculdade Sesi de Educação (FASESP)

1) Como você chegou à Linguística Textual (LT)? Quais autores lhe serviram de inspiração?

No início dos anos 2000, tomei parte da Linguística Textual nas aulas instigantes e memoráveis das Professoras Leonor Fávero e Zilda Aquino. Naquele momento, já havia várias obras em português sobre LT, pois as pesquisas, no Brasil, haviam avançado, e muito, desde os primeiros trabalhos relacionados aos estudos linguísticos do texto, no final da década de 1970, sobretudo, com as traduções das obras *Semiótica Narrativa e Textual* (CHABROL *et al.*, 1977) e *Linguística e Teoria do Texto* (SCHMIDT, 1978), como nos cita Koch (1999). Nas décadas posteriores, 1980 e 1990, multiplicaram-se as pesquisas, as quais foram inspiradas pela publicação de dois livros de 1983: *Linguística Textual: Introdução* (Fávero e Koch) e *Linguística*

de Texto: O que é e como se faz (Marcuschi). Não poderia deixar de mencionar a importância da conferência realizada por Marcuschi na PUCSP durante o IV Congresso Brasileiro de Língua Portuguesa do Instituto de Pesquisas Linguísticas, também em 1983. De acordo com Fávero (2019), os tópicos centrais e introdutórios, discorridos por esse importantíssimo e incansável pesquisador que eu entendo ter sido Marcuschi, foram: definições de texto, primeiras concepções de LT e seus aspectos teóricos. Acredito que esses primeiros movimentos foram essenciais para que ocorressem os desdobramentos subsequentes da LT no Brasil. Fato é que essas pesquisas atravessaram-me desde meus primeiros passos de estudos, período no qual tive o privilégio de ler essas obras iniciais e, também, outras de Fávero (1999), van Dijk (1983) – um dos pioneiros da LT – que me envolveram na trama dos textos orais e escritos. Desse modo, posso afirmar que minha inspiração se deveu a esses autores precursores brasileiros e, sobretudo, ao Professor Marcuschi e às professoras e estudiosas de LT Leonor Lopes e Zilda Aquino, as quais não só indicaram o caminho das investigações já existentes sobre textos mas também apontaram a necessidade de buscar avanços científicos continuamente.

2) Quais de suas produções em revistas e/ou em livros impressos ou eletrônicos você destacaria?

Tenho observado o funcionamento dos textos-discursos no interior dos estudos da LT – nos campos político e midiático –, buscando relacioná-los a posições de estudiosos que se dedicam aos elementos sociocognitivos e de outros dentre os quais as questões argumentativas destacam-se. No que diz respeito ao diálogo teórico mencionado, destaco a construção do referente, que norteou minhas pesquisas de mestrado e de doutorado. Os estudos sobre a construção de objetos de discurso têm sugerido sua natureza linguístico-textual, discursiva, sociocognitiva e situacional, alinhando-se ao que Koch (2005) já havia indicado. Os estudos sobre a construção de objetos de discurso têm sugerido sua natureza linguístico-textual, discursiva, sociocognitiva e situacional, alinhando-se ao que Koch (2005) já havia indicado. Tenho examinado que a construção referencial – tanto nos movimentos catafóricos e anafóricos quanto nas formulações linguísticas que os marcam – está ancorada em mecanismos argumentativos de que os textos dispõem e em seu estatuto sociocognitivo, do qual participam metáforas conceptuais, *frames*, esquemas imagéticos etc. A respeito dessas investigações e de outras em que foi discutida a interface entre sociocognição-texto-argumentação, destaco: individuais –

PALUMBO, Renata. *Referenciação, metáfora e argumentação no discurso presidencial* (recurso eletrônico). São Paulo: FFLCH/USP, 2013.

PALUMBO, Renata. A Língua Portuguesa como símbolo de poder na política internacional. *In*: AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira de; GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto; PINTO, Maria Alexandra Guedes. *O poder do discurso e o discurso do poder*. Paulistana: São Paulo, 2018. v. 2.

PALUMBO, Renata. Argumentação e sociocognição nos discursos da Comunidade de Países de Língua Portuguesa. *Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, [s. l.], n. 18, p. 104-121, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.17648/eidea-18-2304>.

Em coautoria – AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira de; PALUMBO, Renata. A construção da identidade e a busca de legitimidade no discurso político presidencial. *Conexão Letras*, [s. l.], v. 11, n. 15, p. 75-88, 2016.

AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira de; PALUMBO, Renata. Diálogos com Marcuschi: sociocognição, argumentação e ensino. *Filologia e Linguística Portuguesa (Online)*, [s. l.], v. 21, p. 9-24, 2019.

BENTES, Anna Christina; PALUMBO, Renata; AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira de. Linguística textual, interação e

cognição social: procedimentos metodológicos. *(Con)Textos Linguísticos*, [s. l.], v. 15, p. 10-29, 2021.

PALUMBO, Renata; AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira de; BENTES, Anna Christina. Frames e argumentação: analisando o discurso presidencial de Michel Temer pós-impeachment de Dilma Rousseff. *(Con)Textos Linguísticos*, Linguística Textual e Análise da Conversação: conceitos e critérios de análise, [s. l.], v. 13, n. 25, p. 117-134, 2019.

3) Considerando a LT como Ciência, quais são seus procedimentos metodológicos e suas principais categorias analíticas?

Sabemos que a LT passou por fases, em razão, principalmente, de ter havido preocupações diferentes em relação a seus objetos de análise. Essas mudanças influenciaram os métodos selecionados, como ocorreu, em primeiro momento, na análise transfrástica, na qual o método ascendente se destacou com vista às sentenças e às formas. Foi uma extensão do que se costumava empregar em análises de sentenças. A ênfase dada ao texto e às funções das unidades menores, e não somente à forma, privilegiou o método descendente e potencializou a necessidade de um olhar multi e interdisciplinar. Quanto às abordagens quantitativa, qualitativa e quali-quantitativa, nas

últimas décadas, no Brasil, é possível identificar o privilégio dado à abordagem qualitativa por parte das pesquisas que tratam dos textos-discursos, como é o caso dos trabalhos situados no interior da LT. Embora haja essa predominância da abordagem qualitativa, em publicação recente, de 2021, em coautoria com Aquino e Bentes, identificamos indícios de que pesquisadores da LT têm recorrido, ainda em número menor, à quali-quanti como meio de ampliar os resultados de suas pesquisas. Quando selecionada, uma abordagem mista (quali-quanti) não pode consistir apenas em uma contagem de ocorrências, sem ter em vista o que esse número ou percentual revela sobre o processamento textual-discursivo e como pode ampliar os resultados ou confirmar as análises qualitativas; ou vice-versa. Fato é que o procedimento a ser adotado dependerá das finalidades das pesquisas, de suas bases epistemológicas e teóricas, das interfaces construídas entre teorias, da problematização, dos *corpora* sob análise. No que diz respeito às categorias de análise, em consonância com a Professora Leonor Fávero (FÁVERO; ELIAS; CAPISTRANO JÚNIOR, 2021), a partir das propostas de Beaugrande e Dressler (1981), foram ocorrendo acréscimos: os contextualizadores por parte de Marcuschi, os gêneros textuais. Embora existam essas categorias já conhecidas, com possibilidades de acréscimos, não se esgotam os elementos de análise, principalmente por conta do caráter processual e dinâmico dos textos.

4) Considerando o texto em toda a complexidade que lhe é constitutiva e em sua multiplicidade de formas e de linguagens, como você o define?

Noções de texto já foram sobejamente apresentadas por diversos estudiosos em determinados momentos, conforme o que cada qual assumia em relação tanto a perspectivas teóricas – semiótica, pragmática, entre outras – quanto a preocupações distintas existentes, mesmo no interior da LT, nas fases por que passou – análise transfrástica, gramáticas de texto, teoria dos textos. Em específico, a abordagem sociocognitiva-interacional passou a ocupar centralidade, na década de 1990, por parte de alguns estudiosos da Linguística Textual. Nessa perspectiva, destaco, a título de exemplo, algumas posições que se relacionam entre si no que se refere à noção de texto. Marcuschi, já em sua obra inicial de 1983, indicou-nos que texto é: “o resultado atual das operações que controlam e regulam as unidades morfológicas, as sentenças e os sentidos durante o emprego do sistema linguístico numa ocorrência comunicativa” (MARCUSCHI, 1983, p. 30). Mais adiante, esse estudioso retomou essa posição: “Todos nós sabemos que a comunicação linguística (e a produção discursiva em geral) não se dá em unidades isoladas, tais como fonemas, morfemas ou palavras soltas, mas sim em unidades maiores, ou seja, por textos. E os textos são, a rigor,

o único material linguístico observável, como lembram alguns autores” (MARCUSCHI, 2008, p. 71). Essas afirmações de Marcuschi estavam respaldadas, sobretudo, nos trabalhos de Beaugrande e Dressler (1981), de Beaugrande (1997), entre outros. Ressalto que Beaugrande (1997, p. 10) já indicava o texto como “um evento comunicativo em que convergem ações linguísticas, sociais e cognitivas”.

Para Koch (2006), na concepção interacional, o texto corresponde ao lugar da interação, de modo que os interlocutores se constroem e são construídos. Pelas considerações até aqui expostas, é possível identificar elementos inter-relacionados no que diz respeito às noções de texto indicadas pelos estudiosos – unidade, completude, interação e evento único –, as quais são ainda extremamente viáveis do ponto de vista de uma perspectiva sociocognitiva-interacional e alinhada às definições mais atuais, como a de Capistrano Júnior *et al.* (2019), que destaca o texto como uma realização humana singular, em razão de se configurar de modo ímpar dada as especificidades espaço-temporais, interacionais e do suporte, bem como dos processos cognitivos e socioculturais envolvidos.

Ao considerar tais pontos, entendo o texto como a concretização de um ato enunciativo, que possui unidade e completude e está situacionalmente ancorado. Nessa acepção,

o texto não é somente a materialização mas também um evento único, que é construído processualmente no interior de específica situação interacional, durante a qual sentidos vão sendo construídos e em que estão subjacentes e cooperam redes complexas de ordem sociocognitiva.

5) Quais são as preocupações específicas da LT que a diferenciam de outras teorias do texto?

O principal interesse da Linguística Textual relaciona-se ao texto e a todos os elementos que o constituem, com a finalidade de serem observados seus papéis e funcionamentos na produção textual. Essa preocupação corresponde a um olhar para além dos mecanismos de composição textual. Trata-se de examinar e de compreender o funcionamento e a produção de textos orais e escritos em situações reais e em condições específicas nas quais eles se configuram. Nessa acepção, torna-se central conceber a indissociação entre cotexto e contextos – em seu sentido mais amplo e plural, o situacional, o histórico, o social, o cognitivo. O *locus* do texto como objeto da Linguística Textual faz com que a LT se diferencie das demais perspectivas teóricas, pois suas investigações não tomam o texto como meio de discorrer acerca das relações de poder existentes na sociedade, assim como ocorre na vertente crítica do estudo do discurso; em

direção contrária, é possível partir desses fatores interacionais, sociais, políticos e históricos, aliados aos de base cognitiva, para identificar especificidades da natureza das produções textuais.

6) Pesquisar implica não só ter o conhecimento de conceitos e de procedimentos analíticos mas também saber as possibilidades de seu campo de investigação. Poderia ressaltar delimitações bem como interfaces da LT?

Mesmo que possua caráter multi e interdisciplinar e que muitos pesquisadores invistam em interfaces de ordem teórica – buscando aparatos em estudos da Filosofia, da Pragmática, das Ciências Cognitivas, das Ciências Humanas, da Etnometodologia etc. –, a LT possui uma abordagem investigativa do texto e, por essa razão, esses diálogos são estabelecidos com a finalidade de subsidiar análises que buscam avançar as descrições e as compreensões já existentes a respeito das produções textuais; diferentemente de outras abordagens que conduzem suas pesquisas, para explicar, por exemplo, questões de cunho social, ou mesmo, para descrever o funcionamento dos processos cognitivos. Assumir essa posição não significa dizer que a LT não possa contribuir com essas questões, mas, sim, que seus interesses centrais são de outra ordem. Nessa direção, de acordo com Cavalcante *et al.*

(2016, p. 8), a LT mantém laços teóricos com as semióticas, as análises da conversa, as análises do discurso, entre outras; entretanto, “nenhuma dessas abordagens teóricas prioriza os modos de expressão do texto como objeto de investigação” e, ainda, “o objetivo é privilegiar o texto, mas com vistas à dimensão das práticas discursivas, com um interesse especial pela produção e pela compreensão de sentidos veiculados por diversas semioses”.

Destaco, dentre as interfaces existentes, os movimentos dialógicos entre a LT e alguns estudos sobre a cognição a partir da década de 1980. O interesse pelo estatuto cognitivo dos textos e dos discursos pode ser localizado nos trabalhos de van Dijk e Kintsch (1983). A partir da Psicologia Cognitiva do Discurso, esses autores indicaram o papel significativo dos modelos mentais e representativos de eventos, que são ativados e atualizados durante a produção textual. Também Beaugrande e Dressler (1981) trataram da cognição em relação à coerência.

No Brasil, a questão da sociocognição passou a ocupar um espaço significativo nos estudos do texto por parte de alguns pesquisadores, como Koch e Marcuschi, em ocasião do tratamento de tópicos como referência, inferência, conhecimento prévio. Assim é que o lócus da sociocognição, como

motivadora e reguladora da produção textual, foi-se marcando nos trabalhos de Marcuschi (2007), Koch (2010), entre outros.

Se a sociocognição corresponde a um elemento intrínseco ao ato discursivo, podendo ser modificada durante dada interação e estando imbricada na organização de ordem individual e coletiva *a priori* (*scripts* de uma cena enunciativa, por exemplo), a descrição de seus processos e funcionamentos, que algumas pesquisas vêm apresentando, pode colaborar para os estudos do texto no que diz respeito ao aprofundamento de algumas questões, tais como a das referências e inferências (já citadas), da argumentação, da interação etc. Trata-se de buscar amparo em outras abordagens, considerando possíveis diálogos e se atentando para os pontos convergentes.

7) Frutíferos diálogos interdisciplinares têm possibilitado aos estudiosos do texto uma ampliação do quadro conceitual-analítico da LT. No estabelecimento dessas interfaces, conceitos podem ser reinterpretados. Nesse sentido, qual a concepção de interação, sujeito, discurso e cognição na LT?

Essas concepções tornam-se importantíssimas em razão de delinearam a própria noção de texto. Como já sabemos, existem conceitos basilares e específicos conforme o aparato teórico selecionado. Do ponto de vista da abordagem

sociocognitiva-interacional, tomo como valiosa a posição de Koch (2006, p. 15, grifo da autora) acerca da noção de sujeito: “[...] a concepção de língua como *lugar de interação* corresponde a noção de sujeito como entidade psicossocial, sublinhando-se o *caráter ativo* dos sujeitos na produção mesmo do social e da interação [...]. Trata-se de um sujeito situado e afetado, constantemente, pelas circunstâncias sociais e seus modelos institucionalizados. Ao mesmo tempo, é um agente transformador do meio e das representações cognitivas.

Em relação à interação, dada sua relevância, há recorrência da seleção desse termo em trabalhos da LT, mesmo quando não tratam da questão como tópico central. Desse modo, interação pode ser entendida em uma acepção mais abrangente – ações conjuntas e coordenadas em que dois ou mais participantes influenciam-se em situações comunicativas específicas – e em outras mais pontuais, que foram desenvolvidas para atender a determinadas investigações em momentos específicos – a respeito das interações orais, destacam-se os trabalhos de Kerbrat-Orecchioni (1990, 1992, 2005), os de Fávero, Andrade e Aquino (1998) no campo de observação de gêneros midiáticos.

Atualmente, as interações digitais e *on-line* apresentam configurações ímpares. Essas maneiras inovadoras de se comunicar revelam que as interações correspondem a

atividades coletivas com formatos plásticos, uma vez que estão em contínua relação com os desdobramentos tecnológicos e com os modelos culturais de comunicação em curso.

Sobre os dois últimos tópicos da pergunta, discurso e cognição, discorro, brevemente, acerca deles, incluindo-os lado a lado, pois os entendo como constitutivos e constituintes um do outro e do processamento textual, em uma relação complexa e unívoca. Todo texto possui uma dimensão discursiva e uma base sociocognitiva. Tratar desta tríade, discurso-texto-sociocognição, encaminha uma posição, ao mesmo tempo, situada e histórica, individual e coletiva, dos quadros de experiências que os produtores acionam em ocasião de suas trocas languageiras. Não há noção única de discurso ou de cognição; entretanto, entendo que, na dimensão discursiva, estão envolvidas as condições de produção, de circulação e recepção; a historicidade, os projetos de dizer e seus modelos institucionalizados. O entrelace desses fatores com a cognição orienta que a conceba como social e, nas palavras de Marcuschi (2007, p. 19), contingenciada: “Trata-se, na realidade, de sugerir que, ao lado de uma forma de cognição que se dá com modelos mentais ou experimentos mentais, há uma cognição que se dá diretamente na elaboração mental vinculada a situações concretas colaborativamente trabalhadas na interação contextualizada”.

8) Dos resultados de seus trabalhos, seria possível indicar contribuições para o ensino?

Já na década de 1990, nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), indicava-se o texto como central no ensino de língua portuguesa. A Base Nacional Comum Curricular (2017) retomou essa orientação e a ampliou, tendo em vista os novos modos de uso da linguagem na atualidade, com semioses variadas, promovidos pelas Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs). De fato, o ensino de língua com vista à reflexão e à competência comunicativa não pode se distanciar das formas de interação da rede, tampouco desconsiderar o desafio que se apresenta no que diz respeito ao ensino de leitura, de argumentação e de escrita, por conta da quantidade disponível de informação, da ausência de indicação de autoria, das *fake news*, do encontro de gêneros textuais diversos e construção contínua de interações novas (a título de exemplo, cito a possibilidade de inclusão de uma charge em uma postagem no *Twitter*, que pode ser reencaminhada, instaurando nova interação e conduzindo sentidos diversos). Nessa direção, vários trabalhos da LT vêm-se dedicando a essas situações digitais e colaborando para que se construa conhecimento acerca das especificidades das interações e de seus efeitos em um espaço público, das produções de sentido, das estratégias de argumentação etc., de modo que a escola

e seus atores possam-se apropriar e conduzir atividades por meio das quais os estudantes desenvolvam letramentos da ordem do digital. Nessa direção, entendo que resultados das pesquisas de que tenho participado, e que encaminharam a discussão em direção às especificidades das interações e das condições de produção textual em redes digitais, pode ter um tratamento voltado para a aplicação no ensino de leitura e de escrita multimodal. Além disso, considerando o fato de algumas situações digitais terem deslocado determinados papéis sociais, sobretudo no que se refere à apresentação pública de algumas atividades antes reservadas a indivíduos pertencentes às mídias tradicionais – expor e construir opinião via discursos *on-line*, debater, apresentar situações da vida privada etc. –, compreendo que as pesquisas que se voltam para a relação entre argumentação e sociocognição têm indicado que as práticas argumentativas não ocorrem do mesmo modo, pois há elementos que viabilizam a seleção de determinados argumentos e não outros e que nem sempre a condução argumentativa pode ser facilmente identificada por parte de leitores não atentos às estratégias mais bem formuladas. É o que ocorre com textos jornalísticos e com postagens de *fake news*. No primeiro caso, muitas escolas e materiais didáticos ainda concebem as notícias, por exemplo, sem sua dimensão argumentativa. Já sobre as *fake news*, tenho que leitores mais preparados possam localizar a fragilidade

da argumentação empregada e é essa formação crítica que me parece ser o principal caminho a ser percorrido no ensino de língua portuguesa.

9) A quais avanços da LT na contemporaneidade daria destaque e como vê os desafios de seu futuro?

As pesquisas avançaram muito no que diz respeito ao tratamento dos gêneros textuais, das interações, dos processos de referenciação, dos mecanismos argumentativos do texto e de seu estatuto sociocognitivo. Os desafios futuros relacionam-se à observação das novas maneiras de interagir e de produzir textos multimodais de caráter inovador, que surgem de modo muito mais rápido, atualmente, em razão dos ambientes digitais. Na internet, a coleta do *corpus* corresponde a um procedimento desafiador para o pesquisador, já que a fluidez, o dinamismo e a aceleração com que as produções se modificam na rede requerem escolhas extremamente cuidadosas e atentas às especificidades desse ambiente.

10) Que leituras você indicaria para quem está iniciando seus estudos na LT?

Para mim, as leituras das obras dos precursores da LT, no Brasil, foram muitíssimo valiosas. Assim, indico essas

referências já mencionadas. Além dessas, sugiro a leitura da obra, de 2010, *Linguística de texto e análise da conversação: panorama das pesquisas no Brasil*, que foi organizada por Bentes e Leite. Em relação às investigações mais atuais, existem várias publicações recentes dos membros do Grupo de trabalho *Linguística do Texto e Análise da Conversação* (Anpoll). Destaco algumas organizações de dossiês temáticos em periódicos: *Conexão Letras*, A carta testamento de Getúlio Vargas: vários olhares sobre um mesmo texto, v.11, n. 15, 2016; *(Con)Textos Linguísticos*, Linguística Textual e Análise da Conversação: conceitos e critérios de análise, v. 13, n. 25, 2019; *(Con)Textos Linguísticos*, Linguística Textual e Análise da Conversação: abordagens metodológicas, v. 15, n. 31, 2021.

ROSALICE PINTO

Universidade Nova de Lisboa

1) Como você chegou à Linguística Textual (LT)? Quais autores lhe serviram de inspiração?

Meu caminho inicial foi “sinuoso”. Originariamente, sou da área de Letras Neolatinas, tendo sido professora de francês durante mais de 15 anos na Associação de Cultura Franco-Brasileira do Rio de Janeiro (Alliance Française). Dessa forma, dada a minha formação inicial, estive sempre voltada para o trabalho com a língua estrangeira aplicada em contextos profissionais diversos. No Mestrado, cursado na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), dediquei-me mais precisamente aos estudos sobre a argumentação na produção escrita de alunos. Na época, tive muito contato com a Semiologia de Patrick Charaudeau – viés teórico

seguido pelo meu grupo de pesquisa na UFRJ, liderado, na altura, pela Professora Ângela Maria da Silva Corrêa.

Também, devido aos estudos sobre a argumentação em contexto escolar, as leituras que mais me inspiraram na época foram os trabalhos de Koch (1984) sobre argumentação e linguagem e os textos fundadores de Anscombe e Ducrot (1988), Ducrot *et al.* (1980), Ducrot (1980) e Ducrot (1984) relativos à semântica argumentativa. Ainda, publicações pioneiras em Linguística Textual (LT), no Brasil, como Marcuschi (1983) e Fávero e Koch (1983) foram essenciais para o meu desenvolvimento nessa área de pesquisa.

Posteriormente, no doutorado, iniciado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP) – no grupo LAEL, tive contato com outros autores que complementaram esta formação, seguindo uma linha mais voltada para os estudos discursivos: Maingueneau e Bakhtin/Volochinov.

Em uma segunda etapa do doutorado, cursado na Universidade Nova de Lisboa (UNL), em Linguística, retornei aos estudos textuais, com um grupo de pesquisa centrado na perspectiva do interacionismo sociodiscursivo bronckartiano. Na época, vi a necessidade de aprofundar as descrições linguísticas em função da análise de textos inseridos em atividades sociais várias: jurídica, midiática e política. Com isso, além dos trabalhos de descrição linguística clássicos de

Adam (1992, 2002, 2008), foram convocadas produções de autores portugueses, como as de Coutinho (2004, 2006) e Marques (2006) ou, ainda, as de pesquisadores brasileiros, nomeadamente, as de Marcuschi (2005), Cavalcante *et al.* (2007).

2) Quais de suas produções em revistas e/ou em livros impressos ou eletrônicos você destacaria?

Destacaria cinco produções que demarcam momentos distintos no meu percurso acadêmico-profissional. A primeira seria o livro *Como argumentar e persuadir? Práticas política, jurídica e jornalística*, publicado em 2010, pela *Quid Juris*, que consubstancia a minha tese de doutoramento em Linguística pela Universidade Nova de Lisboa. Nesta, ative-me a estabelecer critérios analíticos de natureza argumentativa para a pesquisa com gêneros em circulação em atividades sociais diversas. A segunda seria o artigo publicado pela revista *Mots: les langages du politique*, em 2013, “Elections législatives portugaises de 2002 et 2009 à partir des affiches politiques: um ‘regard multimodal’”, em que me centrei no papel da multimodalidade na construção do *ethos* político. A terceira seria o livro *Linguagem e Direito: perspectivas teóricas e práticas*, de 2016, publicado pela Contexto, em que participei, com as Professoras Ana Lúcia Tinoco Cabral e Maria das Graças

Rodrigues, da organização e também da escrita de um dos capítulos. Tal obra foi de extrema relevância, porque contou com várias contribuições que enfatizam a interdisciplinaridade estabelecida entre Linguagem e Direito. A quarta seria a publicação do artigo *Reconstructiong Multimodal Arguments in Advertisements: Combining Pragmatics and Argumentation Theory*, publicada em 2021, pela revista *Argumentation*, em coautoria com o Professor Fabrizio Macagno. Nesse artigo, estabelecendo um diálogo entre a Pragmática e a Teoria da Argumentação, procuramos desenvolver uma metodologia analítica para o estudo de textos multimodais. A quinta demarcaria o meu ingresso definitivo no mundo da Análise dos Discursos Digitais (ADD). Nesse âmbito, destaco o artigo publicado na *Con(Textos) Linguísticos* intitulado “O discurso digital nativo e a noção de textualidade: novos desafios para a Linguística Textual”, datado de 2021. Neste, Maria Eduarda Giering e eu procuramos repensar o conceito de textualidade à luz dos gêneros digitais nativos.

Evidentemente, todo esse percurso acadêmico e profissional é também fruto de muitas discussões com membros dos vários grupos de pesquisa de que participo em Portugal (Instituto de Filosofia da Linguagem e Centro de Investigação e Desenvolvimento sobre Direito e Sociedade (IFILNOVA e CEDIS, respectivamente) e no Brasil (Grupo de Pesquisa

em Linguística da Universidade Federal do Ceará, sob coordenação das Professoras Mônica Magalhães Cavalcante e Mariza Angélica Paiva Brito). No âmbito do jurídico, no Brasil, também ressaltaria os trabalhos desenvolvidos no grupo da Análise Textual dos Discursos (ATD) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sob a coordenação da Professora Maria das Graças Soares Rodrigues.

3) Considerando a LT como Ciência, quais são seus procedimentos metodológicos e suas principais categorias analíticas?

Na minha acepção, a LT, na atualidade, como Ciência, deve tentar dar conta da análise dos textos empíricos em circulação nas diversas práticas sociais, nos múltiplos suportes/ambientes em que se inserem. Face a essa complexidade, as categorias analíticas também são convocadas em função das exigências impostas pelo *corpus* em análise. Contudo, o estudo dessas categorias deve ser sempre precedido pelo contexto socio-político-histórico em que o texto é produzido e também interpretado. Com isso, a LT atual lida com vários desafios metodológicos:

Em primeiro lugar, as pesquisas são predominantemente do tipo qualitativa, com uma abordagem descritiva,

exploratória e interpretativa de dados. Com isso, estes, de natureza empírica, podem vir a convocar categorias analíticas diversas, oriundas, inclusive, de outras disciplinas da Linguística para “dar conta” de sua instanciação em textos.

Em segundo lugar, as pesquisas devem levar em conta uma perspectiva de análise descendente. Com isso, a tessitura textual e as marcas plurissemióticas que a constituem refletem essa contextualização e, ao mesmo tempo, refratam-na, como já revelara o círculo bakhtiniano. Partindo-se desse pressuposto, as questões discursivas (outrora relevadas ao extratextual) são, agora, constitutivas da própria materialidade textual.

Ademais, destacamos o fato de termos de lidar com gêneros digitais, em circulação nas diversas plataformas e redes. Nesse ecossistema digital (PAVEAU, 2013), em que a técnica também é um componente estrutural dos discursos, outros desafios metodológicos também se impõem.

Contudo, algumas categorias analíticas são fundamentais, a meu ver, dentro dos estudos da LT e são transversais a toda a evolução dos estudos da LT. Citaria, por exemplo, as noções de intertextualidade; enunciação/enunciado; sujeito; gênero textual/discursivo; referenciação; hipertexto; suporte.

4) Considerando o texto em toda a complexidade que lhe é constitutiva e em sua multiplicidade de formas e de linguagens, como você o define?

Ratifico a ideia defendida por Bronckart (1997) para o qual o texto é uma *unidade comunicativa global*, também por mim defendida em Pinto (2010). Dessa forma, a sua materialidade (para mim de natureza sempre plurissemiótica) é coibida por questões socio-histórico-políticas. Com isso, a microanálise é condicionada por questões macro e mesotextuais, como já mencionado.

Tal ponto de vista é também ratificado pela LT preconizada em contexto brasileiro na atualidade, como defendido pelo grupo PROTEXTO. Para este, o texto é um *evento comunicativo* e, como tal, suas categorias analíticas são contextualmente instanciadas. Ou seja, questões tradicionalmente estudadas em nível do discurso passam a ser “amalgamadas às textuais”, nos estudos atuais da LT.

5) O que é o hipertexto? Como você o define? Quais desafios teórico-metodológicos você indicaria para a análise de textos em contexto digital?

A noção de hipertextualidade, que diz respeito à quebra de linearidade sintática em nível de leitura, já é há muito

conhecida. Inclusive, de acordo com Levy (1993), estamos fazendo sempre associações a-lineares, tanto nos processos de leitura quanto nos de escrita, estabelecendo associações, relações e analogias. É o que o autor denomina “ecologia cognitiva”.

Contudo, o estudo dessa categoria, se assim se pode denominar, começou a se tornar mais evidente quando do desenvolvimento da “escrita eletrônica”. Em contexto brasileiro, por exemplo, trabalhos de Marcuschi (1999) e Koch (2002) já pontuam a sua relevância, mostrando a diluição das fronteiras entre autor e leitor. Este último, na verdade, é também o produtor de texto(s): ponto de vista corroborado em estudos mais recentes de Rojo (2013).

Em contexto digital, na atualidade, com as diversas plataformas de que dispomos, observa-se que a noção de hipertextualidade se complexifica ainda mais. Na verdade, os textos elaborados em contexto digital, com as diversas ferramentas que a internet disponibiliza (*hashtags, sites, emojis*, dentre outros), permitem aos usuários uma panóplia de “desvios a-lineares”). Estas potencializarão o usuário na criação do seu percurso individualizado de interpretação e produção textual, em função dos seus interesses e objetivos. Observa-se, assim, com o ambiente tecnológico, um redimensionamento da própria noção de hipertexto, uma vez

que a própria produção/interpretação de textos endêmicos da *web*, inseridos em gêneros nativos digitais, está imbricada aos próprios dispositivos tecnológicos, sendo submetida a constrangimentos por eles impostos.

Com isso, considero que a hipertextualidade deve ser considerada, à semelhança de Paveau (2013), no âmbito de uma “ecologia do discurso”. Tal acepção ampliada de hipertexto traz desafios ao analista de textos. Onde começa o texto? Onde ele termina? Como delimitar um *corpus* de pesquisa? Até então, em termos metodológicos, estabelecíamos uma delimitação temporal para a recolha do *corpus*. Como proceder agora em ambiente digital, em que se tem a noção da dinamicidade do processo de criação textual na *web*? E como se coloca a questão espacial, também, já que há vários ambientes possíveis de interação nas redes, com contrangimentos específicos? Enfim, há vários desafios a serem enfrentados no âmbito da pesquisa.

6) Quais são as preocupações específicas da LT que a diferenciam de outras teorias do texto?

Como trabalho em centros de pesquisa diferentes em dois espaços lusófonos (Portugal e Brasil), posso observar

que algumas preocupações específicas são comuns nesses espaços. Algumas destas são pontuadas a seguir:

A concepção sociocognitiva e interacional dos estudos de textos – os sujeitos (agentes), em um processo interativo constante e dinâmico, re(constroem) e re(interpretam) textos, sendo toda essa interação socioculturalmente situada.

A natureza empírica dos textos estudados – estes devem ser recolhidos e analisados a partir das diversas atividades/práticas/esferas/dimensões em que se situam, sendo forçosamente instanciados.

Tais características demarcam uma clivagem clara com as Análises Transfrástica e as Gramáticas Textuais de base gerativista (ambas precursoras do que hoje se considera LT).

Vale, ainda, consultar que embora a LT não deixe de considerar as questões cognitivas ou, mesmo, as de natureza social vinculadas à própria textualidade, esta não se foca nesses parâmetros analíticos, uma vez que a sua preocupação essencial é o estudo da materialidade textual (de natureza plurissemiótica).

7) Pesquisar implica não só ter o conhecimento de conceitos e de procedimentos analíticos mas também saber as possibilidades de seu campo de investigação. Poderia ressaltar delimitações bem como interfaces da LT?

A LT, embora centrada em questões essenciais da textualidade, quando deparada com a análise de textos empíricos, em circulação nas diversas áreas da atividade humana, deve se adaptar e dialogar com outras áreas da linguística. Tal interface deve ser estabelecida de forma a que se “possa dar conta” da complexidade dos textos com o qual o pesquisador/os usuários da língua se deparam todos os dias. Assim, interfaces com a Análise do Discurso, a Análise Crítica dos Discursos, a Semiótica Social, a Pragmática, a Linguística Cognitiva, as Teorias da Argumentação (de uma forma genérica), a Retórica podem vir a enriquecer o quadro analítico. Inclusive, a publicação *Linguística Textual: Diálogos Interdisciplinares*, organizada por Rivaldo Capistrano Júnior, Maria da Penha Pereira Lins e Vanda Maria Elias, de 2017, que traz à tona pesquisadores e docentes de diversas instituições nacionais e internacionais, pontua claramente esse diálogo. Evidentemente, não se pode deixar de levar em consideração nessas interfaces alguns aspectos epistemológicos prévios que devem nortear não apenas esse diálogo transdisciplinar mas também interdisciplinar, uma vez que lidamos com

textos em circulação em práticas sociais diversas. Assim, as investigações, muitas vezes, devem ser também enriquecidas com contribuições de outras áreas do conhecimento. Tais aspectos tornam-se evidentes em estudos desenvolvidos na atualidade sobre a Linguagem no Direito, na Mídia, na Medicina, na Administração, nas Ciências Políticas, entre outros campos de estudo.

8) Frutíferos diálogos interdisciplinares têm possibilitado aos estudiosos do texto uma ampliação do quadro conceitual-analítico da LT. No estabelecimento dessas interfaces, conceitos podem ser reinterpretados. Nesse sentido, qual a concepção de interação, sujeito, discurso e cognição na LT?

A LT, na atualidade, é extremamente dinâmica e lida com a própria complexidade dos objetos de estudo com os quais se depara e com os avanços sociais de forma genérica, por isso, creio ser muito difícil estabelecer conceitos “estabilizados” dos termos acima referidos. Contudo, tal percurso faz-se necessário porque nós, como professores e docentes, temos de transmitir aos nossos discentes também alguma “segurança terminológica”. Dessa forma, passo a elencar como vejo esses conceitos à luz da LT no momento atual.

- **Interação** – Este termo pode vir a ser (re)dimensionado de várias formas em função do interesse de estudo. Bahtin (2006) já apontava que toda palavra procede de alguém e também se dirige a alguém. Dessa forma, os processos interativos são constitutivos da própria comunicação humana. Ou ainda, da própria palavra, como salienta Volóchinov:

Não só reflete a realidade, mas também a refrata na comunicação social viva, na **interação discursiva viva**. Isto ocorre porque as relações de classe, ao se refletirem na palavra, ditam-lhe diferentes nuances de sentido, introduzem nela diferentes pontos de vista, atribuem-lhe diferentes avaliações (VOLÓCHINOV, 2019, p. 320, grifo nosso).

Ainda, pode-se pensar, em uma perspectiva genérica, que fazemos uso de gêneros do discurso quando produzimos/interpretamos textos, sendo que os primeiros correspondem a “tipos relativamente estáveis de enunciados”, como salientara Bakhtin (2016), aos quais recorreremos sem deixar de lado o caráter individual de produção desses textos, conferindo-lhes certo teor criativo.

Inclusive, também podem ser estabelecidas interações entre esses gêneros, fenômeno denominado de intergenericidade ou hibridização para se atingir determinado propósito comunicativo, sendo este que definirá o gênero

do discurso – ponto de vista partilhado por vários autores como: Marcuschi (2002, 2008), Koch (2002, 2004), Koch e Elias (2006) e Koch *et al.* (2007). Sendo que, evidentemente, tal intergenericidade passará forçosamente pela interação estabelecida entre textos e/ou discursos (intertextualidade/ interdiscursividade, respectivamente).

Na atualidade, pode-se considerar que o conceito de interação complexificou-se ainda mais. Por exemplo, no âmbito da análise dos discursos digitais (ADD), as interações devem lidar também com gêneros nativos digitais que apresentam uma dimensão tecnodiscursiva que lhes é constitutiva. Dessa forma, no âmbito da ecologia do discurso, as interações que se estabelecem têm como objeto não apenas os elementos plurissemióticos isolados mas também todo o ambiente em que eles estão inseridos, como salienta Paveau (2021). Pelo exposto, o conceito de interação é complexo e o seu “ângulo de ataque” dependerá do objeto de estudo.

- **sujeito** – A noção de sujeito apresenta uma elevada flutuação definitiva em função da abordagem teórica em que se insere. Para este artigo, considero que o sujeito corresponde a todo aquele que participa do processo interativo e é responsável/o actante de sua própria ação comunicativa, podendo vir a ser animado ou inanimado, cujas escolhas de natureza plurissemiótica podem

vir a ser constrangidas por questões sociopolíticas e culturais. Ademais, no que tange a ambientes digitais, em especial, podem vir a ser coibidos por aspectos relativos ao ecossistema de natureza tecnológica no qual se inserem. Quando nos deparamos com textos nativos digitais, por exemplo, pode-se considerar, inclusive, a existência de enunciadores não humanos, como os sistemas de gerenciamento de conteúdo de *sites*, como o *Content Manager System* (CMS). Ele estabelece formatos de dispositivos digitais de escrita de texto em função também dos interesses das próprias plataformas digitais.

- **discurso** – de acordo com Marcuschi (2008), o termo apresenta várias acepções, como mencionado abaixo:
 - Conjunto de enunciados que derivam da mesma formação discursiva;
 - Uma prática complexa e diferenciada, obedecendo a regras de transformação analisáveis;
 - Regularidade de uma prática. (MARCUSCHI, 2008, p. 58)

O conceito de discurso, para o autor, deve estar atrelado à prática (forçosamente social) e não a um objeto empírico, propriamente dito. Assim, podem ser estabelecidos, de certa forma, dois níveis analíticos: o discursivo, que procura dar conta da circulação sociointerativa, do funcionamento

enunciativo e da contextualização dos textos; e o textual, relativo às formas plurissemióticas selecionadas e à sua organização.

Na verdade, a meu ver, os dois níveis são inseparáveis. Não podemos estudar a materialidade multimodal dos textos sem levar em conta os aspectos discursivos que são intrínsecos à primeira. A LT, assim, tem de lidar com este paradoxo: embora centrada na materialidade dos textos (seu objetivo prioritário), não pode deixar de levar em conta as questões discursivas.

Assim, a LT e a Análise do Discurso (AD) são dois lados da mesma moeda, por assim dizer. Uma prioriza o objeto empírico e a sua semiotização; a outra, questões sociais, culturais, históricas. No entanto, todas têm como prioridade *o papel central da linguagem no desenvolvimento do humano*, como já salientara Bronckart (1997).

- **cognição** – como se sabe, esta é associada ao ato de conhecer ou a processos que estão envolvidos na aquisição do conhecimento. Se, nos anos de 1970 e 1980, a cognição esteve envolvida mais diretamente com as atividades de processamento do conhecimento, na atualidade, esta se associa mais diretamente às atividades de construção do conhecimento que passa forçosamente por atividades plurissemióticas situadas. Dessa forma, assevero aqui que a cognição deve ser vista como uma

construção social e não meramente individual, como já o salientara Marcuschi (2002). Ou seja, a língua em funcionamento em contextos sociointerativos vários deve ter, simultaneamente, uma natureza cognitiva e social. Tal ponto de vista também é partilhado por Bronckart (1997). Evidentemente, a LT, quando da descrição das diversas categorias analíticas, não se atém a questões cognitivas, considerando-as como intrínsecas à própria materialidade textual.

9) Dos resultados de seus trabalhos, seria possível indicar contribuições para o ensino?

Em relação ao ensino, o meu foco de atuação, nos últimos vinte anos, foi o relativo à produção escrita de textos argumentativos e ao da língua para fins específicos, principalmente em contexto universitário: no Direito, na Administração, na Comunicação Social. Saliento algumas das publicações (por mim e em coautoria) desenvolvidas, mais recentemente, sobre essas várias temáticas: (1) ensino da argumentação escrita (PINTO, 2021); (2) interface estabelecida entre Linguagem e Direito no âmbito da argumentação jurídica (PINTO; RODRIGUES; DAMELE, 2018), da vagueza conceitual de termos jurídicos (PINTO, 2022), dos gêneros jurídicos (DOLZ; PINTO; TEIXEIRA, 2021), da multimodalidade

(LANZILLO; PINTO, 2021), da formação cidadã (PINTO, 2021); (3) Linguagem e Ciências empresariais (PINTO, 2021); (4) Linguagem e Mídia (PINTO; RODRIGUES; CORTEZ, 2019).

Ainda, devem ser ressaltadas traduções de livros de que participei nos últimos anos, aqui no Brasil: *Apologia da Polêmica*, de Ruth Amossy, em 2017; *Estereótipos, Clichés* (Ruth Amossy e Anne H. Pierrot), em 2022, em conjunto com colegas do grupo PROTEXTO, da Universidade Federal do Ceará, obras já publicadas. Com isso, houve a possibilidade de divulgação, em território lusófono, das abordagens teóricas de notórias pesquisadoras/docentes mundialmente respeitadas.

10) A quais avanços da LT na contemporaneidade daria destaque e como vê os desafios de seu futuro?

No que diz respeito aos avanços da LT, destacaria três aspectos que me parecem fundamentais na contemporaneidade. Em primeiro lugar, é de ser ressaltado o fato de o *texto* ser adotado pela LT (no Brasil) como a unidade básica de análise. Tal mudança de paradigma veio a repercutir também no ensino da Língua Portuguesa em contexto escolar. Neste ensino, ficou claro que um mero estudo das regras sintáticas para o domínio da língua culta ou, ainda, o estudo das normas

de uso da variedade culta não se mostrava suficiente para tornar um indivíduo mais proficiente na leitura e produção de textos, como já afirmara Marcuschi (2008).

Deve-se também ressaltar a importância que questões discursivas passam a exercer na construção da textualidade. Inclusive, tal questão veio a ser consagrada em documentos oficiais que versam sobre os currículos escolares, como os PCNs, que enfatizam a relevância do ensino da língua de forma contextualizada, sendo que os conteúdos devem ser estudados de forma interativa e instanciada socioculturalmente. Tal mudança de paradigma (face ao anterior centrado em frases descontextualizadas e abstratas) enriqueceu o arcabouço teórico-descritivo relacionado tanto à produção quanto à interpretação dos textos.

Em segundo lugar, é importante evidenciar a importância da multimodalidade no estudo da LT. Na verdade, os textos em circulação nas diversas atividades sociais apresentam semioses diversas (imagens, gráficos, tipografia diferenciada, cores etc.). Tais aspectos obrigam-nos a ampliar categorias analíticas ou, ainda, a reatualizá-las, obrigando-nos a estabelecer diálogo com correntes da Linguística que se debruçaram mais especificamente sobre a questão. No caso, podemos citar, por exemplo, trabalhos da Gramática do *Design Visual* (KRESS; VAN LEEWEEN, 1996).

Em terceiro lugar, deve ser ressaltada a relevância dos textos nativos digitais, a partir dos diversos gêneros em circulação na *web*. Tais textos, com semioses específicas, recursos tecnolinguageiros variados e coibidos por ambientes vários trazem um enorme desafio para nós, pesquisadores e docentes da área. Na atualidade, é exatamente o trabalho com esses textos e os critérios metodológicos a serem adotados, em contexto de pesquisa, que constituem obstáculos a serem transpostos. Lembremos que a dinamicidade de produção e de interpretação desses textos envolve vários enunciadores, um notável deslocamento temporal e espacial, além, evidentemente, de constrangimentos tecnológicos relacionados ao ambiente digital em que circulam e, ainda, aos contextuais – já tradicionalmente envolvidos.

11) Que leituras você indicaria para quem está iniciando seus estudos na LT?

Penso que a LT atual se baseia, fundamentalmente, nas obras clássicas brasileiras de Marcuschi (1983), Koch (1999), Fávero (2012), como já mencionadas, e Travaglia (1999). Estes foram os autores que, realmente, podem ser considerados os precursores dos estudos textuais no Brasil, cujos trabalhos foram fulcrais para todos aqueles que vieram a desenvolver a LT tal como estudada na atualidade. Posteriormente, em

função dos interesses das pesquisas desenvolvidas por cada um, áreas de interesse, *corpus* a ser analisado e interpretado, passa-se para o olhar especializado e também técnico dos diversos pesquisadores que vêm trabalhando categorias específicas da LT de forma a atingir públicos diversos. Cito, a seguir, alguns trabalhos que podem vir a fornecer subsídios teóricos para a análise de algumas categorias analíticas relevantes em pesquisas direcionadas para a LT. Por exemplo, no campo da referenciação, trabalhos de Cavalcante (2007, 2011); no de aspectos multimodais, o de Elias (2014) e o de Capistrano Júnior (2011); no de tópico discursivo, o de Pinheiro (2005); no de intertextualidade, o de Koch, Bentes e Cavalcante (2008), entre outros. Ademais, é importante ter acesso às publicações de teóricos internacionais em que se baseiam todos os autores anteriormente citados, com as devidas especificidades, como: Ducrot (1984), Adam (1992, 2022), Charaudeau e Maingueneau (2006), entre outros.

SILVIA AUGUSTA BARROS ALBERT

Universidade Cruzeiro do Sul (Unicsul)

1) Como você chegou à Linguística Textual (LT)? Quais autores lhe serviram de inspiração?

Creio que a Linguística Textual esteve presente na minha história/vida acadêmica desde o início da Graduação em Letras – Língua e Literatura Portuguesas, na PUC-SP em que tive como docentes a Professora Leonor Fávero e a Professora Ingedore Koch. Para quem estava iniciando nas Letras, aos 17 anos, foi uma escola e tanto. Pessoalmente, o que me levou à LT foi meu interesse pela escrita, por gostar de escrever, mais especificamente pelo ensino da escrita, pois atuei como professora da educação básica por 16 anos, no ensino fundamental, tanto nos anos iniciais quanto nos anos finais, do 6º ao 9º ano. O interesse por ensino e aprendizagem da escrita me conduziu para o mestrado e para o doutorado na PUC-SP,

no Programa de Pós-Graduação de Língua Portuguesa, na área de leitura escrita e ensino, sob a orientação da Professora Sueli Cristina Marquesi, pesquisadora respeitada na área de LT, de perspectiva sociocognitiva e interacional. Foi no meu contexto profissional, como docente, portanto, que pude acompanhar, na prática, o difícil processo de aprendizagem da leitura e da escrita pelas novas gerações que começavam a engatinhar nas novas tecnologias digitais e suas ferramentas nos dispositivos móveis, como celulares, mas já tinham bastante aproximação com os computadores. Nessa época lidava com sujeitos/leitores impacientes e “multifocados”, que apresentavam dificuldade de concentração, sendo pouco afeitos à palavra escrita e ao tempo que ela demandava e demanda sempre. Sou herdeira dos grandes avanços nos estudos de LT de precursores como Koch e Marcuschi que foram minha inspiração e para quem sempre retorno, seja pela amplitude de sua obra, seja pelos caminhos que abriram para a LT, sobretudo de base sociocognitiva e interacional, fazendo-a dialogar com tantos outros estudos como Psicologia cognitiva e social, Sociologia interpretativa, Antropologia, Teoria da comunicação, Literatura, Etnometodologia, Etnografia, Neurologia, Neuropsicologia, Ciências da comunicação e da computação e Teoria da Evolução cultural, por um lado, e com a Filosofia da linguagem, Semântica Pragmática, Ciência da cognição, Sociolinguística, Educação e novas tecnologias,

atualmente digitais, por outro. Na minha formação contínua como pesquisadora, busquei diálogos com os estudos de Bakhtin sobre gêneros e conceitos decorrentes (Roxane Rojo, Jacqueline Barbosa e Eduardo Moura); com pesquisadores brasileiros tributários das pesquisas de Análise do Discurso de linha Francesa; com a Análise do Discurso Crítica, de van Dijk; com os estudos de gêneros relacionados ao ensino e aprendizagem da escrita (Dolz e Schneuwly; Bazerman); além dos aprendizados com professoras pesquisadoras com quem pude conviver mais proximamente em disciplinas, bancas, grupos de trabalho e encontros acadêmicos, como Mônica Cavalcante e integrantes do Grupo Prottexto da UFC; Sueli Marquesi e integrantes do Grupo Texto, Escrita e Leitura da PUC-SP (do qual participei efetivamente); Edwiges Morato, Anna Christina Bentes, Leonor Fávero, Vanda Maria Elias, Rivaldo Capistrano Júnior, Ana Lúcia Tinoco Cabral, Maria das Graças Soares Rodrigues, além de muitos outros colegas pesquisadores cujas obras me respaldaram e com quem pude manter diálogos sempre produtivos.

2) Quais de suas produções em revistas e/ou em livros impressos ou eletrônicos você destacaria?

Artigos científicos em revistas da área

ALBERT, S. Texto e contexto para a realização de um projeto de dizer na produção de redações de vestibular. **Revista Pluri: Percursos**, [s. l.], v. 1, n. 1, p. 245-262, 2018.

CABRAL, A. L. T.; LIMA, N. V. de L.; ALBERT, S. TDIC na educação básica: perspectivas e desafios para as práticas de ensino da escrita. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, SP, v. 58, n. 3, p. 1.134–1.163, 2019. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8655763>.

MARQUESI, S. C.; ALBERT, S. *et al.* O gênero digital artigo de divulgação da ciência para crianças: plano de texto, interação e interfaces para o tratamento da leitura e da escrita. **Revista (Con)Textos Linguísticos - Linguística de Texto e Análise da Conversação: abordagens metodológicas**, Vitória, ES, v. 15, n. 31, p. 105-125, 2021. Disponível em: periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos.

Capítulo de livro

CABRAL, A. L. T.; ALBERT, S. A. B. Quebra de polidez na interação: das redes sociais para os ambientes virtuais

de aprendizagem *In*: CABRAL, A. L. T.; SEARA, I. R.; GUARANHA, M. F. **Descortesia e Cortesia**: expressão de culturas. 1. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2017. p. 267-294. v. 1.

Anais em congressos

ALBERT, S.; LIMA, N. V. Projeto de Iniciação à Docência: desafios para a educação a distância e novas perspectivas para o ensino e a aprendizagem. *In*: CIAED – CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, 25., 2019, Poços de Caldas. **Anais** [...]. Poços de Caldas: [s. n.], 2019. Disponível em: <http://www.abed.org.br/congresso2019/anais/titulo.html>. Acesso em: 27 abr. 2023.

3) Considerando a LT como Ciência, quais são seus procedimentos metodológicos e suas principais categorias analíticas?

Creio que não há outra forma de considerar a LT senão como Ciência, a qual tem como objeto de pesquisa o texto. Tendo em vista a perspectiva sociocognitiva e interacional, não desvinculo a pesquisa de texto do estudo do contexto, da interação e da sociocognição. Assim, toda investigação da LT, dessa perspectiva, parte do texto e volta ao texto, busca as marcas que confirmam ou não as hipóteses de pesquisa,

considerando que todo texto está inserido numa prática social de linguagem, que ocorre entre sujeitos inscritos numa determinada cultura, que possuem crenças, valores e exercem diferentes papéis, tanto na sociedade quando na própria interação; que o contexto não é o externo, não é apenas histórico e cultural mas também sociocognitivo, e se constrói no momento mesmo da interação, assim como a interação não é dada *a priori*, mas se realiza no compartilhamento e na relação entre os interlocutores. Portanto, a LT se insere em um campo em que os procedimentos metodológicos não são também propostos totalmente *a priori* do evento a ser observado e analisado, pois parte dos procedimentos metodológicos vão se definindo no decorrer do processo de levantamento de dados, da escolha de categorias de análise, dada as muitas imbricações que o próprio objeto de pesquisa, o texto, vai demandando. Considero, ainda, que as categorias de análise estão relacionadas aos princípios de textualidade, aos processos de produção e atribuição de sentidos referentes à produção e recepção dos textos e à própria constituição do texto, sejam categorias de gêneros, tipos, organicidade, intencionalidade, materialidade, princípios de textualidade, modalidades, hipertextualidade, entre tantas outras.

4) Considerando o texto em toda a complexidade que lhe é constitutiva e em sua multiplicidade de formas e de linguagens, como você o define?

Creio que seja uma aventura definir o que é texto na atualidade, e não acredito que se possa defini-lo a partir de uma única perspectiva. Eu diria que há definições de textos. O objeto de pesquisa da LT, que já era complexo, se “hipercomplexificou” e se “multifacetou”, para usar prefixos bastante em voga, pois falar em texto é falar de hipertextualidade, multimodalidades, multissemoses, multiletramentos, multimídias, hipermídia, entre outros. Tudo isso afeta o que entendemos por texto de alguma maneira. Lembro do tempo, já remoto – eu diria aos jovens –, em que havia muita discussão se uma foto, uma imagem poderia ser considerada um texto. Havia prós e contras, e creio que a noção de texto se impôs, englobando bem mais que a foto, a imagem, como podemos concluir atualmente. A noção de texto, como o percebo e procuro trabalhar, envolve o que Marcuschi elaborou como noção de língua da qual faço uma paráfrase pedindo autorização e bênção ao Mestre: texto é um artefato vivo, mutável, socialmente determinado e realizado em interação, por sujeitos inseridos social e historicamente – o qual permite não apenas o compartilhamento de ideias entre eles mas também a permuta de papéis (de produtor e leitor,

papéis que se alternam, em diálogo contínuo) –, e ocorre em determinados contextos (sociais, históricos e sociocognitivos), em diversas práticas sociais de linguagem e modalidades (presenciais ou *on-line*), com determinada intencionalidade e organização, envolvendo diferentes semioses – verbal (oral e escrita), música/som, imagens estáticas e em movimento – para ser divulgado por diferentes meios de comunicação e mídias, estas compreendidas como “novos tipos e modos de circulação e de controle de mensagens e das linguagens que podem influenciar mudanças culturais” (ROJO, 2019, p. 32). Essa concepção abre para nós a tarefa hercúlea e árdua de redimensionar os princípios de textualidade, algo que me inquieta para a pesquisa.

5) O que é o hipertexto? Como você o define? Quais desafios teórico-metodológicos você indicaria para a análise de textos em contexto digital?

Gosto de pensar no texto como tessitura e tecido, aquilo a que vamos dando forma, trabalhando a trama. Até algum tempo atrás, se pensássemos em linguagem verbal, o texto se compunha de forma linear, em uma dimensão. A ideia de hipertexto, como uma opção ou como uma nova possibilidade para a organização linear, no âmbito da linguagem verbal não era de todo nova, pois a própria nota de rodapé nos textos

científicos consiste na configuração de um hipertexto, pois, nesse caso, o leitor abandona por instantes a linearidade da leitura, e faz um percurso diferente, ficando em suas mãos como fazer e refazer esse percurso, optando por ler ou não a nota de rodapé. O desenvolvimento tecnológico, entretanto, em um primeiro momento, trouxe-nos novas configurações do hipertexto, configurando-o em rede, com possibilidades de diferentes elaborações de *links*, ou seja, pontos/nós na tessitura do texto, que, caracterizando-se por determinadas palavras/conceitos, levavam a outros textos verbais.

Se o texto é tecido, o hipertexto, a meu ver, pode ser representado por uma colcha de patchwork em que vários tecidos se interligam para criar um novo objeto. Para o leitor, é possível escolher, então, o seu trajeto de leitura, em que cada novo texto lhe permite construir uma nova configuração ao texto-base e, a partir de então, atribuir-lhe novos sentidos. Penso que na colcha de patchwork também escolhemos a direção em que vamos seguindo aquele conjunto de tecidos e cada um deles também nos traz novas informações ao conjunto colcha.

Atualmente, no contexto das TDIC (tecnologias digitais de informação e comunicação), a ideia de hipertexto se amplia, à medida que o leitor não apenas segue um percurso reticular mas também tem a possibilidade de interagir com outras linguagens, e assim chegamos à ideia de hipermídia

relacionada ao hipertexto. Essa nova possibilidade de *links* e de interação propõe uma ideia diferente de leitura, pois, velozmente, o leitor faz uma prospecção do que se coloca na tela (faz um escaneamento), pode navegar pelos *links* buscando respostas para suas hipóteses nas diferentes possibilidades que o texto oferece, podendo se aprofundar em alguns pontos à sua escolha que atendam a seu interesse. Há, pois, maior autonomia do leitor no seu percurso de leitura do texto e mais oportunidades para o produtor de construir diferentes percursos para a atribuição de sentidos. O hipertexto evidencia que o produtor faz projeções sobre o seu leitor, e que o leitor segue um percurso que atenda os seus objetivos e interesses (não vai abrir todos os *links*, e fará uma seleção baseada no que pretende com a leitura daquele texto). Além disso, na web 2.0, lembramos que os *links* podem levar a diferentes propósitos, como explicar, induzir, comentar, o que fortalece a ideia de que os papéis de produtor de texto e leitor são intercambiáveis. Um dos maiores desafios teórico-metodológicos, a meu ver, é dominar esses recursos e se apropriar dessas inúmeras possibilidades de construir e atribuir sentidos a um hipertexto que se compõe multirreticularmente. O desafio é maior para os não nativos digitais e para aqueles que não acompanham as velozes mudanças que operam as tecnologias digitais. No entanto, aquilo que fizemos atualmente, com certeza, vai respaldar a geração Z em suas pesquisas em LT, pois nada

segue sem que nos apropriemos do que foi feito anteriormente, haja vista o desenvolvimento da LT em suas diferentes fases de estudo do texto. Como expectativa de ensino e aprendizagem da escrita, creio que é preciso dar a produzir hipertextos na educação básica, para os nativos digitais, o que não vemos com tanta frequência.

6) Quais são as preocupações específicas da LT que a diferenciam de outras teorias do texto?

Creio que as preocupações específicas da LT advêm de seu objeto, o texto, que, como disse anteriormente, se torna cada vez mais complexo. Da forma como vejo, a LT não pode se desvincular de conceitos como interação, contexto, práticas sociais de linguagem, multissêmioses e multimedias, na atualidade. Ao mesmo tempo, a LT não pode correr o risco de perder o foco de seu objeto e de suas especificidades de estudo que compreendem o texto, sua organização e suas possibilidades de produção e atribuição de sentidos, como evento que acontece entre interlocutores (produtores e leitores/ouvintes) situados social e historicamente, tendo em vista determinada intencionalidade. Penso ser essa a especificidade da LT e por isso insisto em dizer que diante do que se apresenta como texto, atualmente, é preciso investigar e identificar, entre os princípios de textualidade já estabelecidos, o que se mantém

de forma a delinear o objeto, e o que requer uma atualização tanto em relação ao conceito quanto aos próprios princípios de textualidade. Além disso, vejo como promissor para as pesquisas futuras em LT abrir possibilidades de explorar princípios que abarquem não só os novos gêneros e textos multissemióticos e multimidiáticos mas também as novas configurações, réplicas, disponibilizações e interações que interferem no que se define como texto, objeto da LT.

7) Pesquisar implica não só ter o conhecimento de conceitos e de procedimentos analíticos mas também saber as possibilidades de seu campo de investigação. Poderia ressaltar delimitações bem como interfaces da LT?

Considero que a LT possui um campo muito profícuo para novas possibilidades e interfaces para a pesquisa, dada a sua vocação para a interdisciplinaridade e diálogo com outros campos de estudos, da linguagem ou não, conforme afirmei anteriormente nesta entrevista. Ressalto a importância de avançar em relação aos processos de produção, configuração e publicação dos textos, relativos às TDIC, à web e aos dispositivos móveis (tablets e celulares) tendo em vista as inúmeras contribuições que a LT tem potencial para realizar, haja vista os desafios que já observamos em relação à textualidade, sobretudo coesão, coerência, no que se refere

aos aspectos sintáticos e semânticos, em processadores de texto, correções automáticas de texto, à Linguística de *corpus*. Além disso, penso que o diálogo com o campo artístico, não só com literatura mas também com as artes gráficas, o vídeo, as representações sonoras e musicais podem abrir espaço para investigações originais na área e contribuir para o processo de ensino e a aprendizagem de textos e seus novos processos e configurações, na Educação Básica, voltado para a geração Z. As delimitações são aquelas inerentes aos estudos da LT, seus referenciais e seu objeto de pesquisa, de modo a não abarcar o que não lhe é próprio como arcabouço teórico-metodológico e como *corpus* e categorias de análise. Mesmo assim, vejo que há bastante a avançar, sobretudo no que se refere aos princípios de textualidade e ao que lhes é decorrente, como já mencionado por mim em outra questão.

8) Frutíferos diálogos interdisciplinares têm possibilitado aos estudiosos do texto uma ampliação do quadro conceitual-analítico da LT. No estabelecimento dessas interfaces, conceitos podem ser reinterpretados. Nesse sentido, qual a concepção de interação, sujeito, discurso e cognição na LT?

Sem dúvida, os diálogos com outras disciplinas, de diversos campos, têm ampliado o quadro conceitual-analítico da LT, o que é bastante profícuo e sempre promissor, a meu

ver, tendo em vista as transformações que se impõem aos estudos da linguagem, diretamente relacionados às TDIC (tecnologias digitais de informação e de comunicação) e aos novos modos de interagir e de se comunicar. A seguir, apresento as concepções que orientam o meu trabalho e as minhas pesquisas em LT em relação a esses conceitos. Penso, entretanto, que são noções que permitem algumas nuances diferentes, de acordo com o diálogo interdisciplinar a que nos propomos e das perspectivas que respaldam e orientam nossas investigações.

- **Interação** – constitui-se o lugar e o modo de funcionamento da linguagem em relação à maneira como o sentido é construído na atividade textual-discursiva, de acordo com os precursores Koch e Marcuschi. Assim, entendemos que a interação está implicada tanto na produção e na recepção de textos quanto na construção e atribuição de sentidos no/ao texto. Além disso, a interação está na base da atividade linguística, no compartilhamento de conhecimentos e de atenção. Vale lembrar ainda que a interação se dá entre sujeitos situados social e historicamente, numa atividade conjunta e pressupõe negociação. Contexto e interação são, portanto, conceitos estreitamente relacionados. Tendo em vista as novas configurações e disponibilizações dos

textos na web, o alcance e velocidade com que circulam, além da possibilidade de captação e circulação de dados, por um lado, e de anonimato, por outro, vale nos perguntarmos em que medida essas novas condições de meios e de constituição de sujeitos estabelecem novos sentidos e *modus operandi* à interação.

- **Sujeito** – ator social, situado histórica e culturalmente, que exerce um papel ativo na interação; se constrói no texto e por ele é construído, além de estar mobilizado para produzir e atribuir sentidos ao texto, como Koch define o sujeito da interação. Os sujeitos constituem-se, assim, como entidades psicossociais, sempre situadas, hierarquicamente marcadas, que atuam como interlocutores, trazendo seus conhecimentos e experiências, os quais compartilham, impulsionados por suas intenções e objetivos, determinada situação comunicativa. Os sujeitos são, portanto, ativos, desempenham papéis na interação e elaboram estratégias para a produção e atribuição de sentidos. Se tomarmos a noção de sujeito na produção de discursos, incorporada a campos sociais, podemos dizer que o sujeito sofrerá determinadas restrições em relação à vontade e à intencionalidade, que não serão mais irrestritas, pois, dessa perspectiva, considera-se o sujeito como um produto social, e

seu engajamento determina seus hábitos, disposições e intenções. Dessa forma, ele trará para a situação comunicativa e para a interação seus valores, crenças, ideologias, ou seja, tudo o que está incorporado a ele pela posição que ocupa e como atua em determinado campo social, conforme nos ensina Hanks, em diálogo com a linguística antropológica. Vale ressaltar que, se pensarmos em determinados textos que circulam nas redes sociais e na web, podemos, muitas vezes, reconhecer o sujeito produtor do texto, sua intenção e seus propósitos a partir de disposições, crenças e valores, que estão expressos nos textos que produz e publica, e por meio dos quais interage.

- **Discurso** – objeto linguístico e cultural dos estudos da Análise do Discurso, em suas diferentes perspectivas e bases teórico-metodológicas, em que se analisam as condições de produção de enunciados. O discurso deixa suas marcas na LT, de perspectiva sociocognitiva e interacional, por nela também se considerarem as situações contextuais, a relação entre os interlocutores na interação e as determinações sociais a que estão sujeitos, tendo em vista os aspectos socioculturais e históricos, seus valores, crenças etc. No entanto, a análise do contexto produção, na LT, está a serviço da

constituição do próprio texto, naquilo que se materializa e se organiza linguística e textualmente, a partir da configuração desse contexto e dos sujeitos que nele atuam. Busca-se, na LT, portanto, o discursivo na materialidade da linguagem em uso e a sua configuração nos diferentes textos. O discursivo está, assim, incorporado ao texto, mas sua análise não se fixa nas condições de produção. Podemos dizer que o aspecto discursivo sempre está presente no texto e que o texto remete ao discurso, constituindo-se ambos, texto e discurso, como interdependentes, mas não equivalentes. O estudo do discurso vai abordar temas e questões como dialogismo, formas de heterogeneidade marcada (a presença do Outro no discurso), formações discursivas e ideológicas, universo, campo e espaços discursivos, entre outros, abordando o texto como meio de expressão e constituição de determinado discurso.

- **Cognição** – diz respeito ao conhecimento, ou melhor, às suas formas de produção e processamento que ocorrem por meio de operações mentais sempre que atuamos para conhecer ou dar a conhecer. No caso dos estudos linguísticos e textuais, trata-se de como fazemos isso por meio da linguagem, ou seja, como elaboramos representações e como as processamos para

nos comunicarmos. Em relação à LT, van Dijk foi um dos precursores a introduzir a cognição nos estudos de textos, que teve como decorrência ocupar-se a LT de questões como memória, atenção, representação mental, processamento cognitivo, entre outros. Mas o grande salto para os estudos da LT foi associar a essas questões fatores de ordem social e interacional, concebendo a mente como um fenômeno social, considerando a interferência da experiência e de conhecimentos prévios e compartilhados entre os interlocutores para a produção e atribuição de sentidos aos textos. Assim, o sistema cognitivo ganha um corpo que interage com a mente e se define a cognição como situada e social. Assume-se, então, a perspectiva sociocognitiva e interacional, tendo em vista que a linguagem é uma faculdade humana que constitui os sujeitos como seres sociais, históricos e cognitivos. Essa perspectiva reforça que a atividade linguística e textual não se faz por atos individuais e independentes, mas conjuntamente, com os outros, em dado contexto, social, cultural e historicamente determinado. Os estudos de Koch, Marcuschi, van Dijk e Mônica Cavalcante respaldam essa definição de cognição e sua passagem necessária para a sociocognição.

9) Dos resultados de seus trabalhos, seria possível indicar contribuições para o ensino?

Meus trabalhos são bastante voltados para o ensino, pois o que me trouxe à pesquisa foi a minha atuação como docente – começando pelo mestrado, em que analiso as devolutivas de professores em suas avaliações de produção de texto no ensino fundamental – nos anos finais. Analiso nesse trabalho, mais especificamente, os bilhetes escritos pelos professores aos estudantes, que deveriam ter como objetivo a orientação para a reescrita. Creio que a dissertação traz contribuições para o ensino e a aprendizagem da escrita na medida em que discute e propõe a necessidade: da avaliação formativa; do estabelecimento de critérios de avaliação de produção textual, *a priori*, em conjunto com os estudantes; da necessidade de a escrita ter um gerenciamento; de situar para o jovem produtor textual os aspectos positivos alcançados e sugerir mudanças considerando as escolhas do autor; da importância de haver a possibilidade de reescrever e fazer do estudante o seu melhor revisor.

Na tese de doutorado, mantive o foco no ensino e na aprendizagem da escrita, dessa vez, visando à finalização do percurso do produtor textual na educação básica, ao abordar e analisar a redação de vestibular como um gênero, nem sempre trabalhado no ensino médio, sobretudo, de modo a levar o

estudante a ter um projeto de dizer e não apenas cumprir uma demanda de produção textual que leva o processo de escrever para uma automatização, praticamente uma técnica vazia de sentidos. Assim, ao lançar mão da referenciação e do processo de (re)categorização de objetos de discurso, como estratégias de escrita, busco evidenciar a elaboração de um projeto de dizer para a redação de vestibular, destacando o princípio da intencionalidade, mostrando a importância do ter o que dizer, considerar a quem se vai dizer o que se tem a dizer, organizando essas premissas num determinado gênero.

Assim, analiso um conjunto grande de redações, do vestibular da PUC-SP, mostrando que a grande maioria dos candidatos apenas replica argumentos de outros ou copia os textos de referência, apresentando fórmulas repetitivas de abertura e conclusão do texto. Ao tomar a redação de vestibular como um gênero, que contempla o expositivo-argumentativo, e como tal pode sofrer alterações relativamente estáveis, estando inserido numa prática social de linguagem, que se realiza no âmbito da educação, evidencio o risco de que a redação de vestibular se transforme praticamente em um formulário a preencher. Ressalto ainda a importância de se considerar as expectativas do leitor, um avaliador/especialista, o que exige do produtor consciência para equilibrar as lacunas no texto, analisando o que é possível deixar ou não

como inferências para esse leitor, entre outras sugestões. Nesse sentido, estabeleço a referência, em seu processo de recategorização de objetos de discurso, como uma estratégia textual, que contribui exemplarmente tanto para a construção da coesão e coerência no texto quanto para a elaboração de um projeto de dizer do produtor.

Além desses grandes marcos na minha trajetória de pesquisa, em meus últimos artigos publicados em parceria com colegas pesquisadoras, abordo a escrita relativamente à prática de ensino e aprendizagem e ao desenvolvimento da proficiência escritora, considerando o contexto da TDIC, dos gêneros que circulam na web e nas redes sociais, evidenciando a importância de considerar as mudanças relativas aos processos de escrita nesse contexto e de serem esses gêneros trabalhados com a Geração Z na educação básica.

Enfim, tenho desenvolvido, há muitos anos, trabalhos com formação de professores, desde o mestrado em projetos do IP-PUC-SP, passando por curso *on-line* “Da Leitura para a Redação”, da COGEAE – PUC –SP, no qual atuei tendo por estudantes professores de escolas públicas de todo o Brasil; assim como atuei em projetos de Planos de aula para o ensino remoto junto, direcionado a professores da educação pública, vinculados à Associação Nova Escola (Fundação Lemann), atividades que estão bastante relacionadas ao que

abordei sobre as TDIC e suas implicações para os estudos da LT, em relação ao ensino e aprendizagem da leitura e escrita. Assim, tenho mantido essa relação de mão dupla entre a pesquisa acadêmica e a prática de sala de aula, entre pesquisa e ensino, o que tem se mostrado muito profícuo na minha trajetória como pesquisadora.

10) A quais avanços da LT na contemporaneidade daria destaque e como vê os desafios de seu futuro?

Os maiores avanços, a meu ver, são as perspectivas aliadas a outras ciências da linguagem que levaram a ampliar e ratificar conceitos-base como **interação** (lugar e modo de funcionamento da linguagem, incorporando o sujeito como planejador/organizador que constrói o texto em sua inter-relação com outros sujeitos – Koch e Marcuschi) e **contexto** (aliando a essa noção a questão da sociocognição – modelos mentais que consistem em esquemas de categorias compartilhadas, convencionais e de base – van Dijk; e das relações de incorporação social que traz para o contexto as crenças e valores de sujeitos engajados – Hanks) como entidade inseparável da noção de texto.

Assim, vejo como desafio na contemporaneidade atentar para a produção e recepção dos textos multissemióticos nos

meios digitais, conduzindo investigações sobre as diferentes mídias, novos gêneros multissemióticos e multimediativos e as diversas práticas de linguagem que envolvem novas formas de produção, configuração, disponibilização, réplica e interação que permitem não só produzir mas também publicar na web e nas redes sociais vlogs, e-zines, infográficos, enciclopédias colaborativas, fanfics, podcasts, vídeos-minuto, entre outros.

Julgo que são, também, desafios contemporâneos para a LT: i. avançar na pesquisa a partir dos caminhos abertos por precursores como Marcuschi e Koch e avançar incorporando novos paradigmas; ii. atender as demandas de um mundo globalizado e digital, no que se refere aos estudos da língua e da linguagem; iii. criar novos saberes em diálogo com novas disciplinas e domínios, para desenvolver novas práticas de ensino e de aprendizagem de língua portuguesa a partir de pesquisa em LT e de Estudos da Linguagem.

11) Que leituras você indicaria para quem está iniciando seus estudos na LT?

Somos sempre tentados a indicar muitas obras e autores, pois queremos despertar muitos interesses em quem está iniciando seus estudos na LT. Procurarei, entretanto, ater-me a algumas obras e autores que foram decisivos para minha

trajetória nos estudos de LT, considerando, também, o fato de indicá-las para quem está começando, o que nos faz pensar em obras essenciais para esse início do que esperamos seja uma longa e produtiva trajetória em pesquisa na LT.

ANTUNES, Irandé. **Análise de textos:** fundamentos e práticas. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Os sentidos do Texto.** São Paulo: Contexto, 2013.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; CUSTÓDIO FILHO, Valdinar; BRITO, Mariza Angélica Paiva. **Coerência, Referenciação e Ensino.** São Paulo: Cortez, 2014.

CAPISTRANO JÚNIOR, Rivaldo; LINS, Maria da Penha Pereira; ELIAS, Vanda Maria. (org.). **Linguística textual:** Diálogos Interdisciplinares. São Paulo: Labrador, 2017.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **O texto e a construção dos sentidos.** São Paulo: Contexto, 1997.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Introdução à Linguística Textual:** trajetória e grandes temas. São Paulo: Contexto, 2015.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues; BARBOSA, Jacqueline. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

SANTOS, Werneck Leonor; RICHE, Rosa Cuba; TEIXEIRA, Cláudia Souza. **Análise e Produção de Textos**. São Paulo: Contexto, 2012.

Gostaria de finalizar parabenizando os organizadores desta obra, que, com certeza, será de grande proveito para as pesquisas em LT, sobretudo para quem inicia sua trajetória.

Agradeço, especialmente, a Vanda e a Rivaldo, pesquisadores com trabalhos relevantes em LT; e aos colegas, pelo convite e pela oportunidade de dialogar sobre meu trabalho e minha trajetória de pesquisa, o que é sempre uma forma produtiva de reflexão.

SUZANA LEITE CORTEZ

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

1) Como você chegou à Linguística Textual (LT)? Quais autores lhe serviram de inspiração?

Foi pelas mãos de Luiz Antônio Marcuschi que eu cheguei à Linguística Textual. No final do primeiro ano do curso de graduação em Letras, licenciatura dupla (português e inglês), em 1997, na UFPE, fui chamada pela minha professora do primeiro período, Dóris Arruda Carneiro da Cunha, para fazer a seleção para bolsista de Iniciação Científica (IC) do CNPq no NELFE (Núcleo de Estudos da Fala e da Escrita), liderado por Marcuschi. Já na disciplina Português 3, da Profa. Dóris, eu tive contato com os primeiros trabalhos em LT. Nessa época, discutíamos coesão com base no que propunham Koch e Fávero. Mas foi em 1998, já como bolsista do NELFE e orientanda de IC de Marcuschi, que me deparei com algo novíssimo

à época que era a teoria da referenciação. Nessa época, eu ainda não tinha estudado francês, nem havia traduções dos textos fundamentais de origem franco-suíço que embasaram os trabalhos iniciais sobre a referenciação no Brasil. Eu lia os textos de Lorenza Mondada, Denis Apothèloz, Marie-Jose Reichler- Béguelin, Alain Berrendoner, entre outros, com a ajuda da Maria Luiza Aragão da Cunha Lima, também orientanda de IC de Marcuschi naquela época. Sentávamos em uma mesa da sala de Marcuschi e ela ia traduzindo oralmente, enquanto eu acompanhava com uma cópia impressa dos textos e fazia anotações.

Nesse mesmo ano, em 1998, Marcuschi retorna de um congresso em Berlim trazendo o manuscrito do trabalho sobre estratégias de referenciação na oralidade que apresentou por lá. Isso foi bem marcante para mim naquele momento, pois era a oportunidade de ler um texto em português de um dos primeiros pesquisadores brasileiros a tratar do tema. Logo depois, no mesmo ano, esse texto foi publicado em parceria com Ingedore Koch na revista DELTA, n. especial. Lembro que eu lia com entusiasmo esse manuscrito, praticamente devorava, logo que ele retornou do congresso, porque, como estava escrito em português, o tema era muito mais assimilável. Eu me lembro muito bem que eu e Maria Luiza estudávamos bastante esse tema. Era algo muito novo para mim, não tão

fácil de assimilar, afinal, eu estava no terceiro período da graduação. Contudo, as coisas iam fazendo sentido, com o desenvolvimento da pesquisa de IC, e eu ia me apropriando cada vez mais do que Marcuschi e Ingedore postulavam como as 7 estratégias de referenciação – no quadro que traçaram dos tipos de relação entre a anáfora e seu antecedente –, para o que consideravam as relações de cossignificação, correferência e recategoriação, além de distinções muito refinadas entre referir, remeter e retomar.

O fruto da discussão desses mestres no ano de 1998 gerou, além do artigo publicado por eles em coautoria na revista *DELTA*, um capítulo da *Gramática do Português Falado*, volume n. 8. Era mais um texto em português sobre o tema! Esses textos, e o que eu lia com a ajuda de Maria Luiza, foram muito importantes para que eu formasse as bases do entendimento sobre a referenciação na época. Foi assim que, no final de 1998, apresentei o primeiro trabalho resultante da pesquisa de IC na XVI Jornada de Estudos Linguísticos do Nordeste (GELNE) que ocorreu em Fortaleza, na UFC. Nessa época, eu estudava a referenciação no gênero carta pessoal. A apresentação foi em forma de pôster e eu lembro bem de meu nervosismo. Era a primeira apresentação em um congresso com a presença do grande Orientador que sempre

nos incentivava, acompanhava e vibrava pelo sucesso de suas *pupilas* – tal como a gente se autodenominava.

Cerca de 2 ou 3 meses após esse evento do GELNE, apresentei outro trabalho no VI CONIC (Congresso de Iniciação Científica) da UFPE, no qual eu examinava nas cartas a ocorrência da “anáfora sem antecedente explícito”, como Koch e Marcuschi denominavam à época (não se usava ainda o termo anáfora indireta). Esse congresso foi muito marcante para mim. Tínhamos de falar em apenas 10 minutos em uma sala cheia de gente, incluindo a comissão examinadora formada por 3 professores do Centro de Artes e Comunicação (CAC) da UFPE. O CONIC estipulava um prêmio no valor da bolsa de IC, que na época era 240 reais (pouco mais que um salário mínimo). O prêmio era dado por centro, ou seja, concorriamos com as demais áreas do CAC. Havia premiação para o primeiro, o segundo e o terceiro lugar. Foi muito curioso, pois, no dia da premiação (um domingo), após o encerramento do congresso, nossos nomes foram mencionados como vencedores do primeiro lugar, mas não estávamos lá para receber a certificação. Não era comum trabalho na área de Letras e Linguística ser premiado. Isso eu ouvia muito à época e por isso não nos preparamos para tanto. Eis que toca o telefone da casa de minha mãe: era Marcuschi muito entusiasmado para dar a notícia do prêmio! Outra orientanda

dele, na ocasião, recebeu o segundo prêmio. Então, foi uma alegria imensa para nós, para Marcuschi e para o NELFE. Resultado disso, além do prêmio que ganhei, o jornal *Diário de Pernambuco* bateu na porta do NELFE para fazer uma matéria com a gente sobre as pesquisas realizadas.

Essa magnífica experiência de ter sido orientanda de Marcuschi prorrogou-se por mais 2 anos, ou seja, eu passei 3 anos da graduação, do terceiro ao oitavo período, como *pupila* dele. Foi um momento muito rico e não tenho dúvida de que devo muito a Marcuschi por tudo o que pude aprender com ele. Curiosamente, isso não se restringiu aos momentos de orientação individual, os quais duravam pouco tempo. Devido ao grande volume de trabalho de Marcuschi, ser orientanda de IC dele exigia maturidade, muita disciplina e certa independência para seguir caminhando com as próprias pernas no trabalho de pesquisa. Normalmente, a orientação não chegava a durar 20 minutos, então, eu tinha de aproveitar o precioso tempo que ele dispunha para tirar dúvidas, confirmar hipóteses etc. Isso se dava ou às vésperas de apresentar trabalho em evento, quando ele lia a cópia impressa das transparências (ainda não usávamos *slides*, *power point* ou coisa do tipo) e indicava ajustes, ou quando ele dava o retorno do que eu escrevia (relatórios, artigo ou resumo para submissão de trabalho em evento congresso).

Assim, o aprendizado que tive com esse grande mestre se fez não só nesses momentos mas também quando eu ouvia as orientações que ele dava aos seus orientandos de mestrado, especialmente de doutorado (muita gente competente passou pela orientação de Marcuschi) e também de conversas com colegas pesquisadores que entravam em sua sala para dialogar sobre determinado tema em estudo na época. Nesse contexto, atuei como bolsista em duas versões (II e III) do projeto integrado “Fala e escrita: Características e Usos”, do qual ele foi o coordenador. Foi graças a essa experiência que conheci a professora Ingedore Koch, a qual participava com frequência de bancas do prof. Marcuschi na UFPE. Pude, assim, elaborar o projeto de mestrado e travar contato com a profa. Ingedore, que me acolheu na UNICAMP a partir de 2001, quando iniciei a pós-graduação.

2) Quais de suas produções em revistas e/ou em livros impressos ou eletrônicos você destacaria?

Eu destaco, primeiramente, os trabalhos sobre o estudo do *ponto de vista* na ótica de Alain Rabatel, que comecei a desbravar no mestrado (2001-2003), dei continuidade no doutorado (2005-2006; 2007-2011) e continuo investigando. Sobre essa noção, indico algumas publicações em revista:

“Referenciação e Construção do Ponto de Vista”. *Sínteses* (UNICAMP), v. 9, 2004. Disponível em: <https://revistas.iel.unicamp.br/index.php/sinteses/article/view/6290>;

“Référénciation et construction du point de vue: l'établissement de la visée argumentative du texte.” *Lenguaje* (Universidad del Valle), v. 37, 2009. Disponível em: <https://bibliotecadigital.univalle.edu.co/handle/10893/2820>;

“Estilo e construção do ponto de vista em textos da mídia escrita”. *Revista Comunicação Midiática*, v. 6, 2011. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/3990048.pdf>;

A representação de pontos de vista no artigo científico. *Desenredo* (PPGL/UPF), v. 8, 2012. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/2922/1989>;

“A construção heterodialógica dos objetos de discurso por formas nominais referenciais” (em coautoria com Ingedore Koch). *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, v. 13, 2015. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/d2ee1e769b32a398e9b14e2e225b073f.pdf>;

“Do *pathos* retórico à empatia rabateliana: argumentação emocionada em textos/discursos polêmicos” (em coautoria com Rosalice Pinto). *Revista de Letras* (Fortaleza), v. 2, 2017. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/revletras/article/view/31254>;

Processos referenciais e argumentação emocionada: do *pathos* à construção do ponto de vista. *Organon*, v. 33, 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/organon/article/view/81609>;

“Tópico discursivo e construção do ponto de vista na tessitura argumentativa de redações de vestibulandos” (em coautoria com Raul Cândido da Silva). *Lingu@ Nostr@*, v. 7, 2020. Disponível em: <https://www.linguanostra.net/index.php/Linguanostra/article/view/192>; e

“Argumentação emocionada em uma carta e em uma postagem do Instagram” (em coautoria com Evandro Catelão). *Revista Entrepalavras* (UFC), v. 12, 2022. Disponível em: <http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/2422> .

Ainda sobre esse tema, destaco as publicações em livros impressos:

“Referenciação e ponto de vista: a constituição de instâncias discursivas para a orientação argumentativa na crônica de ficção”. In: KOCH, I. G. V.; MORATO, E.; BENTES, A. C. (org.). *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005;

“Objets de discours et expression du point de vue: la dynamique d’affirmation de soi en contexte argumentatif”. In: PALANDER-COLLIN, M.; LENK, H.; NEVALA, M.; SIHVONEN, P.; VESALAINEN, M. (org.). *Mémoires de*

la Société Néophilologique de Helsinki. Helsinki: Societé Néophilologique, 2010;

“A construção do ponto de vista por meio de formas referenciais” (em coautoria com Ingedore Koch). *In*: CAVALCANTE, M. M.; LIMA, S. M. C. de (org.). *Referenciação: teoria e prática*. São Paulo: Cortez, 2013;

“A representação de pontos de vista em reportagens de revista feminina”. *In*: EMEDIATO, W. (org.). *A Construção da Opinião na Mídia*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2013;

“Formas nominais e verbos introdutórios de opinião para a construção do ponto de vista na resenha acadêmica”. *In*: FERREIRA, M. M.; STELLA, V. C. R. (org.). *Redação acadêmica: múltiplos olhares para o ensino da escrita acadêmica em português e línguas estrangeiras*. São Paulo: FFLCH Humanitas, 2018;

“Empatia e emoção em textos multimodais: o caso ‘Marielle Franco’” (em coautoria com Rosalice Pinto e Maria das Graças Rodrigues). *In*: MARQUES, M. A.; SOUSA, S. G. de. (org.). *Linguagens de Poder*. Braga: Centro de Estudos Humanísticos (CEHUM)/Universidade do Minho, 2019.

O interesse pela noção de ponto de vista surgiu como um caminho teórico-metodológico para investigar, no mestrado, o processo argumentativo por meio de expressões

referenciais em textos que argumentam sem parecer que são argumentativos. Pouca discussão havia sobre a relação entre formas referenciais e argumentação e a profa. Ingedore, naquele momento, começava a se interessar em discutir essa questão. Ocorre que a dificuldade era quanto a qual teoria de argumentação recorrer. Os trabalhos sobre a argumentação na língua, de O. Ducrot e de Ducrot e J.-C. Anscombe, bem como a Nova Retórica, de C. Perelman e L. Olbrechts-Tyteca, não eram o caminho que daria conta de sustentar uma investigação sobre o texto na perspectiva interacional e sociocognitiva. Discuti isso com Ingedore no mestrado e posteriormente com Marcuschi no doutorado que iniciei na UFPE em 2005. Assim, a articulação dessa discussão com a noção de ponto de vista de Rabatel, que a considera como uma forma indireta de argumentação, foi o caminho mais coerente no mestrado. Posteriormente, através do doutorado sanduíche (2008-2009) com o professor Rabatel, pude associar esse estudo com a noção de dimensão argumentativa de Ruth Amossy (ainda que o trabalho dessa autora não fosse o foco de minha tese).

Destaco ainda trabalhos sobre a heterogeneidade enunciativa, por meio da noção de *Representação do discurso outro* (RDO), de J. Authier-Revuz, que pude explorar no período do pós-doutorado (2015-2016) na Université Sorbonne Nouvelle

– Paris 3, no âmbito do projeto de cooperação internacional CAPES-COFECUB (2014-2018):

“Representação do discurso outro e construção de ponto de vista em reportagens e artigos de opinião”. *Investigações (UFPE)*, v. 28, n. especial, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/view/1841>;

“Representação do discurso outro e escrita escolar: efeitos do contexto didático e da língua na produção textual de jovens franceses e brasileiros” (em coautoria com Claire Doquet, supervisora do pós-doutorado). *In: CUNHA, D. de A. C. da; GRIGOLETTO, E.; CORTEZ, S. L. (org.). Representação dos dizeres na construção dos discursos*. Campinas: Pontes, 2018.

Por último, destacaria algumas produções importantes da área em que pude colaborar como membro do grupo Protexto (UFC/UNILAB):

CAVALCANTE, M. M. *et al.* “O texto e suas propriedades: definindo perspectivas para análise”. *(Con)textos Linguísticos (UFES)*, v. 13, 2019;

CAVALCANTE, M. M.; BRITO, M. A.; CORTEZ, S. L. “O Caminho da Linguística Textual no Nordeste”. *In: GOMES, V. S. et al. (org.). Cartografia GELNE: 20 anos de pesquisa em Linguística e Literatura*. Campinas: Pontes, 2019. v. 1;

CAVALCANTE, M. M. *et alii*. *Linguística textual e argumentação*. Campinas: Pontes, 2020.

CAVALCANTE, M. M.; BRITO, M. A. P.; CATELÃO, E. M.; FARIA, M. G. S.; SILVA, A. A.; CORTEZ, S. L. O caráter interacional e intertextual da argumentação polêmica. (*Contextos Linguísticos* (UFES), v. 15, 2021; e mais recentemente:

CAVALCANTE, M. M. *et al*. *Linguística textual: conceitos e aplicações*. Campinas: Pontes, 2022.

3) Considerando a LT como Ciência, quais são seus procedimentos metodológicos e suas principais categorias analíticas?

Como ocorre na maior parte das áreas do conhecimento acadêmico, a LT alia seus procedimentos metodológicos às noções teóricas que são alvos de sua investigação. O texto, como objeto de estudo da LT, para ser analisado, apoia-se em uma concepção de língua e de contexto na dimensão do uso, que reconhece os aspectos interacionais, sociocognitivos, axiológicos, discursivos, multissemióticos e tecnológicos que atuam sobre as categorias da textualidade e a construção de sentidos. Assim, os procedimentos metodológicos da LT, ao longo de sua trajetória no Brasil (dos anos 1980 aos dias atuais), foram se alargando no sentido de encarar a teoria textual

“muito mais como uma heurística do que como um conjunto de regras específicas” (como dizia Marcuschi), porque o texto é uma “entidade multifacetada” (como asseverou Ingedore), sempre situado e dinâmico. A LT, ao superar a análise nos moldes das gramáticas de texto, bem como a noção de texto como unidade superior à frase, conjunto de frases ou unidade linguística, ampliou e especializou suas categorias analíticas. Hoje, por exemplo, não se concebe, em uma análise no nível do texto, utilizar categorias gramaticais para analisar o texto com o objetivo de mostrar o funcionamento da forma gramatical em si, como se fosse uma aplicação da gramática ao texto. Ao contrário, se consideramos o texto como “unidade de sentido” (como postula J.-M. Adam), é preciso analisá-lo em sua dimensão textual, isto é, investigá-lo através das categorias da textualidade que permitem explicar *o funcionamento do texto*, em que a coerência é a condição fundamental, como defende Mônica M. Cavalcante. Assim, explicar o funcionamento do texto por categorias da textualidade, tais como a referenciação, as intertextualidades, a organização tópica, as sequências textuais e os planos de texto é bem diferente de investigar como a gramática funciona no texto. Essa preocupação ocupa a pauta de muitas discussões que têm sido levantadas no grupo Protexto e filiados. Essas categorias analíticas, portanto, não se limitam aos fatores da textualidade postulados por R. Beaugrande e W. Dressler em 1981, ainda que esses fatores

possam ser (re)considerados e atualizados em relação a essas categorias, como mostram Cavalcante, Silva e Silva (2020), no artigo “Dimensões analíticas da Linguística Textual” (publicado no e-book *Linguística geral: os conceitos que todos precisam saber*, v. 2, Editora Pimenta Cultural; organizado por LIMA, A.; SOARES, M. E.; CAVALCANTE, S.).

4) Considerando o texto em toda a complexidade que lhe é constitutiva e em sua multiplicidade de formas e de linguagens, como você o define?

Podemos citar duas definições de texto bastante consagradas no Brasil entre o final dos anos 1990 e início dos anos 2000. Uma delas foi preconizada por Ingedore Koch e marca a obra “Desvendando os segredos do texto” (Editora Contexto, 2002), em que o texto é concebido como “o próprio *lugar* de interação” (KOCH, 2002, grifo da autora). Essa concepção toma por base a noção de língua como interação, postulada por Bakhtin; e dos interlocutores como sujeitos ativos na construção de sentidos, abarcando a natureza cognitiva do processamento textual. Para Koch, há no texto toda uma gama de implícitos de diversos tipos apenas detectáveis no contexto sociocognitivo dos interlocutores. A outra concepção foi difundida no Brasil por Marcuschi, através da célebre definição de Beaugrande (1997), em que o texto é considerado

como “evento comunicativo no qual convergem ações linguísticas, cognitivas e sociais”. Entre as diversas implicações dessa definição, Marcuschi (2008, p. 80) já sinalizava alguns aspectos importantes: “o texto é visto como um *sistema de conexões entre vários elementos*, tais como: sons, palavras, enunciados, significações, participantes, contextos, ações etc.”; o texto “envolve tanto aspectos linguísticos, como não linguísticos no seu processamento (imagem, música) e se torna em geral *multimodal*”; “o texto é *um evento interativo*, sendo sempre um processo e uma co-produção”.

Importa considerar que, apesar de Marcuschi assinalar a natureza multimodal do texto e, em 1983, apontar que o texto “forma uma rede em várias dimensões”, grande parte dos trabalhos em LT praticou uma concepção de texto voltada para a análise da materialidade textual como exclusivamente linguística. Este “verbocentrismo”, tal como criticado por Cavalcante e Custódio Filho (2010), no artigo “Revisitando o estatuto do texto” (publicado na Revista do GELNE) e na tese de Custódio Filho (2011), acaba por reduzir o texto à sua porção verbal, excluindo dos interesses da LT textos que se manifestam sem a presença do verbal. Os autores mostram a preocupação com os procedimentos metodológicos da LT na direção de um olhar multimodal sobre as estratégias textuais. Esse entendimento abre caminho para um empreendimento

de maior fôlego que é investir em um quadro teórico-analítico na LT que possa dar conta da complexidade do processamento textual, isto é, do fenômeno de produção e compreensão de textos. Tal intento considera o grande legado das contribuições anteriores e avança no sentido de revisitar propriedades do texto e categorias de análise da LT, a exemplo da referência e da intertextualidade, que não podem ser investigadas sem considerar a natureza multimodal dos textos, sua argumentatividade e relação com o discurso. Cavalcante *et al.* (2019, p. 26), no artigo “O texto e suas propriedades: definindo perspectivas para análise” (publicado na revista *(Con)textos Linguísticos*), destacam essas preocupações e discutem a definição de texto que tem guiado as pesquisas do Prottexto e pode ser resumida como: um enunciado (na acepção de Beth Brait), “que acontece como evento singular, compondo uma unidade de comunicação e de sentido em contexto, expressa por uma combinação de sistemas semióticos”.

5) O que é o hipertexto? Como você o define? Quais desafios teórico-metodológicos você indicaria para a análise de textos em contexto digital?

A análise de textos em contexto digital é uma problemática sobre a qual tenho me debruçado há pouco tempo. As discussões do grupo Prottexto à luz da Análise do Discurso

Digital, de M.-A. Paveau, no primeiro ano da pandemia da covid-19, e a tese de Jailine Farias (2022) que orientei no PPGL da UFPE, *Arquiteturas tecnodiscursivas no ensino-aprendizagem de língua(gem): textos digitais e letramentos em (trans)formação*, foram decisivas para que eu despertasse para a relevância desse tema. Pude me convencer de que não se trata de um modismo ou uma tendência passageira na área – o que parecia ser no final dos anos 1990, quando os textos era digitalizados e havia uma ideia de hipertexto mais estática através dos hiperlinks. Antes mesmo de os trabalhos de Vanda Elias e os de Antônio C. Xavier se consagrarem na área, não podemos nos esquecer de que Marcuschi, no final da década de 1990, foi um dos primeiros a tratar dessa questão no Brasil, sinalizando a maleabilidade das “novas tecnologias” para incorporar simultaneamente “múltiplas semioses” no texto. Contudo, como bem salientam Elias e Cavalcante (2017), no livro *Linguística textual: diálogos interdisciplinares* (organizado por Capistrano Júnior, Penha Lins e Vanda Elias, pela Editora Labrador/PPGEL-UFES), a concepção de hipertexto precisa ser atualizada para que sejam considerados os novos arranjos textuais que resultam da participação colaborativa dos usuários na web 2.0, o que também demanda reflexão sobre como os usuários produzem sentido e o papel do contexto nessas interações *on-line*. Por essa visão, o hipertexto passa a ser visto como um construto

em constante reconfiguração pela intensa participação e colaboração dos usuários, em que a rapidez e o imediatismo em aplicativos e redes sociais são próprios desse ambiente. Em razão disso, a noção de hipertextualidade parece mais adequada do que a de hipertexto, como tem sido discutido no grupo Prottexto. Os desafios teórico-metodológicos, portanto, são bastante instigantes para a LT, como indicarei mais à frente, na questão 10.

6) Quais são as preocupações específicas da LT que a diferenciam de outras teorias do texto?

A LT é uma área que investiga o texto a partir de categorias textuais. Nesse sentido, suas preocupações giram em torno da construção de sentidos que se opera a partir da interação entre os sujeitos no e por meio do texto. Na LT, o texto não é visto como materialidade do discurso, nem como conjunto de formas gramaticais, nem como unidade linguística, simplesmente. Observar o texto nessa dimensão seria reduzi-lo ao cotexto, quer dizer, a uma dimensão estritamente formal/material. Evidentemente, não negamos que o texto também é constituído por essa dimensão, que é sempre multissemiótica, contudo, as pesquisas em LT caracterizam-se por extrapolar essa dimensão formal, cotextual. Isso implica considerar a interação, o contexto, o gênero, o suporte, o tipo de mídia,

os interlocutores, seus papéis, como eles atuam (intencionalidade, propósito comunicativo) e mobilizam conhecimentos, saberes, crenças e pontos de vista. Em conjunto, esses aspectos necessariamente afetam a produção, recepção e compreensão dos textos. Por isso, a noção de texto como evento é muito importante na LT exatamente por deixar em evidência essas preocupações. Um texto pode ser o mesmo do ponto de vista material, mas, em cada situação de interação, seus sentidos são atualizados, ressignificados, porque esses fatores que citei o afetam, fazendo com que o texto não seja o mesmo. O texto pode, assim, mudar quase que por completo, sem que sua “materialidade” seja alterada. Por isso, na LT, o texto não é usado unicamente com o fim de investigar questões do discurso (formações discursivas, ideologia, interdiscursividade etc.) ou da gramática (como possibilidades e funções do sistema da língua, por exemplo). Ela se diferencia de outras áreas ou teorias do texto porque se utiliza sobremaneira de categorias do texto (não de categorias do discurso, da língua ou da gramática), que o problematizam, investigam e põem em destaque toda a sua complexidade.

7) Pesquisar implica não só ter o conhecimento de conceitos e de procedimentos analíticos mas também saber as possibilidades de seu campo de investigação. Poderia ressaltar delimitações bem como interfaces da LT?

Essa questão é muito interessante para que se possa situar a LT como um campo bem consolidado na ciência linguística, ao mesmo tempo que permite destacar a sua natureza necessariamente interdisciplinar. As delimitações da LT podem ser esclarecidas pelo que abordei na questão anterior, pois suas preocupações a diferenciam tanto de áreas mais formais da linguística como das teorias funcionalistas e das análises de discurso. Quanto às suas interfaces, a interdisciplinaridade sempre foi uma característica da LT, como já apontado por Koch. Isso pode ser constatado por algumas noções a que a LT recorreu para embasar suas próprias postulações. São exemplos disso: a noção de gênero de Bakhtin; do sujeito estrategista e dotado de intenção delineado pela Pragmática; a abordagem da argumentação do discurso, de Ruth Amossy; a visão de contexto, de W. Hanks, no campo da antropologia linguística, entre outros.

8) Frutíferos diálogos interdisciplinares têm possibilitado aos estudiosos do texto uma ampliação do quadro conceitual-analítico da LT. No estabelecimento dessas interfaces, conceitos podem ser reinterpretados. Nesse sentido, qual a concepção de interação, sujeito, discurso e cognição na LT?

Todos esses conceitos são complexos (e necessários à LT, reafirmando o seu caráter interdisciplinar), por isso não pretendo, de forma alguma, esgotá-los aqui em poucas palavras, mas apenas trazer uma breve indicação. A concepção de *interação* da LT lança mão das bases preconizadas por E. Goffman, articulando-se em boa medida com a Análise da Conversação. Na LT, a noção de interação põe em foco os interlocutores, os papéis que estes desempenham na comunicação e sua influência entre os participantes. Assim, a interação, sendo guiada pelos propósitos dos participantes, é vista como um processo comunicativo mono ou poligerado, síncrono ou assíncrono, que envolve diferentes sistemas semióticos, a atuação dos sujeitos e o tipo de mídia e seu aparato técnico. A noção de *sujeito*, por sua vez, encontra aporte na Pragmática, através da ideia de um sujeito estrategista, que opera escolhas, sendo dotado de intenção. Esse sujeito não é todo-poderoso, mas, como entende J. Authier-Revuz, é clivado, atravessado pelo inconsciente, por isso não controla os sentidos que produz.

Assim, a noção de sujeito na LT cruza aportes distintos que se articulam de forma coerente no nível do texto.

Quanto à concepção de *discurso*, a LT superou a ideia de tomar o texto pelo discurso, sem uma distinção devida, bem como a ideia preconizada por J.-M. Adam, em 1990, de que o texto seria o discurso sem as condições de produção. Marcuschi (2008) defende texto e discurso como duas dimensões complementares, em que a textual estaria para “o particular”; e a discursiva, para “o universal”. No entanto, alerta que uma distinção como essa não pode ser feita “num mesmo movimento teórico”, ao passo que “é complicado” separar essas duas dimensões. Por “movimento teórico”, pode-se interpretar que uma mesma área de conhecimento não pode investigar de maneira satisfatória os dois objetos, isto é, com as mesmas ferramentas e categorias de análise, ainda que uma possa recorrer à outra de forma complementar. Essas discussões levam-nos hoje a dizer, de acordo com Cavalcante *et al.* (2022, p. 28), que: “Como posicionamentos que se delimitam por oposição a outros, o discurso é assumido em textos no âmbito de toda uma interdiscursividade”, sendo afetado pelas formações discursivas. Portanto, é visto em atravessamento constante, nunca existindo um discurso totalmente novo.

Por último, a cognição é vista por Cunha Lima e Koch (2004) como sociocognição (no livro *Introdução a Linguística*, v. 3, organizado por F. Mussalim e Anna C. Bentes; Editora Cortez) e por Marcuschi (2007), no livro *Cognição, linguagem e práticas interacionais* (Editora Lucerna), como “contingenciada”, porque está vinculada a situações concretas. Os usos linguísticos e a interação são nodais para a construção de inferências, conhecimentos compartilhados, saberes, comportamentos e crenças dos interlocutores mobilizados no processamento textual. A cognição é, então, encarnada por sujeitos dotados de uma “mente social” (como dizia L. Vygostky) que interagem por meio da língua, construindo sentidos através dos textos.

9) Dos resultados de seus trabalhos, seria possível indicar contribuições para o ensino?

O ensino de línguas, envolvendo a formação docente, sempre foi uma preocupação em meus trabalhos e se relaciona, em grande parte, ao interesse e à experiência vivenciados em três frentes: a) a participação em diversas bancas de avaliação de redações de vestibular; b) o trabalho que desenvolvi como avaliadora do Programa Nacional do Livro (PNLD: 2008, 2013, 2014, 2015, 2016 e 2017); e c) a coordenação de dois projetos PIBID/CAPES Letras Português na UFPE (2014-2018;

2020-2022). Cito, primeiramente, um trabalho mais antigo “O ensino dos conhecimentos linguísticos em coleções didáticas de língua portuguesa à luz das categorizações do Programa Nacional do Livro Didático” (i), publicado na revista *Via Litterae*, v. 2, 2010; e mais dois trabalhos que desenvolvi em coautoria: um como resultado da parceria estabelecida no pós-doutorado com a professora Claire Doquet, “Representação do discurso outro e escrita escolar: efeitos do contexto didático e da língua na produção textual de jovens franceses e brasileiros” (ii) (publicado pela Editora Pontes, em 2018, no livro *Representação dos dizeres na construção dos discursos no âmbito do projeto de cooperação internacional*); e outro em coautoria com Georgiana Miranda “De la grammaire au texte: dynamique référentielle dans la production de l’écrit scolaire en français et en portugais” (iii) (publicado na revista *Synergies France*, v. 13, 2019). Há ainda um artigo no prelo, a sair em livro a ser publicado pela editora da UFPI, que escrevi em coautoria com João Paulo Muniz da Silva: “Referenciação e produção textual escrita no ensino de língua: que conhecimentos são necessários para o docente?” (iv).

Cito ainda contribuições que resultam de orientações de mestrado e doutorado. Um artigo em coautoria com minha ex-orientanda de doutorado Jailine Farias (UFPB), “O trabalho com o texto digital na sala de aula de línguas numa perspectiva

transmodal” (v) (*Revista Letras Raras*, v. 10, 2021); e um artigo em coautoria com minha ex-orientanda de mestrado Cássia Costa, “O tratamento dos conhecimentos linguísticos em aulas publicadas no Portal do Professor” (vi) (*Domínios de lingu@gem*, v. 13, 2019). Ainda como resultantes do trabalho de orientação na Pós-graduação em Letras e na graduação em Letras Português Licenciatura da UFPE, indico: a) duas dissertações de mestrado: *(Re)escrita na escola: costuras textuais pela referenciação*, defendida em 2018 por Maria Tereza Tezolini Sugahara; e *Ensino de produção textual no contexto do ENEM: as relações entre argumentação, coerência e tópico discursivo*, de Raul Cândido da Silva (2021); e quatro monografias de TCC: *Sequências narrativas e conhecimentos linguísticos em crônicas e notícias: análise de textos e proposta didática para o ensino de língua*, de Luana Barros (2019); *Processos referenciais e multimodalidade nas tiras de armandinho: da rede social ao ensino de língua*, de Victória Guilherme Silveira (2021); *Processos referenciais e argumentação no Twitter: o texto nativo digital no ensino de Língua portuguesa*, de Maria Luiza Arruda (2021); e *Referenciação e ponto de vista em fake news: uma abordagem para a aula de Português no ensino médio*, de Maria Eduarda dos Santos Silva (2022).

10) A quais avanços da LT na contemporaneidade daria destaque e como vê os desafios de seu futuro?

Destaco, como um dos avanços, a incorporação de outras semioses (para além da verbal) na análise de textos escritos e digitais. Esse alargamento possibilitou ampliar noções caras à LT. Refiro-me não somente à noção de texto mas também a seus parâmetros de análise, como as noções de referência e de intertextualidade, como bem mostram as teses de Custódio Filho (2011) e Carvalho (2018), respectivamente. Custódio Filho comprova o que Cavalcante (2011) já reivindicava: a retomada do referente não se faz apenas pela menção cotextual da expressão referencial ou sintagma nominal, pois pode se realizar por outras semioses (como a imagética). Além disso, o referente pode ser homologado apenas pela introdução referencial sem precisar ser retomado no texto. Por sua vez, Carvalho concebe a intertextualidade a partir de duas grandes categorias: as amplas e as estritas, de modo a abarcar por meio das amplas uma relação intertextual que não se realiza pela indicação do intertexto verbal, mas que pode se dar de maneira difusa ou mesmo por imitação de autor, estilo e gênero, em que outras semioses se combinam para a relação intertextual.

Apesar disso, ainda temos como desafio o tratamento da multimodalidade, ou melhor, da multissemiose (para não

nos restringirmos às categorias da Gramática do Design Visual, de G. Kress) nos diversos gêneros. Uma questão que se coloca é sobre os critérios que podem guiar a análise dessa combinação de semioses no texto articuladas aos parâmetros de análise já consagrados na LT. Nesse sentido, a LT precisa avançar na busca de um caminho próprio que não exclua, obviamente, contribuições advindas de outros campos. Outro desafio que se coloca é quanto ao tratamento dos textos nativos digitais, cuja arquitetura é fluida, movente e caracterizada, conforme Paveau (2017), pelo aumento enunciativo, pela deslinearização, composição (tecnolinguageira), relacionabilidade e imprevisibilidade. Esses e outros fatores afetam de tal modo o texto e a interação no ambiente digital que uma análise de textos dessa natureza precisa ser feita de forma *on-line*, por meio de categorias que considerem os elementos tecnolinguageiros que atuam na construção de sentidos do texto. Dessa forma, estabilizar o texto, por meio da captura de tela *off-line* para análise da semiose verbal desvinculada das afordâncias (potencialidades das plataformas digitais) não é um caminho produtivo que dá conta da realidade das produções textuais elaboradas *on-line*. Nesse sentido, temos um grande desafio do ponto de vista metodológico.

11) Que leituras você indicaria para quem está iniciando seus estudos na LT?

Para começar, eu indicaria nossos mestres, os autores clássicos. Entre as tantas obras que deixaram, eu recomendaria *Desvendando os segredos do texto*, de Koch (2002, Editora Cortez) e *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*, de Marcuschi (2008, Editora Parábola). Embora sejam textos mais antigos, considero que sempre se pode voltar a essas obras como um modo revermos e consultarmos a base das discussões em nossa área e também como um modo de entender mais a trajetória da LT e o desenvolvimento de seus conceitos. Sempre me surpreendo com o retorno que alunos de pós-graduação (de dentro e de fora da área de Letras) dão a respeito de obras como essas: a leitura para eles é bastante esclarecedora e os auxilia a (re)posicionar o olhar sobre preocupações da LT. Dessa forma, os manuais de introdução produzidos em diferentes momentos por esses autores e por Leonor Fávero são sempre bem-vindos em processo de iniciação.

Considero ainda a maravilhosa trilogia de Koch e Elias: *Ler e compreender* (2006), *Ler e escrever* (2009) e *Escrever e argumentar* (2016). A quantidade de exemplos que essas obras trazem diversos conceitos da LT e seu didatismo auxilia bastante a formação do aluno na graduação e os professores

da educação básica. Por último, para a atualização dos conceitos da LT, sugiro ainda três grandes obras produzidas pelo grupo Protexto, pela condução genial da professora Mônica Magalhães Cavalcante: i) *Coerência, referência e ensino*, de Cavalcante, Custódio Filho e Brito, publicada em 2014 pela editora Contexto; ii) *Linguística textual e argumentação*, de Cavalcante *et al.* (2020); e mais recentemente *Linguística textual: conceitos e aplicações*, de Cavalcante *et al.* (2022). As duas últimas foram publicadas pela editora Pontes e resultam de um trabalho coletivo do Protexto, abarcando as discussões mais recentes da LT que derivam de intensas discussões do grupo e de pesquisas de pós-graduação na área. Em especial, as obras i) e iii) têm a preocupação de, ao final de cada capítulo, apontar caminhos para o trabalho com o ensino da língua na educação básica.

VALDINAR CUSTÓDIO FILHO

Universidade Estadual do Ceará (UECE)

1) Como você chegou à Linguística Textual (LT)? Quais autores lhe serviram de inspiração?

Quando decidi cursar o mestrado em Linguística, já atuava como professor de produção textual em um curso pré-universitário da UECE (Universidade Estadual do Ceará, onde cursei minha graduação) e tentava construir meu material e minhas aulas com base no que estudava nas disciplinas da graduação. Ao ingressar no Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará (UFC), meu objetivo era pesquisar alguma questão relacionada ao ensino de língua portuguesa (mais especificamente, ao ensino de produção escrita). Conversei sobre isso com minha orientadora, a professora Mônica Magalhães Cavalcante. O livro *Referenciação* (hoje um clássico), organizado por ela, fora lançado há pouco.

Professora Mônica sugeriu que eu construísse meu tema de pesquisa com foco na relação entre a proposta teórica da referenciação e a construção textual percebida nas produções escritas de alunos da educação básica.

Ela me disponibilizou uma série de artigos sobre o assunto, que podia ser considerada como o melhor acervo sobre referenciação à época. De todos os textos que li para iniciar minha compreensão sobre o assunto, considero que quatro foram balizadores:

- a. o capítulo “Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação”, no citado livro *Referenciação*, de Lorenza Mondada e Danièle Dubois;
- b. o artigo “Processos de referenciação na produção discursiva”, de Ingedore Koch e Luiz Antônio Marcuschi, publicado na revista *DELTA*;
- c. o artigo “Expressões referenciais – uma proposta classificatória”, de Mônica Magalhães Cavalcante, publicado no período *Caderno de Estudos Linguísticos*;
- d. o artigo “Construction de la référence et strategies de designation”, de Denis Apothéloz e Marie-José Reichler Béguelin, em tradução não publicada de Mônica Magalhães Cavalcante.

Esses referenciais introduziram-me no universo da referenciação do final do século passado e início deste, levando-me aos conceitos de *objeto de discurso*, *recategorização*, *negociação*, *sociocognição*, *intersubjetividade*, *expressão referencial*, entre outros, todos articulados para construir uma proposição teórica a respeito da relação entre o papel da linguagem e a formulação da realidade. Penso que o domínio desses conceitos, alguns dos quais foram reformulados e hierarquizados de modo diferente ao longo de minha formação, foram os responsáveis pela minha incursão na Linguística Textual praticada na época.

A partir dessa entrada pela referenciação, ao longo dos estudos de mestrado e doutorado, ampliei o conhecimento sobre outros aspectos/questões/fenômenos da Linguística Textual, o que reforçou a influência de três pesquisadores já citados: Ingedore Koch, Luiz Antônio Marcuschi e Mônica Magalhães Cavalcante. De Ingedore Koch, aponto a habilidade de produzir obras abrangentes, nas quais os conceitos de *texto* e *coerência* eram tratados tanto a partir de condições mais gerais (como os fatores de textualidade) quanto de condições mais específicas (como as estratégias de textualização). *Introdução à Linguística Textual: trajetórias e grandes temas* (cuja primeira edição é de 2004) é uma obra essencial para quem quer conhecer o trajeto dessa área teórica, focalizado

por uma autora exímia em apresentar exemplos bastante didáticos.

De Marcuschi, destaco a competência para tratar temas profundos com didatismo e refinamento. Suas reflexões sobre a construção referencial, em sua realização discursiva e socio-cognitiva, pautam-se pela construção de relações diversas com teorias linguísticas, antropológicas e sociológicas. Além dos trabalhos mais específicos sobre referenciação, aprecio a discussão teórica proposta na primeira parte do livro *Da fala para a escrita: atividades de retextualização* (cuja primeira edição é de 2000), em que o autor propõe uma descrição interessante, para a época, do *continuum* fala-escrita, dando a entender que as condições de interação são determinantes do processo comunicativo.

De Mônica Cavalcante, no que concerne especificamente à referenciação, julgo que há um corpo de trabalhos que busca tratar a fundo da dimensão multifacetada do fenômeno. O livro *Referenciação: sobre coisas ditas e não ditas* (publicado originalmente em 2011), representa, para mim, a melhor obra sobre o tema publicada na época. Além disso, saliento a habilidade da autora de relacionar os parâmetros analíticos da Linguística Textual (não apenas a referenciação) a diferentes construções teóricas, acionando-as a favor de explicar mais o fenômeno da coerência. A recente obra *Linguística textual e*

argumentação (de 2020) revela essa interlocução, que garante à área uma configuração mais complexa, em virtude das conexões que são tecidas com outras áreas.

Nesses três autores, encontra-se uma constante preocupação com o ensino de língua portuguesa. Marca-se, assim, o compromisso com a didatização dos aspectos teóricos e com o objetivo de propor orientações sobre o tratamento pedagógico dos fenômenos. Isso reforça a posição privilegiada que o texto ocupa no movimento de ensino-aprendizagem da educação básica, o que gera uma série de aplicações importantes, como se pode observar, por exemplo, nas produções resultantes do Mestrado Profissional em Letras (Profletas).

Além desses três autores brasileiros, alguns autores estrangeiros também influenciaram minha transformação em pesquisador de Linguística Textual. Considero como textos basilares o artigo “Introdução aos problemas da coerência dos textos” (tradução de 1985), de Michel Charolles; e o livro *Introduction to text linguistics* (1981), de Robert-Alain de Beaugrande e Wolfgang Dressler. Embora contenham reflexões um pouco datadas, esses estudos são reveladores da forte influência pragmática pela qual passou a LT dos idos de 1970 e 1980. Ambos os trabalhos foram descobertos por mim no livro *Redação e textualidade* (1999), de Maria da Graça Costa Val. A obra de Costa Val, que segue o mesmo

viés pragmático dos textos que a inspiram, é, a meu ver, um excelente manual inicial para os que pretendem aprender a avaliar alguns parâmetros de textualidade em produções escolares.

Ainda sobre Beaugrande, é importante destacar a primeira parte de seu livro clássico de 1997 – *New foundations for a science of text and discourse: cognition, communication and the freedom of access to knowledge and society* –, no qual é apresentada sua célebre definição de texto como “*um evento comunicativo em que convergem ações linguísticas, cognitivas e sociais*” (p. 10, grifo do autor). O postulado de texto como evento, entendido como acontecimento singular mediado pela ação comunicativa entre interlocutores, é amplamente assumido pela LT da atualidade.

Finalmente, cito a influência mais recente, em minha formação, de dois autores estrangeiros: Jean-Michel Adam e Ruth Amossy. Adam é o autor fundamental para quem quer aprender o que são as sequências textuais. Sua obra mais recente sobre o tema, de 2017 (traduzida para o português em 2019, com o título *Textos: tipos e protótipos*), caracteriza, em detalhes, cada uma das sequências e, em sua introdução, ao indicar qual o papel das sequências na configuração textual, apresenta uma reflexão muito pertinente sobre as relações entre discurso, gênero e texto.

Amossy é a propositora da teoria da argumentação no discurso, vertente teórica que, a partir de considerações sobre o fazer argumentativo de base retórica e sobre as condições sociais delimitadoras dos discursos, aponta para a natureza intrinsecamente argumentativa de qualquer prática comunicativa. Essa ideia, bem demonstrada no artigo “Argumentação e análise do discurso: perspectivas teóricas e recortes disciplinares”, é fundamental para que a LT da atualidade afirme que todo texto tem uma dimensão argumentativa.

2) Quais de suas produções em revistas e/ou em livros impressos ou eletrônicos você destacaria?

Destaco quatro produções, duas diretamente decorrentes de minha tese de doutorado (CUSTÓDIO FILHO, 2011) e duas relacionadas ao fazer investigativo que alia as reflexões teóricas ao ensino. Apresento as linhas gerais de cada uma delas a seguir.

CUSTÓDIO FILHO, Valdinar. Reflexões sobre a recategorização referencial sem menção anafórica. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, SC, v. 12, n. 3, p. 839-858, set./dez. 2012.

A possibilidade de se estabelecer a recategorização referencial sem que haja menção anafórica, por meio de uma

expressão referencial, foi apontada, pela primeira vez, por Cavalcante, no já citado livro *Referenciação: sobre coisas ditas e não ditas* (2011). Nesse artigo, eu busco detalhar essa condição, partindo da defesa de que uma propriedade complexa como a recategorização não pode ser circunscrita (como se costuma mostrar nos trabalhos anteriores) a uma condição formal. Mostra-se, assim, que todos os elementos da materialidade (verbal, visual, sonora) concorrem para a recategorização, e se aponta que, muito mais que um fenômeno coesivo, a referenciação é um fenômeno discursivo. Entendo que essa é uma importante contribuição para os estudos em referenciação, a qual define o que ainda hoje se apresenta em análises sobre a construção da referência.

CUSTÓDIO FILHO, Valdinar. Análise da referenciação por meio de traços de significação. *In: FIGUEIREDO, M. F. et al. (org.). Textos: sentidos, leituras e circulação*. Franca, SP: Unifran, 2014. p. 199-224.

Esse capítulo segue o direcionamento proposto no artigo anterior, buscando elucidar “como os referentes [...] são elaborados, levando-se em conta que tal construção é passível de ocorrer dentro de uma dinâmica muito mais ampla, que não se limita, exclusivamente, ao universo das formas nominais utilizadas para referir” (CUSTÓDIO FILHO, 2014, p. 200). O foco, aqui, reside na descrição dos referentes como fruto

de um processo no qual ocorrem, após a apresentação de um referente, movimentos de confirmação, acréscimo e, em alguns casos, correção. Entendo que o trabalho reforça a natureza complexa dos processos de recategorização; e a proposta de análise, por meio de traços de significação, foi posteriormente modificada, originando dois trabalhos importantes para o entendimento da referenciação: o capítulo “O caráter naturalmente recategorizador das anáforas” (de Mônica Magalhães Cavalcante e Mariza Angélica Paiva Brito); e a tese *As redes referenciais na construção de notas jornalísticas* (de Janaica Gomes Matos), na qual o conceito de *redes referenciais* é proposto e descrito.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; CUSTÓDIO FILHO, Valdinar; BRITO, Mariza Angélica Paiva. **Coerência, referenciação e ensino**. São Paulo: Cortez, 2014.

Esse livro, escrito em coautoria, pode ser considerado a primeira obra que busca, do início ao fim, tratar das relações (bastante profícuas) entre referenciação e ensino de língua portuguesa. A obra assume os postulados teóricos para a referenciação na época, e os explica de modo didático, com uma diversidade de exemplos. Compreendo que o capítulo 1, no qual se apresentam uma concepção de coerência e as principais características da referenciação (remetendo às ideias iniciais de Mondada e Dubois, 2003), ainda vale como

proposta teórica nos dias de hoje. O mesmo pode ser dito sobre o capítulo 2, em que se mostram as funções dos processos referenciais. O livro contém exemplos de atividades, as quais podem deixar mais claro como pode ser feita a abordagem pedagógica do fenômeno.

CUSTÓDIO FILHO, Valdinar. Contribuições da referenciação para o ensino-aprendizagem de língua portuguesa, com ênfase na natureza argumentativa da linguagem. **PERcursos Linguísticos**, Vitória, ES, v. 11, n. 29, p. 203-222, 2021.

Em 2020, a publicação do livro *Linguística textual e argumentação*, obra coletiva do grupo Prottexto coordenada pela professora Mônica Magalhães Cavalcante, firma a condição de que a argumentação, entendida como forma de influenciar o outro no seu modo de ver, pensar e sentir, é o fio condutor do projeto de dizer de todo texto. Com base nisso, compreende-se que todas as estratégias de textualização, incluindo a referenciação, estão a serviço desse projeto de dizer. Nesse artigo, pretendo mostrar como a referenciação pode ser abordada em atividades pedagógicas, considerando-se seu papel em textos de visada argumentativa e de dimensão argumentativa. A reflexão aponta para uma necessária mudança sobre o modo como a referenciação costuma ser abordada nas coleções didáticas, nas quais o fenômeno é limitado à sua condição meramente coesiva.

3) Considerando a LT como Ciência, quais são seus procedimentos metodológicos e suas principais categorias analíticas?

No que concerne aos procedimentos metodológicos, penso que as pesquisas em LT podem ser abrigadas tanto sob o manto do procedimento documental quanto sob o manto da análise de conteúdo. Quanto ao procedimento documental, entendo que a fonte primária das pesquisas – os textos – são considerados, no âmbito da metodologia, como *documentos* – registros da ação comunicativa humana que configuram conteúdos passíveis de compreensão e geradores de efeitos. Conforme Oliveira (2007, p. 69), “a [pesquisa] documental caracteriza-se pela busca de informações em documentos que não receberam nenhum tratamento científico, como relatórios, reportagens de jornais, revistas, cartas, filmes, gravações, fotografias, entre outras matérias de divulgação”.

Nesse tipo de pesquisa, o foco reside na interpretação analítica que o pesquisador imprime sobre o material analisado. Enquanto na educação, ciências sociais, história etc., a análise de documentos visa à busca de informações (conforme se lê na citação de Oliveira), nas pesquisas linguísticas (pelo menos na LT), a análise dos documentos visa à investigação de fenômenos de linguagem. O foco incide sobre o funcionamento

dos textos, entendidos a partir da concepção apresentada em resposta à pergunta 4 a seguir.

No que toca à análise de conteúdo, percebo uma filiação da LT a essa perspectiva metodológica, a partir do que apregoa Bardin (2016, p. 35-36):

a análise de conteúdo de mensagens, que deveria ser aplicável [...] a todas as formas de comunicação, seja qual for a natureza de seu suporte [...], possui duas funções, que na prática podem ou não dissociar-se:

- Uma *função heurística*: a análise de conteúdo enriquece a tentativa exploratória, aumenta a propensão para a descoberta. É a análise de conteúdo “para ver o que dá”.
- Uma função de “*administração da prova*”. Hipóteses sob a forma de questões ou de afirmações provisórias, servindo de diretrizes, apelarão para o método de análise sistemática para serem verificadas no sentido de uma confirmação ou de uma infirmação. É a análise de conteúdo “para servir de prova”.

A meu ver, a prática investigativa em LT busca, nos próprios textos (entendidos, claro, numa concepção que vai muito além da materialidade cotextual), as respostas para suas perguntas investigativas, na maioria das vezes buscando a “administração da prova”, ou seja, uma relação coerente entre o fenômeno que se quer investigar, o que a teoria diz

sobre o fenômeno até certo momento e o que a ida aos textos comprova sobre o que foi proposto como hipótese. Uma vez que o procedimento documental e a análise de conteúdo se prestam a um trabalho de pesquisa qualitativo, o que garante a confiabilidade e a validação das investigações em LT é a relação construída entre as categorias de análise (presentes em uma fundamentação teórica sólida) e o tratamento dos textos à luz de tais categorias. Essas categorias estão ligadas a dimensões mais amplas e mais estritas da configuração textual.

Na dimensão mais ampla, encontram-se os elementos constituintes dos gêneros textuais, das sequências textuais, dos modos de interação e das modalidades argumentativas. A título de ilustração, tomando como exemplo as sequências textuais, considera-se que as macroproposições de cada sequência (narrativa, descritiva, argumentativa, explicativa) são categorias que podem ser aplicadas à análise de textos.

Na dimensão mais estrita, encontram-se os fenômenos que respondem pelas estratégias de textualização – ações para a construção de enunciados que possibilitam a tessitura textual e, conseqüentemente, a instanciação da coerência. Esses fenômenos são a referenciação, a organização tópica, a intertextualidade, a marcação de vozes, entre outros. Cada um deles se manifesta mediante o emprego de um conjunto de

procedimentos a partir do qual se depreendem as categorias. A título de ilustração, tomando como exemplo a organização tópica, tem-se que ela é compreendida a partir das propriedades de centração e organicidade. Essas propriedades podem ser consideradas categorias de análise, bem como podem ser categorias, também, os processos que as particularizam, como a concernência e a relevância (para a centração) e a verticalização (para a organicidade).

A condução metodológica encetada por meio de categorias analíticas garante que a LT não se limite a propor práticas de interpretação de textos. Mais que isso, essa corrente teórica diz respeito a uma proposta de entendimento científico da produção e compreensão de sentidos, fundada em uma concepção de linguagem (sociointeracionista e discursiva) e explicada por categorias de análise condizentes com a concepção assumida.

A fim de deixar claro como se dá esse fazer científico, pode-se apresentar o percurso investigativo de um trabalho da área. Tomemos como exemplo a tese de Ana Paula Lima de Carvalho: *Sobre intertextualidades estritas e amplas* (2018). A autora faz um apanhado dos estudos que tratam do tema, propondo uma reflexão sobre o entendimento da intertextualidade como estratégia participante da textualização. Nesse movimento, ela aponta as principais categorias com as quais

trabalhará – os tipos de copresença e derivação (ligados à intertextualidade estrita) – e sugere uma reformulação de propostas anteriores para caracterizar outras categorias, ligadas à intertextualidade ampla. A pertinência de suas análises se dá pelo modo como os textos (entendidos, metodologicamente, como documentos) são explicados a partir das categorias propostas. Esse é um entre incontáveis exemplos os quais revelam que fazer pesquisa em LT demanda um conjunto de procedimentos particulares, sedimentados e validados a partir da prática constante dos pesquisadores.

4) Considerando o texto em toda a complexidade que lhe é constitutiva e em sua multiplicidade de formas e de linguagens, como você o define?

De modo simplificado, o objeto científico texto pode ser compreendido como um acontecimento singular dotado de materialidade semiótica (verbal e/ou visual e/ou sonora) à qual se impõem diversos elementos contextuais para que interlocutores (sujeitos atuantes, configurados em um enquadre sociodiscursivo) interajam em torno de um projeto de dizer, constitutivamente argumentativo. Essa definição exige algumas reflexões sobre as partes que a compõem.

Iniciando pela materialidade semiótica, tem-se que a existência de um texto se dá mediante uma unidade concreta, composta por alguma forma de linguagem. Essa unidade – o cotexto – é sempre semiotizada, ou seja, se constrói mediante princípios que, em alguma medida, remetem à simbolização, no sentido de uso de algum “instrumento” cuja significação não se encontra no instrumento em si, mas na mediação constituída pela espécie humana. Ao usar o termo “alguma forma de linguagem”, assume-se, como se tem feito na LT nos últimos quinze anos, que o componente verbal não é o único a compor a materialidade textual.

Ocorre que a materialidade cotextual, isoladamente, não responde pela totalidade do fenômeno textual. Daí ser importante considerar a noção de *acontecimento*, a qual, por sua vez, enfatiza o papel das diversas dimensões contextuais. Ela imprime à definição de *texto* o princípio de que o processo comunicativo é fundamentalmente tributário da interação entre sujeitos, os quais são determinados por condições pragmáticas e (principalmente) discursivas. Essas condições podem ser bastante diferentes, em relação ao tempo e local em que o texto “acontece”, bem como em relação às funções e aos papéis que os sujeitos podem assumir.

Disso se conclui que a uma mesma materialidade semiótica podem ser atribuídos sentidos diversos, a depender, por

exemplo, do momento e do local em que essa materialidade é posta em funcionamento, bem como dos sujeitos que interagem por meio dessa materialidade. Por isso, a LT costuma enfatizar que o texto se efetua mediante a produção e compreensão de sentidoS (maiúscula intencional), e esses sentidos podem ser múltiplos exatamente porque são múltiplos os acontecimentos.

Finalmente, é preciso salientar o papel dos sujeitos na configuração da textualização. O sujeito da LT (particularmente, da LT assumida pelo grupo Prototexto) tem dupla face: ao mesmo tempo que é limitado por condições sociais e ideológicas definidoras dos discursos que ele pode/deve assumir, é também dotado da capacidade de intervir, via texto, nos modos de pensar, sentir e agir do outro, o que lhe garante algum poder estratégico. Há, então, na base dessa condição essencial de influenciar o outro, uma dimensão argumentativa definidora de um projeto de dizer.

Em alguns casos, esse projeto é mais marcadamente argumentativo, o que propicia a emergência de um texto de visada argumentativa (como se vê em artigos de opinião, editoriais, resenhas, por exemplo). Em outros casos, o projeto de dizer engendra um empreendimento cujo foco não é a proposição de uma tese sustentada por argumentos, mas, sim, a construção de sentidos que passa pela impressão de

um ponto de vista (um posicionamento sobre certo aspecto), mais ou menos explicitamente, presente em textos variados (romances, tutoriais, notícias, leis e tantos outros); fala-se, nesse âmbito, na já aludida dimensão argumentativa.

A argumentação, portanto, está na raiz da dinâmica textual. A definição de texto proposta pressupõe a ação investigativa para desvendar os segredos do argumentar, do que decorre uma série de desafios teóricos e aplicados indicadores da relevância científica que a LT assume no quadro geral das teorias linguísticas.

5) Quais são as preocupações específicas da LT que a diferenciam de outras teorias do texto?

Entendo que a preocupação investigativa específica da LT é a construção da coerência. Nessa afirmação, é preciso dar ênfase à palavra “construção”.

Grosso modo, as perspectivas teóricas enunciativas, ao direcionarem as análises aos textos em uso (em situações concretas de enunciação), tratam dos sentidos, do modo como esses sentidos se configuram em dada situação envolta por coordenadas diversas. Todas elas lidam, em alguma medida, com a coerência, e cada uma acaba por privilegiar uma ou algumas dessas coordenadas, o que é bem evidenciado no

livro *O texto e seus conceitos* (organizado por Ronaldo de Oliveira Batista).

Para a LT, não se trata de *lidar* com a coerência, mas, sim, de *explicar* a coerência. A partir da concepção de texto apontada na resposta à pergunta 4, assume-se que a emergência de um texto decorre de um projeto argumentativo que será efetivado por meio de um dizer. Esse projeto pressupõe uma organização complexa, que relaciona materialidade semiótica (que, nos textos de Ingedore Koch, seria a ponta do iceberg) e elementos discursivos, culturais, pragmáticos e cognitivos (considerados como a parte submersa do iceberg). Essa relação se concretiza mediante a mobilização de um conjunto de estratégias.

De um lado, há de se levar em conta instâncias maiores, que passam pela decisão sobre o gênero de discurso definidor do texto (dependente dos modos de interação), bem como a estruturação de conteúdos em termos de sequências textuais. De outro lado, há de se mobilizar uma série de estratégias de textualização, acionada para pôr em evidência, na tessitura co(n)textual, a construção da coerência. Essas estratégias são a referenciação, a organização tópica, a intertextualidade, a gestão do dizer do outro, as relações discursivo-argumentativas, entre outras.

Tem-se, assim, que a coerência é o resultado de um conjunto de ações dos sujeitos da interação, manifestado no texto por meio de processos fundamentalmente inter-relacionados. A LT se particulariza pela análise desses processos, entendidos (não custa lembrar) como parte de um projeto argumentativo.

6) Pesquisar implica não só ter o conhecimento de conceitos e de procedimentos analíticos mas também saber as possibilidades de seu campo de investigação. Poderia ressaltar delimitações bem como interfaces da LT?

Começemos pelas interfaces. Em um artigo de 2010 – “Revisitando o estatuto do texto”, publicado na *Revista do Gelne*, de autoria de Mônica Magalhães Cavalcante e Valdinar Custódio Filho –, dizemos que a LT tem a grande virtude de assumir, com segurança, os diálogos interdisciplinares que a enriquecem. A nosso ver, não poderia ser diferente, uma vez que se tem como objeto de pesquisa uma unidade extremamente complexa, que é o texto. Então, essa é uma condição importante para a configuração teórica e programática da LT, acredito que desde seus primórdios.

No momento atual da LT, julgo haver três interfaces essenciais: com a análise do discurso (AD), com a teoria da argumentação no discurso (TAD) e com o tecnodiscurso.

A partir da AD, a LT assume que as formações discursivas, erigidas no bojo do interdiscurso, implicam uma gama de valores ideológicos os quais determinam a ação comunicativa dos sujeitos, constringendo-os a quadros sociais definidores de sua participação nas interações. O acionamento de recursos diversos para a textualização é definido, portanto, a partir da condição sociodiscursiva colocada para os indivíduos que assumirão a função de sujeitos.

O diálogo com a TAD se manifesta no entendimento da argumentação como a mola propulsora do fazer textual. Essa vertente teórica responde pela concepção de sujeito assumida pela LT na atualidade, já comentada na resposta à questão 4 e mais detalhada na resposta à questão seguinte. Importa, aqui, reconhecer que a junção proposta pela TAD, entre análise do discurso e nova retórica, permite que a LT trabalhe com a premissa de que o texto é uma ação social que pode incitar mudança de forças entre os valores discursivos.

No que concerne ao tecnodiscurso, considerando-se o que propõe a analista do discurso Marie-Anne Paveau (na obra *L'analyse du discours numérique*), a proposição de que o advento da internet provoca (ou tem de provocar) uma ruptura na descrição das práticas discursivas casa com a necessidade da LT de teorizar sobre o hipertexto e de reformular o conceito de interação (detalhado na questão seguinte),

a partir do que se redefinem parâmetros de construção da coerência. Definidos o hipertexto e a interação a partir de uma premissa marcadamente tecnológica do discurso, é possível investigar/descrever como a organização da esfera digital afeta os sujeitos e, conseqüentemente, os modos de produzir sentidos praticados por esses sujeitos.

Dito isso, é importante salientar as delimitações da LT em relação às disciplinas com as quais dialoga. Não interessa à LT teorizar/descrever os diversos funcionamentos institucionais definidores das relações de poder (como na AD), nem caracterizar os modos argumentativos a partir da análise dos conteúdos e dos recursos linguístico-gramaticais dos textos (como na TAD), nem apontar a emergência de um novo paradigma de análise discursiva (pós-dualista) incrustado na tecnologia digital (como no tecnodiscurso).

Nossa preocupação, como se disse, centra o texto como unidade de coerência. Logo, todos os aportes oriundos de outras vertentes são mobilizados para que se compreenda, do modo mais completo possível, como as estratégias de textualização, empregadas dentro de um texto pertencente a um gênero discursivo e realizador de sequências textuais, são mobilizadas para a produção e compreensão de sentidos. O que nos particulariza, portanto, é o olhar multifacetado sobre

o fenômeno interacional com vista a explicar a configuração do agir dos sujeitos pelas linguagens.

7) Frutíferos diálogos interdisciplinares têm possibilitado aos estudiosos do texto uma ampliação do quadro conceitual-analítico da LT. No estabelecimento dessas interfaces, conceitos podem ser reinterpretados. Nesse sentido, qual a concepção de interação, sujeito, discurso e cognição na LT?

A concepção de *interação* deve ser entendida a partir do que propõe Isabel Muniz-Lima, em sua tese de doutorado, intitulada *Modos de interação em contexto digital*: “processo de coconstrução de sentidos, que se dá entre interlocutores humanos e/ou não humanos e que sofre interferência de um conjunto de aspectos” (MUNIZ-LIMA, 2022, p. 76). Essa concepção, ao pontuar a coconstrução de sentidos, reforça o papel intrinsecamente ativo de troca que se efetiva entre os sujeitos que participam de práticas comunicativas. Ao mesmo tempo, fortalece a noção de *coerência* (proposta na resposta à questão 6) como princípio decorrente de processos multifacetados, já que há um conjunto de aspectos que nela interfere.

A proposição de Muniz-Lima permite, ainda, que se compreenda que a interação, porque é dialógica, engloba

qualquer troca entre sujeitos, indo além das situações em que os participantes se encontram face a face ou em que eles atuam de modo síncrono. Além disso, a menção a interlocutores não humanos contempla o contexto digital, no qual, em muitos casos, o participante é uma entidade “puramente” tecnológica (como atendentes virtuais, bots etc.).

Retomando o que apresentamos na resposta à pergunta 4, entendemos sujeito (especificamente, o sujeito humano) como participante de uma situação de interação pela linguagem, que age para que os sentidos possíveis para um texto sejam efetivados. A já aludida dupla face do sujeito o coloca em uma posição intermediária quanto à sua liberdade no ato comunicativo. Ao mesmo tempo que esse sujeito ocupa um papel determinado social e discursivamente (a ele imposto, em algum grau), é possível ele estabelecer algum posicionamento (validador ou contestador dos papéis sociais estabilizados historicamente ou das configurações ideológicas a favor da hegemonia vigente), que determinará a textualização do seu dizer.

Retomando a resposta à pergunta 7, discurso pode ser entendido como uma dimensão da vida humana que compreende os valores (ideias, sentimentos, desejos, posições, sempre em relação/confronto com os outros) construídos, reforçados e assumidos por sujeitos em práticas diversas

(principalmente, práticas de linguagens) a partir dos quais se dão as relações de poder. Essas relações compreendem desde a naturalização dos mecanismos de exploração até a contestação desses mecanismos com vista à transformação social. Essa dimensão é fundamental para a construção da textualização, na medida em que os valores definirão, em ampla medida, os projetos de dizer dos sujeitos, bem como seu papel social em dado texto, em relação ao que podem/querem/devem/ousam manifestar.

A cognição pode ser concebida como a dimensão da vida humana em que os conhecimentos são construídos, processados, transformados e acessados, para que se possa participar de uma interação de modo significativo. O uso dos verbos “construir”, “processar”, “transformar” e “acessar” deixa claro que a relação dos sujeitos com o conhecimento é altamente dinâmica, o que implica, dentro do paradigma assumido pela LT, considerar a natureza social (consequentemente, pragmática e discursiva) da cognição. O livro *Kaspar Hauser ou a fabricação da realidade*, de Izidoro Blikstein, explica, de forma bastante didática, essa premissa, a partir da relação circular entre realidade, linguagem, práxis social e percepção/cognição.

8) Dos resultados de seus trabalhos, seria possível indicar contribuições para o ensino?

As contribuições da LT para o ensino são várias, e isso pode ser observado na longa trajetória de diálogo que a disciplina construiu/constrói tanto com a produção acadêmica que discute o ensino de língua materna quanto com os documentos oficiais que orientam as práticas pedagógicas. O paradigma dominante sobre ensino da língua materna dos últimos 40 anos insiste na necessidade de se pautar as aulas de língua portuguesa em práticas de linguagem de compreensão e produção de textos (tendo como recurso subsidiário a análise linguística). Ora, as duas faces das práticas de linguagem – compreensão e produção – são o foco dos fenômenos responsáveis pela coerência textual. Logo, as categorias analíticas (mencionadas na resposta à pergunta 3) são, também, “categorias pedagógicas”, fundamentais para o trabalho verdadeiramente profissional do docente. Essas categorias devem ter papel de destaque nas aulas, a partir da criação de situações didáticas pelo professor as quais permitam a ação do aprendiz, tanto no uso de estratégias quanto na reflexão sobre esse uso.

Com base nisso, percebem-se dois níveis de entrada dos fenômenos/processos ligados à textualização na ação pedagógica. Um nível diz respeito à percepção dos fenômenos

nas práticas (discursivas) de linguagem. Isso implica que as atividades sugeridas ou propostas pelo professor, no âmbito da compreensão e da produção, devem contemplar as considerações sobre os gêneros discursivos, sobre a interação, sobre as sequências textuais e sobre as estratégias de textualização.

Por exemplo, em uma atividade de leitura, o professor deve mediar a interação do aluno com o texto a partir da reflexão sobre como esse texto constrói a referenciação, e/ou como promove a organização tópica, e/ou como mobiliza recursos intertextuais, e/ou como concretiza uma ou mais sequências textuais etc., tudo a serviço da argumentação (como dimensão ou visada). Já em atividades de produção, as diferentes dimensões do fenômeno textual podem orientar a proposição de situações relevantes, seja porque possibilitam a construção de um texto que terá valor efetivo na esfera de atuação do aprendiz; seja porque criam um contexto que, mesmo artificial, promove parâmetros de atuação pertinentes; seja porque estimulam a criatividade a partir de um desafio.

O outro nível de entrada compreende a reflexão especificamente orientada para uma das dimensões do texto. No nível de entrada anterior, o foco é a aplicação dos fenômenos/recursos. Nesse nível, sugere-se que a situação didática trate de um fenômeno particular: referenciação, intertextualidade, sequências textuais, interação no

contexto digital etc. Pretende-se, assim, que o aluno reflita especificamente sobre as condições de textualização, o que lhe permitirá a compreensão consciente sobre os recursos disponíveis para que ele possa ter desempenho mais eficaz nas práticas de que participar.

Considero, ainda, que a LT também pode contribuir com a formação pedagógica mais ampla dos professores, na medida em que o domínio sobre os postulados da disciplina permite uma leitura diferenciada dos documentos oficiais de ensino. Tanto os *Parâmetros curriculares nacionais* quanto a *Base nacional comum curricular*, ao serem lidos sob a ótica da LT, são enriquecidos por um posicionamento que mantém em evidência a preocupação em modificar a realidade escolar brasileira a partir de um trabalho efetivo (cientificamente orientado) com os textos.

9) A quais avanços da LT na contemporaneidade daria destaque e como vê os desafios de seu futuro?

No meu entender, os dois grandes avanços da contemporaneidade são a inclusão da argumentação, conforme esse conceito é compreendido pela teoria da argumentação no discurso, como princípio primeiro da configuração textual; e a consideração da natureza tecnodiscursiva das interações

que tomam parte no ambiente digital. A inclusão da argumentação como elemento central possibilitou uma mudança de paradigma importante. A LT sempre considerou, nas análises de fenômenos ligados à textualização, uma função argumentativa. O que os estudos atuais defendem é que a argumentação não é apenas uma função permitida pelos fenômenos mas também o princípio organizador de todos eles.

Tomemos a referenciação como exemplo. Os estudos da década de 2000 e muitos estudos dos anos 2010 propõem que a construção da referência se presta, também, a preencher uma função argumentativa, por meio da presença de pontos de vista, que se presentificam nas expressões referenciais propriamente ditas ou numa construção mais difusa dos objetos de discurso. Nesse panorama, tem-se que a argumentação estaria a serviço da referenciação. O que se pontua hoje é exatamente o inverso: é a referenciação, como estratégia, que está a serviço da argumentação, a qual define o projeto de dizer e, conseqüentemente, a materialização textual.

Igualmente importante é a natureza tecnodiscursiva da linguagem. Trazer o tecnodiscurso para as análises em LT possibilita que o objeto texto presente no ambiente digital, no que diz respeito ao gênero discursivo e às estratégias de textualização, seja o resultado de processos de significação que se estabelecem a partir de recursos linguageiros e tecnológicos

interrelacionados, em pé de igualdade. Isso interfere de forma tão impactante na configuração dos sentidos que solicita um tratamento analítico diferente, a partir do qual os elementos constitutivos das interações digitais (por exemplo, links, ferramentas de engajamento, algoritmos) são tratados como coconstituintes dos sentidos.

Há, então, desafios teórico-metodológicos importantes relativos a esses dois grandes avanços. Acho importante salientar, também, os desafios concernentes à interface entre LT e ensino. A meu ver, é preciso haver uma reflexão mais empírica sobre essa relação, que, além de vislumbrar o que se pode fazer, dê conta do que efetivamente se faz nas aulas de português. Nesse sentido, os trabalhos realizados no âmbito do Mestrado Profissional em Letras (Profletras), programa em rede com atuação em todo o território nacional, muito podem contribuir. A partir deles, será possível que a LT participe ainda mais da formação de professores competentes para criar suas próprias atividades didáticas, o que está relacionado a outra interface, ainda pouco explorada: a relação com o saber técnico e teórico oriundo do contato com teorias da aprendizagem, inclusive no que essas têm a dizer sobre as novas tecnologias da informação e comunicação. Desse modo, pode-se pensar em resolver a enorme defasagem que se geralmente se percebe na

aplicação de princípios teóricos da LT nos materiais didáticos disponíveis atualmente.

10) Que leituras você indicaria para quem está iniciando seus estudos na LT?

Introdução à Linguística Textual: trajetória e grandes temas, de Ingedore Villaça Koch. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

Produção textual, análise de gêneros e compreensão, de Luiz Antônio Marcuschi. São Paulo: Parábola, 2008.

Referenciação: sobre coisas ditas e não ditas, de Mônica Magalhães Cavalcante. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

Os sentidos do texto, de Mônica Magalhães Cavalcante. São Paulo: Contexto, 2012.

Textos: tipos e protótipos, de Jean-Michel Adam. São Paulo: Contexto, 2019.

Linguística textual e argumentação, de Mônica Magalhães Cavalcante *et al.* Campinas: Pontes, 2020.

Referências

ADAM, J.-M. **A linguística textual**: introdução à análise textual dos discursos. São Paulo: Cortez, 2008.

ADAM, J.-M. **Textos**: tipos e protótipos. São Paulo: Contexto, 2019.

ALBERT, S. Texto e contexto para a realização de um projeto de dizer na produção de redações de vestibular. **Revista Pluri: Percursos**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 245-262, 2018. Disponível em: <https://revistapluri.cruzeirosulvirtual.com.br/index.php/pluri/article/view/50/67>. Acesso em: 08 jun. 2023.

ALBERT, S.; LIMA, N. V. Projeto de Iniciação à Docência: desafios para a educação a distância e novas perspectivas para o ensino e a aprendizagem. In: CIAED – CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, 25., 2019, Poços de Caldas. **Anais** [...]. Poços de Caldas, 2019. Disponível em: <http://www.abed.org.br/congresso2019/anais/trabalhos/34467.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2023.

ALBUQUERQUE, R.; SEARA, I.; SANTOS, L.W. dos; TOMAZI, M. Argumentação e impolidez: o post nas instâncias da interação. **Revista (Con)Textos Linguísticos** – Linguística de Texto e Análise da Conversação: abordagens metodológicas, Vitória, v. 15, n. 31, p. 66-84, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/35662>. Acesso em: 09 jun. 2023.

AMOSSY, R. **Apologia da polêmica**. São Paulo: Contexto, 2017.

AMOSSY, R.; PIERROT, A. H. **Estereótipos e clichês**. São Paulo: Contexto, 2022.

ANTUNES, I. **Análise de textos**: fundamentos e práticas. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

ANTUNES, I. **Aula de português**: encontro e interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

ANTUNES, I. **Língua, texto e ensino**: outra escola possível. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ANTUNES, I. **Lutar com palavras**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

ANTUNES, I. **Textualidade**: noções básicas e implicações pedagógicas. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

AQUINO, Z. G. O.; PALUMBO, R. A construção da identidade e a busca de legitimidade no discurso político presidencial. **Conexão Letras**, [S. l.], v. 11, n. 15, p. 75-88, 2016. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/conexaoletras/article/view/65803/37910>. Acesso em: 09 jun. 2023.

AQUINO, Z. G. O.; PALUMBO, R. Diálogos com Marcuschi: sociocognição, argumentação e ensino. **Filologia e Linguística Portuguesa**, [S. l.], v. 21, p. 9-24, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/flp/article/view/156160>. Acesso em: 09 jun. 2023.

ARRUDA, M. L. F. **Processos referenciais e argumentação no Twitter**: o texto nativo digital no ensino de língua portuguesa. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Letras – Português) – Universidade Federal de Pernambuco, 2019.

AUTHIER-REVUZ, J. **Entre a transparência e a opacidade**: um estudo enunciativo do sentido. Revisão técnica da tradução: Leci Borges Barbisan e Valdir do Nascimento Flores. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermantina Galvão Gomes e Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo, SP: Edições 70, 2016.

BARROS, L. P. A. **Sequências narrativas e conhecimentos linguísticos em crônicas e notícias: análise de textos e proposta didática para o ensino de língua**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Letras - Português) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019.

BATISTA, R. O. (org.). **O texto e seus conceitos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

BEAUGRANDE, R. **New foundations for a science of text and discourse: cognition, communication, and freedom of access to knowledge and society**. Norwood, New Jersey, Ablex, 1997.

BEAUGRANDE, R.-A.; DRESSLER, W. U. **Introduction to text linguistics**. Londres: Longman, 1981.

BENTES, A. C. A Linguística Textual. *In*: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (org.). **Introdução à Linguística**. São Paulo: Cortez, 2000.

BENTES, A.; LEITE, M. Q. (org.). **Linguística de texto e análise da conversação: panorama das pesquisas no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2010.

BENTES, A.; PALUMBO, R.; AQUINO, Z. Linguística textual, interação e cognição social: procedimentos metodológicos. **Revista (Con)Textos Linguísticos** – Linguística de Texto e Análise da Conversação: abordagens metodológicas. v. 15, n. 31, 10-29, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/35675>. Acesso em: 08 jun. 2023.

BERNÁRDEZ, E. **Introducción a la Lingüística del Texto**. Espasa-calpe, S. A: Madrid, 1982.

BLIKSTEIN, I. **Kaspar Hauser ou a fabricação da realidade**. São Paulo: Cultrix-Edusp, 1983.

BORGES NETO, J. **Ensaio de Filosofia da Linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BRINKER, K. **Linguistische Textanalyse: Eine Einführung in Grundbegriffe und Methoden**. Berlin: Erich Schmidt, 1985.

BRITO, M. A. P.; DA SILVA, A. A.; CABRAL, A. L. T. A ciberviolência em práticas textuais do ambiente digital. **Revista Entrepalavras**, v. 12, p. 52-75, 2022. Disponível em: <http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/2407>. Acesso em: 09 jun. 2023.

BRONCKART, J.-P. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo**. São Paulo: EDUC, 1999.

CABRAL, A. L. T. **A força das palavras: dizer e argumentar**. São Paulo: Contexto, 2010.

CABRAL, A. L. T.; ALBERT, S. A. B. Quebra de polidez na interação: das redes sociais para os ambientes virtuais de aprendizagem *In*: CABRAL, A. L. T.; SEARA, I. R.; GUARANHA, M. F. **Descortesia e Cortesia: expressão de culturas**. 1. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2017. p. 267-294. v. 1.

CABRAL, A. L. T.; LIMA, N. V. de L.; ALBERT, S. TDIC na educação básica: perspectivas e desafios para as práticas de ensino da escrita. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, SP, v. 58, n. 3, p. 1.134–1.163, 2019. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8655763>. Acesso em: 08 de jun. 2023.

CABRAL, A. L. T.; SANTOS, L. W. dos. Dêixis pessoal e verbos na construção de um objeto de discurso argumentativamente orientado. **Conexões Letras**, n. 15, p. 25-40, 2016. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/conexaolettras/article/view/65800>. Acesso em: 09 jun 2023.

CAPISTRANO JÚNIOR, R. *et al.* Organização tópica na interação em rede: aspectos textuais, contextuais e de coerência. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, Linguística de Texto e Análise da Conversação: conceitos e critérios analíticos. v. 13, n. 25, 159-180, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/27886>. Acesso em: 09 jun. 2023.

CAPISTRANO JÚNIOR, R. **Referenciação, multimodalidade e humor em tiras cômicas do Gatão de meia-idade, de Miguel Paiva**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.

CAPISTRANO JÚNIOR, R.; LINS, M. P. P.; ELIAS, V. M. (org.). **Linguística Textual: diálogos interdisciplinares**. São Paulo/Vitória: Labrador/PPGEL-UFES, 2017.

CARMELINO, A. C. Expressões nominais referenciais e construção do humor. *In*: CARMELINO, A. C. (org.). **Humor: eis a questão**. São Paulo: Cortez, 2015. p. 91-116.

CARMELINO, A. C. Humor em cenas de curta duração: o esquete em sala de aula. *In*: CARMELINO, A. C.; RAMOS, P. (org.). **Gêneros Humorísticos em análise**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2018, v. 1. p. 41-68.

CARMELINO, A. C.; KOGAWA, L. A intertextualidade como marca dos *stickers* do WhatsApp. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, v. 14, p. 156-176, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/28518>. Acesso em: 08 jun. 2023.

CARMELINO, A. C.; RAMOS, P. Linguística textual e estudos do humor. *In*: CAPISTRANO JÚNIOR, R.; LINS, M. P. P.; ELIAS, V. M. (org.). **Linguística Textual: diálogos interdisciplinares**. São Paulo/Vitória: Labrador/PPGEL-UFES, 2017. p. 363-386.

CARMELINO, A. C.; RAMOS, P. Revisitando o conceito de intencionalidade. **Revista (Con)Textos Linguísticos** – Linguística de Texto e Análise da Conversação: conceitos e critérios de análise, v. 13, p. 60-78, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/26353>. Acesso em: 08 jun. 2023.

CARMELINO, A. C.; TAFFARELLO, M. C. M; LIMA, G. O.; RAMOS, P. Texto multimodal em práticas de ensino. *In*: MARQUESI, S. C.; PAULIUKONIS, A. L.; ELIAS, V. M. (org.). **Linguística textual e ensino**. São Paulo: Contexto, 2017. v. 1. p. 147-161.

CARVALHO, A. P. L. **Sobre intertextualidades estritas e amplas**. 2018. 136f. - Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza (CE), 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/39589>. Acesso em: 08 jun. 2023.

CASTILHO DA COSTA, A. Spoken and written language. *In*: KABATEK, J.; SIMÕES, J. S.; WALL, A. (ed.). **Manual of Brazilian Portuguese Linguistics**. Berlin; Boston: De Gruyter, 2022. p. 15-30.

CASTILHO DA COSTA, A. Tradições discursivas: de seu status linguístico-teórico e sua dinâmica (Autor: Peter Koch). **Pandaemonium Germanicum**, São Paulo, v. 24, n. 42, p. 360-401, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/pg/article/view/176747>. Acesso em: 09 jun. 2023.

CASTILHO DA COSTA, A. Do ensino da escrita à aquisição da escrituralidade na escola. *In*: COSTA, A. C.; TINOCO, G. A.; CASADO ALVES, M. P.; RODRIGUES, M. G. S. (org.). **Ensino de Língua Portuguesa: teorias, metodologias e práticas no Proletras**. 1ed.Campinas, SP: Pontes Editores, 2020. v. 1. p. 39-71.

CASTILHO DA COSTA, A. Por quanto esta he minha ultima vontade do modo que tenho dito: Tradições discursivas, textuais e linguísticas em testamentos norte-rio-grandenses dos séculos XVIII a XX. *In*: WINTER-FROEMEL, E.; SERENA, L. A.; HUERTA, A. O. T.; FRANK-JOB, B. (org.). **Diskurstraditionelles und Einzelsprachliches im Sprachwandel**. 1ed.Tübingen: Narr, 2015. v. 1. p. 285-316.

CATELÃO, E. M.; COELHO, F. A C.; NEVES, H. Intertextualidade e argumentação em textos de mídia digital. **Revista Investigações**, v. 35, p. 1-23, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/view/254376>. Acesso em: 09 jun. 2023.

CAVALCANTE, M. M. *et al.* **Linguística Textual e argumentação**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.

CAVALCANTE, M. M. *et al.* **Linguística Textual: conceitos e aplicações**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2022.

CAVALCANTE, M. M. *et al.* O caráter interacional e intertextual da argumentação polêmica. **Revista (Con)textos Linguísticos (UFES) – Linguística de Texto e Análise da Conversação: abordagens metodológicas**. v. 15, n. 31, 48-65, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/35652>. Acesso em: 08 jun. 2023.

CAVALCANTE, M. M. *et al.* O texto e suas propriedades: definindo perspectivas para análise. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, Vitória (ES), v. 13, n. 25, p. 25-39, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/27884>. Acesso em: 08 jun. 2023.

CAVALCANTE, M. M. Expressões referenciais – uma proposta classificatória. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 44, p. 105–118, 2011. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637068>. Acesso em: 08 jun. 2023.

CAVALCANTE, M. M. **Os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2012.

CAVALCANTE, M. M. **Referenciação**: sobre coisas ditas e não ditas. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

CAVALCANTE, M. M.; BRITO, M. A. P. B.; CORTEZ, S. L. O caminho da Linguística Textual no Nordeste. *In*: ATAÍDE, Cleber (org.). **Cartografia GELNE**: 20 anos de pesquisas em Linguística e Literatura. volume 1. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019. p. 145-185.

CAVALCANTE, M. M.; BRITO, M. A. P. **Texto, discurso e argumentação** – traduções. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.

CAVALCANTE, M. M.; CUSTÓDIO FILHO, V. Revisitando o estatuto do texto. **Revista do GELNE**, v.12. 56-71, 2010. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/26452/1/2010_art_mmcavalcante.pdf. Acesso em: 08 jun. 2023.

CAVALCANTE, M. M.; CUSTÓDIO FILHO, V.; BRITO, M. A. P. **Coerência, referenciação e ensino**. São Paulo: Cortez, 2014.

CAVALCANTE, M. M.; SILVA, T. S.; SILVA, Y. W. Dimensões analíticas da linguística textual. *In*: LIMA, A. H. V.; SOARES, M. E.; CAVALCANTE, S. A. S. (org.). **Linguística geral**: os conceitos que todos precisam conhecer. v. 2. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020. p. 17-41. Disponível em: <https://www.pimentacultural.com/livro/linguistica-geral-2>. Acesso em: 08 jun. 2023.

CAVALCANTE, M. M.; BRITO, M. A. P.; Oliveira, R. L. A relevância do texto e da interação no contexto digital. **Calidoscópico (UNISINOS)**, v. 19, p. 333-344, 2021. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/23287>. Acesso em: 09 jun. 2023.

CAVALCANTE, M.; SANTOS, L. W. dos. Referenciação e marcas de conhecimento compartilhado. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 12, p. 657-681, 2012. Disponível em: https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/1218. Acesso em: 09 jun. 2023.

CHAROLLES, M. Introdução aos problemas da coerência dos textos. *In*: COSTE, D. et al. (org.). **O texto**: leitura e escrita. Campinas, SP: Pontes, 1985. p. 39-90.

CHARAUDEAU, P. **Linguagem e discurso**: modos de organização. Tradução: Ângela M.S. Corrêa & Ida Lúcia Machado. São Paulo: Contexto, 2014.

CIULLA, A. ; FINATTO, M. J. B.; EVERS, A.; PASQUALINI, B.; SORTICA, M.; STEFANI, M. **Leitura**: um guia sobre teorias e práticas. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2015. v. 1. 66p.

CIULLA, A. A distinção de pessoa e alguns aspectos da contribuição de Benveniste para o estudo da enunciação. *In*: LIMA, Álisson Hudson Veras; SOARES, Maria Elias; CAVALCANTE, Sávio André de Souza (org.). **Linguística Geral**: os conceitos que todos precisam conhecer. 1. ed. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020. v. 2. p. 152-173. <https://www.pimentacultural.com/livro/linguistica-geral-2>. Acesso em: 09 jun. 2023.

CIULLA, A.; LOPES, M. A textualidade da argumentação: movimentos, encadeamentos e estratégias. *In*: SILVA, Peterson Luiz Oliveira; COSTA, Alan Ricardo. (org.). **Produção textual na teoria e na prática**: os caminhos da avaliação da redação. 1. ed. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022. v. 1. p. 218-235. Disponível em: <https://www.pimentacultural.com/livro/producao-textual>. Acesso em: 09 jun. 2023.

COELHO, F. A. C. As orientações curriculares do Ensino Médio, as práticas de linguagem e formação do professor. *In*: ASSIS, E. F. (org.). **Caminhos para a Educação Linguística**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017. v. 1. p. 9-26.

COELHO, F. A. C. As perspectivas dos PCNs para o ensino reflexivo da língua e da produção de textos. *In*: COELHO, F. A. C.; PALOMANES, R. (org.). **Ensino de produção textual**. São Paulo: Contexto, 2016. v. 1. p. 109-120.

COELHO, F. A. C. Ensino produtivo da língua portuguesa - reflexões e práticas. *In*: SILVA, A. B.; MALFACINI, A. C. S.; PAULA, M. N. (org.). **Ensino produtivo da língua portuguesa**: reflexões e práticas. Campos dos Goytacazes, RJ: Brasil Multicultural, 2017. v. 1. p. 120-135.

COELHO, F. A. C. Processos de construção de textos na escola: afinal de contas, quem sabe escrever? versão digital. *In*: ROSÁRIO, I. C.; LOPES, M. G. (org.). **Fundamentos e Métodos para o ensino de Língua Portuguesa**. Porto Velho, RO: EDUFRO, 2020. v. 1. p. 105-126.

COELHO, F. A. C. Um recado “à moda Irlandê” sobre o ensino da língua e da produção textual. *In*: COELHO, F. A. C.; SILVA, J. E. N. S. (org.). **Ensino de Língua Portuguesa - Teorias e Práticas**. Rio de Janeiro: Gramma Editora, 2018. v. 1. p. 101-112.

COELHO, F. A. C.; FERES, B. S. Ingedore e Marcuschi na ‘virada textual’ das aulas de Língua Portuguesa. **Revista SEDA**, v. 5, p. 12-26, 2020.

COELHO, F. A. C.; NASCIMENTO, J. E. (org.). **Ensino de Língua Portuguesa: fundamentos e aplicações**. Rio de Janeiro: Editora Telha, 2020.

COELHO, F. A. C.; NASCIMENTO, J. E. (org.). **Ensino de língua portuguesa: teorias e práticas**. Rio de Janeiro: Gramma Editora, 2018. v. 2.

COELHO, F. A. C.; NASCIMENTO, J. E. (org.). **Ensino de língua portuguesa: teorias e práticas**. Rio de Janeiro: Gramma Editora, 2018. v. 1.

COELHO, F. A. C.; NASCIMENTO, J. E. (org.). **PIBID, Políticas Públicas e Ensino de Língua Portuguesa**. v. 1. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2017. Disponível em: https://www.dialogarts.uerj.br/admin/arquivos_tfc_lingua/CONELP_completo_azul01.pdf. Acesso em: 09 jun. 2023.

COELHO, F. A. C.; NASCIMENTO, J. E.; ARAUJO, L. D. (org.). **Literatura, leitura e gêneros textuais** – contribuições do/ao ensino de língua portuguesa. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2018. v. 3. Disponível em: https://www.dialogarts.uerj.br/admin/arquivos_tfc_lingua/ff_CONELP_completo_verd03_alt.pdf. Acesso em: 09 jun. 2023.

COELHO, F. A. C.; NASCIMENTO, J. E.; CONFORTE, A. N. (org.). **Descrição e ensino de língua portuguesa**: temas contemporâneos. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2018. v. 6. Disponível em: https://www.dialogarts.uerj.br/admin/arquivos_tfc_lingua/ff_conelp_livro06_amarelo.pdf. Acesso em: 09 jun. 2023.

COELHO, F. A. C.; NASCIMENTO, J. E.; DOMINGUEZ, A. M. G. (org.). **Ensino de língua portuguesa em diferentes contextos**: discussões e práticas. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2018. v. 4. Disponível em: https://www.dialogarts.uerj.br/admin/arquivos_tfc_lingua/ff_CONELP_completo_larnj04_alt.pdf. Acesso em: 09 jun. 2023.

COELHO, F. A. C.; NASCIMENTO, J. E.; FERNANDES, M. B. S. (org.). **Formação de professores**: da teoria à prática. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2018. v. 2. Disponível em: https://www.dialogarts.uerj.br/admin/arquivos_tfc_lingua/CONELP_completo_verm02.pdf. Acesso em: 09 jun. 2023.

COELHO, F. A. C.; NASCIMENTO, J. E.; SANTOS, D. S. (org.). **Materiais didáticos, gêneros textuais e experiências didáticas no ensino de língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2018. v. 5. Disponível em: https://www.dialogarts.uerj.br/admin/arquivos_tfc_lingua/ff_CONELP_completo_ros05.pdf. Acesso em: 09 jun. 2023.

COELHO, F. A. C.; PALOMANES, R. (orgs.). **Ensino de produção textual**. São Paulo: Contexto, 2016.

COELHO, F. A. C.; ROCHA, J. O ensino da escrita e o percurso do processo textual-argumentativo. *In*: MORAIS, M. A.; NOGUEIRA, R. G. **Escrever para (con)vencer: teorias e práticas sobre Argumentação**. Mogi Guaçu, SP: Beccalete, 2022. p. 114-139. Disponível em: https://portal.ifrj.edu.br/sites/default/files/IFRJ/ASCOM/escrever_para_convencer_e-book-1.pdf. Acesso em: 09 jun. 2023.

COELHO, F. A. C.; SILVA, J. M. R. Do plano de voo à atividade textual: as etapas do processo da escrita. *In*: TAUFER, A. L.; CARVALHO, D. B. A.; BRASIL, L. A. A.; ANGELINI, P. R. K. (org.). **Escrita criativa e ensino II: diferentes perspectivas teórico-metodológicas e seus impactos na educação literária**. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2020. v. 1. p. 10-93.

COELHO, F. A. C.; SILVA, J. M. R. Um passeio pelo percurso do ensino da escrita. *In*: ROSÁRIO, I. C.; REBELLO, I. S. (Org.). **Linguagem em diálogo com a sociedade: Teorias do texto, do discurso e da tradução**. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2020. v. 1. p. 530-544.

COELHO, F. A. C.; SILVA, J. M. R.; ANDRADE, I. Q. A multimodalidade na leitura dos gêneros digitais: o infográfico digital como estratégia pedagógica. *In*: Francisco Jeimes de Oliveira Paiva; Ana Maria Pereira Lima. (org.). **Pesquisas em Análise do Discurso, Multimodalidade & Ensino: debates teóricos e metodológicos**. 1. ed. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2020. v. 1. p. 149-160.

COELHO, F. A. C.; SILVA, J. M. R.; ANDRADE, I. Q. Práticas de Leitura nas aulas de Língua Portuguesa: um processo dinâmico de construção de sentidos à luz da Linguística Textual. *In*: DANTAS, W. (org.). **Língua Portuguesa e Ensino: Múltiplos Olhares**. Catu: Bordô-Grená, 2020. v. 1. p. 56-72.

CORTEZ, S. L. Estilo e construção do ponto de vista em textos da mídia escrita. **Revista Comunicação Midiática**, v. 6, 2011. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/3990048.pdf>. Acesso em: 08 jun. 2023.

CORTEZ, S. L. Referenciação e Construção do Ponto de Vista. **Sínteses**, UNICAMP, v. 9, p. 139-151, 2004. Disponível em: <https://revistas.iel.unicamp.br/index.php/sinteses/article/view/6290>. Acesso em: 08 jun. 2023.

CORTEZ, S. L. Référenciation et construction du point de vue: l'établissement de la visée argumentative du texte. **Lenguaje**, Universidad del Valle, v. 37, 2009. Disponível em: <https://bibliotecadigital.univalle.edu.co/handle/10893/2820>. Acesso em: 08 jun. 2023.

CORTEZ, S. L. A construção do ponto de vista por meio de formas referenciais” (em coautoria com Ingedore Koch). In: CAVALCANTE, M. M.; LIMA, S. M. C. de (org.). **Referenciação: teoria e prática**. São Paulo: Cortez, 2013.

CORTEZ, S. L. A representação de pontos de vista em reportagens de revista feminina”. In: EMEDIATO, W. (org.). **A Construção da Opinião na Mídia**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2013.

CORTEZ, S. L. A representação de pontos de vista no artigo científico. **Desenredo (PPGL/UPF)**, v. 8, 2012. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/2922/1989>. Acesso em: 08 jun. 2023.

CORTEZ, S. L. O ensino dos conhecimentos linguísticos em coleções didáticas de língua portuguesa à luz das categorizações do Programa Nacional do Livro Didático. **Via Litterae: Revista De Linguística E Teoria Literária**, v. 2, n. 1, p. 151-175, 2010. Disponível em: <https://www.praxia.ueg.br/index.php/vialitterae/article/view/5410>. Acesso em: 08 jun. 2023.

CORTEZ, S. L. Objets de discours et expression du point de vue: la dynamique d'affirmation de soi en contexte argumentatif". *In*: PALANDER-COLLIN, M.; LENK, H.; NEVALA, M.; SIHVONEN, P.; VESALAINEN, M. (org.). **Mémoires de la Société Néophilologique de Helsinki**. Helsinki: Societé Néophilologique, 2010.

CORTEZ, S. L. Processos referenciais e argumentação emocionada: do pathos à construção do ponto de vista. **Organon**, v. 33, 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/organon/article/view/81609> .

CORTEZ, S. L. Referenciação e ponto de vista: a constituição de instâncias discursivas para a orientação argumentativa na crônica de ficção". *In*: KOCH, I. G. V.; MORATO, E.; BENTES, A. C. (org.). **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 317-337.

CORTEZ, S. L. Representação do discurso outro e construção de ponto de vista em reportagens e artigos de opinião". **Investigações** (UFPE), v. 28, n. especial, p. 1-32, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/view/1841>. Acesso em: 08 jun. 2023.

CORTEZ, S. L.; CATELÃO, E. M. Argumentação emocionada em uma carta e em uma postagem do Instagram. **Revista Entrepalavras** (UFC), v. 12, p. 116-134, 2022. Disponível em: <http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/2422>. Acesso em: 08 jun. 2023.

CORTEZ, S. L.; MIRANDA, G. M. De la grammaire au texte: dynamique référentielle dans la production de l'écrit scolaire en français et en portugais. **SYNERGIES FRANCE**, v. 13, p. 101-115, 2019.

COSERIU, E. **Linguística del texto**: introducción a la hermenéutica del sentido. Édition et annotation d'Oscar Loureda Lamas. Madrid: Arco/Libros, 2007.

COSERIU, E. **O homem e sua linguagem**. Rio de Janeiro: Presença, Coleção linguagem, 1987.

COSERIU, E. Determinación y entorno. Dos problemas de una lingüística del hablar. **Romanistisches Jahrbuch**, v. 7, p. 24-54, 1955.

COSTA, C. F.; CORTEZ, S. L. O tratamento dos conhecimentos linguísticos em aulas publicadas no Portal do Professor. **Domínios de Linguagem**, Uberlândia, v. 13, n. 3, p. 1041-1081, 2019. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/42045>. Acesso em: 08 jun. 2023.

CUSTÓDIO FILHO, V. Análise da referenciação por meio de traços de significação. *In*: FIGUEIREDO, M. F. et al. (org.). **Textos**: sentidos, leituras e circulação. Franca, SP: Unifran, 2014. p. 199-224. Disponível em: https://arquivos.cruzeirodosuleducacional.edu.br/criacao/arquivos/colecao_mestrado_linguistica-09.pdf. Acesso em: 08 jun. 2023.

CUSTÓDIO FILHO, V. Contribuições da referenciação para o ensino-aprendizagem de língua portuguesa, com ênfase na natureza argumentativa da linguagem. **PERcursos Linguísticos**, Vitória, ES, v. 11, n. 29, p. 203-222, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/36829>. Acesso em: 08 jun. 2023.

CUSTÓDIO FILHO, V. **Múltiplos fatores, distintas interações:** esmiuçando o caráter heterogêneo da referenciação. 2011. 329f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza (CE), 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/8896>. Acesso em: 08 jun. 2023.

CUSTÓDIO FILHO, V. Reflexões sobre a recategorização referencial sem menção anafórica. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, SC, v. 12, n. 3, p. 839-858, set./dez. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/jj/ld/a/37PgHF37BgY74vyHpnmwGLd/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 08 jun. 2023.

DIEWALD, G. M. **Deixis und Textsorten im Deutschen**. Tübingen, Niemeyer, 1991.

DOQUET, C.; CORTEZ, S. L. Representação do discurso outro e escrita escolar: efeitos do contexto didático e da língua na produção textual de jovens franceses e brasileiros. *In*: CUNHA, D.; GRIGOLETO, E.; CORTEZ, S. L. (org.). **Representação dos dizeres na construção dos discursos**. Campinas, SP: Pontes, 2018.

ELIAS, V. M.; COELHO, F. A. C.; CAPISTRANO JÚNIOR, R. Argumentação em produções hipertextuais: conexões e sentidos. *In*: OLIVEIRA, E. G.; CORDEIRO, I. C.; MACHADO, R. P. B.; SILVA, Suzete. (Org.). **Discurso e Argumentação: tecendo os efeitos de sentido**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020. v. 1. p. 87-104.

ELIAS, V. M; CAVALCANTE, M. M. Linguística textual e estudos do hipertexto: focalizando o contexto e a coerência. *In*: CAPISTRANO JÚNIOR, R.; LINS, M. P. P; ELIAS, V. M. (org.). **Linguística Textual: diálogos interdisciplinares**. São Paulo: Labrador/ PPGEL-UFES, 2017.

ÉMÉRIT, L. La publication multisite: un objet linguisti-que qui interroge les notions de texte et de contexte dans les environnements numériques. **Essais**, v. 12, p. 173-190, 2017.

FARIA, M. G. S. As intertextualidades como estratégia argumentativa. In: CAVALCANTE, M. M. *et al.* **Linguística Textual e argumentação**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.

FARIA, M. G. S.; CAVALCANTE, M. M.; BRITO, M. A. P. Metadiscursividade e argumentatividade na construção de textos jornalísticos. In: CORDEIRO, I. C. *et al.* (org.). **Discurso e Argumentação: tecendo os efeitos de sentido**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020. v. 1. p. 105-112.

FARIAS, J. M. S. **Arquiteturas tecnodiscursivas no ensino-aprendizagem de língua(gem): textos digitais e letramentos em (trans)formação**. 2022. 299 f. Tese (Doutorado em Letras) - Programa de Pós-graduação em Letras, Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/45622>. Acesso em: 09 jun. 2023.

FARIAS, J. M. S.; CORTEZ, S. L. O trabalho com o texto digital na sala de aula de línguas numa perspectiva transmodal. **Revista Letras Raras**, v. 10, n. 2, maio 2021, p. 24-43. Disponível em: <http://revistas.ufcg.edu.br/ch/index.php/RLR/article/view/2139>. Acesso em: 08 jun. 2023.

FÁVERO, L. L. **Coesão e coerências textuais**. São Paulo: Ática, 1991.

FÁVERO, L. L.; ELIAS, V. M.; CAPISTRANO JÚNIOR, R. O texto na Linguística Textual – Entrevista à Leonor Lopes Fávero. **Revista PERcursos Linguísticos** - O texto na pesquisa e no ensino: conhecimentos, práticas e desafios na contemporaneidade. v. 11, n. 29, p. 16-23, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/37214>. Acesso em: 09 jun. 2023.

FÁVERO, L. L.; KOCH, I. G. V. **Linguística Textual**: introdução. São Paulo: Cortez, 1983.

GERALDI, J. W. (org.). **O texto na sala de aula**. Cascavel, PR: Assoeste, 1984.

GIERING, M. E.; PINTO, R. O discurso digital nativo e a noção de textualidade: novos desafios para a Linguística Textual. **Revista (Con)Textos Linguísticos - Linguística de Texto e Análise da Conversação: abordagens metodológicas**, Vitória, ES, v. 15, n. 31, p. 30-47, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/35655>. Acesso em: 08 jun. 2023.

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. 19. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

GOMES-SANTOS, S.; SANTOS, L. W. dos; TRAVAGLIA, L. C.; TAFFARELLO, M. C.; SANTOS, M. F. A contribuição da(s) teoria(s) do texto para o ensino. In: BENTES, A. L.; LEITE, M. (org.). **Linguística de texto e análise da conversação**: panorama das pesquisas no Brasil. São Paulo: Cortez, 2010. p. 315-353.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. **Cohesion in English**. London, Longman, 1976.

HANKS, W. F. O que é contexto. In: BENTES, A. C.; REZENDE, R. C.; MACHADO, M. A. R. (org.). **Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin**. São Paulo: Cortez, 2008.

HEINEMANN, W.; VIEHWEGER, D. **Textlinguistik**: Eine Einführung. Tübingen: Niemeyer, 1991. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/45622>. Acesso em: 08 jun. 2023.

JUBRAN, C. C. A. S. Tópico discursivo. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G.V. (org.). **Gramática do português falado culto falado no Brasil**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006. p. 89-132.

KOCH, I. G. V.; CORTEZ, S. L. A construção heterodialógica dos objetos de discurso por formas nominais referenciais. **ReVEL**, v. 13, n. 25, p. 29-49, 2015. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/d2ee1e769b32a398e9b14e2e225b073f.pdf>. Acesso em: 08 jun. 2023.

KOCH, I. G. V.; CUNHA-LIMA, M. L. Do cognitivismo ao sociocognitivismo. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (org.). **Introdução à linguística**. v. 3: fundamentos epistemológicos. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2005. p. 251-300.

KOCH, I. G. V.; MARCUSCHI, L. A. Processos de referenciação na produção discursiva. **Revista DELTA**, São Paulo, v. 14, n. 3, número especial, p. 169-190, 1998. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/43402>. Acesso em: 09 jun. 2023.

KOCH, I. G. V.; TRAVAGLIA, L. C. **A coerência textual**. São Paulo: Contexto, 1992.

KOCH, I. G. V.; TRAVAGLIA, L. C. **Texto e Coerência**. São Paulo: Cortez, 1990.

KOCH, I. V. **A inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 1992.

KOCH, I. V. **Argumentação e linguagem**. São Paulo, Cortez, 1984.

KOCH, I. V. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002.

KOCH, I. V. **Introdução à Linguística Textual**: trajetória e grandes temas. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

KOCH, I. V. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 1997.

KOCH, I. V.; CORTEZ, S. L. Formas nominais e verbos introdutórios de opinião para a construção do ponto de vista na resenha acadêmica”. *In*: FERREIRA, M. M.; STELLA, V. C. R. (org.). **Redação acadêmica**: múltiplos olhares para o ensino da escrita acadêmica em português e línguas estrangeiras. São Paulo: FFLCH Humanitas, 2018.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. **Ler e argumentar**. São Paulo: Contexto, 2016.

KOCH, I. G. V.; BENTES, A. C.; CAVALCANTE, M. M. **Intertextualidade**: diálogos possíveis. São Paulo: Cortez, 2007.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. **Ler e compreender**: os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2006.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. **Ler e escrever**: estratégias de produção textual. São Paulo: Contexto, 2009.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Reading Images**: the grammar of visual design. Londres: Routledge, 1996.

LIMA, I. M. **Modos de interação em contexto digital**. 2022. 178 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/64516>. Acesso em: 08 jun. 2023.

LIMA, S. M. C. A construção de referentes em textos verbo-visuais: uma abordagem sociocognitiva. **Revista Intersecções**. ed. 18, ano 9, no. 1, p. 61-80, fev. 2016. Disponível em: <https://revistas.anchieta.br/index.php/RevistaInterseccoes/article/view/1254/1137>. Acesso em: 09 jun. 2023.

LIMA, S. M. C.; CAVALCANTE, M. M. Revisitando os parâmetros do processo de recategorização. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL**, v. 13, n. 25, p. 295-315, 2015. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/357d083dd43195695b2541a9bde1b43d.pdf>. Acesso em: 09 jun. 2023.

MACAGNO, F.; PINTO, R. B.W.S. Reconstructiong Multimodal Arguments in Advertisements: Combining Pragmatics and Argumentation Theory. **Argumentation** 35, 141–176, 2021.

MARCUSCHI, L. A. **Cognição, linguagem e práticas interacionais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2000.

MARCUSCHI, L. A. **Lingüística de texto**: o que é e como se faz. Recife: UFPE, 1983.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARQUESI, S. C.; ALBERT, S. *et al.* O gênero digital artigo de divulgação da ciência para crianças: plano de texto, interação e interfaces para o tratamento da leitura e da escrita. **Revista (Con) Textos Linguísticos** - Linguística de Texto e Análise da Conversação: abordagens metodológicas, Vitória, ES, v. 15, n. 31, p. 105-125, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/35645>. Acesso em: 08 jun. 2023.

MARQUESI, S. C.; PAULIUKONIS, A. L.; ELIAS, V. M. (org.). **Linguística Textual e ensino**. São Paulo: Contexto, 2017.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referência. *In*: CAVALCANTE, M. M.; BIASI-RODRIGUES, B.; CIULLA SILVA, A. (org.). **Referênciação**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 17-52.

OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, Vozes, 2007.

PALUMBO, R. A Língua Portuguesa como símbolo de poder na política internacional. *In*: AQUINO, Z. G. O.; GONÇALVES-SEGUNDO, P. R.; PINTO, M. A. G. **O poder do discurso e o discurso do poder**. Paulistana: São Paulo, 2018. v. 2.

PALUMBO, R. Argumentação e sociocognição nos discursos da Comunidade de Países de Língua Portuguesa. **Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, [S. l.], n. 18, p. 104-121, 2019. Disponível em: <https://periodicos.uesc.br/index.php/eidea/article/view/2304>. Acesso em: 09 jun. 2023.

PALUMBO, R. **Referenciação, metáfora e argumentação no discurso presidencial**. 2013. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-21102013-191115/fr.php>. Acesso em: 09 jun. 2023.

PALUMBO, R.; AQUINO, Z. G. O.; BENTES, A. C. Frames e argumentação: analisando o discurso presidencial de Michel Temer pós-impeachment de Dilma Rousseff. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, Linguística Textual e Análise da Conversação: conceitos e critérios de análise, [S. l.], v. 13, n. 25, p. 117-134, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/27033>. Acesso em: 09 jun. 2023.

PAVEAU, M.-A. **Análise do discurso digital**: dicionário das formas e das práticas. Campinas: Pontes, 2021.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado da Argumentação**: a Nova Retórica. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

PINHEIRO, C. L. **Estratégias textuais-interativas**: a articulação tópica. Maceió: Edufal, 2005.

PINHEIRO, C. L.; MOREIRA, J. F. B. Surrounding field (los entornos), meaning and mutimodality: possibilities of Eugenio Coseriu's text linguistics. **Concordia Discors vs Discordia Concors**, v. 15, p. 159-180, 2021.

PINTO, R. **Como argumentar e persuadir?** Práticas política, jurídica e jornalística. Lisboa: Quid Juris, 2010.

PINTO, R. Elections législatives portugaises de 2002 et 2009 à partir des affiches politiques: um 'regard multimodal'. **Mots: les langages du politique**, 101, p. 47-60, 2013. Disponível em: <https://journals.openedition.org/mots/21130>. Acesso em: 08 jun. 2023.

PINTO, R.; CABRAL, A. L. T.; RODRIGUES, M. G. S. (org.). **Linguagem e Direito: perspectivas teóricas e práticas**. São Paulo: Contexto, 2016.

PINTO, R.; CORTEZ, S. L. Do *pathos* retórico à empatia rabateliana: argumentação emocionada em textos/discursos polêmicos. **Revista de Letras**, v. 2, n. 36, 13 fev. 2018. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/revletras/article/view/31254>. Acesso em: 08 de jun. 2023.

PINTO, R.; RODRIGUES, M. G.; CORTEZ, S. L. Empatia e emoção em textos multimodais: o caso 'Marielle Franco'. In: MARQUES, M. A.; SOUSA, S. G. de. (org.). **Linguagens de Poder**. Braga: Centro de Estudos Humanísticos (CEHUM)/Universidade do Minho, 2019.

POSSENTI, S. Teorias de texto e de discurso: inconciliáveis? **Gragoatá**, [S. l.], v. 15, n. 29, p. 23-34, 2010. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33071>. Acesso em: 08 jun. 2023.

RAMOS, P. **A leitura dos Quadrinhos**. São Paulo: Contexto, 2009.

RAMOS, P. **Faces do Humor: uma aproximação entre piadas e tiras**. Campinas, SP: Zarabatana Books, 2011.

RAMOS, P. **Tiras cômicas e piadas: duas leituras, um efeito de humor**. 2007. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-04092007-141941/pt-br.php>. Acesso em: 09 jun. 2023.

RAMOS, P. **Tiras no ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

RAMOS, P.; CARMELINO, A. C. Contribuições para leitura de gêneros multimodais no ensino. **Revista Interseções**. v 7. n. 12, p. 61-77, 2014. Disponível em: <https://revistas.anchieta.br/index.php/RevistaIntersecoes/article/view/1170>. Acesso em: 08 jun. 2023.

RODRIGUES, M. G. S.; ZANDWAIS, A.; CABRAL, A. L. T. (org.). **Conexão Letras**, A carta testamento de Getúlio Vargas: vários olhares sobre um mesmo texto. v. 11, n. 11, 2016. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/conexaoletras/issue/view/2831>. Acesso em: 09 jun. 2023.

ROJO, R. H. R.; BARBOSA, J. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

SANTOS, L. W. dos; CAVALCANTE, M. Referênciação: *continuum* anáfora-dêixis. **Revista Interseções**, ano 7, n. 1, p. 224-246, 2014. Disponível em: <https://revistas.anchieta.br/index.php/RevistaIntersecoes/article/view/1179>. Acesso em: 09 jun. 2023.

SANTOS, L. W. dos; LEBLER, C. D. Texto, gramática e ensino: o conceito de análise linguística/semiótica. *In*: OLIVEIRA, M. R.; WIEDERMER, M. L. (org.). **Texto e gramática na Educação Básica**: novos contextos, novas práticas. São Paulo: Pontes, 2021. p. 45-76. [e-book]

SANTOS, L. W. dos; TEIXEIRA, C. de S. Correção e avaliação de textos. *In*: COELHO, F. A.; PALOMANES, R. (org.). **Ensino de produção textual**. São Paulo: Contexto, 2016. p. 23-42.

SANTOS, L. W. dos; TEIXEIRA, C. de S. Linguística Textual e ensino: panoramas e perspectivas. *In*: CAPISTRANO JÚNIOR., R.; LINS, M. P. P.; ELIAS, V. M. (org.). **Linguística textual**: diálogos interdisciplinares. São Paulo/Vitória: Labrador/PPGEL-UFES, 2017. p. 425-446.

SANTOS, L.W. dos. Abordagem textual no contexto da BNCC: panorama teórico e propostas de atividades. **Diálogo das Letras**, v. 10, p. 1-20, 2021. Disponível em: <https://periodicos.apps.uern.br/index.php/DDL/article/view/3330>. Acesso em: 09 jun. 2023.

SANTOS, L.W. dos. **Articulação textual na literatura infantil e juvenil**: e, mas, aí, então. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

SANTOS, W. L. dos; RICHE, R. Cuba; T., C. S. **Análise e Produção de Textos**. São Paulo: Contexto, 2012.

SILVA, A. A.; FARIA, M. G. S.; BRITO, M. A. P. A complexidade textual na dinâmica argumentativa. **Revista Investigações**, v. 33, n. especial, Texto: gêneros, interação e argumentação – III *Workshop* de Linguística Textual, 2020. p. 27-44. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/view/244446>. Acesso em: 09 jun. 2023.

SILVA, J. M. R.; COELHO, F. A. C.; ANDRADE, I. Q. A multimodalidade na leitura dos gêneros digitais: o infográfico digital como estratégia pedagógica. *In*: PAIVA, F. J. O.; LIMA, A. M. P. (org.). **Pesquisas em análise do discurso, multimodalidade e ensino: debates teóricos e metodológicos**. v 1. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020, p. 149-160. Disponível em: <https://pedroejoaoeditores.com.br/produto/pesquisas-em-analise-do-discurso-multimodalidade-ensino-debates-teoricos-e-metodologicos-volume-1/>. Acesso em: 09 ju. 2023.

SILVA, M. E. S. **Referenciação e ponto de vista em fake news**: uma abordagem para a aula de Português no ensino médio. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Letras - Português) – Universidade Federal de Pernambuco, 2022.

SILVA, R. G. C. **Tópico discursivo e construção do ponto de vista:** o trabalho com a produção textual no contexto do Enem. 2021. 181f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife (PE), 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/41218>. Acesso em: 08 jun. 2023.

SILVA, R. G. C.; CORTEZ, S. L. Tópico discursivo e construção do ponto de vista na tessitura argumentativa de redações de vestibulandos. **Revista Virtual Lingu@ Nostr@**, [S. l.], v. 8, n. 2, p. 43–62, 2020. Disponível em: <https://www.linguanostra.net/index.php/Linguanostra/article/view/192>. Acesso em: 08 jun. 2023.

SILVEIRA, K. **Desnotícias sobre o Acre:** a construção do humor e de identidades sociais. 2013. 141f. Dissertação. (Mestrado em Estudos Linguísticos). Programa de Pós-Graduação em Linguística, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória (ES), 2013. Disponível em: <https://linguistica.ufes.br/pt-br/pos-graduacao/PPGEL/detalhes-da-tese?id=6401>. Acesso em: 08 jun. 2023.

SILVEIRA, V. G. P. **Processos referenciais e multimodalidade nas tiras de Armandinho:** da rede social ao ensino de língua. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Letras - Português) – Universidade Federal de Pernambuco, 2021.

SOUZA, E. R. F.; PENHAVE, E.; CINTRA, M. R. (org.). **Linguística Textual:** interfaces e delimitações: homenagem a Ingedore Grünfeld Villaça Koch. São Paulo: Cortez, 2017.

SUGAHARA, M. T. T. **(Re)escrita**: costuras textuais pela referenciação. 2018. 142f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife (PE), 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/32301>. Acesso em: 08 jun. 2023.

TEIXEIRA, C. de S.; SANTOS, L. W. Ensino de gramática nas escolas brasileiras: abordagens, equívocos e perspectivas *In*: OSÓRIO, P.; LEURQUIN, E.; COELHO, M. C. (org.). **Lugar da gramática na aula de português**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2018. p. 148-178. [e-book]. Disponível em: https://www.dialogarts.uerj.br/arquivos/colecoes_aalp/lugar_da_gramatica_na_aula_de_portugues.pdf. Acesso em: 09 jun. 2023.

VAL, M. G. C. **Redação e textualidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VAN DIJK, T. A. **Discurso e contexto**: uma abordagem sociocognitiva. São Paulo: Cotexto, 2012.

VAN DIJK, T. A. **La ciencia del texto**: um enfoque interdisciplinar. Barcelona/Buenos Aires: Ediciones Paidós, 1976.

WIESER, H. P. Os textos como formas constitutivas do saber, sobre algumas hipóteses para uma fundamentação da linguística de texto à base de uma teoria evolucionária (autor Gerd Antos). **Revista de Estudos da Linguagem**. v. 13, n. 1, p. 93-127, 2005. Disponível em: <http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/2400>. Acesso em: 09 jun. 2023.

XAVIER, A. C. A (in)sustentável leveza do internetês. Como lidar com essa realidade virtual na escola? *In*: ELIAS, V. M. (org.). **Ensino de Língua Portuguesa**: oralidade e escrita. São Paulo: Contexto, 2011. p.167-179.

XAVIER, A. C. **A era do hipertexto**: linguagem e tecnologia. Recife: Editora UFPE, 2009.

Organizador e Organizadora

Rivaldo Capistrano Júnior é Professor Adjunto do Departamento de Línguas e Letras e Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). É líder do Grupo de Estudos em Linguística Textual (GELT - CNPq/UFES), vice-líder do Texto, Hipertexto e Ensino de Língua Portuguesa (THELPO - CNPq/UNIFESP) e integrante dos grupos de pesquisa Texto, Escrita e Leitura (CNPq/PUC-SP) e Prottexto (CNPq/UFC). É vice-coordenador, para o biênio 2021-2023, do Grupo de Trabalho Linguística de Texto e Análise da Conversação (GT LTAC), da Associação Nacional de Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL). É membro da Comissão de Linguística Textual da ABRALIN. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Linguística Textual.

Endereço para o CV na plataforma Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7433150215859023>

Vanda Maria Elias é Professora adjunto de Língua Portuguesa na Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), curso de Letras. Foi professora associada do Departamento de Português e do Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa da Pontifícia Universidade Católica de

São Paulo, onde atuou de 1993 até 2014, dedicando-se ao ensino na graduação e na pós-graduação (lato sensu e stricto sensu), à pesquisa e à extensão universitária. Desenvolve pesquisas relacionadas ao texto, escrita, leitura, hipertextualidade e ensino de língua portuguesa. É líder do grupo de pesquisa Texto, Hipertexto e Ensino de Língua Portuguesa (THELPO). É membro do GT Linguística do Texto e Análise da Conversação, da Associação Nacional de Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL). É vice-coordenadora da Comissão de Linguística Textual da ABRALIN. Pela Contexto, é coautora de obras como Ler e compreender: os sentidos do texto; Ler e escrever: estratégias de produção textual; Escrever e argumentar; organizadora da obra Ensino de língua portuguesa: oralidade, escrita e leitura e coordenadora da coleção Linguagem & Ensino.

Endereço para o CV na plataforma Lattes: [_http://lattes.cnpq.br/5556032934598086](http://lattes.cnpq.br/5556032934598086)

Entrevistados e Entrevistadas

Alena Ciulla é Professora Adjunta do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas e do Programa de Pós-graduação em Letras, no Instituto de Letras da UFRGS e atua na linha de pesquisa Análise textuais, discursivas e enunciativas. Seus interesses de pesquisa são os estudos do texto em geral, no

âmbito da Linguística textual, e sob diferentes perspectivas teóricas. Alguns de seus interesses específicos de pesquisa são a dêixis, a anáfora, as relações do texto com a enunciação e com a tradução. Outro interesse, advindo especialmente da experiência como docente responsável por disciplinas de produção de textos, é o da língua portuguesa na universidade, com ênfase no ensino de escrita acadêmica.

Endereço para o CV na plataforma Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2180994390225145>

Alessandra Castilho Ferreira da Costa é Professora Associada do Departamento de Letras e Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. É coordenadora do Programa Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), Unidade Natal/RN. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Linguística Textual, atuando principalmente nos seguintes temas: tradições discursivas, gênero textual, oralidade e escrituralidade, ensino de Língua Portuguesa.

Endereço para o CV na plataforma Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8508370270534431>

Ana Cristina Carmelino é Professora Associada da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). É membro do GT Linguística de Texto e Análise da Conversação da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL). Coordena o Grupo de Estudos de Textos Humorísticos (GETHu/CNPq) e integra o Centro de Pesquisa Fórmulas e Estereótipos-Teoria e Análise (FEsTA).

Endereço para o CV na plataforma Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3611805324589054>

Clemilton Lopes Pinheiro é Professor de Linguística, na graduação em Letras e no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Tem como interesse de pesquisa temas relacionados aos estudos linguísticos do texto e à história das ideias linguística

Endereço para o CV na plataforma Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7756919777040878>

Fabio André Cardoso Coelho é Professor Adjunto de Língua Portuguesa, do Instituto de Letras, da Universidade Federal Fluminense (UFF). Tem experiência na área de Letras e outras áreas, atuando principalmente nos seguintes temas:

língua portuguesa, estilística, leitura, produção textual, metodologia de ensino de língua e literaturas, prática de ensino de língua e literaturas e linguística. Professor pesquisador dos Grupos de Pesquisa “Descrição e Ensino de Língua: Pressupostos e Práticas” (CNPq), liderado pelo Prof. Dr. Cláudio Cezar Henriques (UERJ) e Profa. Dra. Maria Teresa Gonçalves Pereira (UERJ), e “Texto, Hipertexto e Ensino de Língua Portuguesa (THELPO)” (CNPq), liderado pela Profa. Dra. Vanda Elias (UNIFESP). Líder do “Grupo de Estudos e Pesquisas de Linguística Textual (GEPELT/UFF)” (CNPq)

Endereço para o CV na plataforma Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8667782812462850>

Leonor Werneck dos Santos é Professora Titular de Língua Portuguesa da UFRJ, onde atua desde 1995. Graduação em Português-Literaturas (UFRJ-1989), Mestrado (UFRJ-1994) e Doutorado (UFRJ-2001) em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Linguística de Texto, gêneros textuais, referência, articulação textual, literatura infantil e juvenil e ensino de leitura. Presidente da Assel-Rio, no biênio 2008-2009. Membro do Júri da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), desde 2012. Membro do GT de Linguística de Texto e Análise da Conversação da ANPOLL. Coordenadora do Grupo de

Pesquisa em Linguística de Texto (GPLINT - Instagram: @gplint.ufrj). Site pessoal: <https://leonorwerneck.wixsite.com/leonor>

Endereço para o CV na plataforma Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3802276062054027>

Maria da Graça dos Santos Faria é Professora Associada da Universidade Federal do Maranhão, Membro do Grupo de Pesquisa Prottexto (UFC). Coordenadora do Grupo de Pesquisa Estratégias e procedimentos de organização textual. Professora do programa de Pós-Graduação do Departamento de Letras da UFMA (PGLetras), Membro do GT “Discurso e argumentação” e do GT “Linguística de Texto e Análise da Conversação” da ANPOLL. Atualmente desenvolve pesquisas com produção acadêmica na área de Linguística Textual, com especial interesse nos seguintes temas: argumentação, metadiscurso, processos de referenciação e identidade.

Endereço para o CV na plataforma Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5255188189054410>

Mariza Angélica Paiva Brito é Professora Adjunta da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB) e do Mestrado em Estudos da

Linguagem (Unilab); Bolsista de Produtividade em Pesquisa da FUNCAP (BPI/CE). Líder do GELT - Grupo de Pesquisa em Linguística Textual (CNPq/UNILAB) e Vice-líder do PROTEXTO - Grupo de Pesquisa em Linguística (CNPq/UFC). Membro do GT Linguística do Texto e Análise da Conversação, da Associação Nacional de Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL). Desenvolve pesquisas na área de Linguística Textual, heterogeneidade enunciativa e argumentação.

Endereço para o CV na plataforma Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7386685738536241>

Mônica Magalhães Cavalcante é professora da Universidade Federal do Ceará e, atualmente, é bolsista CNPq de Produtividade em Pesquisa nível PQ-1. Tem experiência na área de linguística textual, com ênfase em referência, intertextualidade, metadiscursividade, argumentação, heterogeneidades enunciativas, gêneros do discurso, articulação tópica e sequências textuais. É líder do PROTEXTO – Grupo de Pesquisa em Linguística (CNPq/UFC).

Endereço para o CV na plataforma Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5088972912048247>

Paulo Ramos é Professor Associado III do Departamento de Letras da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), campus Guarulhos. É autor de “Tiras no Ensino” (Parábola Editorial, 2017), “Tiras Livres - Um Novo Gênero dos Quadrinhos” (Marca de Fantasia, 2014), “Revolução do Gibi - A Nova Cara dos Quadrinhos no Brasil” (Devir, 2012), “FACES do Humor - Uma Aproximação entre Piadas e Tiras” (Zarabatana Books, 2011), “Bienvenido - Um Passeio pelos Quadrinhos Argentinos” (Zarabatana Books, 2010, premiado com o Troféu HQMix de melhor livro teórico sobre quadrinhos), “A Leitura dos Quadrinhos” (Contexto, 2009, também premiado com o Troféu HQMix), co-organizador de “Muito Além dos Quadrinhos - Análises e Reflexões sobre a Nona Arte” (Devir, 2009), “Quadrinhos na Educação - Da Rejeição à Prática” (Contexto, 2009), “Quadrinhos e Literatura: Diálogos Possíveis” (Criativo, 2014) e “Enquadrando o Real: Ensaios sobre Quadrinhos (Auto)Biográficos, Históricos e Jornalísticos” (Criativo, 2016). Também é coautor de “Como Usar as Histórias em Quadrinhos na Sala de Aula” (Contexto, 2010, 4 ed.). Atua nas linhas de pesquisa: Leituras Críticas de Histórias em Quadrinhos; Linguagem em Novos Contextos; Linguagem e Comunicação.

Endereço para o CV na plataforma Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6622602721067546>

Renata Palumbo é Professora de graduação e pós-graduação do curso de Linguagens da Faculdade Sesi de Educação (FASESP), onde também exerce a função de orientadora de residência educacional e pesquisadora. É membro do Grupo de Trabalho “Linguística de Texto e Análise da Conversação” da Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras e Linguística (ANPOLL). Também participa do Grupo de Estudos do Discurso da USP (GEDUSP) pelo CNPq e do projeto temático Aprendizes universitários em práticas contemporâneas de letramento acadêmico-científico para a formação de professores e de pesquisadores globalizados (FAPESP).

Endereço para o CV na plataforma Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5481540554575013>

Rosalice B. Wakim Souza Pinto é pesquisadora do Laboratório de Argumentação (ArgLab) do Instituto de Filosofia da Universidade Nova de Lisboa (IFILNOVA), do Centro de Investigação e Desenvolvimento sobre Direito e Sociedade da Faculdade de Direito da Universidade Nova de Lisboa (CEDIS) e do Grupo de Pesquisa em Linguística da Universidade Federal do Ceará (PROTEXT0). É, ainda, membro de dois projetos de pesquisas europeus: Metáforas baseadas em dados rigorosos para o tratamento

da diabetes, financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia de Portugal (FCT) e A-PLACE: Interligando Lugares através de Práticas Artísticas em Rede cofinanciado pelo Programa Europeu Criativo da União Europeia. Suas pesquisas centram-se principalmente nos seguintes temas: gêneros textuais/discursivos, argumentação, linguagem e argumentação jurídicas, comunicação empresarial e empreendedorismo, linguística textual e análise do discurso, retórica, multisesmioses, discurso político e midiático, ensino de Francês Língua Estrangeira. É tradutora de francês-português, tendo participado da equipe de tradução de vários livros acadêmicos. É docente convidada de instituições nacionais e internacionais, sendo autora de diversas publicações sobre as temáticas referidas. Publicou, em 2010, pela editora Quid Juris de Lisboa, o livro Como Argumentar e Persuadir: Prática Política, Jurídica e Jornalística.

Endereço para o CV na plataforma Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7146169670785034>

Silvia Augusta de Barros Albert tem atuação no Ensino Superior como coordenadora dos Cursos de licenciatura Letras Português/Inglês, Português/ Espanhol e Português/Japonês, e no curso Língua Portuguesa e Docência: Linguagens, TDIC e Competências, em nível de Pós-Graduação Lato Sensu, em

Educação a Distância (EaD), da Cruzeiro do Sul Virtual, componente do Grupo Cruzeiro do Sul Educacional. Possui publicações de artigos científicos em revistas da área, sendo coautora da coleção Passo a Passo - Atividades de Língua Portuguesa para o cotidiano escolar, para os Anos Finais do Ensino Fundamental, da Editora Rideel, além de produção de materiais didáticos para EaD e PNLD. Participa do Grupo de Trabalho “Linguística de Texto e Análise da Conversação” (GT LTAC) da ANPOLL - Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Tem experiência e pesquisa nas áreas de Linguística, Língua Portuguesa e Educação, com ênfase em ensino de leitura e produção textual; ensino aprendizagem de língua portuguesa nas modalidades ensino remoto (ER) e híbrido, para educação básica e ensino superior; práticas de avaliação; educação a distância online e cursos híbridos; formação de professores e tutores para EaD; interação, produção textual e leitura de gêneros multissemióticos em contextos digitais.

Endereço para o CV na plataforma Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5979073586758586>

Suzana Leite Cortez é Professora Associada I do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), da Universidade Federal de Pernambuco e

líder do GESTO - Grupo de Estudos do Texto (CNPq/UFPE). É membro do grupo Prottexto (CNPq/UFC). Coordenou o subprojeto “A leitura de linguagens diversas” (2014-2018; 2020-2022) do PIBID Letras Português UFPE/CAPES e foi editora responsável da Revista Investigações (PPGL/UFPE, 2018-2022). Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Linguística textual, atuando principalmente nos seguintes temas: referência, argumentação em textos, ponto de vista, heterogeneidade enunciativa, formação de professores e ensino de língua portuguesa.

Endereço para o CV na plataforma Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7074383097916404>

Valdinar Custódio Filho é Professor Adjunto K do Curso de Letras e do Mestrado Profissional em Letras (Profletras) da Universidade Estadual do Ceará (2016 em diante). Membro do Grupo Prottexto. Produtor de material didático para o ensino fundamental e o ensino médio. Experiência nas áreas de Linguística Textual, ensino-aprendizagem de língua portuguesa e formação de professores.

Endereço para o CV na plataforma Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9422536450707554>

